Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguêsa

XXI

Obras de

Fr. Agostinho da Cruz

Conforme a edição impressa de 1771
e os Códices manuscritos das Bibliotecas
de Coimbra, Porto e Evora

Com prefácio e notas de Mendes dos Remedios

COIMBRA

FRANÇA AMADO — EDITOR

1918

Obras de
Fr. Agostinho da Cruz

Subsídios para o estudo da História da Literatura Portuguêsa
XXI

Obras de Fr. Agostinho da Cruz

Conforme a edição impressa de 1771
e os Códices manuscritos das Bibliotecas
de Coimbra, Porto e Evora

Com prefácio e notas de Mendes dos Remedios

COIMBRA
FRANÇA AMADO — EDITOR
1918

FR. AGOSTINHO DA CRUZ

I
O HOMEM

Dentro de bem poucos meses — precisamente no dia 14 de março próximo futuro — completar-se hám tres séculos em que, quase octogenário, mirrado pela doença e pelo rigor da vida monástica, que exercêra durante 59 anos, que tantos fôram aqueles em que se amortalhou no seu hábito querido de Capuchinho, tendo ainda passado 14 dêstes na mais estreita vida eremítica, mas serenamente, no meio do maior fervor cristão, os olhos postos no crucifixo que lhe haviam posto à cabeceira do seu pobre leito de enfermo e a alma elevada aos páramos do infinito, no meio das oraçõis que mais que com os lábios, ia acompanhando com o pensamento — se extinguia o Poeta, que é o autôr desta obra, que hoje entra, honrando-a, na série da minha colecção

de *Subsídios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa.*

Extinguira-se num nimbo mais que de poesia, de santidade. Em volta dos seus restos mortais acercaram-se à compita as multidõis na ânsia de o poderem vêr, como se essa visão fôsse uma benção. E nobres senhores, como gente do povo, todos queriam o talisman duma relíquia dêsse velho, cujos despojos olhavam compungidos, mas que haviam tido a dita de encerrar uma alma, que conservara com Deus.

A morte não o transfigurara. O seu rosto ressequido tinha o mesmo riso fagueiro e acolhedor de quando na Serra encontrava o visitante. E era para lá, para êsse amado retiro, que a sua lira tantas vezes nobremente cantára, era para lá, que se resolveu transportar o cadaver. O Duque de Torres Novas, o Marquês de Porto Seguro, frades, gente do povo, todos formaram o cortejo, e dous dias após o falecimento, a 16 de Março, por entre o cântico solene e majestoso dos ofícios fúnebres, o cadaver de Fr. Agostinho ficava inumado junto à Igreja da Arrábida, fóra das grades, do lado da Sacristia.

Durante anos e anos foi êsse um logar piedoso. Não consta que se lhe lavrasse epitáfio, que encimasse o humilde coval, mas bem o conheciam todos, porque a fama das virtudes supria essa vanglória facil e tantas vezes mentirosa.

Mas... rodaram os anos, e desde o dia em que a vicissitude dos tempos atirou para a miséria tantas criaturas, que nenhum outro mal faziam senão o de concentrarem a vida numa santificação contínua — desde êsse dia não mais se soube onde dormia o último sono o pobre monge. Mostrava-se apenas ao curioso tudo quanto dele restava — a caveira (1), essa mesma destinada a desaparecer.

A ignorância e a maldade deram-se as mãos para fazerem sumir-se os vestígios dêsses pregoeiros da penitência e tudo, quase tudo, desde as obras dos homens às da natureza, desde as capelinhas dos monges às estalactites e estalagmites das grutas e lapas, — tudo foi sendo destruido e arrazado metodicamente, friamente, estupidamente. Pode o viajante preguntar, ao menos, onde era a céla, pouco menos que sepultura, do veneravel Fr. Agostinho.

Lá existiu durante mais dum século, convertida em Ermida (2), mas de nada valeu isso para a proteger. Pouco a pouco tudo foi sendo derruìdo embora com os protestos dos raros

(1) *Arrabida, publicação comemorativa*... [cit. na nossa *Bibliog.]*, pg. 53.

(2) Desde 1720. A Ermida fôra dedicada a Santo António no tempo da Guardiania do Convento nas mãos de Fr. José da Esperança. Cfr. *Chr. da Arrabida*, n.º 93, pg. 66.

cultores do sentimento tradicional, até mesmo estranjeiros (1).

Mas nem tudo se sumio no pó dos séculos. Restam do velho Capuchinho as suas poesias, chama imarcessivel, que não se extinguirá nunca, e que, enquanto durar a lingoa em que êle traduzio as emoçõis do seu espírito de eleito, serão amoravelmente lidas e recordadas.

Quem era êste Poeta que conciliou sempre em volta do seu nome a enternecida admiração de raros? Vejamos primeiro os traços principais da sua vida, depois estudaremos o seu valor como escritor e conheceremos o logar que de direito lhe cabe na série dos homens que, pelo talento de escrever, ajudaram a tornar imortal a nossa pátria. Fr. Agostinho da Cruz não merece o quase esquecimento em que jaz aos olhos da nossa geração; como homem é um nobre exemplo de virtudes, como escritor merece um logar de destaque entre os que como seu irmão Bernardes, como Cami-

(1) O Principe de Lichnowsky escrevia nas *Erinnerungen aus dem Iahre 1842* (Mainz, 1843): « *Das Kloster von Arrabida enthält keine Kunstwerke; wenigstens ist ietzt nichts davon zu sehen; seine Poesie ist in seiner Geschichte, in seiner Lage und in der Trauer eines verwaisten Gotteshauses* ». Cfr. pg. 266.

E um pouco antes: « *Nur der böseste Wille oder krasse Ignoranz konnten derlei Vermuthungen aufstellen, die an Ort und Stelle durch nichts gerechtfertig werden* ». Cfr. pg. 264.

nha, Miranda, Ferreira e tantos mais, souberam cimentar a grandeza literária de Portugal.

*

Tratando dêle concisamente o seu primeiro biógrafo começa: « Jacta-se o lugar da Ponte da Barca no arcebispado de Braga de aver dado ao mundo o P. Fr. Agostinho da Cruz... » (1), e o Cronista da Arrábida: « nasceu na villa da Ponte da Barca, limitada povoação de poucos visinhos... » (2) e condizendo com ambos de dois José Caetano de Mesquita: « A villa da Ponte da Barca... foi ella onde nasceu o veneravel servo de Deus... » (3).

Como foi perfilhada a opinião por parte dalguns escritores de sêr o logar do seu nascimento Ponte do Lima? (4). Certamente por causa do irmão Diogo Bernardes que sem maior exame, foi reputado oriundo dessa vila. Seria o proprio Diogo Bernardes quem assim

---

(1) Jeronymo Cardoso, *Agiologio Lusitano*, II, 151 (12 de março) e 146.

(2) Fr. Antonio da Piedade, *Chronica da Arrabida*, § 1170.

(3) Cfr. a *Vida* anteposta à ed. feita pelo mesmo Mesquita Esta *Vida* saíu em ed. separada.

(4) Afirma-o o Sr. Theophilo Braga: « Nasceu Diogo Bernardes em Ponte do Lima, como elle o declara no titulo das *Varias Rimas ao Bom Jesus*, impressas em sua vida em Lisboa ». *Historia dos Quinhentistas*, pg. 244.

terminantemente o afirmara no título das *Varias Rimas* ao *Bom Jesus*. Sucede, porém, que uma simples investigação conscienciosa demonstrou que em nenhuma das ediçõis — e duas fôram elas — impressas em vida do Poeta há qualquer referência à naturalidade do seu autor.

É em ediçõis posteriores à sua morte que tal indicação aparece, circunstância que lhe tira todo o valor. Quem primeiro exarou essa afirmação deixou-se levar pelas muitas passagens em que o Poeta canta o seu doce *Lima*, não atendendo sequer a outros dados autobiográficos, que das suas poesias poderia colher com maior e melhor individuação. Neste caso está aquela passagem da Egloga 2.ª, denominada *Flora*, que começa:

> Num solitario valle, fresco e verde
> Onde com veia doce e vagarosa
> O Vez no Lima entrando o nome perde;
>
> Numa tarde rosada, graciosa
> Quando no mar seus raios resfriava
> O sol, deixando a terra saudosa
>
> Ouvi huma voz triste que soava
> Tam brandamente ali, que parecia
> Hum rio que com outro murmurava
>
> Nesta nossa ribeira ambos nascidos (1).
> ....

(1) Cfr. *O Lyma*, ed. 1761, pg. 10.

Se ambos os irmãos nasceram *na foz do Vez*, o mesmo é dizer, que nasceram em Ponte da Barca (1). De resto um só é o *facies* da região, é a mesma a sua linha estrutural de beleza campestre, igualmente capaz de inspirar o bucolismo dos dois amoraveis cantores. Pelos mesmos sítios passaram o seu período de meninice e primeiros anos de infância, de lá saíram para onde os acasos da vida os levaram, bem diferentemente a um e a outro, pois a vida de Bernardes desenrolou-se noutro scenário, sendo mais agitada que a do pobre Monge, mas um e outro cantaram nas suas pastorais aquela paisagem doce e serena, que afinal englobaram na mesma designação de « Lima ». Deixemos Bernardes entregue em boas mãos de cuidadosos e beneméritos esmeriladores das suas acçõis e merecimentos (2) e tratemos nós de quem no momento nos interessa.

Nascido em 1540 vamos encontrá-lo aos quinze anos na casa dum dos maiores fidalgos do reino — D. Duarte, neto delrei D. Manoel,

---

(1) « Basta consultar um simples mapa de Portugal para se vêr que é justamente no termo da Ponte da Barca que se dá essa junção ». Sr. Hemeterio Arantes, *Fr Agostinho da Cruz*, pg. 22; e Sr. J. Gomes de Abreu, *Diogo Bernardes*, pg 13.

(2) Sr. Alvaro Pimenta da Gama, *Diogo Bernardes, apontamentos genealogicos e biographicos* no *Instituto*, vols. 57 (1910) e 58 (1911).

filho do Infante D. Duarte e de D. Isabel. Um ano mais novo que Agostinho Pimenta, que êsse era o nome de família do futuro eremita da Arrábida, o Infante tinha a sua casa independente desde o falecimento do Infante D. Luís em 1555, à qual andara adicta por determinação de D. João III.

Tornara-se assim naturalmente avisado e cortesão, como quem de moço fôra criado em palácio e amado por suas muitas partes dos principais senhores dêste reino (1). Nesse meio de eleição desabrochou e se foi desenvolvendo o talento do moço poeta.

Entre os fidalgos que concorriam aos Paços de D. Duarte contavam-se, entre os maiores, D. Alvaro, Duque de Aveiro, sobrinho do 1.º Duque de Aveiro D. João de Lencastre, e D. Jorge, Duque de Torres Novas, que o Poeta memora nas suas poesias.

É à Duquesa de Aveiro que êle dedica as suas composiçõis místicas, porque as outras, arrependido, confessa êle tê-las queimado.

> Os versos que cantei importunado
> Da mocidade cega a quem seguia
> Queimei (como vergonha me pedia)
> Chorando por haver tão mal cantado (2).

(1) J. Cardoso, *Agiologio*, já cit.
(2) Cfr. *Son.* 1.º desta nossa ed.

Foi essa *alta Princesa,* que se tornou sua protectora, que impediu que êle fizesse a esses versos religiosos o mesmo que fizera

> ...de quantos tinha feito
> Na ribeira do Lima, em tenra idade,
> Por dar algum remedio a meu defeito (1).

Mais tarde, no seu retiro, poucas serão as lágrimas para chorar o que êle chama « *os desvarios da sua desaproveitada mocidade* » (2). Sendo os versos da sua última feição os que nos restam teriamos a lamentar uma perda total sem a intervenção da ilustre fidalga. Mas a ela o Poeta obedece vencido da amizade e da gratidão. Doente, cruciado de dôres morais, nunca lhe faltou o amparo de tão generosos protectores, èm cuja casa ou sob cuja protecção mais imediata e directa êle viveo durante o período de doze anos. É à Duquêsa que êle se dirige « antes de se ir para o Ermo » (3) desculpando-se de não ter escrito por falta de saúde. Vê-se que êle toma parte em todas as alegrias, como em todos os desgostos de tam nobre familia, mais, naturalmente nestes, que naquelas. Fôra êle quem instigara D. Mariana, filha da Duquêsa, a seguir a vida claustral.

(1) Cfr. o *Son* XYVI, pg. 185.
(2) Cfr. o *Son.* XC, pg. 227.
(3) Cfr. *Carta...*, pg 319.

« Fidalga, rica, fermosa » êle sabe aconselhá la com moderação a seguir essa vida:

> Se quereis fazer extremos,
> Os que deveis de fazer
> Só por Deos devem de sêr
> A quem só servir devemos... (1)

Numa carta escrita da Serra da Arrábida indica-lhe êsse caminho como o do verdadeiro bem, o da maior perfeição. Se ela não póde « por lhe faltar a liberdade » concluir os seus propósitos, não é isso motivo para os abandonar. Descanse, « repouse na divina saudade », e que

> Não haja quem te possa desviar
> Do caminho que levas acertado
> Que muitos não quiseram acertar.

Calcula-se a angústia da desolada mãi quando os votos da filha se tornaram uma realidade. É ela quem lhe escreve, pela pena do Poeta, contando-lhe as amarguras da ausência, que não podera evitar, mas que não tem tambem a coragem de sofrer. Por isso lhe suplica que

> Ambas, adonde vós quiserdes mais
> Havemos de viver, ou nas estranhas
> Terras, ou nestas vossas naturaes.

---

(1) *Elegia a D. Mariana*, pg. 304.

Mas adivinhando o impossivel dêstes desejos acaba por se confortar pedindo sómente a Deos

> Que, ou me tire da absencia o sentimento
> Ou vos abrande vosso coração (1).

Vê-se, pois, que a amizade que o moço de quinze anos soubera grangear naquele meio fidalgo em que entrara, veio com o tempo a acrisolar-se e robustecer-se.

Ao lado dos representantes da mais lídima raça portuguesa Agostinho Pimenta encontraria vários intelectuais, dum escol de talento e de mocidade: seu irmão, por exemplo, mais velho que êle apenas sete anos, a quem as musas sorriam desde o berço; Pedro de Andrade Caminha que desde 1555 se encontrava como mordomo-mór da casa do Infante D. Duarte; por ventura tambem o Dr. Antonio Ferreira, ligado pela mais estreita amizade com Bernardes, a quem lêra, no meio de enternecido entusiasmo, a sua famosa *Castro*. E outros. Alguns, cavaleiros e fidalgos no desempenho de funçõis no Paço dos reis, como D. Diogo Lopes de Lima, Comendador de Victorino e das Pias, camareiro do Infante D. Luis e, depois, como Caminha, do senhor

---

(1) *Carta que compôs á Duquesa de Aveiro*, etc., pg. 321.

D. Duarte (1), D. Francisco Barreto de Lima (2), védor da casa real e cavaleiro exforçado, a quem o Poeta tece o mais entusiástico elogio, a ambos os quais dedica poesias, cousa rara no nosso Poeta, onde vagamente perpassam outras personagens — um amigo que não nomeia (3), uma pessoa amiga que tambem não nomeia (4), uma tal D. Branca (5), e ninguem mais.

Propositadamente o poeta esquece o mundo, os seus prazeres, as suas relaçõis. Vê-lo hemos na concentração, íamos dizer, na absorpção do sentimento divino que o norteia. Fóra disso êle só aspira a morrer bem, lavando nesse instante supremo a sua alma da ganga, que a passagem pelo mùndo nela por ventura ainda deixasse aderente, repetindo com Petrarca:

Che un bel morrir tutta la vita onora (6).

---

(1) A êste dedica a *Ode II*, pg. 119.
(2) Dedica-lhe a *Ode III*, pg. 121 e a *Carta III*, pg. 134.
(3) Vid. pg. 34.
(4) Vid. pg. 95.
(5) Vid. pg. 131.
(6) Cfr. pg. 320. O lindo verso do Florentino entrou como um ditado em quase todas as lingoas. Encontra-se na Canção xxv. Cfr. *Rime de Mess. F. Petrarca...*, Roma, 1893, pg. 163. Outro verso italiano se nos depara na obra de Fr. Agostinho, a pg. 124, l. 2.ª Foi bem mais sóbrio que o irmão, que gostou de entremear nos seus, numerosos versos italianos.

*

Mas que determinou o Poeta a abandonar êste meio de tam galharda distinção, trocando-o pelo isolamento duma congregação afamada pela sua pobreza e rigores?

Nenhum dos seus biógrafos desvendou êste misterioso passo da sua vida. «Com todas distinçoens, escreve um deles, e commum applauso promettia o mundo a Agostinho Pimenta os maiores adiantamentos, e fortunas; mas Deus que o reservava para outro destino mais alto, lhe fazia entre ellas experimentar dissabores, e amarguras, que melhor excitão o animo para conhecer o caduco, e enganoso dos bens com que o mesmo mundo lisongea. Observava elle, que todas aquellas amizades unicamente lhe servião para entreter o tempo que só aproveitaria bem, se o occupasse comsigo, e com Deos. Da parte dos que lhe invejavão a sua fortuna encontrou emulação: em algumas pretençoens teve o successo menos feliz: os amigos a quem se prendia muito estreitamente pela ternura, e bondade de seu coração, lhe não correspondião como elle lhe merecia: tudo isto lhe trazia muitas vezes à lembrança, que o voltasse de todo para quem lho aceitasse seguramente, e lhe pagasse com muita vantagem.

« De todos os seus escritos se entende facilmente quanto temos observado sobre os motivos da sua conversão » (1).

Percebe-se nestas palavras o que quer que seja com pretensõis a responder a uma interrogação, que todos os espíritos a si próprios ham de fatalmente dirigir-se ao passarem êste váo da existência do famoso Arrábido.

Duvido que alguem se dê por satisfeito. Sam vagas alusõis, que não explicam nada. Essas inferências fazemo-las nós ao lermos várias passagens das suas poesias, aqui e àlêm, mas pouco podemos avançar desajudados doutras luzes, de que o citado biógrafo não quís ou não soube tomar conta.

Temeu, talvêz, deminuir o valor moral do seu biografado, expondo-o vítima duma doença de alma, a que nenhum raro espírito pôde subtraír-se. Essa doença sofreu-a êle decerto, e o abalo que lhe produzio deveria sêr enorme, para que assim na quadra mais ridente da existência abandonasse o mundo num propósito, que não teve mais quebra na sua vida.

Dificilmente, é certo, se fundamentará tal hipótese nas poesias, *que nos restam,* e em que quase só se divisa o lado místico, ainda naquelas que mais ferem a nota de coração, o aspecto sentimental.

---

(1) Cfr. Mesquita, *obr. cit.*, pg. 3.

Como os seus contemporaneos êle gosta de definir o *amor*, descreve-o, caracteriza-o, procurando para isso as expressõis mais subtis, como neste passo

> Amor acende, inflama, amor tem tudo
> Seta, lança, escudo ; dá vida e mata
> Cativa, desbarata, solta e prende... (1)
> Etc.

Mas quem clama nestes versos é o homem interior, dominado por um sentimento do alto, que só o eleva e engrandece. O seu pensamento vai direito a Jesus, caminha direito ao Crucificado, em cuja contemplação se absorve (2).

Nas églogas há mais dum ponto que lhe respeita, mas pouco se encontra de concreto e de positivo, fóra da afirmação da sinceridade dum convertido, que desprezou o mundo e todos os seus encantos.

Foi com vinte anos contados que êle tomou o hábito no Conventinho de Santa Cruz da Serra de Sintra em dia da Vera-Cruz. É o seu ano de noviciado, que encetou com o beneplácito do Infante, a quem servia, e sob as ordens do Provincial Fr. Jácome Peregrino, o Tio. E logo passado um ano fez a sua profissão expressa e formal, entrando na rigorosa Ordem depois de ter dado provas da

(1) Cfr. pg. 28.
(2) Cfr. pg. 213.

mais sincera e decidida vocação. Era no dia 3 de maio de 1561, tambem dia da Vera-Cruz, em que, póde dizer-se, morria para o mundo, deixando desde então o seu apelido de família, para o mudar no de religião por que ficou sendo conhecido — de Fr. Agostinho da Cruz. Êle próprio é quem no-lo diz

> Nasci e renasci na casa em dia
> De Santa-Cruz, da Cruz o nome tenho (1).

Segue-se um período de mais de quarenta anos, em que nada de notavel se passou na vida do novo Capuchinho. Entregue à oração e à meditação a sua lira só tem acentos para chorar os erros da vida passada, para exaltar a sua *emenda* (2), *a sua inalteravel confiança em Deus* (3).

Moço de vinte anos ao entrar no ermo, bem podia dizer que nele envelhecera, sem que nunca a sua vontade sentisse o menor desfalecimento (4).

Quando alguma vêz voltou ao mundo, isto é, à convivência que lhe destinavam as suas relaçõis e os seus conhecimentos numa esfera social elevada foi para regressar ao isolamento mais decidido e mais convicto. Êle próprio o confessa aludindo a uma *terceira vêz* em que

---

(1) Cfr. pg. 335.
(2) Cfr. pg. 228.
(3) Cfr. pg. 229.
(4) Cfr. pg. 289.

determina não mais abandonar a Serra fazendo aí a sua sepultura (1)

Contava 65 anos quando, a rogos do Provincial Frei António da Assunção, grande patriota, amigo e partidário de D. António, pelo que não era bem visto pelo intruso Felipe (2), teve de aceitar a guardiania do Convento de S. José de Ribamar. Mas de curta duração devia sêr esta sombra de mando para quem até a essa havia renunciado. Nesse mesmo ano obteve licença do Provincial para ir viver eremiticamente na Serra. Não foi sem resistência. Eram grandes as provaçõis, e embora conhecido o animo do solicitante, receiava-se uma quebra de energia da parte de quem era conhecido na austeridade em que vivia por uma bondade comunicativa, que o fazia muito procurado e estimado de quantos desejavam o conforto dum conselho, a esmola duma palavra amiga, um gesto de perdão. Mas não houve modo de prolongar a dilação, talvez tambem porque outro companheiro o precedera nos rogos e na satisfação dêles. Fôra Fr. Diogo dos Inocentes, que se recolhera ao ermo, indo viver na cela pertencente a S. Pedro de Alcantara.

O alvoroço com que o pobrezinho de Cristo recebeu a licença!

---

(1) Cfr. pg. 15.

(2) Cfr. *Chronica*, § 1163, pg. 919.

Viviam por essa época nos seus Paços de Azeitão os seus antigos protectores e amigos D. Alvaro, Duque de Aveiro, e seu filho o Duque de Torres Novas. Fr. Agostinho antes de se retirar ao cenóbio foi procurá-los para lhes apresentar as suas despedidas, ouvindo então da boca do velho Duque, entre graçejos, bondosamente:

— *Como se esqueceu da Arrábida, tanto que se vio em S. José de Ribamar?*

Fôra o seu cargo de Guardião, que o mantivera afastado da sua querida Arrábida, bem o sabia o ilustre fidalgo, porém o que não esperaria era a resposta que ouvio:

— *Mas se,* replicou Fr. Agostinho, *nunca pensei tanto nela, como agora, em que de todo vou a buscá-la!*

E comunicou ao Duque a sua resolução acolhida com a natural estranheza, mas engrandecida tambem com o natural louvor. E assim se despedio o velho monge com aquela alegria de santidade, que lhe fazia escrever ao iniciar a ascensão da ingreme ladeira

> Aqui, Senhora minha, onde soía
> Cantar na minha leve mocidade
> O muito que de vossa saudade
> Desejei de acender nesta alma fria,
>
> Aqui torno outra vez, Virgem Maria (1).

(1) Cfr. pg. 4. Compare-se com o soneto *Á mudança da vida*, pg. 12.

Vem, depois, o hino que chamarei do *homem livre,* que se vê solto dos liames do mundo, na contemplação só do bem a que aspirava. Veja-se como êle canta

> Agora que de todo despedido
> Nesta Serra da Arrabida me vejo
> De tudo quanto mal tinha entendido.
>
> Com mais quietação, livre desejo,
> Nella quero cavar a sepultura,
> Que não junto do Lima, nem do Tejo ..
> Etc. (1).

Enquanto o Duque lhe não mandava construir uma pequena cela, que o recolhesse, fêz êle uma choupana com ramos de árvores, onde viveu durante seis mêses, após os quais começou de pensar em mais sólido abrigo fazendo uma gruta para o que aproveitava a disposição natural dos terrenos. Era o trabalho superior às suas forças e valeu-lhe nesse aperto a visita dos Duques. Foi o próprio D. Jorge quem escolheu o terreno e fez menção de abrir os alicerces, o que provocou ao velho êste dito: — ...*é a paga de eu ter cantado nos meus versos o seu nascimento.*

Aludia à *Piscatoria,* que começa:

> Queres ouvir cantar um pescador
> Pobre, que de marisco se sustenta,
> E segundo o que dizem foi pastor?...(2)

(1) Cfr. *Elegia VI,* pg. 101.
(2) Cfr. pg. 70.

*

Duas palavras sobre o logar escolhido pelo grande penitente-poeta, para se compreender o que seria a sua vida de cenobita.

O convento da Arrábida pertencia à ordem de S. Francisco. A Província daquelle nome fôra criada a instâncias do Cardeal D. Henrique (1) pelo Geral Fr. Francisco de Samora no Capítulo que celebrou em o Convento de S. José, cabeça da Província. Ficou tendo como armas, como « sêlo maior », a imagem de Nossa Senhora no alto da Serra, e a seus pés à mão direita S. Francisco e à esquerda Santo António com a Cruz. Ao pé do monte três frades de joelhos... (2).

Chamavam-se *Capuchos* do capêlo ou capuz com que cobriam a cabeça. Traziam hábito de burel pardo, capa, capuz bicudo, usavam a barba comprida, donde lhes vinha tambem o

(1) O Cronista da Arrábida afirma que foi D. João de Lencastre 1.º Duque de Aveiro e portanto um dos primeiros fidalgos do reino como primeiro neto del-rei D. João II, quem ofereceu a Serra da Arrábida a Frei Martinho de Santa Maria, que assim teve o ensejo de se tornar o fundador do Convento sito na afamada Serra. Cfr. a *Chronica* no capitulo IV. A êsse fidalgo deu D. Manoel o título de Marquês de Torres Novas e D. João III o de Duque de Aveiro.

(2) Fr. Cristovão de Lisboa, *Jardim da Sagrada Escriptura,* Lisboa, 1653, pg. 7.

nome de *Barbadinhos,* faziam voto de pobreza e viviam de esmolás.

A Provincia da Arrábida tinha vinte e um conventos e dous hospícios. A igreja e mosteiro da Arrábida fôram mandados construir a expensas do seu padroeiro D. João de Lencastre, 1.º Duque de Aveiro, edificaçóis que ficaram constituindo o *Convento novo,* para as destinguir das primeiras casas destinadas a recolher os poucos frades, que lá se fôram estabelecer. As obras continuaram com o andar dos tempos, mas sem mudar a feição do que estava, nem na sua extensão, nem na sua modestia. O apertado da ordem não convidava senão almas de escol, e essas mesmo muito depuradas na fé. O primeiro cenobita, Fr. Martinho de Santa Maria, vivia na maior austeridade, que pouco se atenuou com a chegada de S. Pedro de Alcantara e outros frades vindos de Espanha.

Os religiosos andavam descalços, sem admitir nenhum género de calçado e dispôs-se que os hábitos fôssem do mais vil e grosseiro pano, « os quais no comprimento não passariam dos tornozelos dos pés, e na largura não excederião a de dez palmos em roda, como tambem os mantos não passarião da ultima juntura das mãos, estando os braços estendidos ». Viviam de esmólas, sendo proibido para os frades sãos pedir « carne, nem peixe, e muito menos vinho ou ovos ».

As celas estavam sem o mínimo ornato, dormindo os Frades sôbre uma cortiça ou

esteira, podendo usar duma manta ou saial quatro meses do ano — março, abril, setembro e outubro, de duas em novembro, dezembro, janeiro e fevereiro, e de nenhuma nos outros.

No côro tinham diariamente três horas de oração mental e faziam tambem a disciplina, exceptuando aos domingos e festas de guarda (1).

No lado sul da Serra existem várias cavernas ou grutas naturais como a *Lapa do Medico,* no meio da encosta do *Monte Abraão,* à esquerda do caminho que vai da *Fonte do Solitário* para o mosteiro, pelo vale de S. Paulo. É afamada a *Lapa de Santa Margarida* junto ao mar e outras (2).

Desta última temos a descrição dum poeta do século XVII, que achámos interessante reproduzir, não obstante o sabor gongórico, que por completo a desfeia:

....

114

Metido por aquella oculta brenha
Logo outro religioso me convida
Para dentro de hũma grande penha
Vêr a Lapa de Santa Margarida.
Pelos montes que aos mares se despenha
Nos afirmaram ser facil decida

---

(1) *Chronica,* pg. 136.
(2) Rasteiro, *Arch. Port.,* já cit.

E andando meia legoa nesta frágoa
Nos viemos achar na borda d'agua.

115

Em hũa rocha adonde o mar batia
Com tão grande clamor, que o mar abala
Hũa pequena boca a pedra abria
Por onde entrava o mar a visitá-la;
Os penhascos famosos combatia
Mas de sorte na Lapa se regala,
Que se com todos inconstante quebra
Só com esta visita se requebra.

116

Entrei por esta gruta e na verdade
Tal pavor m'infundio e tal respeito,
Que então não soube com facilidade
Qual das cousas em mim fez este efeito,
Pois com tal intenção, tal igualdade
Se introduziram juntos em meu peito,
Que quando quis entrar neste penedo
Vi confuso o respeito com o medo.

Referindo-se à celebre Capela, que primitivamente fôra a cela de S. Pedro de Alcantara diz o mesmo autor:

....

41

Na parte do Evangelho esta Capela
Hũa pequena porta nos mostrava,
Por onde entramos na apertada cela,
Onde Pedro de Alcantara habitava.
Hũa fresta de hũ palmo havia nela
Por esta a luz do sol escassa entrava,
Porque tanto do mundo se escondia,
Que apenas soube o sol donde via.

42

Tem a cela dez palmos de comprido
Para hũ corpo pequena sepultura
Eu lhe medı com peso e advertido
Quatro palmos e meio de largura,
E se hũ homem qualquer cousa é mais comprido
Não pode entrar que é pouca sua altura,
Mas esta facilmente se acomoda
Levar em hũa mão a cela toda.

Toda a Serra era revestida de mata formosíssima merecedora dos elogios de quantos tiveram a dita de a visitar, pelo menos, uma vêz na sua vida (1). Dela podia escrever A. Herculano que era

...patria da paz, deserto santo,
Onde não ruge a grande voz das turbas!

Foi a êste logar que se acolheu Fr. Agostinho e imagine-se como lhe decorreriam os dias durante o período de catorze anos, em que perseverou na vida contemplativa, que livremente escolhera.

Ficava-lhe longe e sobranceiro o modesto Convento, onde vivia a comunidade. Pois só lá ia de oito em oito dias para buscar o pouco de pão com que se alimentava. Isso e alguns

(1) Ainda em 1836 o autor do *Portugal and Galicia*, (London, 2.º, pg. 38) escrevia que lá « are found the quercus Australis, the maple, the strawberry-tree and the carob, or St. Jonh's bread-tree... ».

frutos lhe bastavam. Aludindo a uns figos que tinha a secar e um corvo lhe roubou escreveu os interessantes versos, repletos de alegre resignação, que começam com o mote:

> Se Agostinho fôra Paulo
> O corvo quando viera
> Não levara, mas trouxera... (1)

Leia-se a égloga II « Mincio e Flavio », em que èste último, que não parece sêr outro senão seu irmão Diogo Bernardes, conta àquele o modo de viver de *Limabeu,* disfarce sob que se designa Fr. Agostinho:

> Nunca se imaginou tal asperesa
> Não digo dos penedos do deserto
> Mas da fome, do frio e da pobresa... (2).

Aí o representa marchando de pés nús, com a boca atravessada por um páo para não falar, apenas coberto o corpo por andrajos mal cerzidos... e todavia resignado e contente. « Era, não obstante tais rigores, muito afavel, alegre e benévolo a todos », escreve um velho biógrafo.

Entretinha-se fóra das horas de meditação nos prazeres mais inocentes, um dos quais o

---

(1) Cfr. pg. 343.
(2) Cfr. o *Vilancete* de pgs. 337.

de pescar e o de fazer bordõis, de que todavia se desculpa contra os maldizentes:

Em que parte, em que terra
Se pode vituperar,
Quem pesca peixes no mar
Ou corta lenha na Serra?

Não admira que êle conheça e nomeie nos seus versos variadas espécies da fauna e da flora da região, onde vivia. Êle cita o laparinho, o tordo, o pombo, a perdiz (1), o coelho, a lebre, o açor, o porco, o galgo (2), àlêm da áspide (3) e os sardos, robalos, douradas (4), ruivos, salmonetes, vesugos, choupas, taínhas, linguados (5), as ostras, ameijoas (6), birbigõis, mexilhõis, as santolas (7), os perseves (8).

De plantas memora a hera, o louro (9), o lirio (10), as boninas (11), o medronho, a esteva, a aroeira (12), o sovereiro (13), os murtais (14),

(1) Pgs. 51.
(2) Pgs. 136.
(3) Pgs. 314.
(4) Pgs. 61.
(5) Pgs. 74.
(6) Pgs. 80.
(7) Pgs. 106.
(8) Pgs. 60.
(9) Pgs. 2.
(10) Pgs. 19 e 28.
(11) Pgs. 40.
(12) Pg. 74.
(13) Pg. 136.
(14) Pg. 314.

os zimbros (1). Não esquece o perrexil (2), como se lembra das rosas (3), e menciona as castanhas e as maçãs (4) e os figos (5).

Imerso na natureza, na vida simples que levava, dia a dia, hora a hora, mais e mais se absorvia na contemplação dos grandes mistérios da vida, que o esperava àlêm túmulo, numa radiosa esperança, ou melhor certeza. Como já sucedera com outros grandes homens piedosos, nimbados pela auréola da santidade, a sua solidão é animada pela visita « de alguns animais silvestres que andavam naquela Serra notavelmente esquivos, como veados e genetas e lhe vinham comer à mão deixando-se tratar dêle, como mui domésticos, obedecendo-lhe tal vez de modo que não se iam sem os despedir, e assim mesmo todo o genero se volateria » (6). Vinham as aves pousar-lhe nos ombros ou no colo, diz tambem o Cronista, que regista a tristeza do bom Capuchinho no dia em que soube que a geneta fôra procurá-lo ao seu aposento « e não o achando, seguio-lhe as pisadas pelo faro, até entrar dentro da clausura. Foi sentida dos gatos, os quaes armando-se contra ella, a

(1) Pg. 338.
(2) Pg. 61.
(3) Pgs. 28 e 40.
(4) Pg. 29.
(5) Pg. 343.
(6) Cfr. *Agiologio Luzitano*, II, 146.

mataram... » (1). Era um dos seus *bichinhos,* (2) que desaparecia (3).

Maior tristeza devia sentir com a retirada de Fr. Diogo dos Inocentes, a quem a doença prostrara obrigando-o a acolher-se a Alcobaça:

Foi-se-me o companheiro, que aqui tinha,
Enfermo, sem poder mais aturar...
Etc. (4).

Êle, agora, mais vivia para o isolamento e para a meditação. Algumas vezes foi encontrado em extasis, « suspenso e absorto... cousa que lhe devia suceder cada dia, pois acaso o

(1) *Chr. da Arrabida,* § 1179, pg. 929.

(2) Cfr. pg 308.

(3) *Gineta* ou *geneta* (lat. *fagineta*, deminutivo de *fagina*, segundo Faria, doninha grande, fuinha, e é, segundo Bluteau o que alguns denominam o *Catus Hispaniæ* e outros *Panthera minor.* E cita Gennero que a descreve assim: *bestia paulo maior vulpecula, colore inter croceum et nigrum, maculis interdum nigris, ordine in pelle dispositis, mansueta satis, nisi lacessatur. Ardua non ascendit sed in humidibus locis et juxta rivos degit, et ibi victum quaerit. Ginettas Hispania mittit forma, et moribus domesticis mustellis quas nos foinos vocamus...* »

Como pôde a tímida e modesta doninha, cuja pele lanuginosa é salpicada de negro ou de pardo, como diz Fr. Domingos Vieira, ser transformada numa « cavalgadura que levava Fr. Agostinho do seu convento para a Capellinha da Serra? » Pois cfr. Sr. Dr. Th. Braga, *Hist. dos Quinh.*, pg. 320. Veja-se a escapelização do dislate no Sr. H. Arantes, *ob. cit.*, pg. 44 e segs.

(4) Cfr. pg. 220.

acharam daquela maneira sendo êle grande secretario de suas virtudes » (1). Semelhantes fenómenos nada tinham de extraordinário, sendo conseqùência das longas oraçóis mentais, e tais como se observam noutros místicos, em formas mais ou menos acentuadas, mas, no fundo, idênticas (2).

Enfim, chegou tambem a sua hora. Os prenúncios da morte teve-os em princípios de março do ano de 1619. E de tal modo se anunciou a doença, que logo foi conduzido para Setubal, onde a Ordem tinha o seu hospital. Foi fácil o diagnóstico, rápida a sua confirmação. Em volta do seu leito juntaram-se os amigos, não lhe faltando os maiores — o Duque D. Jorge de Aveiro, que então com seu Pai e molher residia nos Paços da vila. Em 14 de março expirou.

Contava 79 anos de idade, 59 de hábito, e 14 dêstes de eremita na Serra da Arrábida.

---

(1) Cfr. Mesquita, *ob. cit.*, pg. XVI.

(2) Vid. H. Delacroix, *Études d'histoire et de psychologie du mysticisme. Les grands mystiques chrétiens*, Paris, 1908, pg. 17 e segs.

II

O POETA

Todos que em Portugal têem o amor das suas glórias literárias conhecem Fr. Agostinho da Cruz, pelo menos, através a edição que das suas *Poesias* nos deixou o Prof. do Colégio Real de Nobres — José Caetano de Mesquita (1).

Fôram os próprios Frades da Arrábida que forneceram a Mesquita o exemplar das poesias que, copiadas « com o maior cuidado », serviram para a impressão (2).

O que até à data dessa edição — 1771 — se conhecia de Fr. Agostinho era sómente o pouquíssimo que fôra publicado na *Chronica da Arrabida* em 1728 (3), embora a fama do seu talento, como das suas virtudes, fôsse já apregoada pelos contemporâneos (4). Aqui está a

---

(1) *Varias poezias do veneravel Padre Fr. Agostinho da Cruz, religioso da Provincia da Arrabida, dedicada ao Excel. e Reverend. Senhor D. Fr. Manoel do Cenaculo*..., Lisboa, MDCCLXXI, 1 vol. de XXXIII + 163 pgs.

(2) Cfr. a *Vida*... anteposta à ed., a pg. 29.

(3) Parte I, livro V, caps. 18-20, § 1170.

(4) Cfr. Fr. Pedro Calvo na *Defensam das lagrimas dos Justos perseguidos e das sagradas religiões, fructo*

prova em Fr. Rodrigo de Deos (✝ 1622), que foi Guardião do Convento de Nossa Senhora da Arrábida e que nas duas obras que deixou inserío poesias de Fr. Agostinho. No *Tratado dos Passos que se andam na Quaresma* (1.ª ed. 1618) (1) apareceu impresso como *Proemio* o soneto:

> Os passos que de dôres trespassados
> Etc. (2).

e o Epigrama:

> A quem desceo do Ceo por nos dar vida
> Etc. (3).

Nos *Motivos Espirituais* (4) aparecem publicados os seguintes dois Sonetos, que sam

---

das lagrimas de Christo, Lisboa, por P. Craesbeck, 1618, que já [sendo ainda vivo] se lembra dele.

(1) *Tratado dos Passos*... saido das oficinas de Pedro Craesbeck, 1618. Era, portanto, vivo Fr Agostinho, que só faleceu em março de 1619. O *Tratado*... saiu em 1618 e dêste ano sam as licenças para a impressão. Insere em primeiro logar um *Soneto á Paixão,* anónimo.

(2) Publicado nesta nossa ed. a pg. 195.

(3) Vid. esta nossa ed. a pg 335.

(4) Impressos por P. Craesbeck em 1620, mas as licenças sam de outubro de 1618 e 1619. Posteriormente à redacção da *Nota* 46 dêste vol, pude consultar na Bibl. Nac. de Lisboa exemplares tanto desta como da ed. de 1633.

exclusivos dêste livro bastante raro e que vale a pena reproduzir:

Soneto de Frey Agostinho da Cruz a esta obra.

Aquelle que na vinha do Senhor
Trabalha por cavar proveito alheo,
Tanto do proprio seu fica mais cheo,
Quanto mais do commum foi cavador.

Costuma a pagar divino amor,
A quem buscar o quer por este meio.
Primeiro: como a quem mais tarde veio,
E tanto como o mais madrugador.

Aqui nesta doutrina claramente
Se ensina porque via, como & quando
Offerta faz a Deos mais excellente

Todo o que dignamente comungando
Offerece a Deos Padre omnipotente,
Seu filho, sua gloria acrescentando.

Outro.

O' vós que andais de achar cá desejosos
Modos de honrar sem fim mais a Trindade,
O melhor se vos dá aqui com brevidade
Nestes motivos santos amorosos.

Nelles tendes louvores copiosos
De summo grau & grande dignidade,
De quem trata & recebe a magestade,
Que temem olhar no Ceo os gloriosos.

O alto sacrificio de honrar digno
A vós tam proveitoso, a Deos aceito,
Com que he toda a Trindade engrandecida.

Sagrada Hóstia, viatico divino,
Que offerecida ao Padre com effeito
Lhe deu gloria infinita & sem medida.

Trinta e oito anos após a morte do Poeta, em 1657, o sábio autôr do *Agiologio Lusitano* chamando ao irmão Diogo Bernardes « insigne poeta » acrescenta: « e êle o não foi menos porque na Arrábida fez alguns poemas ao divino, que sam muito estimados pelo engenho & spiritu grande que nelles mostrou » (1).

Por cópias manuscritas, derivadas do autógrafo, que hoje se póde reputar perdido, se foi alargando a fama da inspiração do Poéta da Arrábida. Que nos dizem êsses Manuscritos de novo ou de inédito?

OS MANUSCRITOS

Conhecem-se três manuscritos mais ou menos numerosos, mas todos três importantes, das poesias de Fr. Agostinho da Cruz. Além dêstes há referências a um Códice do convento de *Verberena* da Província da Arrábida, que Barbosa Machado afirma sêr « da sua própria mão ». Vê-lo hia o douto abade de Sever? Êle ou quem o teve sob os olhos descreve-o assim: « esta colecção poetica fez á petição

(1) Cfr. II, 151 (12 de março) e *Anotações,* ao § *f.*

da Duquesa de Aveiro e a dedicou á mesma Senhora, da qual existia um traslado na Biblioteca do Cardeal de Sousa. Constava de vinte e uma Eglogas assim pastoris como piscatorias, cartas, odes, endechas, redondilhas e vilhancicos. Entre os Poemas que compôs he celebre o de Santa Catharina, Virgem e Martyr, em oitava rima ». O título era — *Diversas Poesias ao Divino* (1).

Teriamos, pois, aqui um autógrafo por todos os títulos valiosíssimo mas de que não há, à hora atual, vestigios do seu paradeiro. Estará irremediavelmente perdido?

Inocêncio da Silva no seu precioso *Dicionário Bibliográfico* fála-nos dum outro Códice, que talvez prestasse elementos importantes se se tornasse conhecido. Não seria autógrafo, mas parecia « ter sido escripto logo depois da morte do Veneravel Padre. Consta de 154 fls., 4.°, letra do sec. XVII ». Inocêncio, que vio êste manuscrito, diz-nos que êle compreendia: dois epigramas, oitenta e um sonetos, uma égloga à ingratidão, quinze elegias, três églogas, cinco odes, varios motes e glosas, quatro cartas ou epístolas inéditas, um epigrama, um epitáfio, oitavas sôbre o « Flevit amare », cincoenta e sete oitavas sôbre a Vida de Santo Eustáquio, e a Vida de Santa Catarina (2).

(1) *Bibl. Lus.*, vb. *Verberena.*

(2) *Ob. cit.*, vb. Agostinho da Cruz, I, pg. 16.

Qual a sorte dêste Códice? Perdido tambêm para sempre?

Estes os desaparecidos, a que outros naturalmente se poderão, em hipótese, juntar, porque várias cópias deveriam sêr tiradas para enviar ou para os Conventos da mesma ordem, ou pelo menos para aqueles que mostrassem desejos de possuí-los, e tambêm para pessoas piedosas, que não deixariam de têr em alto apreço leitura para elas tam sugestiva e impregnada de misticismo.

Demos agora logar aos Mss. existentes, que chegaram ao nosso conhecimento e de que nos servimos para a elaboração dêste trabalho.

A — *Mss. Conimbricense n.º 400.* Pertence à Biblioteca da Universidade de Coimbra. Grosso vol. de 448 pgs., numeração moderna, já descrito e catalogado pela pena autorizada do nosso amigo Sr. Dr. Augusto Mendes Simões de Castro. As poesias do nosso autôr abrem o vol. e vão até pgs. 68. Epigrafe ao alto da pg.: « *Varias Poesias do Padre Fr. Agostinho Bernardes, Religioso Capucho arrabido irmão do grande Diogo Bernardes* » e termina: « *Aqui finalisa esta obra do irmão de Diogo Bernardes* ».

Infelizmente todas as poesias neste Mss. contidas se encontram publicadas (excepto os dous sonetos de fl. 6, v.) no vol. impresso em 1771. Os dous sonetos que fazem excepção encontram-se neste nosso vol., a pgs. 169

e 203. Procedem entretanto de fonte diversa da que servio a Mesquita para aquela sua ed. de 1771 e sam, por isso, um subsídio para fixar o sentido dalguns logares obscuros ou deturpados, como o verifiquei cotejando paralelamente os logares e aproveitando a parte essencial nas notas e esclarecimentos, que vam no fim desta nossa edição.

B — *Mss. Portuense* (1). Pertence à Bibl. Municipal do Porto, onde tem o registo antigo 1.100 e o mod. 631. Ambas essas numeraçõis se lêem em dous rótulos colados nas lombadas do vol. No verso interior da capa há tambêm num *Ex-libris* da Bibl. o *N.º geral 1 100*.

Colocação F — 2. Voluminho in-8.º Pesa 165 grs. Tamanho 10×15^{cm}. Papel de linho, amarelado. Encadernado toscamente em pergaminho. O canto superior externo da capa está roido. No princípio há duas folhas custodes em branco. Frontespício verdadeiro não existe. Na última v. há, todavia, o título da primeira composição: *Tercetos em louvor da Immaculada Concepção da Virgem nossa*

(1) Devemos a descrição dêste Códice à Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Foi tambêm a ilustre Senhora quem nos forneceu cópia das poesias, que vam insertas neste nosso volume (acompanhadas de rápidos comentários elucidativos) e que sam exclusivas dêste Mss. Aqui consignamos a S. Ex.ª o nosso vivíssimo reconhecimento.

Senhora e *Sonetos varios de Santos,* o que está escrito com a mesma letra do texto.

Com letra muito mais moderna (primeira metade do sec. XIX) lê-se na mesma pág.: *Frei Agostinho da Cruz — Irmão de Diogo Bernardes,* mas estes dizeres fôram depois apagados propositadamente. Em letra mais antiga, mas posterior á do escrevente principal, está lançada ao alto da primeira pág. do texto a nota *Da Livraria de Grijó.* O texto abrange 150 fols., pág. no recto. Está muito bem caligrafado. Letra do séc. XVII — apógrafo portanto — parecida com a de Bernardes, Ferreira, Resende, etc. No fim falta uma fl. de texto (pelo menos) com as últimas quatro oitavas da *Visão de Santa Brigida* e provavelmente outra, branca, custode. As composiçõis não numeradas, mas sempre marcadas por uma bandeirinha, sam 232: portug. 190, castelhanas 42, de mistura.

O nome de Fr. Agostinho encontra-se várias vezes em epígrafes ou junto às epígrafes de certas poesias. A designação *Do mesmo* ou *Do Autor* refere-se tambem a Fr. Agostinho. Eis a lista dessas indicaçõis:

1 — f. 28 v., Himno á Cruz: *de Fr. Agostinho.*
2 — f. 31 v., Elegia a Jesu na Cruz: *de Fr Agostinho.*
3 — f. 32 v., Elegia ao divino amor: *do mesmo.*
4 — f. 34, Elegia Spiritual: *do mesmo.*
5 — f. 35, Lagrimas de São João Euangelista ao pee da Cruz: *de Fr. Agostinho.*
6 — f. 55 v., Outra Elegia a Serra da Arrabida: *de Fr. Agostinho.*

7 — f. 58 v., Endexas : *de Fr. Agostinho.*
8 — f. 59 v., Outras endexas : *do mesmo.*
9 — f. 60, Vilancete : *do mesmo.*
10 — f. 81, Elegia *de Fr. Agostinho da Cruz* a dona Mariana filha do Duque d'Aveiro, etc.
11 — f. 82 v., Egloga *de Fr. Agostinho da Cruz*, etc.
12 — f. 98, Elegia á morte de diogo Bernardes *Irmão do Autor.*
13 — f. 101, Elegia á morte : *do mesmo.*
14 — f. 111 v., Reposta a Soror Mariana filha do Duque de Aveiro : *do Autor Fr. Agostinho da Cruz.*
15 — f. 112, Carta que escreveu a Duqueza de Aveiro *antes de se ir pera o Ermo.*
16 — f. 113, Carta que o *Autor compôs* a Duqueza de Aveiro á absencia da madre Soror Mariana, sua filha.

Temos, portanto, *oito* vezes a designação clara e nominal do Autor.

*

Outras provas da autenticidade da atribuição de muitas das 232 composiçóis do *Cod. Port.* sam as seguintes :

a) 50 delas sam identicas com outras tantas impressas em 1771 por Mesquita. Essas mesmas encontram se tambem no *Cod. Conimbr.* que é privativo de Fr. Agostinho.

b) 148 dessas poesias sam comuns ao *Cod. Port.* e ao *Conimbr.*

*

Das obras impressas em 1771 faltam no *Cod. Port.:* 1 — As Eglogas 1-12, a última das

quais termina com um soneto (o de *Limiana),* e com o Epitafio de *Limiana* e *Limabeu.* 2 — O soneto *A seu irmão Diogo Bernardes.* 3 — O Vilancete que constitue o desfecho da Elegia da *Ausencia conjugal.* 4 — A *Carta* em resposta à de seu irmão Diogo Bernardes. 5 — O Mote *Ao Nascimento de Nosso Senhor.*

*

Privativos do *Cod. Conimbr.* sam apenas os dous sonetos: *Aquele que na vinha do Senhor* (pg 230), e *Oh vós que andais* (pg. 231).

Privativos do *Cod. Port.* sam as quarenta e duas composiçõis castelhanas, que vam publicadas nesta nossa ed. [pgs. 369 a 416].

C — *Mss. Conimbricense.* Pertencente à Bibl. da Universidade, onde, quando Bibliotecário dêste notavel Estabelecimento, o encontrei, aproveitando-o imediatamente para a publicação que empreendi no *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra,* que havia fundado um ano antes, deixando desde então exarada a promessa da edição autónoma, que só agora consigo levar a cabo (1).

(1) E não foi mais cedo pelas razõis que deixei adivinhar em outro logar e que aqui não explano para não avivar um *fogo-morto.* A promessa então feita foi-me

O *Códice* compreende vinte e três cadernos e é todo da letra de Joaquim Inácio de Freitas, professor do Colégio das Artes, bem conhecido de todos os bibliófilos (1).

Não tem capa de resguardo, nem título, nem outra indicação mais que uma fl. envolvente já despedaçada onde, em letra moderna, decerto cópia doutra antiga, se lê: « *Poesias de Fr. Agostinho da Cruz* ». Numeração moderna de 1 a 64 por laudas, abrangendo oito cadernos sómente. A numeração do punho de Inácio de Freitas começa no caderno sétimo até ao último, sómente por página, somando sessenta e quatro, esta última em branco. Na 63 v. tem, porém, em seguida ao título *Outras [Endechas]*, que começam:

> Já não digo um dia
> Nem menos uma hora
> Etc. (1).

Fls. em branco 18 v., 20 v., 50, 51, 52.

Tamanho da mancha manuscrita $166^{mm} \times 95^{mm}$ Pêso 225 grs.

A caligrafia das poesias é toda igual, perfeitamente legivel e correcta. Raramente intervém a correcção de Inácio de Freitas, cuja

---

recordada penhorantemente há pouco pelo nosso distintíssimo *maestro* Sr. Viana da Mota.

(1) Cfr. Inoc., *Dic. Bibl.*, IV, pg. 85.

(2) Vid. pg. 367 dêste nosso volume.

letra pequenina, tímida, cheia de discrição, se encontra, apenas, na numeração das estrofes e na paginação do caderno sétimo em deante, como dizemos acima. Rebuscamos todos os papeis daquelle infatigavel trabalhador, infelizmente muito poucos e dispersos. Freitas aproveitava tudo para lançar as suas notas — qualquer pedaço de papel, um velho sobrescrito, tudo lhe servia. Isso concorreria para se dispersar muito do seu labor. O cuidado e asseio do apógrafo augustiniano dá, porém, a entender que êle cuidaria na sua impressão, como procedera com André Falcão de Resende, cujas obras êle salvou de perecerem totalmente e que só mais tarde publicadas ainda aguardam a caridade de serem concluidas (1). Nada se nos deparou que nos elucidasse sôbre qualquer ponto. Do que nos não restava dúvida é que estávamos em presença dum rico espólio, contendo, sem dúvida, o melhor, e por ventura, a quase totalidade das poesias do ilustre Capuchinho, devendo sêr êsses cadernos cópia dalgum exemplar oriundo do convento da Serra da Arrábida. Êle vinha lançar nova luz sobre a personalidade do Poeta, representado apenas na edição de 1771, que, se é mesquinha literariamente e merecedora das censuras do bibliógrafo, muito mais o é editorialmente considerada, impressa como

(1) Cfr. Inoc., *Dic. Bibl.*, VIII, pg. 62.

está no papel que o tempo ameaça tornar ilegivel, manchado caprichosamente e numa composição cerrada que é, em absoluto, antipática e irritante a quem lê (2).

Era uma obra de justiça reparar tanto desmazelo. Tê-la hei eu realizado?

*

Assim como estes Manuscritos não encerram talvez, tudo o que saiu da veia inspirada do seu autôr, também nem tudo o que contêem é absolutamente dele. Os Quinhentistas costumavam trasladar para seu próprio gozo espiritual as poesias, que mais os impressionavam, sem cuidar de indicar o verdadeiro autôr. Daí a confusão da atribuição rigorosa, que tam facilmente conduzio alguns escritores a falar em plágios, sem se lembrarem que nessa

(2) Claro que nisso não teve culpa alguma o modesto Prof. Teve-a sim, em não dedicar maior cuidado ao Poeta, que queria tornar conhecido, como procedeu com os *Opusculos latinos* de Diogo de Teive, a *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Martires* de Fr. Luís de Sousa, a *Vida do Beato Henrique Suso* atribuida ao mesmo, as *Poesias* de Diogo Bernardes, e o *Compendio da doutrina Cristã* de Fr. Luís de Granada. Cfr. Inoc., *Dic. Bibl.*, IV, pg 283. Mesquita foi um operoso trabalhador, mas desajudado de auxílios que compensassem o seu zelo. Soma tudo — é para agradecer-lhe o suor no arrotear de leiras, onde tantos, melhor afortunados, então e hoje e sempre, só deixam criar cardos e ortigas.

acusação envolviam os que, como Camões, pairavam muito acima dessas pequenas misérias inuteis à sua glória. Não era para que se quisessem atribuir o que era de outros, mas porque muito lhes agradava tê-las sempre deante dos olhos e retê-las ou comentá-las, que uns poetas inseriam nos seus cadernos manuscritos poesias, que eram da lavra de outros, sem pensarem que êsses textos lhes sobreviviam gerando a confusão, que era natural que se désse. Os leitores têem as provas especialmente nas poesias espanholas dêste nosso volume, seguidas, no seu logar competente, das notas eruditas da Sr.ª D. Carolina Michaëlis.

Não quisemos inserir outras, como as *Lagrimas de S. João Evangelista* integradas, como obras de Bernardes, nas *Varias Rimas ao Bom Jesus* desde a edição de 1594, não obstante no *Cod. Port.* virem incluidas entre as de Fr. Agostinho.

Descontando as que possam com segurança ou mesmo dubitativamente atribuir-se a outros poetas — e que como tais vam indicadas nas *Notas* lançadas no fim dêste volume — a parte autêntica é mais que suficiente para firmar no bronze da história da literatura o nome de Fr. Agostinho.

Se possuissemos a parte da sua obra, que êle implacavelmente fez desaparecer para sempre, não póde restar dúvida de que o seu nome se aureolaria de mais radiante fama.

Há nas suas poesias um acento dolorido, o sêlo da tristeza que punha em tudo que o rodeava, a nota do *mistério do àlêm*, que lhe domina e sobjuga a existencia, que faz dessas poesias verdadeiros trenos impregnados de religiosa piedade.

Da vida passada só se divisam sombras de sombras inatingiveis.

Canta o « doce Lima » como aquele que o vio nascer, o « Mondego e o Tejo », que o viram crescer e prosperar (1), especialmente êste último (2), a que parece ligar recordaçõis de ternura e de saùdade.

Só no deserto vê remédio para a sua tristeza, que não tem par:

> He mui diferente
> A minha tristeza
> De quanta se sente
> Noutra natureza.
> Vamos vêr da Serra
> Do monte deserto
> O ceo de mais perto,
> De mais longe a terra (3).

As alusõis vagas e imprecisas ao seu passado encontram-se principalmente nas *Eglogas*,

---

(1) Cfr. o princípio da *Elegia*, pg 289.

(2) O Tejo vem com freqùencia à sua pena. Cfr. pgs. 22, 30, 35, 38, 82, associando-o ao pátrio Lima — pgs. 100, 101, 104, 289. Outras vêzes só fala dêste — pgs. 120, 121, 135.

(3) Vid. as *Endechas* de pg. 163 e comparem-se com as de pgs. 365 e 367.

onde póde vêr-se êle próprio sob o nome de *Limabeu,* e seu irmão Diogo Bernardes no de *Mincio.*

A égloga primeira é dedicada à sua conversão. O poeta escreve-a junto a um claro rio, que lhe sugere o da terra natal. No solilóquio em que explica a mudança psíquica e moral, que nêle se operou, faz a apologia da Serra, como o único logar onde pode achar repouso a sua alma:

> Não falta nos desertos agoa clara;
> A lapa, que da calma me defende,
> Se ventar ou chover tambem me ampara .
> ....
> Aqui não temerei a cruel guerra,
> Daqui verei no Ceo formosas côres,
> Assi me esquecerão cousas da terra.

Na quarta égloga figuram *Limabeu* e *Mincio.* E' êste, decerto, o irmão querido, que começa como que repreendendo-o pela sua mudança, tendo-o deixado num isolamento, que não merecia:

> Companheiro te fui no sentimento,
> Nunca me viste rir, quando choravas;
> Menos chorar no teu contentamento.
>
> Com igual amor tu o meu pagavas,
> Isso me fez sentir não te lembrar,
> Que te partias donde me deixavas.

O que o pastor Mincio quere saber é o motivo daquela retirada para a aspereza do

deserto, aquele abandono de tudo — « cabras, pasto, pastor, cabana e fato ».

Limabeu então queixa-se de sêr acusado e perseguido injustamente. Um amigo o atraiçoou, um amigo que muito diversamente o devera tratar, mas que o *difamou* com os outros *pastores*.

> Quem fôsse cego e mudo, que não visse,
> Muito menos sentisse quanto entende.

Na *Egloga VII* encontramos de novo os dois irmãos. Fr. Agostinho devia estar ainda há pouco na Arrábida, como da leitura desta poesia se infere, e parece que se propunha abandoná-la pelo menos temporariamente. Mincio pede-lhe que lhe diga os motivos dêsse procedimento aludindo a um outro pastor *Lauro*, que depois vemos figurar na égloga imediata.

A *Egloga XII* reveste um caracter de confidencia indecifravel. Limabeu dirigindo-se ao irmão diz-lhe:

> Bem sabes quanto ri, quanto folguei
> De cantar e tanger, que graça tinha,
> Quantas apostas fiz, quantas ganhei

e alude a uma personagem, natural do Lima, de quem se apartou para sempre, mas àcêrca de quem dirige ao irmão a seguinte pregunta:

> Dize-me que se fez de Limiana,
> Que chorando ficou ó pé de faia?...

Essa misteriosa *Limiana* morreu, para ela vôa o pensamento do monge numa evocação sublime. Vê-se, adivinha-se, que foi ela a criatura dos seus sonhos, a mística esposa que lhe orientou a vida e o pensamento. Essa é a « santa », que uma mesma sepultura de sonho uniria junta a êle, sob o mesmo *Epitáfio* que lavrou e diz:

Eu vi do Ceo na terra a fermosura
No vestido dum pobre peregrino

Da terra para o Ceo voar segura
Fôsse ventura minha, ou seu destino:
Por minha mão lhe dei a sepultura,
Pela sua a levou amor divino:
De Lima naturaes em Lapa Oceana
Se enterrou Limabeu com Limiana.

Finalmente Bernardes figura ainda noutra égloga versando ambos os irmãos o mesmo tema indecifravel.

Diogo Bernardes foi sempre o amigo querido do grande solitário. Por sua vêz êste dedicava ao irmão uma enternecida estima. O *Soneto* que lhe consagrou a propósito da composição do *Lima* (1) revela um sentimento de contentamento bem evidente. A *Carta* que lhe ende-

(1) Cfr. pg. 18. Êste *Soneto* foi publicado como *Introdução* do *Lima*, Lisboa, 1596.

reça (1) em resposta à que dele recebera (2) é um hino de afectos, em que confessa a sua gratidão por tantos conselhos recebidos e que lhe faz exclamar enternecidamente « meu Mestre! », enfim sentem-se as lágrimas em cada um dos tercetos das *Elegias*, que consagrou à sua morte (3).

Quem sam as personagens das demais Églogas?

De positivo nada se pode afirmar. Por toda a parte existe aquele tom de vago e de impreciso, que tanto se presta a divagaçõis tentadoras. Inutil é o trabalho de procurar sempre sob os criptónimos dos pastores personagens históricas e autênticas para servirem as hipóteses que formulamos. É bastante lembrar que os nomes dalguns fôram sugeridos ao Poeta por designaçõis dos locais ou sítios, que êle conhecia da vida da Serra, tais os de *Galapo* e *Alportuxo*.

« A comenda de Arrabida, diz um escritor nosso contemporâneo, tinha pelo sul o mar, pelo nascente a comenda e concelho de Palmela, numa linha de *Galapo* ao monte de S. Francisco...» (4). E « tinham transposto

(1) Cfr. pg. 128.

(2) A Carta de Diogo Bernardes é a VIII do *Lyma* e anda publicada a pg. 147 da ed. de 1761.

(3) Cfr. Elegias IX e X, pgs. 111 e 113. A primeira foi inserida nas *Rimas Varias*, pg. 219 da ed. 1770.

(4) *Arrabida*..., cit. 1896, pg. 4.

a porta de *Alportuche,* aonde o alcantilado da serra se quebra...» (2).

E os dois irmãos figurarão unicamente sob os nomes de *Limabeu* e *Mincio?* Não é natural. Tem-se suspeitado que na *Egloga V* figuram como interlocutores o Poeta *(Gualbano)* e Fernão Lopo Soropita *(Laurino),* aquele que, como diz o título, « foi reduzido a Religião », isto é, convertido. Infelizmente nem nas obras publicadas, nem nas inéditas do famoso satírico, há vislumbre de informação aclaradora das relaçõis mútuas dos dous poetas, diferentes em idade, segundo a suspeita de Camilo Castelo Branco, cêrca de vinte anos, e muito mais diferentes em génio, em fantasia, e em motivos emocionais inspiradores.

Nos Manuscritos de Soropita apareceram intercaladas algumas poesias de Fr. Agostinho, como esta *Egloga V,* nos do Poeta da Arrábida algumas atribuidas a Soropita. Portanto daqui nenhum esclarecimento proveio, nem provirá. E nessa ignorância continuaremos, pois que os Mss. do Convento da Arrábida ou não diziam cousa de maior monta àlém do que foi explorado por Mesquita em tempo em que tam fácil lhe fôra colher quaisquer indicaçõis, ou realmente continham elementos preciosos para o estudo do Poeta e podem considerar-se como irremediavelmente perdidos.

(2) *Ib.,* pg. 7.

Nos Códices manuscritos por nós explorados nada se nos deparou de elucidativo.

Em parte alguma uma nótula marginal, a mais simples cota de indiscrição. Contêem a transcrição das obras do Poeta e é tudo para a sua glória e pouco, quase nada, para a nossa curiosidade.

Todas as poesias dos Manuscritos de Coimbra e do Porto sam de caracter profundamente religioso, revelador do estado d'alma de quem as redigio. Elas acompanham passo a passo a vida do monge penitente, sam um diário duma alma de eleição, que se eleva até Deus desde o *levantar da cama* (1) até o *recolher à noute para dormir* (2), entretendo constantemente o pensamento nos mistérios dívinos mais augustos, como a *Imaculada Conceição* (3), a *Encarnação* (4), *Paixão e morte de Jesus Cristo,* e mais passos que lhe dizem respeito (5), e tambem na contemplação das virtudes dos santos, como S. João Baptista (6), S. Francisco (7), Santa Clara (8), Santo António (9), etc.

---

(1) Cfr. pg. 174.
(2) Cfr. pg. 184.
(3) Cfr. pg. 186.
(4) Cfr. pg. 187.
(5) Cfr. pgs. 189, 191, 193-197, etc.
(6) Cfr. pgs. 4, 201.
(7) Cfr. pgs. 16, 204.
(8) Cfr. pg. 8.
(9) Cfr. pgs. 14, 200.

A lira de Fr. Agostinho é impregnada dum sentimento tam sincero de verdade e de naturalidade, que impressiona profundamente. É a alma dum verdadeiro crente, resignado, compassivo, amoravel, que se nos desvenda em cada página. Entretanto a sua obra permaneceu até hoje quase esquecida e ignorada ainda mesmo dos que tinham nos seus planos vantagem especialíssima em o conhecer. Em duas *Colectaneas* modernas consagradas a reunir ou fazer menção de tudo quanto em Portugal e em todas as épocas se imprimio em louvor da Virgem Maria (1) debalde se procurará o nome de Fr. Agostinho, de cuja pena, aliás, saíram tam soberbos cânticos (2).

E note-se que em ambos figura o nome de Diogo Bernardes, que, como se vê, não foi

---

(1) Cfr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto — *Parnaso Mariano,* 2.ª ed., Coimbra, 1890, 1 vol., XIII + 304 págs.; Manoel Anaquim, *Subsídios para a Bibliographia Marianna em Portugal — O Genio portuguez aos pés de Maria.* Lisboa, 1904, 1 vol, XIV + 306 págs.

(2) Basta vêr, para exemplo, só a *Canção de Nossa Senhora,* de pgs. 273:

> Virgem pura, escolhida, honesta, santa
> Humilde serva, mãe, esposa, filha.
> Etc.

E os lindos *Sonetos* de pgs. 186 à *Imaculada Conceição,* de pgs. 199 à *Assunção,* e o Poema em tercetos de pg. 233, etc.?

bastante para sugerir o do querido e talentoso irmão.

Acordará esta nossa publicação a hora da justiça que se deve ao solitário da Arrábida?

Desenha-se neste momento por todo o mundo a aspiração insaciavel duma vida mais pura, mais alta, com outro ideal àlém do circunscrito nos horizontes desta vida tam dolorosa de viver à hora atual.

A leitura das *Poesias,* que preenchem êste volume, leva-nos para muito longe das misérias terrenas. Sam versos que têem alma e fazem sonhar alcandorando-nos até onde se não sente o rugir da fera humana, como se nos fôsse dado mergulhar naquele indefinido descanso, a que tanto aspirou o autor que os escreveu com o seu grande espirito de Poeta e de Crente.

MENDES DOS REMEDIOS.

OBRAS

DE

FR. AGOSTINHO DA CRUZ

SONETO I.

A quem ler.

Os versos, que cantei importunado
Da mocidade cega a quem seguia,
Queimei (como vergonha me pedia)
Chorando, por haver tão mal cantado.

Se nestes não ficar tão desculpado
Quanto o mais alto estilo requeria,
Não me podem negar a melhoria
Da mudança, que fiz d'hum n'outro estado.

Que vai que sejam bem. ou mal aceitos?
Pois os não escrevi para louvores
Humanos, pelo menos perigosos,

Senão para plantar em frios peitos
Desejos de colher divinas flores
A' força de suspiros saudosos.

II.

Ao triste estado.

Passa por este valle a primavera,
As aves cantam, plantas enverdecem,
As flores pelo campo apparecem,
O mais alto do louro abraça a hera;

Abranda o mar; menor tributo espera
Dos rios, que mais brandamente descem,
Os dias mais fermosos amanhecem,
Não para mim, que sou quem dantes era.

Espanta-me o porvir, temo o passado;
A magoa choro d'hum, d'outro a lembrança,
Sem ter já que esperar, nem que perder.

Mal se póde mudar tão triste estado;
Pois para bem não póde haver mudança,
E para maior mal não póde ser.

III.

A' Lei de Deos.

Que cousa mais suave, doce, e branda,
Que nos liberte mais, que mais releve,
Que guardar huma Lei na vida breve,
D'hum Deos, que por amor amar nos manda?

Qual he o coração que não se abranda,
Duro que pedra mais, frio que neve?
Suave o jugo seu, a carga leve:
Pois ella pende toda á sua banda?

Inda que alma ditosa não lograra,
O que na guarda della está tão certo,
Com isso só ficava satisfeito:

Quanto mais com tão cedo ver tão clara
Aquella luz divina de tão perto,
Por quem he nada tudo o que se engeita!

IV.

Ás Chagas.

Divinas mãos, e pés, peito rasgado,
Chagas em brandas carnes imprimidas,
Meu Deos, que por salvar almas perdidas,
Por ellas quereis ser crucificado.

Outra fé, outro amor, outro cuidado,
Outras dôres ás vossas são devidas,
Outros corações limpos, outras vidas,
Outro querer no vosso transformado.

Em vós se encerrou toda a piedade,
Ficou no mundo só toda a crueza;
Por isso cada hum deu do que tinha:

Claros sinaes d'amor, ah saudade!
Minha consolação, minha firmeza,
Chagas de meu Senhor, redempção minha.

V.

A Nossa Senhora da Arrabida

Aqui, Senhora minha, onde soía
Cantar na minha leve mocidade
O muito que de vossa saudade
Desejei d'accender nesta alma fria:

Aqui torno outra vez, Virgem Maria,
Desenganado já, mais de verdade,
Pois me mostrou do mundo a falsidade,
Que a lagrimas comprei quem me vendia.

Conselham-me tão claros desenganos
Que comece de novo nova vida
Nesta Serra deserta, alta, e fragosa;

Mas são conselhos vãos, leves, humanos,
Que vós nunca quisestes ser servida,
Se não por puro amor, Virgem fermosa.

VI.

A S. João Baptista.

Daquelle, que não tinha inda pisado
A terra com seus pés, quando saltava
Nas entranhas da mãi, donde alcançava
O Senhor nas da Virgem encarcerado;

Daquelle de quem Deos foi baptizado,
Daquelle que era voz do que clamava,
Daquelle São João, que tanto amava
A Deos, e que de Deos foi tanto amado,

As graças infinitas, os favores,
As forças que lhe deu divino amor,
As novas liberdades, os podêres,

Mal as podem dizer os peccadores;
Basta, que delle só diz o Senhor:
« Que não nasceu maior d'antre as mulheres. »

VII.

Ao mesmo Santo.

Nas entranhas da mãi alumiado
Da luz, que nas da Virgem dentro via,
Sentio João quamanho bem seria
Trocar pelo deserto o povoado.

Delle fugindo vai todo abrazado
Do fogo, que em seu peito arder sentia,
Mais quer de animaes brutos companhia,
Que ser de gente humana acompanhado.

A troca foi ditosa em tenra idade,
A solitaria vida he mais segura,
Que do mundo cruel a falsidade.

Nas pedras do deserto achou brandura,
Nas serpentes da serra piedade,
E nas pelles das féras cobertura.

VIII.

A S. João Evangelista.

Na derradeira Cêa do Senhor,
João, ceando todos, só dormia
Sobo-lo peito, donde elle sabia
Que não sabia cousa outra melhor.

Naquelle somno achou outro sabor
Mais suave que quanto se comia,
Que em fim he differente iguaria
O repouso de seu divino amor.

A dormir se lançou no fogo puro,
Ardendo repousou no meio delle,
Como quem tudo o mais tinha seguro.

João Evangelista foi aquelle,
A quem disse o Senhor do Lenho duro
A' Virgem: — que seu filho era aquelle!

IX.

Á Cruz.

Em ti, suave Cruz, inda que dura
Por ver sangue innocente derramado,
Pregados pés, e mãos, aberto o Lado,
Donde minha esperança se pendura;

Em ti de piedade, e de brandura
Doce penhor do penitente errado,
Em ti Christo Jesus dependurado
A salvação do mundo dependura;

Em ti se consumou toda crueza,
Que em corações humanos se accendia
Contra todas as leis da natureza.

Mas em si se tornou, em alegria
Da nossa redempção, toda a tristeza;
Oh Cruz defensão nossa, nossa guia.

X.

Á mesma.

Oh Cruz, que no Calvario sustentaste
Os membros de que foste sustentada,
Quando, pisados elles, tu pesada
Antes de lá chegar desconjuntaste.

Como sendo instrumento que mataste
Por mãos de gente cega, gente errada,
Não sómente ficaste desculpada,
Mas ainda da culpa triunfaste.

Se tu representaras tão sómente
A salvação do mundo resgatada
Sem sangue do Cordeiro paciente;

Vira-me, com te ver, mais consolado,
Porque parara em ver meu bem presente,
Sem ver nelle meu mal representado.

XI.

A Santa Clara.

Oh Clara, que tão clara resplandeces,
Nos olhos da divina claridade;
Clara que desterrastes a vaidade
Das vidas, que na vida favoreces:

Ás palmas cujas flores offereces
Áquelle, que na flor da tua idade
Guiou para si só tua vontade,
Te dem quantos louvores tu mereces.

Ellas a quem na terra tu mostraste
A via, que escolheste mais segura,
He justo, que te louvem, eu que tema.

Oh Clara que tão cedo contemplaste
Segredos da divina fermosura,
Clara, que das mais claras foste a gema!

XII.

A Deos.

Que lugar acharei no pensamento
Tão aspero, medonho, triste, escuro,
Onde, meu Redemptor, estê seguro
De mais vos offender hum só momento?

Não digo pelo meu contentamento,
Que brando me faria outro mais duro;
Mas por não ser ingrato a amor tão puro,
Que morreu por me dar merecimento.

Como vos servirei, pois vos não amo?
Como vos amarei, pois vos offendo,
E sempre cada vez mais gravemente?

Nestes frios suspiros que derramo
Sem servir, sem amar, Senhor, entendo
Que não ha poder ser viver contente.

XIII.

Da Oração.

Doce quietação de quem vos ama
Em serviços, Senhor, que tanto quanto
Amado sois, tão longe o fim de tanto,
Subindo mais, e mais, mais se derrama:

Ardendo por arder em viva chamma
D'amor do vosso amor, a voz levanto;
Sinto, suspiro, choro, colho, e planto
Ao som doutra suave que me chama.

Onde se vai, Senhor, quem vos offende?
Donde levais, Deos meu, a quem vos segue?
Onde fugir se póde huma de duas?

Morto por quem o mata que pretende,
Ou que extremos d'amor ha que nos negue
Quem culpas nossas chama offensas suas?

XIV.

A Jesus Crucificado.

Perdoai-me, Senhor, que se faltara
Pôr os olhos em Vós crucificado,
O menos que de muito tenho errado,
Noutros maiores erros me lançara.

Triste quanto perdi, e quanto achara
Inda assim de desculpas carregado,
Se por onde Vós tendes caminhado
Guiada esta alma minha caminhara.

Culpado fui primeiro que nascido;
Engeitei a razão pela vontade;
Amiga do meu mal, do bem imiga.

Meu Deos por mim á Cruz offerecido,
Alembrai-vos da vossa piedade
Tão larga em perdoar, e tão antiga.

XV.

Á Magdalena.

Tal luz á Magdalena alumiava
(Fermosa desd'antão, dantes tão feia)
Que não lhe pareceu ser casa alheia
Aquella, onde o Senhor de tudo estava.

E como quem por tal o confessava,
Não teme, não duvida, não receia
Mostrar sinaes de dôr, de que alma chea
Tão longe, de tão perto suspirava.

Na terra jaz lançada, está regando
Com lagrimas as plantas do Senhor,
A cuja sombra colhe doce fruito.

Muito lhe perdoou, porque amou muito;
E muito mais lhe deu depois, que amor
Em lagrimas de dôr se foi banhando.

XVI.

Á mesma.

Diante do Senhor está lançada
A Magdalena triste, e vergonhosa,
Qual na força do sol vermelha rosa
Dos seus ardentes raios transpassada.

A nova, e grave dôr lhe tem roubada
(Sinal do que padece) a voz queixosa;
Lembra-lhe que passou tão perigosa
Vida, da vida sua descuidada.

Os pés que dos seus passos foram guia
Em lagrimas banhados alimpava
Com os cabellos de que se cubria.

Alli do Redemptor, a quem buscava,
Encaminhada foi; porque queria
Que amasse muito mais; que tanto amava!

XVII.

Á mesma indo ao Sepulcro.

Depois que não achou na sepultura
Seu Senhor a fermosa Magdalena,
Os seus longos cabellos desordena,
Vingando-se na sua fermosura.

— Ingrata fui, Senhor, fui cega, e dura,
(Dizia) minha culpa me condena,
Que se temia dôr, tormento, ou pena,
Em que parte estivera mais segura?

Se donde vos deixei não me apartara,
Não me roubara assi, quem me roubou:
Tantas forças amor dar-me podia!

Porque me fui daqui? que mais queria
Que matar-me, Senhor, quem vos matou?
Póde ser que comvosco me levara...

XVIII.

Á mudança da vida.

Tempo foi que pastava neste prado
Bem fóra de cuidar que poderia
Tornar a ver me nelle inda algum dia,
De tantos mil cuidados descuidado.

O Senhor, que me trouxe a tal estado,
Quando castigos graves merecia,
Dando-me muito mais do que pedia,
Para sempre já mais seja louvado!

Estas agoas correntes, estas flores,
Estes bosques cobertos de verdura,
Os passarinhos nelles escondidos,

Aqui lhe dem comigo mil louvores,
Sem fim o louve toda a creatura,
Não sintam outra cousa meus sentidos.

XIX.

Á noite de Natal.

Era noite de inverno longa, e fria,
Cobria-se de neve o verde prado;
O rio se detinha congelado,
Mudava a folha a côr, que ter soía

Quando nas palhas de huma estrebaria,
Entre dous animaes brutos lançado,
Sem ter outro lugar no povoado
O Minino Jesus pobre jazia.

— Meu filho, meu Amor, porque quereis
(Dizia sua Mãi) nesta aspereza
Accrescentar-me as dôres, que passais?

Aqui nestes meus braços estareis;
Que se vos fórça amor soffrer crueza,
O meu não póde agora soffrer mais.

XX.

Ao mesmo.

Que saudade d'alma, e que brandura,
Virgem Senhora minha, se vos deve
Em tempo que parís ó vento, á neve,
O Creador de toda a creatura!

No feno, que ficou na terra dura,
Pisado de animaes, lançado esteve
O Minino Jesus, ah! que não teve
Casa, berço, lugar, nem cobertura!

Não sou Rei, nem Pastor, que me appareça
Estrella que me guie, Anjo que chame,
Por isso a Vós não vou, de mim não parto:

E não tenho cordeiros que offereça,
Ouro, incenso, mirra, amor que inflamme,
Com que vos visitar, Virgem no parto!

XXI.

A Santo Antonio.

Que louvores direi do nosso Santo
Antonio, pelo mundo tão louvado,
Que seja seu louvor todo igualado
Com seu merecimento tal, e tanto?

Por mais livre voar de tudo, quanto
Na terra tinha já renunciado,
Depois da patria sua ter trocado,
Com S. Francisco quis trocar o manto.

Assi mais docemente assegurando
Com trocas tão ditosas, tão suaves,
Amor, que por amor quer que te deixes,

Os passos vás na terra conformando
Com Francisco, que nella préga ás aves,
Antonio, o que no mar prégas aos peixes.

XXII.

A Nossa Senhora da Arrabida.

Oh Virgem Mãi de Deos, Senhora minha,
A quem me soccorri, por quem chamava,
A quem servir minha alma desejava
Nesta Serra do Ceo vossa vizinha.

Tornar-me á saudade que me vinha,
Quando mais docemente contemplava,
Como com favor vosso caminhava,
Daqui donde mais livre se caminha.

Esta terceira vez que determino
(Se Vós assim tambem determinais)
Sem mudança fazer a sepultura,

Mostrai-vos liberal de amor divino,
Arça neste meu peito tanto mais,
Quanto mais vos dotou de fermosura.

XXIII.

A nosso Padre S. Francisco.

Serafico Francisco, assinalado
Naquellas cinco partes, donde estava
Amor, quando por si se trasladava
Para mostrar em ti o seu traslado:

Assi como na Cruz fôra pregado,
Assi consigo mesmo te pregava:
Das chagas de que nella se chagava,
Dessas mesmas te deixa a ti chagado.

Que seguro te deu de gloria sua,
Sellado com seu sello, impresso, escrito
Vivendo na vencida carne tua!

Vencida então conforme a teu esprito,
Que nú se apartou della em terra núa,
Qual o Senhor da Cruz em ti bemdito.

XXIV.

Á saudade de hum rio.

Que coração tão duro, secco, e frio
Se poderá livrar do sentimento,
Vendo com vagaroso movimento
Fugir as claras agoas deste rio?

Tamanho mal em tantos males crio,
Que não fica logar ao pensamento
Para chorar sequer hum só momento
A seccura, e dureza, em que me esfrio.

A corrente das agoas branda, ou tesa,
Mal póde desfazer minha seccura,
Póde mal abrandar minha dureza;

A saudade d'alma branda, e pura,
Em que se ha de accender minha frieza,
Consiste na divina fermosura.

XXV.

Da Serra da Arrabida.

Do meio desta Serra derramando
A saudosa vista nas salgadas
Agoas humildes, quando e quando inchadas,
Conforme a qual o tempo vai soprando,

Estou comigo só considerando,
Donde foram parar cousas passadas,
E donde irão presentes mal fundadas,
Que pelos mesmos passos vam passando.

Oh! qual se representa nesta parte
Aquella derradeira hora da vida
Tão devida, tão certa, e tão incerta!

Em quantas tristes partes se reparte,
Dentro nest'alma minha entristecida,
A dôr, que em taes extremos me desperta!

XXVI.

A seu irmão Diogo Bernardes.

Do Lyma, donde vim já despedido,
Cavar cá nesta Serra a sepultura,
Não sinto que louvar possa brandura,
Sem me sentir turbar do meu sentido.

A laã de que me vem andar vestido,
Torcendo em varias partes a costura,
Os pés que nús se dam á pedra dura,
Nem me deixam ouvir, nem ser ouvido.

O povo cujo applauso recebeste,
Vendo teu brando Lyma dedicado
A Principe Real, claro, excellente,

Louvará muito mais quanto escreveste.
De mim, meu caro irmão, menos louvado,
Louva comigo a Deos eternamente.

ECLOGAS.

ECLOGA I.

Á sua conversão.

Lançou-se Limabeu antre huns penedos
Donde via correr hum claro rio,
Acostumado a ouvir os seus segredos.

Com os olhos num bosque alto, sombrio,
A quem a primavera já pagava
A perda que lhe fez o tempo frio.

— Aquillo (começou) que vos contava,
Plantas, agoas, penedos, foi engano;
Já me desenganou quem me enganava.

Mais foi a perda sua que meu damno,
Mas (como dizem) tudo tempo cura,
Pois o que perde o mês, não perde o anno.

Engeita-se no campo a fermosura
Do lirio já colhido, que não cheira:
Mais ha de ter o bosque que verdura!

Inda mal! pois não foi esta a primeira
(Como devera ser) que me levara,
Donde não vira mais esta ribeira.

Não falta nos desertos agoa clara,
A lapa que da calma me defende,
Se ventar, ou chover, tambem me ampara.

Alli tem liberdade, alli se estende
O pastor solitario com seu gado;
Não se offende d'alguem, ninguem offende.

Não tenho que fazer no povoado;
A razão me conselha que me guarde,
Eu não me atrevo nelle andar guardado.

Se escutar sempre quem me diz, que aguarde,
Nunca já buscarei, a quem me espera;
E pior me será nunca, que tarde.

Ainda que mais males não tivera,
Quem bens na terra tem, que ser cativo
Delles, por isso só fugir devera.

Após dum gosto falso, fugitivo,
Leve, de noite vou, cego, ás escuras,
Sem me lembrar que para morrer vivo.

Quebraram-se, meu Deos, as pedras duras;
Mostrou o sol e lua sentimento;
E não vossas humanas creaturas!

Eu só, meu Redemptor, vos atormento!
Eu fiz os vossos cravos, cruz, e lança,
Por obra, por palavra, e pensamento...

E Vós encheis minh'alma de esperança
Com tão claros sinais de piedade,
Que quasi já não sei temer vingança.

Longe está de sentir suavidade
Divina, cá na terra, quem não nega
Pela vossa, Deos meu, sua vontade.

A alma, que em vossas mãos presa se entrega
Não tem de que temer, nada recêa,
A névoa deste mundo não na cega.

Nas lagrimas de dôr, em que semêa,
Colhe suave fruito de alegria,
Saudoso da sua em terra alhêa.

Se aquelles a quem guerra não fazia
Nenhum dos nossos móres tres imigos,
Porque a serpente então pouco podia:

(Fallo daquelles nossos pais antigos,
Que não lograram inda hum dia inteiro,
Quando livres estavam de perigos),

Que farei eu de sua culpa herdeiro,
Com tantas sobre tantas nesta vida,
Antes mais propriamente cativeiro?

Em peccados, Senhor, foi concebida,
Em peccados minh'alma foi creada,
De peccados tão mal arrependida!

Mas pois no vosso sangue foi lavada
(Força de poderoso amor divino!)
He justo que em Vós viva confiada.

Viestes amostrar ao peregrino
O caminho da sua natureza;
Querer ir lá por outro he desatino.

A carga que causou minha fraqueza
Os passos me detem, faz-me que deça,
E quanto deço mais tanto mais pésa.

Não vos peço, Senhor, porque mereça
Graça para ficar antre esta Serra,
Mas porque Vós quereis que vo la peça.

Aqui não temerei a cruel guerra;
Daqui verei no Ceo fermosas côres;
Assi me esquecerão cousas da terra.

Não colhem sem suar os lavradores;
Não nasce sem morrer primeiro o trigo:
Os mimosos não são para pastores.

O vigiar escusa de perigo,
O padecer levou muitos á gloria,
Desenganado emfim estou comigo,
Que sem guerra não póde haver victoria.

ECLOGA II

Mincio, e Flavio.

No anno do Noviciado.

Mincio.

Trazes mudada a côr, mudado o rosto,
O coração não sei se anda mudado?

Flavio.

Eu, Mincio, não nasci para ter gosto.

Mincio.

Folgo de te ver já desenganado.
Ninguem me ha de tirar de meu juizo:
No mundo ninguem vive consolado.

Huma hora vejo pranto, outra hora riso,
E muito menos riso do que pranto,
Emfim rir se de tudo será siso.

Que me dá a mim, que nunca tenha quanto
Eu desejo de ter, pois que te vejo
Tão triste com te ver ter outro tanto?

Depois que vim pastar junto do Tejo,
E vi que tanto gado não bastava
Para matar a fome do desejo,

Antes cada vez mais se accrescentava,
Disse comigo: — Mincio, aqui não soa
O som, a que dançar eu esperava.

Cousa não tenho vista má, nem boa,
De que possa tirar honra, ou proveito,
Mas convém que homem faça de pessoa.

O bem, só por ser bem, sem mais respeito
Consola a quem o faz; nunca verias
Que podésse ser máo o ter bem feito.

Lembra-te quantas vezes me dizias,
Que se de teu tivesses, alguma hora,
Hum pedaço de pão, que te ririas

De tudo quanto visses? pois agora
Que tens ainda mais do que sonhaste,
Como teu coração suspira, e chora?

Flavio.

Dize-me tu primeiro, se acabaste
De fallar tantas cousas escusadas?

Mincio.

De fallar as verdades te aggravaste?

Flavio.

Verdades de que servem declaradas
A quem magoas presentes entristecem
Na lembrança de tantas mal lembradas?

Que se por estes campos nos falecem
Verdes hervas, e claras agoas, frias,
Peccados nossos muito mais merecem.

Acabaram-se as nossas alegrias,
Secaram-se os altivos pensamentos;
Quantas mudanças em tão poucos dias!

Deixaram de ventar aquelles ventos,
Em cuja furia tantos tinham póstos
Os seus (já derribados) fundamentos.

Mas para que he sentir faltarem gostos,
A quem de mim zombava, se me ouvia,
De quão falsa materia eram compostos?

Inda mal porque vemos cada dia
Desejos similhantes doutros tantos,
A quem o mesmo vento cega, e guia.

Mas pois nós não podemos curar quantos
Erros o mundo tem, será melhor
Deixarmos tudo a Deos, ou aos seus Santos.

Quero-te dar razão do rosto, e côr
Mudados, que me viste, quando vinha,
Sinais de coração cheio de dôr.

Bem sabes que na vida mais não tinha
Para me consolar que hum só amigo,
Tão verdadeiro amigo d'alma minha.

Este depois que não pôde comsigo
Levar-me, por meu mal tão mal sentido,
Fugindo foi de mim como de imigo.

Disseram-me que estava cá mettido
Junto do mar Oceano numa serra,
Dum novo, não sei qual, amor ferido.

Por elle só deixou quanto na terra
Tinha, com tudo o mais que ter pudera,
Por elle anda comsigo em cruel guerra.

Se não chegara a vê-lo, não o crêra!
Quasi mudou de todo a natureza,
Que não he Limabeu, mas ferro, e cêra.

Nunca se imaginou tal aspereza,
Não digo dos penedos do deserto,
Mas da fome, do frio, e da pobreza.

Dos pés até á cabeça anda coberto
De laã de alheas cabras, remendado
De mil cores, sem ordem, sem concerto.

Traz huma corda grossa, a que anda atado
Pelo meio, descalço, sem mais nada;
Sem bolsa, sem surrão, e sem cajado.

Barba, e cabeça traz toda rapada.
Qualquer cousa que quebra, fende, ou fura,
No seu pescoço a leva pendurada.

Os pés se por compasso pôr não cura,
Quer gretados do frio, quer doentes,
Tambem nelles lhe põem huma atadura.

Não póde responder aos mal dizentes,
Nem dar razão de si, que se boqueja
Atravessado leva hum pao nos dentes.

Os olhos se alevanta, ou pestaneja,
Nem inda para quem falla com elle,
Hum panno lhe põem nelles que não veja.

Hum principal de seis nas costas delle
De tal maneira faz soar as varas,
Que não lhe queiras tu jazer na pelle.

Emfim se de me ouvir não te enfadaras,
Contara tanto mais do soffrimento,
Com que tudo padece, que pasmaras.

Porque não fica dôr, pena, ou tormento,
De cruel invenção, qualquer maneira.
Que deixe de soffrer hum só momento.

Debaixo de hum penedo na ladeira
Do monte todos tem cada hum seu ninho;
Mas o triste sempre anda na carreira.

Mincio.

Basta, não digas mais: esse caminho
Bem sei adonde vai, e donde para:
O bom de Limabeu he Capuchinho.

Ah! Limabeu, Limabeu! quem cuidara,
Que do meio de tantas vaidades.
O Senhor para si só te chamara!

Quantas vezes as nossas novidades
Se perdem, como claramente vemos:
Que não quer Deos que chova nas herdades!

A culpa disso, todos nós sabemos,
Que não a tem os bois, mas quem semêa.
E por ventura os mais dos que colhemos.

Não ha pastor tão nescio que não crêa
Que nascemos, aqui neste degredo,
Desterrados da nossa em terra alhêa.

E quem viver debaixo do penedo
Como Limabeu vive, he mais seguro;
Pois tudo ha de acabar ou tarde, ou cedo.

Mas se bens da minha alma não procuro,
Porque quero andar eu como morcego,
Que sempre anda a buscar o mais escuro?

Por não ver o melhor me faço cego,
E por mais me cegar me faço mudo,
E quando não, mil sem razões allego.

Que barbaro cruel se vio tão rudo,
Que deixe de entender que não acerta
Em querer dar lançada em seu escudo?

Creou nosso Senhor alma liberta,
Conforme as nossas forças nos obriga;
Que para todos tem a porta aberta.

Flavio.

Queres, amigo Mincio, que te diga,
De meu fraco saber o que comprendo?
A carne sempre da alma foi imiga.

Eu não quero fazer segundo entendo,
Que para me salvar mais me releva;
Assi me vou matando, assi perdendo.

Mincio.

He verdade o que dizes, mas quem leva
Limabeu dantre nós, inflamma, accende,
Que no divino amor todo se enleva?

Quem lhe faz tanta força, quem o rende?
Quem o rege, e governa? quem o ensina,
Quem o sustenta cá, quem o defende?

Quem tal mudança fez tão repentina
Dos seus, do seu, de si, de toda a vida?
Quem de cousa mundana fez divina?

Flavio.

Inda agora ha pastor que isso duvida?
Não sabes que o Senhor a todos chama,
Todos quer para si, todos convida?

Por todos todo seu sangue derrama,
Pregado numa cruz? mas justamente
Alcança delle mais quem o mais ama,

E por isso na paga he differente;
Que não acha capaz o preguiçoso
Das graças, que merece o diligente.

Mas se mais algum pouco vagaroso
O seu dourado carro governara
O filho de Latona o mais fermoso,

Que versos tão suaves te cantara,
D'alguns que Limabeu agora canta,
Inda que minha voz pouco soara!

Mincio.

Antes elle não leva pressa tanta,
Se não para que soltes mais depressa
A tua doce voz dessa garganta.

Inda que não tivera n'alma impressa
A força da divina saudade;
Bastara quanto nisso se interessa.

Flavio.

Mandas-me? negarei minha vontade?

Meu Deos, que cousa póde ser tão forte,
Que genero de morte, que tormento,
Que dôr, que sentimento, que tristeza,
Que pena, ou que aspereza em toda a vida,
Que numa alma ferida de verdade
Da vossa saudade, causa espanto?
Que não digo, por quanto nisso alcança;
Pois numa só lembrança, inda que breve,
A muito mais se atreve, mais deseja;
Mas porque se despeja tanto mais
No muito que lhe dais do vosso muito,
Que contemplando o fruito, do que espera
Na doce primavera colhe flores
De tão diversas côres tão fermosas.
Que lirios, e que rosas de contino
Semêa amor divino nesta serra,
Onde tanto se encerra, e se derrama!
Amor accende, inflama, amor tem tudo
Setta, lança, escudo; dá vida, e mata,
Cativa, desbarata, solta, e prende.
Amor livra, e defende, planta, e rega;
Amor fréta, e navega, amor segura;
Amor cria brandura na dureza,
E converte a tristeza em alegria;
A noite escura em dia fresco, e claro.
Amor he meu amparo, e meu descanso;

Amor he brando, e manso, piedoso,
Suave, e saudoso, doce, e puro
Forte, firme, e seguro, verdadeiro.
Amor pôs num madeiro meu Senhor,
Trespassado de dôr, aberto o lado;
De mãos e pés pregado: ai! e quão tarde
Senti de amor, que amor por amor arde!

Mincio.

Quão differentes versos chora, e canta
Quem dos suspiros d'alma anda colhendo
Quanto divino amor semêa, e planta?

Flavio.

A sombra dos outeiros vai decendo,
O fumo das aldeas vai subindo,
Quero-me ir com meu gado recolhendo.

Mincio.

Antes isso te vai persuadindo,
Que fiques esta noite aqui comigo.
Irte-has pela manhã, o sol sahindo.

Temos do leite, e nata, e do pão trigo,
Castanhas, e maçans, e mais da boa
Vontade, de que sei que ės mais amigo.

Flavio.

Não gasto tempo em vão, Mincio, perdoa,
Que nunca faltará boa vontade;
Se não faltar, então basta da broa,
Não ha manjar melhor que liberdade.

Sem ver, nem conversar mais que penedos,
Que só amigos da minha saudade
São firmes, e são mudos, não são tredos.

Não te respondo mais, fica-te embora!

ECLOGA III.

Silvestre, e Rodrigo.

Silvestre.

Mais cedo te buscara, se não fôra
Este gado que guardo da Madrasta,
A quem querem que falle por senhora.

Seu avô lho sonhou, pois lhe não basta
Deixar-lhe minha mãi a casa chea,
Se não inda com seus filhos se agasta.

Porém se m'ella a mim muito esquerdea,
Póde ser que lhe faça huma, e boa,
Que tenha que fallar a nossa aldea.

Arrenega, Rodrigo, da pessoa,
Que primeiro que deça com cajado,
Ha de buscar a parte que mais doa.

Rodrigo.

E com'ora já tenho arrenegado!
Mas que lhe hei de fazer, pois a ventura
Tambem me fez pastor de alheo gado.

Aquelle que mais serve, e mais atura,
Pagam-lhe só, depois de ser desfeito,
Com lhe dizer que foi sua feitura.

Na requia esteja a alma de Bieito,
Que fugio de pastar junto do Tejo,
Que era homem que queria andar direito.

Levem comsigo á cova o seu sobejo,
Cubice quem quiser suas valias,
Que nunca mas Deos dê, se lhas desejo.

Não faltam cá no monte as agoas frias,
Verdes hervas por donde nos lancemos,
Quer venham, quer se vão, noites, e dias.

Silvestre.

Se quiseres, Rodrigo, que deixemos
De querer governar vidas alheas,
Huns versos, que hontem fiz, aqui cantemos.

Rodrigo.

Ainda tu de amores não receas
Cantar versos ao som do leve vento?
Quão pouco colherás do que semeas!

Silvestre.

Não sei qual he tamanho atrevimento,
A quem eu não descubro meu segredo,
Qu' adivinhar s'atreva o pensamento?

Quantas vezes mostrei meu rosto ledo,
Quando meu coração triste chorava?
E quantas me movi estando quedo?

Mas se queres ouvir o que cantava,
Antes que deste valle nos partamos,
Dirás, quão mal, Silvestre, te julgava.

Eu quero-me esconder antre estes ramos
E tu dalli de trás daquelle freixo
Verás se nos amores concordamos.

Rodrigo.

Ora escuta bem de que me queixo:
Se tanto vos offendo n'um só ponto,
Poderoso Senhor, de toda a vida,
Que conta vos darei, pois não tem conto!

Que conta, ou que peso, que medida?
Inda que menos dias mal gastara
Que pena ás minhas culpas he devida?

Silvestre.

Que pena ou que dôr me atormentara,
Se nunca Deos de mim fora offendido,
Quanto pouco temera, e quanto amara!

Rodrigo.

Quão pouco custa andar offerecido
A soffrer sem razões, fomes, e frios,
A quem d'amor divino anda ferido?

Silvestre.

A quem bosques nos deu verdes, sombrios,
Louvores infinitos sejam dados
Dos brutos animaes, peixes dos rios.

Rodrigo.

Dos brutos, e das féras, e dos prados
Aprendamos a dar a Deos louvores,
Pois elles para nós foram creados.

Silvestre.

Pois elle cria fruito, cria flores
Nos montes, e nos valles, nas montanhas,
Donde nunca se encurvam lavradores.

Rodrigo.

Donde todo pastor veja quamanhas
Cousas nos ha de dar em nossas terras,
Quando tantas nos dá cá nas estranhas.

Silvestre.

Quando paz acharei em tantas guerras
Em quantas não sei que me desafia
Ainda com viver antre estas serras?

Rodrigo.

Ainda me importuna, inda porfia
Comigo hum não sei que, que nunca cansa:
Ora rosna, ora ladra, ora se invia.

Silvestre.

Ora me fere a setta, outr'ora a lança;
Cansado vivo já de defender-me;
Mas ai que de ferir-me nunca cansa!

Rodrigo.

Não posso, meu Senhor, nem sei valer-me;
Peço-vos por quem sois que me ajudeis,
Pois sem vós está certo em mim perder-me.

Silvestre.

Meu Deos, e meu Senhor, não me julgueis
Segundo vos merecem meus peccados
Abaste que por elles padeceis.

Rodrigo.

Quantos pastores andam mal julgados
Aqui por estes montes? quem cuidara
Que tinhas tu, Silvestre, estes cuidados?
Prouvera a Deos que o dia mais durara,
Ou que estivera mais perto a malhada,
Que esta noite comtigo aqui ficara.

Silvestre.

Não falta (a Deos louvores) na pousada,
De que fazer a cêa com bom rosto.
Nelle, e nella te nunca faltou nada:
— Outro dia será mais a teu gosto.

ECLOGA IV

Em que se queixa de hum amigo.

Limabeu, e Mincio.

Mincio.

Se tu para tão longe te partias,
Porque razão (sequer) fica-te embora,
Oh Mincio, que me vou, não me dizias?

Quanto mais acertado, e melhor fôra
Soffrer, e não mudar o pasto antigo,
Por não t'arrependeres algum dia.

Se cuidas que fugindo d'hum perigo,
Noutra parte estarás doutro seguro,
Não te deixes levar a ti comtigo,

Que nunca foi sinal d'homem maduro
Dar com sua cabeça no penedo,
Para depois julgar se he mole ou duro.

De que me serve ser triste nem ledo,
Ter mais leite, mais lãa, melhor cabana,
Se tudo ha de acabar ou tarde, ou cedo?

Eu não sei que te cega, que te engana,
Limabeu; pois te move qualquer vento,
Assi como se fôsses leve cana.

Companheiro te fui no sentimento,
Nunca me vistes rir, quando choravas;
Menos chorar no teu contentamento.

Com igual amor tu o meu pagavas,
Isso me fez sentir não te lembrar,
Que te partias donde me deixavas.

Mas comtudo não deixo duvidar
Que nunca da ribeira te partiste,
Sem algum bicho grande te ladrar.

Conta-me, Limabeu, de que fugiste?
Quem aos olhos te tem atravessado,
Que bem se vê nos teus quanto sentiste?

Limabeu.

Que queres que te conte hum magoado
Da setta, que atirou aquelle braço,
Do qual elle devera ser guardado?

Passara hum coração que fôra d'aço,
Quanto mais este meu, que de brandura
E de amor puro nunca foi escasso!

Costumava queixar-me de ventura
Em qualquer outro mal; mas no presente,
Não ha senão morrer de magoa pura.

O que sinto daqui principalmente
He ver que me faltou agoa num rio
Tão claro (ao parecer) alto, e corrente.

Quero morrer de fome, calma, e frio
Nesta Serra deserta, onde não vejo
Quem cuida mal de mim, se zombo, ou rio.

Não faço força nisto ao meu desejo,
Por ver que se secaram quantas flores
Com lagrimas reguei junto do Tejo.

As ribeiras não são para pastores,
Cujas palavras mostram as entranhas,
Cujos olhos não vem fingidas côres.

Mal podera fugir de tantas manhas,
De tanto riso leve, contrafeito.
Se não viera dar nestas montanhas.

Eu não posso entender porque respeito
Me querem magoar; mas o que entendo,
He que me fazem mal sem ter mal feito.

Cabras suas guardei, não me arrependo,
Assaz vingado estou; porque bem sei,
Quanto com me perder ficam perdendo.

Aquelle de quem mais me confiei,
Aquelle por quem mais me desvelava,
A coima, que não fiz, fez que paguei.

Bem mal me pareceu, mal suspeitava,
Que podesse caber em peito humano
Cousa, que nem por sonhos me lembrava.

Ou fôsse por malicia, ou por engano,
Ou por se descuidar de ser christão,
A mim me quís ferir, a si fez damno.

Matou Caín Abel, seu proprio irmão;
José d'onze que tinha foi vendido,
Naboc' apedrejado de ambição.

Foi Job de seus amigos affligido
Quando mais consolado ser devera,
Eu dos meus accusado, e perseguido.

Quantas voltas o triste Mincio dera
Com suas proprias mãos á sua orelha,
Se de falsos amigos não temera?

O mesmo nosso Deos nos aconselha
Doendo-se de nós, que nos guardemos
Do lobo, que vestir pelle d'ovelha.

Limabeu.

E como conhecer, Mincio, podemos
Que possam ser crueis lobos aquelles,
Que com pelles de ovelhas brandas vemos?

Mincio.

Como? diz o Senhor, — do fruito delles:
Dá má planta máo fruito, bom dá boa:
As obras mostram, cujas são as pelles.

Limabeu.

Nosso Senhor te livre da pessoa,
Que por fazer dançar mais a teu gosto
O seu proprio arrabil desencordoa.

Mincio.

Se tu me has de contar o teu desgosto
(Como deves de crêr que to mereço)
Vai-se fazendo tarde, o sol he posto.

Limabeu.

Ando fóra de mim, pasmo, esmoreço
Em cuidar, que não posso consolar-me
Com te contar os males, que padeço.

O que posso fazer será queixar-me
Na minha rouca voz. triste, confusa:
Tempo virá que possa declarar-me.

Mincio.

Ora começa já, não dês escusa.

Limabeu.

Verdes campos do Tejo, claras agoas,
Se para chorar mágoas me lembrais,
Quanto sentirei mais neste meu peito
Hum tamanho defeito de hum amigo,
Que pastava comigo tão seguro!
Triste de mim! quão puro se mostrava!
Mai ai! quão longe estava da pureza,
Que a minha natureza merecia!
Se mal lhe parecia, bem podera
Dizer-me, que não era gosto seu
Pascer o gado meu pela ribeira,
Donde não ha silveira, em que se fira.
E quando me não vira sepultar,
Para nunca tornar a povoado,
Então de mim, do gado se vingara,
E não me difamara com pastores,
Que não conhecem flores penduradas
D'amizades fundadas nas divinas.
Tanto podem malinas creaturas,
Que por fazer escuras as estrellas,
Dizem que falta nellas claridade!
Pouco val a verdade dos pequenos!
Tudo nelles val menos; a cubiça
Em lugar da Justiça reina agora.
Ah! quanto melhor fôra padecer
Mil mortes, que não ver nossos vizinhos
Por tão tortos caminhos possuir,
Roubar, e destruir honras, e vidas!
Assaz de destruidas nos ficaram
Nos poucos que escaparam dos imigos.
Quantos feitos antigos, que façanhas
Por terras tão estranhas semeadas
Vemos já sepultadas pelas mãos
Dos filhos, dos irmãos, em tempo breve!
Assim paga quem deve! justa pena
De seu peccado ordena, quem deseja
Que seu proximo seja perseguido,

Desprezado, abatido injustamente!
Este mal não se sente, chora, e geme,
De quem a Deos não teme; assi vai tudo!
Quem fôsse cego, e mudo que não visse,
Muito menos sentisse, quanto entende!
Do pouco que me rende meu juizo
Julgo por grande aviso sepultar-me
Aqui, donde buscar-me ninguem venha.
Não falta aqui da lenha para o frio,
Agoa clara no rio alto, e suave,
Que beba, em que me lave, contemplando
Como se move brando n'uma parte,
E noutra se reparte furioso,
Tornando vagaroso para cima.
Como murmura, e lima a pedra dura,
E como se pendura o ramo verde;
Como seus raios perde antes da tarde
O sol, quando mais arde d'outra banda.
Por antre a folha branda o passarinho
O seu redondo ninho anda escondendo,
Mil mudanças fazendo com seu canto,
A cujo som levanto meu esprito,
Choro, suspiro, e grito: Meu Senhor,
Que morre por amor de quem o mata!
Ah! gente dura, ingrata, gente cega.
Que prende, accusa, e préga n'um madeiro
Hum tão manso Cordeiro, antre ladrões!
Ah! crueis corações! crueza minha!
Adonde triste tinha o pensamento
Qual outro sentimento, quaes aggravos
Se não Coroa, e Cravos, Lança, e Cruz,
Vossa morte, e paixão, doce Jesus.

Mincio.

Quantas mercês recebes do Senhor!

Limabeu.

Ainda muitas mais do que imaginas.

Mincio.

Que posso imaginar do seu amor,

Se não que rosas são antre as boninas
As injustas cruezas dos mortaes,
Para mais apurar graças divinas?

Não vemos nós nos seus outros sinaes
Mais claros, mais seguros, nem mais certos,
Para de cada vez arderem mais?

Caminhos são do Ceo na terra abertos,
Por onde mais seguro hum pastor anda,
Sem se mover daqui destes desertos.

Limabeu.

Nós temos de passar esta agoa branda
Lá por cima d'um tronco d'um salgueiro,
Que desta s'encurvou áquella banda:

Vamos cantando ao som deste ribeiro,
Quanto lastíma, e fere hum peito ingrato;
E como acaba em fim por derradeiro,
Cabras, pasto, pastor, cabana, e fato.

ECLOGA V.

Do tempo que trouxe hum a Religião.

Gualbano, e Laurino.

Gualbano.

Que buscas por aqui por esta Serra,
Que, segundo o que julgo, vás errado?

Laurino.

Antes quem cedo julga ás vezes erra.

Gualbano.

Perdoa-me se tenho mal julgado,
Que não me pareceu, que tomarias
Mal folgar de te ver encaminhado.

Laurino.

A quem já caminhou tão longos dias
He nescio quem mostrar quer a estrada:
Qu'a mudança do tempo muda as vias.

Gualbano.

Mais nescio he quem traz branqueada
De tão poucos cabellos a cabeça,
E dá resposta tão mal ensinada.

Laurino.

Ora não ha ninguem que se conheça:
E de quantos mais pretos essa tua
Coberta te parece que appareça?

Gualbano.

Cada hum lá se avenha com a sua,
Que côr não tão sómente, mas effeito
Muitas cabeças brancas tem da lua.

Laurino.

Fallemos, como dizem, a bem de feito:
Porque me perguntaste que buscava?
Ou que te vai, que vá torto, ou direito?

Gualbano.

Queres saber porque te perguntava?
Por ver s'era conforme o meu desgosto,
O que subir a Serra te forçava.

Laurino.

Tão claro se descobre no meu rosto
O que no coração trago encuberto?
Pouco differe a tarde do sol posto.

Gualbano.

Quanto mais que ninguem busca o deserto,
Em quanto lhe parece que a tristeza
Seu coração não mostra descuberto.

Da magoa, em que aprendi esta certeza
Não me pude livrar se não deixando
Nas suas proprias mãos a natureza.

Assi me fui de todo acostumando
A tudo quanto quís fazer de mim,
Que já agora me fica governando.

Laurino.

Bem fóra de contar porque me vim
Do campo para a Serra agora vinha;
Nem menos o porque me desavim.

Mas o que está por vir mal se adivinha;
Posto que quem no mato vai atento,
Como desatentado não s'espinha.

Folgara de saber o teu intento
Teu nome, tua vida, onde nasceste,
E se moras aqui sempre d'assento?

Gualbano.

He possivel que tu não conheceste,
Laurino amigo meu, quem te conhece?!

Laurino.

Valha-me Deos que assi te desfizeste!

Gualbano.

Não passa tempo em vão, nunca s'esquece
De fazer mil mudanças, mil extremos:
Hum dia nos alegra, outro entristece.

Laurino.

O' pé deste rochedo renovemos,
A' vista destas agoas do Oceano,
Quanto cantámos já, quanto tangemos.

Com tanta perda nossa tanto damno,
Com tanta sem razão, tamanha inveja;
Queres que tanja, e cante hum peito humano?

[Gualbano.]

Tu vês algum pastor, que senhor seja
De comer o cabrito, que lhe nasce,
Livre da lingua má lhe pôr vareja?

Do que dentro do seu serrado pasce,
Lhe faz pagar a coima quem inventa
Armadilha a seu gôsto com que cace.

A terra, já não sei, como sustenta
Tão depravada gente, tão malına,
Tão mal acostumada, tão praguenta.

Ora se fazem aves de rapina,
Ora lobos crueis, orá serpentes,
Monstros que dos bons tem fome canina.

Os vizinhos da porta, os meus parentes
No tempo em que tusqueio, ordenho, e queijo
Aguçam contra mim unhas, e dentes.

Laurino.

Tambem, amigo meu, eu como, e visto
Do suor de meu rosto, noite, e dia,
E reparto com quem murmura disto.

E já do mal o menos tomaria
Levarem tudo já por força ou manha,
Não façam da minha honra iguaria.

Deixem-m'aqui viver nesta montanha,
Matem-m'á fome, e sêde na fazenda,
Pois o tomar o alheio não s'estranha.

Mas já que isto não póde ter emenda,
Fique-se para o dia do juizo:
Quero quietação, e não contenda.

Gualbano

Se queres que fallemos mais de siso,
Nota, Laurino, bem o que te digo,
Olha por onde vou, que terra piso.

Eu sou o que no mal sou mais comtigo;
Os meus peccados são causa de tudo;
Eu faço todo o mal a mim comigo.

Se surdo me fizer, se cego, e mudo
A quanto succeder, e no meu braço
Trouxer a paciencia por escudo;

Se do mundo quiser fazer retraço,
E folgar que de mim o mundo faça,
Que lingua temerei, que setta, ou laço?

Laurino.

Não ha mais que fallar, mas muita graça
Ha mister do Senhor para comprar
Isso, que nunca vi vender na praça.

Assi me queres tu santificar
Vestido nesta minha fraca pelle,
Que não sinta quem nella me picar?

Gualbano.

Não duvides que tudo póde aquelle
Que nas mãos d'hum Senhor preso s'entrega,
Que preso, e morto foi por amor delle.

Quem todos seus desejos Nelle emprega
Sem querer mais fallar, vêr, nem ouvir,
Inda bem não semêa, quando sega.

Laurino.

Confesso que bem posso desistir.
De tudo quanto tenho nesta vida,
Mas não sei como possa não sentir.

Gualbano.

Antes o que não sente isto, duvida,
E não quem já sentio quanta doçura
Nas suas cousas Deos tem escondida.

A dureza converte-se em brandura,
Florece em todo o tempo a primavera,
Torna-se em claro dia a noite escura.

Ah! se nesse-teu peito s'accendera
Huma faisca só do amor divino,
Quão docemente em si te convertera!

Não cuides que máo fado, ou máo destino,
Estrella em que nasceste, alegre, ou triste
Faz hum pastor ditoso, outro mofino.

Na vontade de Deos tudo consiste:
Quem não lhe resistir será ditoso,
Desditoso será quem lhe resiste.

Laurino.

Eu nunca duvidei que poderoso
Fôsse nosso Senhor, mas de mudança
Tão milagrosa estava duvidoso.

Gualbano.

O que muito trabalha, muito alcança;
E quanto mais alcança mais trabalha,
E quanto mais trabalha mais descansa.

Primeiro o verde campo se retalha,
Que faça o lavrador a sementeira;
Antes que colha o trigo, sega a palha.

A negra violeta, porque cheira,
Colhemos antre as mais ervas do mato:
Seca-se o lírio branco na ribeira.

Laurino.

Bem sei que não vendêras tão barato
O que tão caro custa, se tiveras,
Ainda por deixar cabana, e fato.

Gualbano.

Bem sei que tu tambem s'ora quiseras,
Poderias deixar fato, e cabana,
E fazer bom barato do que esperas.

Laurino.

Eu não deixo de ver o que m'engana,
E com muito mais claros olhos vejo
Aquillo com que o mundo desengana.

E sabe Deos de mim quanto desejo
Acabar de perder a saudade
A quantos verdes campos rega o Tejo!

Mas não poder lograr a suavidade,
Que Deos reparte só com seus amigos
São culpas, que plantou a mocidade.

Eu fiz tão poderosos meus imigos,
Que só nosso Senhor póde livrar-me
De laços tão futis, e tão antigos.

Mas se ora tu quiseres ajudar-me
Com tuas orações, não desconfio,
Que venha ainda comtigo a conformar-me,

Não temendo soffrer calma, nem frio,
Fome, sede, nem dôr, trabalho, ou pena,
Pois basta herva do campo, agoa do rio.

Gualbano.

Inda que Christo a Martha não condena
Occupada em serviço differente,
Diz que escolheu melhor a Magdalena.

Tu podes fazer bem a muita gente,
E grangear o teu sem damno alheio,
E salvar-te vivendo farto, e quente.

Mas testemunha he Deos, quanto receio
Desta tão larga vida a conta estreita,
Posto que menos quente, farto, e cheio,

Se mais tira da barra quem mais deita,
Que será lá no Ceo, donde se paga
Cento por hum do que por Deos s'enjeita?

Laurino.

Mal se póde curar a mortal chaga
Reputando a triaga por peçonha,
E peçonha fazendo da triaga.

A carne bem sabemos que não sonha,
Se não no com que mais o nosso esprito
Se turbe, desordene, e descomponha.

Amostras-me por obra o que tens dito,
Porque deixar quiseste quanto tinhas
De puro coração, firme, contrito.

Pisas com pés descalços as espinhas,
Morde-te o corpo a lãa de varias côres,
E não te dá que o ponto amostre as linhas.

Divinos pensamentos dos amores,
De que teu coração anda ferido,
Nos ramos dos salgueiros darão flores.

Gualbano.

Ora pois tanto tens já compreendido,
Grave culpa será não te ficares,
Donde não ficarás mal do partido.

Laurino.

Se tu, com ser qual vês, me aconselhares
Que fique, eu fico, e faço o que me mandas,
E muito mais de quanto me mandares.

Gualbano.

Anda, que tu verás como desandas
No mal, e desandando, como corres,
Correndo, como vôas, como abrandas
A vida, com que vives, quando morres.

ECLOGA VI

Á morte de hum amigo.

Limabeu.

O meu cordeiro branco que saltava
O' som da minha frauta, ah! meu cordeiro!
Tão branco como o leite, que mamava,

Emquanto vigiava o gado alfeiro,
Huma aguia mo levou atravessado
Nas unhas, lá de trás daquelle outeiro.

Ah! fortuna cruel, ah! cruel fado!
Que se de crueis lobos me vigio,
Das aves de rapina sou roubado.

Se nisto ha de parar todo o que crio,
Como já succedeu da minha corça,
Que se afogou naquelle negro rio;

Convém que a natureza faça força;
Porque não se offereça gosto humano,
Que primeiro que venha o não retorça.

Que maior confusão, que mór engano
Ao triste coração, que se affeiçoa
Para pagar tributo do seu damno?

O simples passarinho que se escôa
Do visco em que cahio incautamente,
Com menos penas foge, menos vôa.

Deixei de conversar humana gente
Para me affeiçoar cá no deserto
A brutos animais mais brutamente.

Com que composição, com que concerto,
Sobre que saudades adormeço,
Se com tão leves cousas me desperto!

Como posso chegar, se não começo
Quando começarei como desejo;
Ou como subirei, pois sempre deço?

Se qualquer leve cousa me faz pejo
Para accender no peito amor divino,
Porque de tudo já me não despejo?

Assi convém valer-me de contino;
Assi fortalecer minha fraqueza,
Que não sinta descuido repentino.

Assi soprar de novo esta frieza,
Atiçar no madeiro, onde se atêa
O fogo, que desfaz, todo em pureza.

Nasci para lavrar na terra alheia,
Terra da maldição, de Deos maldita,
De cardos, e de espinhos sempre cheia.

Tenta, move, perturba, afaga, incita
A buscar o pior, o mais nocivo,
Não deixa repousar esta alma afflita.

Nesta contradição, neste incentivo
De males, que me rende a minha herdade,
Quasi me sinto já como cativo.

Mas pois a verdadeira liberdade
Depende de trazer o pensamento
Acceso na divina saudade;

De tudo o que me fôr impedimento
Para poder lograr hum bem tamanho,
Determino fazer apartamento.

Experiencia tenho do que ganho
Essas vezes, que saio da cabana,
Pois que no campo limpo inda m'arranho.

Muito pequena cousa turba, e dana
Huma composição clara, e serena,
Emquanto respirar na vida humana!

Foge do povoado a Magdalena,
Vai fazer no deserto vida nova
Depois de ter perdão da culpa, e pena.

Alli mettida dentro numa cóva
Chora, suspira, geme noite, e dia;
D'uma noutra aspereza se renova.

Procure quem quiser a companhia,
Branda conversação d'outros pastores,
Que só me quero a mim por outra via.

Muitas capellas fiz de muitas flores
Compassando nos olhos a pintura
Bella, por variar fermosas côres.

Escolhendo da fruta a mais madura
Pelos bosques agrestes m'espinhava,
Deixando o gado meu posto em ventura.

Do louro laparinho que tirava,
O tralhão que cahia na costella,
O tordo que na vara se enforcava.

O pombo que cevava na courella;
A perdiz que picar vinha na lousa,
Ou metter o pescoço pela tela.

Emfim que não colhi, nem cacei cousa,
Que para dar não fôsse; mas quem rega
Plantas, a cuja sombra não repousa,
Não deixa de pagar quão mal se emprega.

ECLOGA VII.

Da mudança da Arrabida.

Libameu, e Mincio.

Mincio.

Eu tenho para mim (segundo as queixas,
Que na Mata do Lobo me contaste),
Que não sem causa agora a Serra deixas.

Mas ha tão pouco tempo que chegaste,
Que darás que fallar lá na Ribeira
De quam cedo na Serra te enfadaste.

Libameu.

Bem sei que cada hum que diz da feira,
Como nella lhe vai; e que não diga,
Não falta quem do bem mal dizer queira.

Justa desculpa tem o que se obriga
A fazer a vontade do que manda;
Que quem bem obedece não periga.

Acostumei-me d'uma, e d'outra banda
A repousar de noite na cortiça,
E de dia a comer toda a vianda.

Nem ter, nem valer mais me faz cubiça:
Tanto me dá que vá, como que venha:
Por mais que este me assopra, estoutro atiça.

Não tenho sobre que me desavenha,
Nem de que contender muito, nem pouco;
Ora tenha razão, ora não tenha.

Eu já para cantar me sinto rouco;
E posto que não fôra, me fingira,
Fingira-me de todo cego, e mouco.

E quando por taes meios não sentira
Poder-me quietar mais facilmente,
De buscar outros mais não desistira.

Mincio.

Ainda que não fico descontente
Dessas contas, que fazes tão bem feitas,
Como servo de Deos, como prudente,

Folgara de saber o que suspeitas
(Se se póde dizer) desta mudança,
Que contra natureza alegre aceitas?

Libameu.

Tu cuidas que me pésa, ou que me cansa,
O que tenho por vida ha tantos dias?
Ou que ponho meu gosto na balança?

Não vemos nós seccar plantas sombrias,
As flores, as boninas pelos prados?
Perder o uso seu as agoas frias?

Não vemos abater altos estados?
Não vemos levantar os abatidos,
E tornar a abater os levantados?

Não vemos quanto valem os validos,
Que não valiam mais, e por ventura
Menos, que seus vizinhos conhecidos?

Não póde ser maior desaventura,
Que não saber fugir de hum fugitivo
Mundo, que em si não tem cousa segura.

Bem sabem de que trato, e de que vivo;
Com que folgo, que busco; e que pretendo,
De cuja natureza me cativo.

A causa, que perguntas, não defendo:
Faça quem mais puder melhor seu fato,
Que isso não me descose o meu remendo.

Cem mil virtudes tem hervas do mato
Para curar cem mil enfermidades;
Huma não podem só d'um peito ingrato.

Rogo-te, amigo meu, que não t'enfades
De ouvir a confusão deste meu canto;
Que a dôr me destruio as saudades.

Mincio.

Eu tenho padecido, e visto tanto
Desse mal incuravel, que me contas,
Que da torpeza delle não me espanto.

Trago tambem de longe minhas contas
Feitas para soffrer qualquer combate
D'outros, e deste só que agora apontas.

Folgara de saber já, por remate,
Se tiveste com Lauro desavença?
Porque tambem sobre isso houve debate.

Libameu.

Quem bem considerar a differença,
Que vai de nós a Lauro, entenderia,
Que tomo de fallar larga licença.

O que imitar não sabe a melodia
Dos doces passarinhos; porque imita
O rouco murmurar da fonte fria?

De ter, ou de não ter com Lauro dita
Todos podem julgar a seu prazer;
Mas o seu pelo meu não se limita.

Alembra-me que já lhe ouvi dizer,
Que folgava comigo lá na Serra;
Mas o que fôr, será, se houver de ser.

Obrigação lhe tenho em qualquer terra
Para pedir a Deos que com Liana
(Liana que lhe fez tão cruel guerra)

Logre conformidade soberana,
Ambos a gosto seu, e tantos, tantos,
Que excedam quantos ha na vida humana.

Excedam seus intentos todos, quantos
O ceo na terra apura; e em tal estado,
Antes de lá subir se vejam santos.

Confesso que fui sempre affeiçoado
A solitarios bosques do deserto,
Que ensinam a viver desenganado.

Do portal da choupana, que coberto
Tinha de hum verde louro, me assentava
A ver o largo mar ao longe, ao perto.

D'um valle noutro valle caminhava
Até á Lapa de Santa Margarida,
Donde, para comer, peixes pescava.

Andava sustentando a pobre vida
Minha, sem murmurar da vida alheia;
Por onde sinto mais esta partida.

Mincio.

Alma, que no deserto se recrêa,
Nas saudades delle se sustenta,
Das quaes recolhe mais quem mais semêa.

Sabe Deos quanto a mim me descontenta
A má repartição do que reparte,
Ou seja na bonança ou na tormenta!

Desconsolar-se póde numa parte,
O que noutra qualquer se consolara,
Do qual desconsolado outro se parte.

Finalmente que nisto se declara
Aquelle verdadeiro adagio antigo:
Que quando Paulo enferma, Pedro sara.

Bem se sabe de ti que és mais amigo
Da Serra que do campo, inda que colhas
Silvestre fruito nella, e nelle trigo.

O que te libertar para que escolhas
Assaz de ganho fica; pois não queres
Os fruitos, que outros querem, mas as folhas.

Comtudo se na Serra pretenderes
Lograr quietação com mais cautella,
Convém que nas palavras te temperes.

Dizendo cem mil males dos bens della,
E dos males do campo bens sem conto:
Então degradar-te-ham delle para ella.

Libameu.

Como queres que esteja sempre a ponto
Para dobrar a minha singeleza,
Pois não coso remendos com posponto?

Por não contrafazer a natureza,
Sinto tornar a ver-me antre pastores,
Cuja conversação tanto me pésa.

Elles querem colher no campo flores:
Eu medronhos na Serra antre penedos;
Assim desconcordamos nos humores.

Elles no povoado cantam ledos
Os gostos de que vivem; eu chorando
Por acabar debaixo dos rochedos.

Mas pois tudo se vai contrariando
Na Serra, nem na terra buscarei
Cousa, que o tempo possa andar mudando.

Por donde quer que fôr, levantarei
Os meus olhos ao Ceo, de cuja vista
Aquellas saudades colherei,

Com que possa fazer nova conquista
Para me consumir no fogo puro
D'amor, de cujo amor divino vista

Est'alma, caminhando mais seguro,
Que buscando repouso nas montanhas;
Pois no gosto da ıerra me aventuro

A não poder lograr cousas tamanhas
Do Ceo, em toda a parte tão fermoso,
Que póde penetrar duras entranhas.

Mincio.

Ditoso, Libameu, ah! quão ditoso
Quem sabe temperar nestas branduras
Os discursos do tempo duvidoso!

Libameu.

Ditoso, Mincio meu, quantas mais duras
Cousas de duros tempos temperaste,
Vendo ficar a muitos ás escuras!

Mincio.

Assim como de mim já te apartaste
Assim tambem de ti me aparto agora.

Libameu.

Essa lembrança queres tu que baste?

Mincio.

Baste não poder mais: fica-te embora!

ECLOGA PISCATORIA VIII.

Libameu, e Lauro.

Libameu.

Emquanto se dilata a pescaria
(Pois será por demais provar ventura
Mofino pescador, maré vazia),

Debaixo desta rocha antiga, e dura,
Que d'um noutro penedo sustentada
Por cima desta praia se pendura,

Se queres ouvir de novo a soada
D'uns versos, que cantei em Sampeneda,
Emquanto a rede ó mar tinha lançada,

Verás que vida logra quem se arreda
Da communicação dos pescadores;
E qual quem nos conselhos seus se enreda.

Lauro.

Ah! não danes com versos sem sabores
Huma tarde, que tarde me acontece:
Se queres cantar bem, seja d'amores.

E se de todos inda te parece
Melhor cantar do meu justo, e suave,
(Que do mal que me fez já se conhece)

Não queiras que com rogos mais te aggrave,
Nem deixes de cantar, posto que vejas
Lagrimas derramar, em que me lave.

Libameu.

Se tu d'amor cruel ouvir desejas
Aggravos, sem razões, duros conceitos,
Cuja victoria cuidas que festejas,

Alembre-te que em passos tão estreitos
Te póde entristecer qualquer lembrança;
Que amor tem jurdição em tenros peitos.

De que serve no tempo de bonança
Alevantar de novo tempestades
No mar donde escapou tua esperança?

Rompendo por cem mil adversidades,
De terra em terra alheia te levaram
Justas, mal tarde pagas, saudades.

Quantas vezes os remos te faltaram
Depois das vellas rotas pelos ventos,
Que na firmeza tua se quebraram!

Prolongaram se os teus merecimentos,
De perigo em perigo navegando,
Alagado no mar dos sentimentos.

Quantas vezes na praia murmurando
Conforme a seu juizo, ou seu desejo,
A tua causa andava mariscando!

He muito de notar com que despejo
O nescio pescador sentenciava
Aquillo, que contar inda me pejo.

Em que fera, em que pedra não soava
O teu nome, Liana? que serpente,
Se de parir deixou, não te criava?

Desviado teu nome andou da gente
De Liana em Liona: nem m'espanto,
Pois tratavas teu sangue cruelmente.

Lauro.

Desejoso de ouvir suave canto
Te roguei que de amores me cantasses,
E tu provas de amor reprovas tanto.

Se tu nas redes suas te pescasses,
Não cuido que tão pouco estimarias
Queixumes seus, que delles te queixasses.

Antes a mariscar me ajudarias
Ameijas nas arêas revolvendo,
Tirando mexilhões das penedias.

Arrancando preseves, que pretendo
Levar para Liana este cestinho,
Que veja se m'esqueço, não a vendo.

Libameu.

Dart'ei que leves mais hum passarinho
De verde, azul, e branco salpicado,
Que sem pena furtei á mãi do ninho.

Dentro num buzio irá todo pintado
De pardo, e de vermelho, que Palemo
Para Marfida tinha soterrado.

Não sei que cousa foi, não sei que demo
Tomou tal formosura, tal aviso,
Por quem nem ter na mão sabia o remo.

Depois que a causa foi posta em juizo,
Tambem nós demos cá nossa sentença;
Que poucas tem firmeza, menos siso.

Que desculpas darás a tão immensa
Culpa da fé, Marfida, que quebraste,
Se não se contra amor não houve offensa?

Que negar tu não pódes que negaste
Aquelle firme teu primeiro amante,
Depois que Diamante te tornaste.

Que ser não póde hum ser tão inconstante,
Se não quem já perdeu a natureza,
Em materia d'amor tão importante.

Mas deixemos motivos de tristeza:
O nosso cabazinho concertemos,
Lavado muitas vezes n'agoa tesa.

Verdes limos debaixo lhe poremos;
O verde perrexil de cima posto,
Fazendo d'esperança dois extremos.

O presente no meio bem composto
Por ordem, que lhe dê muita mais graça.
Assi de lho levar muito mais gosto.

Que queres que por ti, Lauro, mais faça
Com desejos das forças differentes,
Onde a pobreza minha m'embaraça?

Mas inda póde ser que te contentes
Muito mais de me ver pescar á cana,
De que possas fazer mores presentes.

Porque da Ponta gorda até Trezana
Hum só dia que vem de marulhadas
Pesco para comer toda a semana.

Que pescarias fiz tão estremadas!
E mais de peixe limpo em breve espaço
De sardos, de robalos, de douradas?

Que? cuidarás que cuido neste passo
Do galardão, daquelles que comeram,
O qúe pescava á força do meu braço?

Lauro.

Que posso cuidar eu do que fizeram,
Se não que seus intentos taes seriam
Na sua ingratidão, quaes elles eram?

Mas que dirás dos que de mim fugiram,
Quando com menos barcos, menos redes
Sem mais affronta sua andar me viam?

Eu te concederei, que tu me excedes
Agora na pobreza; sem descanso
Se avantejada vida me concedes.

Libameu.

Se tu vás tanto ó mar, eu largo o lanço,
Que por não contender com bravas ondas,
Com menos me contento no remanso.

Lauro.

Nunca te faltará que me respondas;
Na tua propria causa, e nas alheias
Escura parte tens, onde te escondas.

Lavadas para ti tens as areias,
As saudosas agoas Oceanas,
Onde, pescando, a vida remedeias.

Soubeste desprezar cousas humanas,
Soubeste grangear cousas divinas,
Desenganado assi nos desenganas.

Assaz claro, e seguro nos ensinas
O caminho do Ceo, pois que não tiras
Da propria mão do remo as disciplinas.

Se tu tambem comnosco repartiras
O que buscas no Ceo, como na praia,
Com differente dom tornar me viras.

Libameu.

Oh! quão liberalmente amor espraia
Os dons da sua graça em toda a parte,
Que parte n'alma tem onde ella caia.

Podera antre huns penedos amostrar-te
Huma Lapa redonda, lá mettida
Noutra, que dentro noutras se reparte.

Vista não póde ser, nem presumida
De quem na Lapa grande vir entrar-me,
Donde a passagem fica retorcida.

Alli depois que deixo de accusar-me,
E de tomar da vida conta estreita,
Propondo na futura melhorar-me;

Diante de huma Cruz, que se foi feita
Por mãos da natureza, me suspende
Na causa do porque foi tão perfeita,

Primeiro que alguns outros encomende
A Deos, dous corações num convertidos
Minh'alma offerecer alli pretende.

Hum só sentido sintam seus sentidos
Na carga singular, vida serena,
D'amor celestial favorecidos...

Não sei que pescador de cá me acena
Daquelle batel novo... vai-te embora!
Que ouvir muito contar tambem dá pena.

Lauro.

Antes de ouvir tão pouco a sinto agora.

ECLOGA IX.

Da mudança de pastor em pescador.

Galapo, e Almilão.

Galapo.

Duas cousas receio, duas faço
Contra quietação da natureza
Minha, que em qualquer dellas satisfaço:

Huma, pedir áquelle, que despreza
A petição do pobre, cuja estrella
Cahir nas duras mãos foi da pobreza;

Outra, que não difere muito della,
He perguntar a quem dá má reposta
Quanto lhe custa a boa mais do que ella.

Eu fiz com dous pastores huma aposta,
Que já nas minhas mãos cuido que tenho;
Posto que nas alheas fica posta.

De seu consentimento agora venho,
A que tu nos desates a porfia:
Que porfiar não quero por ingenho.

E porque me criei na pescaria
Julguei, que tambem nella te criaste;
Pois como pescador pescar te via.

Elles dizem que sempre te prezaste
Da fruita, do surrão, e do cajado,
Que poucos dias ha que desprezaste.

Almilão.

He verdade que sempre guardei gado
No campo, na montanha erma, deserta,
Com cujo branco leite fui creado.

Mas quem guardar alheio gado acerta,
Acertar póde mal, quando seu dono
Para notar descuidos anda álerta.

Pois nunca (s'ora nisto não me abono)
Alguma vez perdi cabra, ou cabrito,
Antes muitas por elles o meu sono.

Seja louvado Deos, seja bemdito!
Que tal mudança fiz tão desejada
Do solitario meu cansado esprito!

Caminhei longo tempo pela estrada
Mais larga, e mais seguida dos antigos
Pastores, que não deixa de ir errada,

Desejando escapar d'alguns perigos,
Em que via cahir a meus vizinhos
Cubiçosos do gado, e dos pacigos.

Determinei dos valles montezinhos
(Que da ribeira já tinha fugido,
Trocando lirios seus pelos espinhos),

Buscar algum lugar tão escondido,
Debaixo de tão altas penedias,
Que nem pudesse ouvir, nem ser ouvido.

E porque me tomou sob-los dias
Tal determinação, posta em effeito,
Quero que saibas mais do que querias.

Póde ser que por justo algum respeito
Esses, que vão saber, se me arrependo
Do que sem parecer seu tenho feito.

Bem lhes pódes dizer, que não dependo
Daquillo que dirão; para que deixe
De remendar as redes, que remendo.

Que nunca m'arrependa, nem me queixe
Da differente vida, mas segura;
Que elles comem da carne, nós do peixe.

Galapo.

Não póde ser mór dita, mór ventura
Que acertar de te ouvir para curar
Hum mal que não cuidei que tinha cura.

Eu sempre folgaria d'apostar,
Inda que mór aposta se perdesse,
Do que esta minha foi para ganhar.

Toda a quietação, todo o interesse
Cuidei que consistia em ser pastor,
Posto que de seu gado não tivesse;

E que ser não podia outro pior
Successo da fortuna dura, imiga,
Que nascer junto d'agoa pescador.

Des hoje mais convem que me desdiga
Da minha opinião mal entendida,
E que por acertada a tua siga.

Almilão.

Affirmo-te que duma, e doutra vida
Seus males, e seus bens considerados
Por conta certa, assáz pêso, e medida.

Que ficam sempre bem differençados
No repouso, no gosto, e no descanso,
E no mais, os enxutos, dos molhados.

Que se pesco, ou não pesco no remanso,
Ora seja com rede, ora com cana,
Com cabra, ou cabrão ruivo, não me canso.

Se me desisca o peixe, e se me engana,
Quando no torto anzolo se magôa,
Não me magôa o trigo que se dana.

A voz do rouco mar que bravo soa,
Quando romper se vem nestes rochedos,
Não póde ser de lobo, que me roa.

Aqui descobrir posso meus segredos
Para desabafar meu triste peito:
Que não tem peitos de homens os penedos!

Nesta lavada areia, em que me deito,
Versos diversos canto dos primeiros,
Que como puerís agora engeito.

Galapo.

Quero-me aproveitar dos verdadeiros
Conselhos, que me dás: se dás licença,
Que me vá despedir dos companheiros.

Que não me soffre já fazer detença
O muito que desejo de saber
Fazer nos bens, e males differença.

Deixa-me só comtigo aqui viver;
Não tomes mais na mão cana, nem rede;
Que peixe não nos ha de falecer.

Logra quietação, como te pede
O teu suave esprito; tange, e canta:
Que eu te matarei fome, frio, e sede.

Póde ser que com tua doce, e santa
Vida remediar possa esta minha,
Que boa sombra faz a boa planta.

Seguro vai o cego que caminha
Pelos passos da guia; que se teme
De pôr seu pé descalço em secca espinha.

Almilão.

Suspira est'alma minha, chora, e geme
Por não ver, nem ouvir quem falle, ou veja:
De qualquer sombra humana pasma, e treme.

Abasta pouco a quem pouco deseja;
Não basta muito a quem deseja muito;
O que nos outros falta me sobeja.

D'inverno, e de verão sempre dão fruto
Os penedos da praia regadios,
Nos quaes mariscar posso a pé enxuto.

Inda que não tem folha são sombrios,
Não se abalam, nem mudam suas côres,
Por ventos, nem por calmas, nem por frios.

E sobre tudo longe de pastores;
E de me constranger necessidade
A conversar ainda a pescadores.

Com tudo eu t'agradeço essa vontade;
Que não sou deshumano, nem despreso
As mostras, que me mostras de amizade.

Galapo.

Assi me deixa a tua inda mais preso;
Póde ser que me escutes algum dia,
De que canto tambem, e de que reso.

Farta-te de viver só muito embora,
Que tambem viver só quero comigo,
E sem mim (se podesse!) melhor fôra.

Com' haja nos trabalhos mais antigo
Pescador desta praia, não receio
Na baixa, ou preamar algum perigo.

Ou seja por atalho, ou por rodeio
A pena, a magoa, a dôr, que me lastima,
Com muita paciencia remedeio.

Almilão.

Muito faz quem se esforça, e quem se anima
A soffrer, e calar, mostrar bom rosto:
Que he contra o duro ferro a dura lima.

Galapo.

O teu verso será melhor composto,
Cantado muito mais suavemente;
Mas o meu mais conforme a meu desgosto.

Não faltará do teu quem se contente,
Nem do meu faltará, quem julgar queira;
Que sempre o nescio cuida que he prudente.

Almilão.

Eu costumo pescar com singeleira.

Galapo.

Pois eu vi pescar muitos com tresmalho,
Que nadando se vem perder á veira.

Almilão.

Não cuides que rodeio, quando atalho
Neste breve caminho, em que me pus,
Alegre de me ver posto em trabalho.

Eu por dia nasci de Santa Cruz:
Em Santa Cruz troquei o pobre fato:
Nella sem elle foi posto Jesus,
Com cujo nó de amor tudo remato.

ECLOGA PISCATORIA X.

Ao nascimento do Duque D. Jorge de Lencastre.

Galapo, Alportuxo, Almilão.

Galapo.

Queres ouvir contar hum pescador
Pobre, que de marisco se sustenta,
E segund'o que dizem foi pastor?

Não sei donde, nem como, ou que tormenta
O lançou nesta praia ha poucos dias:
Que nem sempre do norte o vento venta.

Naquellas solapadas penedias
Huma lapa buscou escusa, e escura,
Que não se deixa ver d'outras sombrias.

Dalli forçado sahe da fome pura
A buscar o salgado mantimento,
Duro de se arrancar da pedra dura.

Depois sobre hum penedo crespo, e lento
Ao som d'um arrabil que traz no seio,
As ondas faz parar, fugir o vento.

O primeiro de abril alli se veio
A cantar, e tanger tão docemente,
Que do mar Oceano fez Lethêo.

Mas tanto mais alegre, e mais contente,
Que logo quem ouvisse julgaria,
Que festejava algum gosto presente.

Alportuxo.

Agora sabes tu, que foi o dia,
Em que fruito nos deu a primavera,
Fruito que só do Ceo cahir podia.

Do Ceo por cujo dom já se decera
Da sua opinião isenta, altiva,
Mais branda agora, mais que branda cera.

Mas ah! livre Liana! quão captiva
Te fez o justo amor daquelle teu,
A quem tu te mostrastes tão esquiva!

Agora tu não tua, elle não seu;
Hum noutro si; de dois hum só formado;
Tal vos conserva Amor, qual elle o deu.

Galapo.

Outros muitos sobre esse tem já dado,
Que tempo, nem fortuna, dura imiga
Poderão desatar; perde o cuidado.

O bom será cantar huma cantiga,
Em louvor desta sesta, nesta praia.

Alportuxo.

Começa tu, se queres que te siga.

Galapo.

Esperemos hum pouco antes que caia
A sombra lá da Serra; póde ser
Que tambem Almilão da lapa saia.

Alportuxo.

Eu tenho para mim que ouço tanger...
Deve de ser aquelle? vê-lo vem:
Como se vem regando de prazer!

Almilão.

Ouça-me quem quiser; veja-me quem
Folgar com bens de Lauro, e de Liana,
Que sempre dos seus bens contarei bem.

Que fica mais por ver na vida humana,
Que ver dois corações num convertidos,
De cuja flor tão doce fruto mana?

Que fica por sentir a meus sentidos
Quando vestida vejo Magdalena
Dos seus, antes dos meus, pobres vestidos?

Eu tomarei na mão hum dia a penna,
E nem remendo seu, nem graça sua
Ficarão por cantar, grande ou pequena.

Das fermosas estrellas, sol, e lua
As cores mostrarei em Violante;
A dos olhos ao ceo se restitua.

Nelle pois passar quero mais avante
Convém que vá fazer o meu alforge;
Para que mais cedo tanja, e melhor cante.

Amor tempere a fragoa, accenda, e forge
Com que festeje dia tão ditoso
Do novo Anjo do Ceo, ditoso Jorge.

Detenha-se no bosque saudoso
A verdura na planta, a flor no valle;
Nasceu Jorge, nasceu todo fermoso.

Antes que desta praia hoje me abale,
A fera amansarei, o duro seixo
Ousarei abrandar, farei que falle.

Já não sei murmurar, já me não queixo;
Queixe-se o rouxinol, murmure a fonte,
Ella de pedra em pedra, elle no freixo.

D'encarnado, e d'azul nosso orizonte
Se vista nesta festa, cujas cores
Calo: que póde ser que inda se afronte.

Fazei novas capellas, pescadores,
Nos salgados penedos, nas arêas,
A seu Principe já cobri de flores.

Galapo.

Quaes Alciões na praia, ou quaes sereas
Igualar já se podem com teu canto
Em louvor desse Infante, que nomeas?

Não sei, qual affeição te ensinou tanto:
(Mas como cuidarei que se affeiçoa
Quem não vejo medrar n'hum pobre manto?)

Almilão.

Se tratas de interesse da pessoa
Pelas partes, que tem, não pela renda,
A tal opinião julgo por boa.

Comigo que não posso ter fazenda,
Que fazenda fará o nescio rico,
Que não póde emendar, nem ter emenda?

Cuidarás por ventura que me pico
Desse juizo teu, commum juizo;
Que (como dizem) traz agoa no bico?

Sabe que com ninguem contemporizo;
Que apelo me não falta na amizade
Singela condição, brandura, aviso.

Alportuxo.

Eu, pois cantar não sei da saudade
Antre taes dois cantores, calar quero;
Por não cahir nas mãos da nescedade.

Mas isto só direi que não tempero,
Com quem destemperar-se quer comigo,
A' conta de cuidar que delle espero.

O que quiser que seja seu amigo,
Por ser tamanho meu, queira que seja;
Não pelo seu, que come só comigo.

Galapo.

Queres que o nosso canto sobresteja,
Emquanto vou buscar que cozinhemos;
Que festa sem comer não se festeja?

Pescado no batel pescado temos:
O fogo sahirá da pederneira:
A lenha pelo mato ajuntaremos.

De medronho, de esteva, e de aroeira
Farei curtos espetos aguçados,
Dos quaes rodearei toda a fogueira.

De ruivos, salmonetes, carregados
De vezugos, de choupas, de tainhas,
E com tres sapateiros linguados.

Alportuxo.

Ainda por cantar taes versos tinhas!
Eu ferirei o fogo, e trarei lenha.

Galapo.

Já sabemos de ti quão bem cozinhas.

Alportuxo.

Não haja quem de nós se desavenha
De cantar, e tanger, e fazer festa.

Galapo.

Por quem não festejar, má festa venha.

Veremos Almilão para que presta:
Sabei que se Almilão sahe ao terreiro,
Que ha de fazer alguem suar a testa.

Que d'arrabil, de frauta, e de pandeiro
Nunca ninguem lhe teve a barba tesa.
Viva Jorge mil annos, mil primeiro
Viva o Duque seu pai, viva a Duquesa!

Almilão.

Vivam pais, e vivam filhos!
Outros destes, doutros mais
Vivam filhos, vivam pais!
Vivam como viver vejo
Com taes excessos d'amor,
Que nem menos, nem maior
Possa ser o seu desejo:
O gosto com que festejo
O seu não póde ser mais:
Vivam filhos, vivam pais!

Galapo.

Tal amor nelles se veja;
Veja-se seu amor tal,
Tão conforme, e tão igual;

Que nem mais nem menos seja.
A festa que se festeja
Convertida noutras mais
Festejem filhos, e pais.

Alportuxo.

Ditosa foi sua estrella
A mesma d'ambos ditosa,
A quem não foi poderosa
Resistir todo Castella,
Nasceu Jorge delle, e della.

Almilão.

Elle fez quanto podia;
Ella mais do que elle fez;
Pois se fez sua; em que pês
A quantos na Corte havia
Igual ser poderia,
Firmeza em peitos reaes;
Mas no della muito mais.

Galapo.

Ella foi a conquistada,
Ella firme, ella constante,
Ella, a quem d'um só amante
Se quis deixar ser amada:
Em tudo foi estremada
Na firmeza muito mais:
Tal como ella poucas taes.

Alportuxo.

Acabemos de dizer
Por remate, da Duquesa,
Que foi doutra natureza
Diffrente da de mulher;
E por isso devem ser
Seus louvores muitos mais:
Vivam filhos, vivam pais!

ECLOGA PISCATORIA XI.

Almilão.

Aparta-se de vós, desapparece,
Agoas do mar azul, o sol dourado,
Ou com meu triste pranto s'escurece.

Deixa-me nesta praia trespassado
O som daquella voz, que trespassou
Os deste meu no seu ditoso estado.

Que força, ou que brandura penetrou
Os corações daquelles pescadores
Que do barco, e das redes os levou?

Porque foram mais destros remadores
Ou por pescar mais peixe mereceram
Chamados do Senhor ser dos Senhores?

Nós sabemos, Deus meu, que precederam
A quantos de pescar nos sustentamos;
Vós o porque melhor vos pareceram.

Quantos a pé enxuto desejamos
Seguir a doce vossa companhia,
Tantos na terra em secco nos achamos.

Entra no mar de noite, entra de dia
Descalço o pescador, entra despido
Por segurar melhor a pescaria.

O que dos vicios d'alma anda cingido,
Como nescio responde, que tambem
S'ha de salvar calçado, e mais vestido.

Bem póde ser que seja; mas porém
O que mais leve vai, melhor caminha,
E mais póde inda mais passar além.

Vai-se-me consumindo a vida minha
D'um gosto noutro falso pendurada;
Dos quaes hum me remorde, outro m'espinha.

Resolver-me que foi mal empregada,
Determinar emenda que aproveita,
Pois a presente vai qual a passada?

Na solitaria minha lapa, estreita
(Minha não digo bem, antes alhea;
Pois seu dono, se quer, della me deita)

Não me falta que faça, escreva, e lea,
Do que foi, do que vai, e donde pára
Quem funda o gosto seu em leve arêa?

E se por tantas vezes não tentara
Avisar, reprender alguem por verso,
Ainda agora aqui me não calara.

Soffre mal coração duro, perverso
Pequena reprehensão de ser defeito;
Posto que bem composta em brando verso.

O pescador debaixo de seu leito
Depois que deita ferro no remanso,
Manso discurso faz no manso peito.

O silencio lhe dobra seu descanso;
O pouco que deseja não lhe faz
Cubiçar melhor sorte em melhor lanço.

Os seus dois remos rema em sua paz,
Que não deixa nas mãos do companheiro,
Que delles mais que della foi capaz.

Recolhe-se em qualquer pequeno esteiro;
Que pouca agoa demanda o barco leve,
Que levemente leva hum só remeiro.

A mocidade minha me deteve
No pasto das ovelhas, que guardei
Ora do sol cortido, ora da neve:

Onde por muitas partes que notei
Num pastor pouco atrás da minha idade,
Com pureza de amor me transformei.

A taes termos chegou nossa amizade,
Que fizemos de dois hum só rebanho,
E de duas tambem huma vontade.

Mas eu a quem dou conta deste estranho
Caso, senão a vós duros penedos,
Que com lagrimas tristes triste banho?

Seguro vos descubro meus segredos,
De mim, como de vós, estou seguro,
Que possam nunca ouvir corações ledos.

Não porque por amor honesto, e puro
Extremos sôem mal noutros ouvidos;
Mas nos alegres fica o caso escuro.

O pastor, a pastora conhecidos
Foram dos mais pastores naturaes
Por jurados, ou quasi recebidos.

Ella, não sei porque, mostrou sinaes
De lhe quebrar a fé: tinha razão;
Pois nella só ficavam desiguaes.

Emfim ella foi dar, adonde dão
Os que não tem remedio na ferida,
Que se dá no constante coração.

Ella depois que vio ser homicida
Do seu firme, leal, primeiro amante,
Deu nas mãos da tristeza a propria vida.

Eu dalli me parti naquelle instante,
De valle em valle vim, de monte em monte,
Até não poder mais passar avante:

Que as agoas Oceanas não tem ponte:
Neste batel, que remo, qualquer onda
Em qualquer taboa faz vir huma fonte.

Aqui busquei já parte onde me esconda,
Debaixo desta rocha tenho duas
Furnas, huma comprida, outra redonda.

Eu já sei das marés, já sei das luas;
Das ostras, das ameijoas, tambem sei
Dellas comer cozidas, dellas cruas.

Aqui com mais repouso acabarei
O pouco que me fica, suspirando,
Não pelo verde campo em que pastei,

Mas por amor suave, doce, e brando
Daquelle Summo Bem, cuja lembrança
Da terra o coração vai desterrando
Confirmando no Ceo sua esperança.

ECLOGA XII.

Mincio, e Limabeu.

Mincio.

Espera, porque fóges, Limabeu?
Que não sou pescador do mar salgado,
Do doce Lima si, parceiro teu.

Delle por ti me venho desterrado,
Dando gritos por ti pelo deserto,
Perguntando por ti no povoado,

Honte, noite fechada, por acerto
(Não podendo acertar nunca de dia)
Achei dois pescadores daqui perto,

Dos quaes fui avisado que devia,
Antes que tu me visses, esconder-me;
Porque depois em vão te buscaria..

Limabeu.

Pois de tão longe, Mincio, vens a ver-me,
Pois não pude escapar, como quisera,
Quero contigo só desencolher-me.

Não val lugar no mato á brava fera,
Não val ao peixe na agua fundo pego;
Menos a mim, se nelle me escondera.

He verdade que fujo, não to nego,
De conversar a muitos; porque sei
Quão mal no gosto seu meu tempo emprego.

Bem sabes, quanto ri, quanto folguei
De cantar, e tanger; que graça tinha,
Quantas apostas fiz, quantas ganhei;

Quantos fardeis enchia do que tinha
Dentro no meu pombal, no meu poleiro;
Enchia de vagar, vazava asinha.

Tirava do curral, e do fumeiro
Com gosto pelo dar; donde chegava
Pesado sempre fui, tornei ligeiro.

Não quero dizer mais do que mais dava;
Do pago que me deu quem o levou;
Se não foi avisar-me quanto errava.

Enfim lá se ficaram, cá me estou
Numa lapa, da qual o mar Oceano,
Depois de a ter lavrada, se afastou.

Agora julga tu, qual peito humano
Me quisera largar seu aposento
Do Tejo natural, ou Limiano?

Além disto me deixa o mantimento
Pegado nos penedos; porque esteja
Seguro de mo vir levar o vento.

Tudo na sua praia me sobeja;
Tudo na vista sua me recrea;
A tudo fazer posso nella inveja.

Elle lavra, elle rega, elle semea.
Eu colho quando quero a sementeira;
Olha que amigo achei em terra alhea!

Mincio.

Bem differente doutros da Ribeira,
Que sem nunca lavrar querem colher,
Depois de limpo, e secco, o trigo n'eira.

Eu não te posso mais encarecer
O que vai pelo mundo cubiçoso
De enganar, de danar, de mal fazer.

Que se póde esperar do vicioso,
Que nunca soube armar lousa, nem laço,
Ou por não ter ingenho, ou ser mimoso?

Não se corre de ter o mole braço
Mais destro em revolver cartas, e dados,
Que contra os infiéis as pontas d'aço!

Dá-lhes pouco de serem apoucados,
Pusilanimes, vís, baixos de esprito,
E noutros móres erros sepultados.

Limabeu.

Basta! não digas mais do que tens dito,
Que te quero contar hum caso estranho,
Que dentro nas entranhas trago escrito.

Ah! ditoso successo! bem tamanho!
Cuja doce lembrança nesta praia
As lagrimas detem em que me banho!

Mas primeiro que a voz do peito saia,
Dize-me que se fez de Limiana,
Que chorando ficou ó pé da faia?

Mincio.

Aquelle mesmo dia da semana,
Em que tu te partiste, se partio,
E partindo-se pôs fogo á choupana.

Finalmente que nunca mais se vio,
Por mais que em toda a parte se buscou,
Nem sabemos adonde se sumio.

Limabeu.

Agora faz dois annos que chegou
O silencio que rendeo seu esprito!
Meu nome deixo escrito, terra, e vida:
Se de ti for sabida, muito embora.
Deixa-me por agora brevemente
Alevantar a mente áquelle immenso.
Alli ficou suspenso, eu lastimoso:

Espirito ditoso, que soubeste,
Do modo que quiseste, confundir-me,
E para mais ferir-me alli deixaste
Os versos, que guardaste até partir.
Tanto para sentir na tua morte
A minha, e tua sorte declarada
Na tua costumada letra antiga,
Estilo que me obriga a ficar mudo;
Toma Mincio o papel, saberás tudo.

Soneto de Limiana.

Depois que conheci que não podia
O nosso justo amor ser apartado;
Como comigo a ti te tinhas dado,
Me dei comtigo a quem dar-me devia.

E posto que da minha companhia
Tanto tempo viveste desviado;
Peregrino fui pobre agasalhado
De ti julgado tal, qual me fingia.

Foi vontade divina, rogo meu,
Minha consolação na vida humana,
Que vendo nosso amor posto no seu,

Visse nesta final praia Oceana,
Que sendo conhecido Limabeu,
De Limabeu não fôsse Limiana.

Chamar-lhe deshumana não m'atrevo,
Antes louvá-la devo além de santa;
Que tão mimosa planta, tão ditosa
Tanto como fermosa assi crescesse,

Que no Ceo se colhesse fructo della,
Não planta, mas estrella, cujos raios
Causam cem mil desmaios na leitura
Dos versos, que escrevi na pedra dura.

Epitafio de Limabeu, e Limiana.

Eu vi do Ceo na terra a fermosura
No vestido dum pobre peregrino
Da terra para o Ceo voar segura,
Fôsse ventura minha, ou seu destino:
Por minha mão lhe dei a sepultura,
Pela sua a levou amor divino:
De Lima naturaes na Lapa Oceana
Se enterrou Limabeu com Limiana.

ELEGIA I.

A huma ingratidão.

Secou-se para mim agoa no rio,
Secou-se para mim herva no prado,
Secou-se a folha no bosque sombrio.

Quantas lagrimas tenho derramado
Não poderão tolher esta seccura,
Que sem causa me tem tão lastimado.

Que mal faz a ninguem haver verdura
No campo, valle, ou bosque, ou na ribeira
Regada da divina fermosura?

Não sei quem não deseje, não se queira
Aventurar no mal, que se imagina,
Por amizade d'alma verdadeira.

Pouco póde empecer lingua malina;
Pouco póde morder o dente agudo
Do máo, que com tal bem tão mal atina.

Hum Deos que tudo vê, que sabe tudo,
Me seja testimunha da verdade,
Que não quero outro amparo, ou outro escudo.

Movido só da sua caridade
Amei, amo, amarei quem mo merece:
Basta que delle tenho liberdade.

Se busco, ou se pretendo outro interesse,
No mal se póde ver, que me tem feito,
Quão pouco me perturba, e me entristece.

Rasguem-me pelo meio este meu peito,
Tirem-me o coração, vejam-no fóra,
Que bem fóra o verão deste defeito.

Verão, que não suspira, geme, e chora
Pelo muito que doem dôres tamanhas;
Mas porque nellas só padece agora.

Mandarem-me viver antre montanhas?
Que cousa para mim mais natural,
Que descobrir-lhe magoas tão estranhas?

Eu mesmo fui a mim o desleal;
Eu de mim mesmo fui cruel imigo;
Eu mesmo fiz a mim tamanho mal.

Eu fui o que me fui para o perigo
De tanta ingratidão, tanta crueza;
Eu só o que só choro a mim comigo.

Neguei a minha propria natureza;
Perdi a liberdade, em que vivia;
E nunca (por meu mal) perdi firmeza.

Não fôra sem razão haver hum dia
De quantos esperei, em que cuidara,
Que tinha nos meus males companhia.

Pelo menos, sequer, não me faltara
Saber que da ribeira me convinha
Fugir; pois para mim já se seccara.

Queixara-me de mim na magoa minha,
Dera gritos em vão, em vão gemera,
Culpara-me na culpa, a quem não tinha.

E não me desvelara, não temera
Que podesse passar enfadamento
Quem dos meus me livrara, se quisera.

Ora pois de tamanho sentimento
A lastimosa culpa póde ser,
Que me não deixe livre o pensamento.

Aqui quero fugir, quanto puder,
De todas as humanas creaturas,
Esses cansados dias que viver.

Aqui conversar quero pedras duras,
Os brutos animaes, feras, serpentes,
Que não sabem mudar suas figuras.

Não quero ouvir palavras differentes
Do que dentro do peito do malino
Se determina obrar contra innocentes.

Bem sei que julgarão que he desatino
Fazer em toda a vida tal extremo,
Como na que me fica determino.

Mas já nesta que vivo me não temo,
Que me possa mudar outra mudança;
Tanto de cuidar nesta pasmo, e tremo.

Se mal fundei a minha confiança,
Se tão mal empreguei amor tão puro,
Porque não tomarei de mim vingança?

Quanto mais cruel fôr, quanto mais duro
Contra mim, tanto mais serei mais brando;
Pois todo o mal em mim he mais seguro.

Assi me irei de todo acostumando
A ser tamanho imigo do meu gosto,
Que me fique esta magoa consolando.

Dous rios correrão pelo meu rosto,
Envoltos nos meu gritos, derramados
Noite, dia, manhã, tarde, sol-posto.

Os tristes versos meus dependurados
Nos troncos deixarei das verdes plantas,
Que das seccas assaz estão queimados.

Nelles escreverei além de quantas
Cousas já padeci, quantas padeço,
Por julgarem tão mal muitas tão santas.

Comtudo, meu Senhor, eu não me esqueço
Que rogastes na Cruz por gente ingrata,
Eu por ella tambem perdão vos peço.

Se vós, meu Deos, rogais por quem vos mata,
Como não rogarei a vós, Senhor,
Que perdoeis a quem tão mal me trata?

Bem claro vendo estou, quanto melhor
He ser injustamente perseguido,
Que poder ser d'alguem perseguidor.

A cousa de que mais estou sentido
He ver que nos meus olhos faltou vista,
Para ver de que côr era vestido
Hum coração devoto do Baptista.

ELEGIA II.

Da Arrabida.

Alta Serra deserta, donde vejo
As agoas do Oceano duma banda.
E doutra já salgadas as do Tejo:

Aquella saudade, que me manda
Lagrimas derramar em toda a parte,
Que fará nesta saudosa, e branda?

Daqui mais saudoso o sol se parte;
Daqui muito mais claro, mais dourado,
Pelos montes, nascendo, se reparte.

Aqui sob-lo mar dependurado
Hum penedo sobre outro me ameaça
Das importunas ondas solapado.

Duvido poder ser que se desfaça
Com agoa clara, e branda a pedra dura
Com quem assi se beija, assi se abraça.

Mas ouço queixar dentro a Lapa escura,
Roidas as entranhas apparecem
Daquella rouca voz, que lá murmura.

Eis por cima da rocha aspera decem
Os troncos meio seccos encurvados,
Eis sobem os que nelles enverdecem.

Os olhos meus dalli dependurados,
Pergunto ó mar, ás plantas, ós penedos
Como, quando, por quem fôram creados?

Respondem-me em segredo mil segredos,
Cujas primeiras letras vou cortando
Nos pés doutros mais verdes arvoredos.

Assi com cousas mudas conversando,
Com mais quietação dellas aprendo
Que outras que ha, ensinar querem fallando.

Se pelejo, se grito, se contendo
Com armas, com razão, com argumentos,
Ellas só com calar ficam vencendo.

Ferido de tamanhos sentimentos
Fico fóra de mim, fico corrido
De ver sobre que fiz meus fundamentos.

Alli me chamo cego, alli perdido,
Alli por tantos nomes me nomeio,
Quantos por culpas tenho merecido.

Alli gemo, e suspiro, alli pranteio;
Alli geme, e suspira, alli prantea
O monte, e vai de meus suspiros cheio.

Alli me faz pasmar, alli me enlea
Quanto colhendo estou da saudade,
Que por toda esta terra se semêa.

Ora me ponho a rir da vaidade,
Ora triste a chorar com quanto estudo
Erros solicitei da mocidade.

Tudo se muda em fim, muda-se tudo,
Tudo vejo mudar cada momento:
Eu de mal em pior tambem me mudo.

Soía levantar meu pensamento
Assentado sobre estas penedias
Duras, eu duro mais nellas me assento.

Punha-me a ver correr as agoas frias
Por cima de alvos seixos repartidas,
Que faziam tremer hervas sombrias.

As flores, que levava já colhidas,
Passando pelos valles engeitava
Por outras doutra nova côr vestidas.

O livre passarinho, que voava,
Cantando para o ceo deixando a terra,
Da terra para o ceo me encaminhava.

Cuidei que se esquecesse nesta Serra
A dura imiga minha natureza;
Mas donde quer que vou lá me faz guerra.

Oh! quem vira naquella fortaleza
Rodeada de fogo de amor puro,
Daquelle amor divino est'alma accesa!

Quão firme, e quão quieto, e quão seguro
No campo se posera em desafio!
E quão brando sentira o ferro duro!

Mas se agora de mim me não confio,
Se fujo, se me escondo, se me temo,
He porque sinto fraco o peito frio.

Alevantam-se os mares; pasmo, e tremo:
Vejo vento contrario, desfaleço,
A corrente das mãos me leva o remo.

Confesso minha culpa, bem conheço
Que por mais graves males que padeça
Menos padecerei do que mereço.

Mandais, Senhor, que busque, bata, e peça,
Eu busco, bato, e peço a vós, Senhor,
Sem haver cousa em mim que vos mereça.

Com os braços na Cruz, meu Redemptor,
Abertos me esperai, c'o lado aberto,
Manifestos sinaes do vosso amor.

Ah! quem chegasse hum dia de mais perto
A ver c'os olhos d'alma essa ferida,
Que esse coração mostra descoberto!

Esse, que por salvar gente perdida
De tanta piedade quís usar,
Que deu nas suas mãos a propria vida.

A sangue nos quisestes resgatar
De tão cruel, e duro cativeiro,
Vendido fôstes vós por nos comprar.

Padecestes por nós, manso Cordeiro,
Pisado, preso, e nú antre ladrões,
Ardendo o fogo posto no madeiro:
Arçam postos no fogo os corações.

ELEGIA III.

Espiritual.

Senhor! se minhas culpas me endurecem
Para me não valer do sentimento,
Que vossas cinco Chagas me merecem,

Donde porei, meu Deos, meu pensamento,
Se não em meditar que esta dureza
Se abrandará com seu merecimento?

Armou-se contra Vós toda dureza,
Malicia, ingratidão de gente cega;
Quebrantaram-se as leis da natureza.

Eis hum que vos accusa, outro que nega;
Outro diz: crucifica! crucifica!
Eis hum dos vossos doze, vos entrega.

Eis hum, eis outro falso testifica;
Eis á columna dura vos apegam,
Que tinta do innocente sangue fica.

Dalli, meu Redemptor, vos desapegam,
Arrastado vos levam para a Cruz,
D'espinhos coroado alli vos pregam.

Eu fui, eu sou, Senhor, o que vos pus
Nesse duro madeiro pendurado,
Donde morreis por mim, doce Jesus.

Por falta de não ter considerado,
Ou por falta de amor, que se vos deve,
Não choro, como devo, meu peccado.

Ah! duro peito! mais frio que neve!
Que antre diversas dôres tão estranhas
Lhe falta sentimento em que se enleve!

Que vês por ti rasgadas as entranhas,
As brandas mãos, e pés atravessados;
E que em lagrimas tristes não te banhas!

Não duvido, Senhor, que meus peccados
Com gemer, e chorar, com pôr emenda
Diante de Vós sejam perdoados.

Quereis do peccador que se arrependa;
Quereis que ponha em Vós a confiança,
E que peça perdão por mais que offenda.

Que fôra, se não fôra esta lembrança!
Ai que fôra de mim, se não tivera
Tão firme posta em Vós minha esperança!

Se ver-vos nessa Cruz me falecera
Donde morrer quereis por quem vos mata,
Ai! triste de mim, triste que fizera?

A puro sangue vosso se resgata
A minha salvação; custa-vos cara,
E Vós offereceis-ma tão barata!

Novo caso de amor! quem penetrara
Quanto s'encerra em passo tão estreito!
Fere-vos, meu Senhor, o que me sara.

A mim que tantos erros tenho feito,
A mim tão cego, duro, secco, e frio
Os braços estendeis, abrís o peito?

Pouco faço, Senhor, se me confio
Nos extremos de amor, que me mostrais;
Posto que de Vós tanto me desvio.

Que em fim Vós me dizeis que não chamais
Justos, mas miseraveis peccadores;
Inda que outro nenhum possa ser mais.

Eu confesso que sou o mór dos móres;
Accuso-me por tal, qual Vós sabeis;
Alembrai-vos da dôr de vossas dôres,
Vosso sou, meu Senhor, não me engeiteis!

ELEGIA IV.

Na tribulação de huma pessoa amiga.

Quero chorar-me agora aqui cercado
De plantas, e penedos nesta Serra;
Pois não tenho de quem seja chorado.

Cruel me foi a minha propria terra
Em que nasci; cruel, e deshumano
O sangue meu, que nella me fez guerra.

Movido de tão claro desengano,
Desconfiado vim de nunca mais
Tornar a confiar em peito humano.

Mas o que me faltou nos naturaes,
No peito que busquei, ah! verdes plantas!
Que tal ouvís contar, que não seccais!

O Senhor me quís dar além de tantas
Graças numa alma só em terra alhea
Nascida d'outras mais entranhas santas.

Por isso se esta minha aqui prantêa
Com tão estranha dôr, tão soltos gritos,
He pela ver de tantas magoas chea.

Não me lembram meus males infinitos,
Desgostos nenhuns já neste meu peito
Trago, senão os seus agora escritos.

Oh! Virgem, se não foi meu rogo aceito
A Vós para aliviar de tantas dôres,
Das lagrimas, que choro, havei respeito!

Se Vós servos fazeis dos peccadores,
Como não cuidarei que me fareis
Vosso, posto que seja o mór dos móres.

Vós sois A que por mim offereceis
A quem vistes morrer por me dar vida
Quantos dos meus suspiros comprendeis.

Já vo-la tenho, Virgem, offerecida;
Peço-vos que tenhais della lembrança,
Pois não póde de mim ser esquecida.

Em Vós tenho, Senhora, a confiança,
Que tudo lhe dareis quanto deseja;
Que quem em Vós confia tudo alcança.

Não he justo, Senhora, que lhe seja
Menos firme, fiel, menos leal,
Por mais longe que della agora esteja.

Que bem pouco aproveita, pouco val
Não poderem ver olhos o que querem
Para diminuir firmeza tal.

Façam, desfaçam tudo o que quiserem;
Que tolher se não podem saudades
D'amor, que por amor divino ferem.

As justas bem fundadas amizades,
Que só Christo JESUS tomam por guia,
Não se desfazem, não, com novidades

Mudanças de tristeza, ou d'alegria
De tempo, de lugar, longe, nem perto
Nunca mudarão ser do que soía.

Quantas lagrimas cá neste deserto
Tenho por tua causa derramadas
Por te encerrar naquelle peito aberto?

Naquelles pés, e mãos na Cruz pregadas,
Naquellas cinco Chagas do Senhor,
De quem tantas mercês tens alcançadas;

Que não pódes teus olhos nella pôr,
Que não fique tua alma consolada,
Seja atribulação quamanha fôr.

Enfim se viver queres descansada,
Da lança, cravos, Cruz, e da Coroa
D'espinhos sempre vive trespassada.

Outra cousa na vida te não doa;
Noutra não vás buscar contentamento,
Confuso donde quer qu'esta não soa.

Não faças doutra cousa fundamento,
Não deixes passar nunca levemente
Outra nenhuma pelo pensamento.

Qualquer pequena dôr do mal presente
Não vos deixa sentir quamanho bem
He soffrer por Deos tudo alegremente.

Bem cegos são os olhos, que não vem
Quanto podem durar gostos humanos,
Com tantos quantos seus desgostos tem.

Passam dias, e meses, passam annos,
A vida com o tempo vai fugindo,
E nós dos seus, ou nossos desenganos.

Assi se nos vai tudo consumindo;
Assi de mal em mal imos cavando
A negra terra, que nos vai cobrindo.

Quantas vezes me deixo ir suspirando
Aqui por esta Serra só comtigo,
E quantas tu comigo só chorando!

He muito pouco tudo quanto digo;
He muito mais do que podes cuidar,
Se sabes estimar tamanho amigo.

Bem póde falecer agoa no mar,
Bem podem deixar pedras de ser duras,
Mas tu não deixarás de me lembrar.

As amizades d'alma são seguras:
No Ceo não pode haver senão pureza
De cousas muito claras, muito puras.

A rocha, que de sua natureza
Em todo o tempo está firme, e segura,
Não me faz aventagem na firmeza.

Nascem algumas plantas na espessura
Do bosque, que por calma, nem por frio,
Nunca perdem já mais sua verdura.

Não deixa de correr o claro rio
Por encontrar com duras penedias,
Antes nellas se faz mais corredio.

O Senhor te dê tantas alegrias,
Quantas aqui lhe peço de contino:
Elle nos faça arder noites, e dias
No seu divino amor, amor divino.

ELEGIA V.

Da Ingratidão.

Claras agoas nascidas das entranhas
De tão duras, desertas penedias,
No meio de tão asperas montanhas.

Se vós me segurais que estas sombrias
Plantas não perderão sua verdura,
Nem vós o curso vosso, oh! agoas frias!

Direi o galardão, que da brandura
Da minha condição tenho alcançado
De toda a viva humana creatura.

Trazia o meu salteiro temperado
O' som do gosto alheo; aqui cantava
Sem me lembrar de mim, nem ser lembrado.

Na ribeira, no valle, em que pastava,
Rosas, lirios, violas repartia;
E com menos quinhão me contentava.

Sabe Deos quantas vezes as colhia
Em lagrimas banhadas, sabe quanto
Sangue das carnes minhas as tingia!

Se no bosque soava o doce canto
Do livre passarinho, longe ou perto,
Soava muito mais meu triste pranto.

Ajudavam-me os montes do deserto
A chorar, e gemer o mal alheio;
Que farão quando o meu fôr descoberto?

Dum mal noutro maior a tanto veio
A fera ingratidão dum noutro peito,
Que deixou este meu de magoas cheio.

Cheguei a ver-me em passo tão estreito,
Que quasi duvidei se consentira
Em me pesar do bem, que tinha feito.

Ah! quem não tivera olhos com que vira
Tomar hum coração ingrato, e duro,
Armas com que de novo se ferira!

Bem sei que já não posso estar seguro
De me doer do mal, que outrem padece,
Porque me obriga amor por amor puro.

Mas tanto cresce a dôr, tanto mais cresce
A magoa de trocar minha esperança;
Que, se me não perturba, me entristece.

Quem tão mal empregou a confiança
Não se espante da dôr, que assi lastima,
Antes de haver no mal tanta tardança.

Primeiro me queixei junto do Lima;
Agora muito mais junto do Tejo:
Pouco me aproveitou mudar o clima.

Não soube limitar o meu desejo;
Cuidei que quanto mais, tanto melhor;
Não vi que do bem máo faz o sobejo.

Nas hervas nasce folha, fructo, e flor,
Nas ovelhas a lã, na palha o trigo,
No coração ferido nova dôr.

Não sei para que quero ser amigo;
Pois só pura amizade me faz guerra,
E nenhum outro mal póde comigo?

Fallo da que no meu peito se encerra,
De que em lugar de fructo colho espinhas:
Ah! doudo, que mais tem que dar a terra!

Daquellas esperanças, que sostinhas,
Cuja magoa de novo inda pranteas,
Que menos do que vês já visto tinhas?

Porque te cegas mais, porque te enleas?
Que esperas de colher das pedras duras,
Donde plantas amor, donde semeas?

Aquellas saudosas fermosuras,
Que fazem refinar alma em pureza,
Enxergam-se em mui poucas creaturas.

Não soffre amor divino que dureza
Dure no coração, donde se accende;
Que seu he mudar nossa natureza.

O que mais puramente amar pretende
Quanto mais ama só, tanto mais ama;
Que enfim o repartido menos rende.

O rio, que correndo se derrama,
Mais tarde chega ó mar, que vai buscando:
A planta sobe mais com menos rama.

Ah! quanto mal me faz hum ser tão brando!
Que com peitos humanos toda minha
Quietação estou despedaçando,
Sem proveito, sem cura, nem mezinha.

ELEGIA VI.

Estando na Arrabida.

Agora que de todo despedido
Nesta Serra da Arrabida me vejo
De tudo, quanto mal tinha entendido;

Com mais quietação, livre desejo,
Nella quero cavar a sepultura,
Que não junto do Lima, nem do Tejo.

Aqui com mais suave compostura
Menos contradição, mais clara vista
Verei o Creador na creatura.

As forças cresceram com que resista
A dizer-vos humanos pensamentos,
Para que dos divinos só me vista.

Naquelles mais fermosos aposentos
Repouso buscarei acompanhado
Doutros mais saudosos sentimentos.

De plantas, de penedos rodeado,
Que não perdem verdura, nem firmeza
Por tempo em tempo mais destemperado.

Renovarei motivos de tristeza,
Para mais suspiràr, considerando
A sujeição da fraca natureza.

Dum valle noutro valle vagueando,
Hum lugar buscarei medonho, escuro,
Donde comigo só me estê queixando.

Quão triste ficarei, e quão confuso!
De vêr aves, e feras desculpadas
De culpas, que não sei, como me accuso!

Por meio dos rochedos semeadas
Verei dependurar silvestres plantas
Verdes em pedras duras sustentadas.

Quantas cousas verei, maiores quantas
De cuja creação, de cujo objecto
Resultam confusões tantas, e tantas?

Se aqui não derreter neste meu peito
A congelada neve, em que me esfrio,
Mal, a que já de longe estou sugeito,

Em qualquer outra parte desconfio
Da minha pretensão; pois qualquer leve
Cousa cortar me deve o fraco fio.

Que fructo colher póde nesta breve
Vida quem para a morte vai correndo
Sem nunca descansar, que mais releve?

Se pelo largo mar olhos estendo,
Se nestas penedias os penduro,
Ora subindo o sol, ora descendo,

Certificado mais, muito mais puro,
De todo se resolve o pensamento,
Que quanto mais deserto, mais seguro.

Discorrendo dum noutro fundamento,
Huma vez me perturbo, outra m'indigno;
Outra com puras magoas arrebento.

Poderoso Senhor, manso, benino,
Quem póde penetrar mercês tamanhas,
Recebidas de Vós desde minino!

Que campos, que ribeiras, que montanhas
Pastei, passei, subi, com vossa ajuda
Por terras naturaes, e por estranhas!

Oh! como se converte, rende, e muda
Aquella alma ditosa que trespassa
De amor celestial a setta aguda!

Quão leve, quão ligeira voa, e passa
Pelos laços sutis da vida humana;
E como na divina se compassa!

Na doce perenal fonte, que mana
Do Ceo, toda banhada se recrea,
Segura de tocar noutra profana.

O que nos largos campos se passea,
Subindo nesta Serra se caminha
Atalhando o que nelles se rodea.

Oh! Serra das estrellas tão vizinha,
Quem nunca de ti, Serra, se apartára!
Ou quando se partira esta alma minha
Da terra, nesta tua me enterrara?

ELEGIA VII.

Ao fim da vida.

Como cisne, que canta na ribeira,
O repouso da vida festejando,
Que sente naquella hora derradeira;

Eu que da minha já me vou cercando
Aqui quero cantar (se cantar deve
Quem deve dentro d'alma andar chorando).

Adonde vai parar a vida breve,
Convertida a velhice em mocidade,
Huma pesada tanto, outra tão leve?

Com quanta confusão se persuade
A nossa depravada natureza
A seguir a mundana vaidade?

Oh! quão cega se deixa levar presa
Dum falso gosto seu, dum vão desejo!
Qual convertido em dôr, qual em tristeza:

Eu do Lima me vim pastar ó Tejo;
Depois detrás da Serra nas salgadas
Agoas, que para mim tão doces vejo.

Ajudam-me a chorar culpas passadas;
Das que se representam me defendem
Nas lapas, que por tempo tem lavradas.

As suas roucas ondas me reprendem
De não considerar taes aposentos,
Quaes levar, e lavrar sempre pretendem.

Convida-me a criar remordimentos
A limpeza daquellas penedias,
Mais limpas do que são meus pensamentos.

Em quantas cousas mais por tantas vias
Acho tantos motivos de afrontar-me
Por ser que todas mais de entranhas frias?

Póde quem tudo póde melhorar-me,
Tanto no que pretendo, inda que indigno,
Que sinta de amor seu todo abrazar-me.

Suave, doce meu amor divino,
Aqui donde vim ter, como sabeis,
Acabar suspirando determino.

Suspiro porque nunca me deixeis
Apartar-me de Vós hum só momento,
Nem já mais Vós de mim vos aparteis.

Bem vos posso allegar merecimento
Da morte, e paixão vossa, antes da minha,
Da minha redempção, vosso tormento.

Inda vossa bondade me não tinha
Formado, Senhor meu, quando morrestes
Por me salvar na Cruz, que vos sostinha.

Alli, manso cordeiro, offerecestes
Nas mãos dos crueis lobos vossa vida,
Que tirada, tirar-lha não quisestes.

Abriram-vos no peito huma ferida;
Quatro nos pés, e mãos, depois que estava
Vossa carne de açoutes já delida.

A piedade então donde morava
Aquella, que quebrou as pedras duras,
Que corações humanos não quebrava?

Eis o sol perde a luz, fica ás escuras:
Rompe-se o véo do Templo; a terra treme;
Os mortos vivos saem das sepulturas.

Quem não chora, Deos meu, suspira, e geme!
O' quem de pura dôr não arrebenta!
Quem toma mais na mão remo, nem leme!

Que me colha no mar huma tormenta,
Ficando a salvação posta em perigo,
Podendo lograr pobre vida isenta?

Desn' hoje mais parente, nem amigo
Me busque, nem me falle, nem me veja;
Tanto me dá moderno como antigo.

Tudo me cansa já, tudo me peja,
E pouco basta já para soster
O pouco que da vida me sobeja.

A praia tem marisco que comer
Ameijoas, bribigões na branca arêa,
Que facilmente posso revolver.

A pedra que dos mares se rodea,
Chea de lapas pardas apparece,
De negros mixilhões inda mais chea.

A vermelha santola não falece,
Outro com seu pé curto revirado,
Seu não, antes de cabra me parece.

E quando se mostrar muito alterado
O mar, que seu marisco me defenda,
O bosque está daqui pouco afastado.

Quer suba a planta nelle, quer se estenda,
Escolherei no ramo o mais maduro
Fructo sem damno alheo, e sem contenda.

E se caçar quiser eu pelo escuro
(Deixo na arribação dos passarinhos)
A pouco na pobreza me aventuro.

Que bem sei enlaçar pelos caminhos
Huns animaes que trazem na cabeça
Dois ramos cada qual cheios de espinhos.

E se na larga praia, ou mata espessa
O premio falecer do meu trabalho;
Não temo que de cima me faleça.

Não me posso perder por este atalho;
Posto que tarde vou, que não perderão
Por tarde os desta vinha, em que trabalho,
Na qual os derradeiros precederão.

ELEGIA VIII.

Da ausencia justa conjugal.

Se neste apartamento me faltara
Hum desejo enganado de esperança,
A vida consumida me deixara.

Quanto lastíma mais, quanto mais cansa
Cuidar que faço offensa a amor tão puro,
Que não póde soffrer desconfiança?

Inda que me não póde dar seguro
Aceso em peitos nossos differentes,
Que sempre o da mulher he menos duro.

Veja-se nos extremos dos absentes
Quem póde resistir a saudades,
Quem lagrimas seccar, tristes correntes?

Em tantas, e tão feras tempestades,
Quem póde assossegar, para que conte
Adversas, e diversas novidades.

Tristes dos olhos tristes, que defronte
Vem branquejar d'além huma só parte,
Escurecer d'aquem o raio ao monte!

Que licença me dá, para que aparte
A vista, brando amor, donde m'encerra,
Se em parte outra nenhuma se reparte?

Deixem-me caminhar a breve terra,
Que não podem tolher o pensamento;
Verão quão pouco temo inglesa guerra.

Formara horrivel som fero instrumento,
Reluzira de perto o ferro imigo,
Faltara-me da absencia o sentimento.

Se para me livrar de mór perigo
Se foi, e me deixou, não o deixando,
Errou não me levar antes comsigo.

Que mal se fica a vida segurando,
Quando de dôr se vai mais consumindo,
Sempre numa só cousa imaginando?

Podera divertir-me vendo, e ouvindo
Do mal que está por vir, não do presente,
Que sem ver nem ouvir-me está ferindo.

Se me concede amor tão justamente
Não ter meu coração do seu diviso,
Porque lhe não defende estar absente?

Não sei para que mais contemporizo,
Temendo que dirão quando me fôr:
— A triste por amor perdeu o siso.

Ficarei por ventura então pior,
Ficando do meu mal remediada
Pondo por obra as leis do justo amor.

Que possa ser de nescios mal julgada,
Quero: que de prudentes reprendida
Não me será melhor que sepultada?

O que me dilatou esta partida,
Não soffre dilação já neste estado;
Que se vai esgotando a triste vida.

Quem fez amor igual mais libertado
Ah! triste! que não sei quanto he igual;
Pois nisto o sinto enfim desigualado!

Que presta, de que serve, que me val
No nosso apartamento hum pinhor certo?
Por certo que inda foi para mór mal.

Que viva na cidade, ou no deserto,
Quando lhe dei a minha mão direita,
Não se apontou tal cousa no concerto.

Queres-me consolar, pouco aproveita,
Usando de palavras de brandura?
Pois a vista não fica satisfeita.

Não sei qual outra mór desaventura
Possa criar em mim maior tristeza,
Que ser firme sem ser de pedra dura.

Ah! quem trocar pudera a natureza!
Imitando da planta a folha leve,
E da rocha mais dura mór dureza.

Que firme, e brando peito não se atreve
A poder resistir a mal tamanho,
Quamanho delle a absencia mo descreve.

As lagrimas de amor, em que me banho,
Testimunhas me sejam do que sinto;
Pois por obedecer não acompanho.

Nesta tamanha magoa ás vezes pinto
Cruel o meu amor, ah! quem pudera,
Sonhar este só bem, que não consinto!

Por ventura que assi me defendera:
Fôsse por breve espaço neste peito,
Onde o fogo repousa em branda cera.

Que mal, meu justo amor, te tenho feito,
Que me negas a vista doce, e branda
Minha, e tanto minha por direito?

Não vês que se quiser fazer demanda,
Manifesta justiça me sobeja?
Não vês que a lei de Deos assim o manda?

Manda que adonde estás tambem esteja,
Tu que estejas adonde estar me mandas;
Agora ordena tu como isto seja,

— Não queiras que antre nós haja demandas.

VILANCETE.

Que desculpa póde dar
Amor a quem
Passando deixou áquem?

Que podera succeder
Por mais mal que succedera,
Que menos mal não soffrera
Do mal, que possa soffrer?
Que tem mais que bem querer
Quem quer bem
Sem dar desculpa a ninguem?
Eu não sei que Amor me manda
Se manda que não te siga,
Menos seja quem te obriga.
Pois me deixas destá banda.
A mim só amor abranda,
Não a quem
Se foi, e deixou-me áquem.

ELEGIA IX.

Á morte de seu irmão Diogo Bernardes.

Claras agoas do nosso doce Lima,
Seccou no Tejo já vossa corrente,
Onde me sécca a dôr, que me lastima.

Lembranças de vos ver suavemente
Correr ó som da voz, que em vós soava,
Não me deixarão já viver contente.

Lembra-me a tenra idade que passava,
Logrando-me daquella companhia,
A quem tanta brandura acompanhava.

Lembra-me quantas vezes succedia
Das plantas, e das fontes convidados
Aceitar sombras frescas, agoa fria.

Outros mil pensamentos renovados
A magoa me offerece, imaginando
Que nunca hão-de tornar tempos passados.

Fique-se o mundo já desenganado,
Que não se abranda a morte com brandura;
Pois a não abrandou teu peito brando.

Que mór consolação, que mór ventura
(Antes quanto favor de Deos alcança)
Quem dá na vida á vida sepultura!

Ah! claro, e charo Irmão! que confiança
Me fica neste passo, saber certo
Que tinhas lá no Ceo tua esperança!

Sabias que da morte andavas perto...
Perto tambem de Deos a desejavas,
Como dantes me tinhas descoberto.

Que nem sempre do Lima praticavas,
Nem sempre cá no Tejo só comigo,
Nem tudo era poesia o que tratavas.

Eras além de irmão mais meu amigo
Por me veres do mundo despedido,
Cujos males chorar vinhas comigo.

Tinhas chorado assaz, tinhas gemido
O tempo vão da verde mocidade,
Na velhice madura conhecido.

Não se deixa sentir a vaidade
No principio da vida grangeada,
Quando contra razão reina vontade.

Dum gosto noutro falso encaminhada,
Não soffre mais ouvir, do que deseja,
Nem sabe desejar cousa acertada.

He necessario pois que se proveja
D'alheo parecer na causa sua;
Porque na sua o seu sempre manqueja.

Mas porque mais não note, nem argua
Os defeitos communs da natureza,
Dos meus quero tratar na morte tua.

Eu cuidava bastar a fortaleza
Da solitaria Serra, em que eu habito,
Para fortalecer minha fraqueza.

Mas nella se abalou mais meu esprito,
Que chorando não fica consolado
Nas lagrimas de amor, em que se banha.

ELEGIA X.

Ao mesmo.

Junto das bravas agoas Oceanas
Choro quanto cantei na mocidade
O' som daquellas mansas Limianas;

Daquellas, que já foram noutra idade
Com nome de Letheas celebradas
Por lhes faltar do curso a liberdade.

Que estando tanto tempo represadas,
O tempo lhes deu nome d'esquecidas,
Até lho dar Bernardes de lembradas.

Mostrai-vos, claras agoas, tão sentidas,
Quanto vos deu Bernardes de brandura,
Vejam-vos de correr ficar corridas.

Deixai seccar nos campos a verdura,
Como já nos do Tejo se seccou,
Por darem a Bernardes sepultura.

Mostrai mais do que nelles se mostrou;
Pois o ser natural mais vos obriga,
Além de quanto mais vos obrigou.

Cuidai que não se achou memoria antiga,
Que tanto vosso nome celebrasse,
Quanto não faltará quem melhor diga.

Ainda que se agora não deixasse
De lhe dar o louvor que se lhe deve,
Não faltaria quem me desculpasse.

Mas quem tão differente do que teve
A vista dos seus olhos, desencolhe,
Quanto mais quer louvar, menos se atreve.

Que de humanos louvores não se colhe
Outro fructo, senão remordimento
De quem semea, e mais de quem recolhe.

Podera-me abalar o sentimento
Da fraca humanidade noutra terra,
Não nesta, em que só pobre vivo isento.

Mettido numa lapa desta Serra,
Que tenho que esperar ou que temer
Nos successos da paz, ou nos da guerra?

A morte já não tem que me empecer,
A vida pouco já deve durar,
A conta não me fica por fazer.

Poderam-se os gentios quietar,
Sem gosto da christã filosofia,
Com gostos desta vida desprezar.

Quanto mais o que delles se desvia,
Escolhendo o melhor, e mais seguro,
Por outra mais suave, e doce via?

Onde se faz mais claro o mais escuro,
Onde muito mais leve o mais pesado,
Onde muito mais brando o que mais duro.

Onde se o pé descalso he magoado,
Se cura com lembrar que seu Senhor
O foi nos pés, e mãos, cabeça, e lado.

A tanto se estendeu o Redemptor,
Que pelo meu trocou seu amor, sendo
O seu de Deos, o meu de peccador.

Daqui não sei passar, aqui suspendo,
Quanto posso alcançar, quanto sentir;
Pois que me vejo amar de quem offendo.

Donde posso acabar de concluir,
Que quando não puder chegar amando,
Suprirei com desejos de servir.

Póde ser que se abrande, desejando,
Tanto no peito meu minha dureza,
Que de duro se venha a fazer brando.

Para que sinta esta alma em fogo accesa
Tanto quanto mais nelle arder deseja,
Sem mais contradição da natureza,
Da que divino amor quiser que seja.

EPIGRAMMA.

Á morte de hum moço.

Alma já tão ditosa entre as ditosas,
Em paz goza de quem lá te levou,
Livre das mortaes ondas furiosas,
Que, posto que esta minha suspirou
Por ti com muitas outras, saudosas,
Não se esquece de dar a Deos louvores,
Por não fiar do vento as brandas flores.

Outro ao mesmo.

Tamanha foi a dôr, a magoa minha,
Que me queixei do Ceo, porque levava
O seu, que para si na terra tinha.
Havê-lo de levar não duvidava,
Mas soffre mal amor ser tão asinha.
Levar o Ceo o seu não foi crueza,
Mas que farei ás leis da natureza?

ODA I.

As mudanças do tempo.

Largos campos do Tejo,
A cuja vista crescem
Tristes queixumes de crueis lembranças;
As flores que em vós vejo
Alegres me entristecem,
Por ver que são sugeitas a mudanças.
As minhas esperanças,
Que tinha por seguras,
Já não tornarão mais,
Que como vos seccais
Assi me deixam ellas ás escuras.
Ah! leves fundamentos!
Flores que seccas levam leves ventos!

O mal que não se espera
Traz outro mór comsigo,
Que não póde ser bem remediado.
Conheço que devera
De imaginar comigo,
Que sécca agoa na fonte, herva no prado;
Mas inda neste estado
Todas as magoas minhas
Me não deixam morrer:
Não vemos nós nascer
Rosas muito fermosas nas espinhas?
Assi na mór crueza
Se apura muito mais toda firmeza.

Se tão suavemente
O passarinho canta,
Movido só da sua saudade;

Que fará quem se sente
Magoado de tanta
Misturada com faltas de amizade?
Mudanças da vontade,
Que pena mereceis
Por serdes argumento
Dum novo sentimento
Maior que quantos males me fazeis?
Triste de quem se engana
Com folha, que o sol secca, o vento abana!

Se no valle, ou na serra,
Povoado, ou deserto,
Minha alma sem o bem doutra deseja
Algum gosto na terra,
Quer seja longe, oú perto,
Sem quantas cabras tenho inda me veja!
Por mais verde que seja,
Se seque a verde planta,
O sol me seja frio,
Não ache agoa no rio,
Se quero mais que ver huma alma santa,
Buscando de contino
Com tão puro desejo amor divino.

Confio só naquellas
Chagas, que padeceu
Por todos meu Senhor liberalmente,
Que por cima de estrellas
No Empiréo ceo
Viveremos com elle eternamente.
Meu Deos Omnipotente,
Vós só por nossa guia,
Sem viva creatura,
Na vossa fermosura
Abrazai duas almas noite, e dia;
Por vós arçam, Deos nosso,
Arçam de puro fogo d'amor vosso.

Não julgue mal ninguem,
Não será condemnada
A tenção, com que julga o que não deve;
Veja primeiro bem,
Se tem tenção damnada
Aquelle que julgar outrem se atreve.
Faz o juizo leve
Da verdade mentira;
Faz muitas differenças,
Torcer muitas sentenças;
Faz amolar o ferro, faz que fira.
Ditoso quem padece
Alegremente, quanto se offerece!

ODA II.

A D. Diogo Lopes de Lima.

Senhor, se me esquecera
Da minha natureza,
A quem nunca se nega o que se deve,
Ainda que correra
Com sua agoa mais tesa
O Lima, que de seu tão branda a teve;
Não passará tão leve
Por elle o pensamento,
Que não fôra forçado,
Sentindo-me obrigado
A pagar o devido sentimento
A' minha saudade;
Pois para amar não falta liberdade.

Daqui d'antre estes montes
Tão pobres de verdura,
Como nunca vos vejo, de alegria,

Dos novos orizontes
Antiga fermosura
Ora me inflama todo, ora me esfria:
Não ha noite, nem dia
Na vida, que tornasse;
Inda que desviado
Do curso acostumado
O carro de seu pai já governasse
Faeton, desejoso
De fazer seu imigo mentiroso.

Não sei para que cansa
Quem sempre mais deseja,
Se não morre de fome, nem de frio?
De que serve a privança
Por mais alta que seja,
Se nunca com os meus olhos me rio?
Por força corto o fio,
Porque outrem me não corte
Do meu proprio gosto,
Todos me dão de rosto,
Té que vem a quebrar pelo mais forte.
Então me desengano,
Que basta pouco pão, e pouco panno.

He muito differente
Do que ó longe apparece
O verde bosque visto de mais perto!
Nem para toda a gente
Mais fermoso apparece
O dia pelos valles do deserto!
Quantas vezes desperto
Gritando ó nosso Lima
Porque se não consuma
No mar, como costuma,
Pois livre correr póde para cima?
Quem vos visse apartadas,
Doces agoas do Lima, das salgadas!

ODA III.

A Francisco Barreto de Lima.

O tempo que fugindo
Com tamanhas mudanças
Desengana quem nelle se confia,
Abatendo, e subindo
Diversas esperanças,
Me faz, Lima, cuidar o que faria
Se faltasse agoa fria,
Se me escusasse a tua,
Por mais clara que seja!
Quem me tolhe que veja
Claro de dia o sol, de noite a lua,
Buscando a fermosura
De quem fez tão fermosa a creatura?

Confias na corrente
Com que te vás ó mar;
Lima, meu doce Lima, onde feneces?
Olha quam brevemente
Salgadas vás tomar
As doces agoas nelle, com que deces!
Se do tempo te esqueces,
Em que te faltou agoa
Para livre correr;
He muito de temer,
Que chores outra magoa,
E por ventura quando
Não tenhas quem comtigo estê chorando.

Posto que por ribeiras
De verdes arvoredos,

Por cima d'alvos seixos vás correndo,
As arêas primeiras,
Que por antre penedos
D'huns noutros murmurando vás volvendo,
Em montes vão crescendo,
As hervas afogando,
Que não deixam dar fruito.
A mim custa-me muito
Andar desareando,
Vendo por culpa alhea
Os tristes olhos meus cheios de area.

Por mais claro que saias
Da tua fonte clara,
Lima, tambem de limo vás coberto.
O campo donde espraias,
Seu fruito não negara,
Se de todo ficara descoberto.
Rusticos lavradores
Colhem o que Deos cria;
Eu não duvidaria,
Que fruito dessem flores
Orvalhadas de cima;
Pois quanto a terra dá no Ceo se lima.

Aquelle que deseja
O que por si não póde,
Aquillo ha de buscar com que se alcança.
Não póde ser que seja
O que mais tarde acode,
Pelo menos sem culpa de tardança.
Quem sofre outrem descansa,
Mil vezes se arrepende,
Outras tantas se queixa,
Que em mãos alheas deixa
Aquillo, que alcançar tanto pretende.
Erra quem se grangea,
Devendo ser a sua á custa alhea.

Que me presta que faça
Por mim, por almas santas,
Ainda muito mais do que me pedes?
Póde ser maior graça,
Que chorar quando cantas?
E que para ti peça o que m'impede?
Alembre-te que médes,
E que has de ser medida;
Regista com a vida
O que tenho pedido,
Verás que se dilata
A petição, que pedes tão barata.

Orou o Sacerdote
No templo do Senhor
Por Anna reprendida, e mal julgada;
Orou ella de sorte,
E com tanto fervor,
Que sua petição foi outorgada.
Oração ajudada
De quem n'ade lograr
He muito mais aceita.
Quem a dormir se deita
Que espera d'alcançar?
Alma, que está disposta,
As mercês do Senhor tem por resposta.

A força do desejo,
Que não soffre razão,
Sepultada no gosto a que se entrega,
Ordena mal sobejo.
Que dôr de coração
E não poder valer a quem desejo!
A vaidade pega,
A malicia crece,
Adulação governa,
Gloria, e pena eterna
Na vida se merece.

Duas almas num Lima!
« Bisogna questa mia salvar prima ».
Vai confiado, vai donde te mando,
Duro papel, ou brando;
Que no fogo de amor tudo se apura,
E noutro muito pouco se aventura.

ODA IV.

Na condição da vida humana.

Verdes bosques da Serra
Por antre penedias
Por mãos da natureza repartidos.
Que me fica na terra
No fim já de meus dias,
Tristes tão nesciamente consumidos,
Se não dobrar gemidos
Envoltos na lembrança
De tamanha cegueira,
Pois que na flor primeira
Trabalhei por cortar minha esperança?
Ah! quem se consumira
Desta magoa primeiro que cahira!

Por mais que se combata
Com furiosos ventos,
O mar fóra não sahe do limitado;
A creatura ingrata
Com leves movimentos
Se desmanda do que lhe está mandado!
Oh! desventurado,
Triste modo de vida!
Imiga liberdade!
D'amor suavidade,

Que meus peccados deixam destruida!
O mar guarda a lei sua;
Mas eu, Senhor, não guardo a minha, e tua!

Os montes levantados,
Os valles abatidos
No seu lugar antigo permanecem
Em parte avantejados;
Pois que não compungidos
Do sentimento d'alma que carecem;
E com tudo obedecem
Com nunca se mover,
Movendo-me á tristeza.
Diversa natureza
Da sua, a que não turba obedecer!
Livres montes, e valles
De sentir, e gemer, de chorar males.

Nas feras, e nas aves,
Posto que sensitivas,
Alheas de sentir perda tamanha,
Acho cousas tão graves,
Tão desconsolativas,
Que a mesma confusão me desentranha.
Tanto, que na montanha
Por tudo quanto vejo
Me desejo trocar,
Por ver melhor guardar
A lei, que contradiz o meu desejo,
Criado nestas feras
Entranhas d'aves mais, mais que de feras.

Inda nas pedras duras,
Na sorte differentes
Da minha, muito mais dest'alma imiga,
Não se criam branduras
Passadas, e presentes,
Onde por hum descuido se periga;

A sua lei antiga
Guardando firmemente
Sem mais contradição
Da sua condição,
Desta minha me fazem descontente,
Que sendo no bem dura,
No mal só por meu mal cria brandura.

Ai triste que desculpa!
Ou qual fingida escusa
Darei da vida minha mal gastada!
Eis o mar que me culpa;
A terra, que me accusa,
Mostrando merecer pena dobrada.
Toda cousa criada
Me afronta, e me reprende
Com justiça sobeja.
Toda me faz inveja,
E toda finalmente me suspende.
Vendo-me, e nella vendo
Que louva o Creador, a quem offendo.

Oh! quanto mais se aggrava
Aqui neste deserto
A triste confusão da culpa minha!
Pois quando imaginava
Tamanho desconcerto
Poder remediar, quamanho tinha;
Deste lugar me vinha
Huma doce lembrança,
Que me dava seguro
Deste meu peito duro,
Que como dantes inda aqui me cansa.
Que lugar, ou que parte
Acharei, que de mim mesmo me aparte!

Que presta, que aproveita
Fazer-se mil mudanças

No trajo, na feição, e no pacigo?
Que faz quem tudo engeita,
Quem perde as esperanças
Do mundo, se se perde assi comsigo?
Se acabara comigo
Fazer apartamento
De mim, como fizera
Se mais força pusera
Na decomposição do pensamento
Quamanho bem lograra?
Em quantos graos d'amor me levantara?

Mas pois que tal me sinto,
Que não sinto resguardo
Em mim para escapar do que mereço,
Que se prometto, minto;
E se não minto, tardo;
E tardando, de todo desfaleço.
A Vós, meu Senhor, peço
Graça, favor, ajuda,
No que tanto me vai;
Pois a folha, que cahe
No chão, da verde planta, não se muda
Sem vossa permissão,
Quanto mais hum pesado coração!

Como pai piedoso
Em tudo liberal,
Facil em perdoar, manso, benigno,
De mim tão vicioso,
Fero bruto animal,
De cada vez mais fero, e mais maligno,
De toda pena dino,
Vos mova á piedade
O muito que soffrestes
Vestido desta nossa humanidade,
Pregado num madeiro,
Antre lobos crueis manso cordeiro.

EPITAFIO.

A huma fermosa n'alma, e no corpo.

Aqui debaixo desta pedra dura
Hum corpo se converte em terra fria
Da mais suave, e branda creatura,
De quantas me mostrou a luz do dia.
Bem claro se vio nelle a fermosura
D'alma, que para o Ceo sempre subia,
Sem nunca na tormenta, ou na bonança
Faltar á paciencia, ou temperança.

CARTA I.

Em reposta á de seu irmão Diogo Bernardes.

Se tanto penetrou toda a dureza
O som do teu suave, e doce canto,
Que fará numa branda natureza?

Culpas o meu amor, e dizes quanto
Me tinhas; muito foi; não sei se diga,
Que tenho agora mais sempre outro tanto.

A lei do Redemptor não desobriga,
A quem a professou, ser obrigado
Daquillo, que a razão humana obriga.

Se quis que nosso imigo fôsse amado,
Como não quererá que nosso amigo
Seja no mesmo amor avantejado?

Não sinto que passasse mór perigo
Para carecer desta liberdade,
Que desejar viver só lá comtigo.

Tamanha força tinha a saudade
De leve mininice bem gastada
Após da tua grave mocidade.

Então só foi de mim mais estimada
Sobre todas as mais esta esperança,
Quanto d'altos espritos cubiçada.

Trazia-a pendurada da lembrança,
Que na vista dos bosques não parava.
Oh! gosto d'outra firme confiança!

Assi tinhas de teu o que buscava
Noutros, que se moveram de interesse,
Cuja nodoa na vida mal se lava.

Ah! claro, e charo irmão, quem te cá désse
Com essa tua voz antre esta Serra,
Que tão altos conceitos não perdesse!

Ora suave paz, outr'ora guerra
Cruel, mas necessaria, contarias
A quem divino amor busca na terra.

No pasto da tua alma sentirias
Doçuras de tamanhas novidades,
Que tu mesmo de ti te esquecerias.

Nascem no sentimento estas verdades,
Mal as póde dizer quem as não sente,
E pior quem sentir taes saudades.

Das plantas, que regou tua corrente,
Outro fructo não tens, outro não colhes,
Senão queixar-te em vão da esteril gente.

Acolhe-te a quem sempre te recolhes,
Não faças d'outra cousa fundamento,
Mais boninas do campo não desfolhes.

Guardar a Lei de Deos he mantimento;
O ter menos do mundo, mais seguro;
O suspirar por Deos, contentamento.

Não temas que te falte no futuro
A provisão daquelle, que manteve
Com pão celestial povo tão duro.

Muito mais tem de seu, quem tanto teve,
De quem lhe deu fugir dos que confiam
Naquillo de que mais fugir se deve.

Os lirios do campo, que não fiam,
Vestidos de tamanha fermosura
Vejamos com os olhos que não viam.

Do que não semeou na terra dura
O passarinho colhe com licença
Do Creador de toda a creatura.

Tardar quero que julgues por offensa
E não (sem to dizer) pôr em effeito
Teu proprio parecer, tua sentença.

Que guardados trazia no meu peito
Muitos conselhos sãos, que tu me deste,
Para no torto andar sempre direito.

Lembram-me aquelles versos, que escreveste
Naquella Egloga antiga saudosa,
Onde tanto a pobreza enriqueceste.

Pois olha agora quanto mais ditosa
Hum'alma por seu Deos pobre seria;
E quanto nos seus olhos mais fermosa!

Nesta nossa christã filosofia,
O Senhor, que de graça nos sustenta,
Diante foi de nós por nossa guia.

Quem após elle vai na mór tormenta,
Maior quietação, forças maiores
Para mais o seguir mais accrescenta.

Verdes plantas sombrias, alvas flores,
Agoas, que mansamente is murmurando,
Fermosos orizontes, novas côres;

Amor, que por amores suspirando
Não podes repousar se não ardendo,
Amor, divino amor, meu amor, quando

Em ti, por ti, comtigo irei sustendo
Nos hombros da minh'alma minha cruz,
O Lima no Lethêo convertendo,
Chamarei por Maria, e por Jesus?

CARTA II.

A Dona Branca.

Como queres que negue a teu esprito,
Branca, serva da branca Virgem pura,
Mostrar o que me pedes por escrito?

Não sei eu por qual outra creatura
Os tristes versos meus desenterrara
Debaixo de tão alta sepultura.

Mas pois de branca queres fazer clara,
Aquella luz divina te esclareça,
Que nunca a bons desejos desampara.

Não imagines cousa que te deça
Do caminho do Ceo breve, e seguro,
Por mais que trabalhoso te pareça.

Com penas immortaes do reino escuro
Não te quero espantar; pois seguir queres
A Cruz de teu Senhor por amor puro.

Que podes esperar, por mais que esperes,
Do mundo, que te tem desenganada,
Que te póde faltar, se a Deos te deres?

Se vires que por tudo deixas nada,
Por nada deixarás o que descansa
No curso desta vida tão cansada.

A tanto subirás nesta mudança,
Que não haverá dôr, por mór que seja,
Na qual não cresça mais tua esperança.

Assim de culpas minhas eu me veja
Tão longe, como perto essa alma tua
Daquillo, que esta minha ver deseja.

Que vás após de quem á custa sua
Por nos levar ó Ceo, donde nos chama,
Na terra padeceu morte tão crua.

Hum firme coração, que em Vós se inflamma,
Ardendo por se ver de Vós amado,
Por vos amar, Senhor, tudo desama.

Do tempo, que gastei tão mal gastado,
Dera melhor razão, do que daria
De vos seguir, Senhor Crucificado;

Mas nunca a fraca voz me faltaria
Para dizer do mundo a falsidade,
Como quem nelle andou cego sem guia.

Levanta os olhos teus á saudade
Do Summo Bem dos bens, e nella aprende
Aquillo, que mais fôr sua vontade.

A Fenis, que do tempo se defende,
Antes que lhe faleça força, e vida,
No fogo se renova, em que se accende.

Não se põe mais a rola, carecida
Do seu primeiro amor, em verde ramo;
Foge da fonte clára aborrecida.

Testimunha me seja por quem chamo,
Da verdade que escrevo brevemente
Nos versos, que por seu amor derramo.

Que não pódes sem elle ser contente,
Sem elle, que dilata seu castigo,
Por não negar perdão ao penitente.

Busca falsas razões o duro imigo,
Para nos impedir que de mais perto
Possamos contemplar tamanho amigo.

Ah! braços estendidos, Lado aberto!
Quanto se sentem mais as vossas dôres
Nesta quietação deste desejo!

Nascem nesta aspereza brandas flores,
E nella tão suave, doce fruito,
Como tu colherás, como lá fôres,
Amando muito mais quem amas muito.

CARTA III.

A Francisco Barreto de Lima estando preso.

Andei de mes em mes, de dia em dia
Buscando hum'hora só desoccupada
Para satisfação do que devia.

E quando m'a pintou facilitada
A força do desejo em minhas mãos,
Nas alheas a vi renunciada.

Más se não pude ser dos temporãos,
Dos serodios ser posso differente,
Pois delles huns são pobres, outros sãos.

Quanto padece mais, quanto mais sente
O que não póde ver o que deseja,
Desejando de ver o que está ausente?

Causa póde ser tal, que a mesma seja,
A que dous peitos mova a saudade;
Mas que num delles só mór parte esteja.

Não foi escasso amor de liberdade,
Quanto de forças foi a natureza;
Pois sem ellas senhor he da vontade.

Ou seja n'alegria, ou na tristeza
De mui varios successos da ventura,
Aventurar não deixa a fortaleza.

A barbara, infiel, ingrata, e dura
Terra de Berberia, que negou
A tantos esforçados sepultura;

Inda que desta nossa te apartou,
Apartar nunca póde o sentimento
De quem sempre de cá te acompanhou.

Podera desculpar o pensamento,
Se nesta conjunção se descuidara,
Por ser o mal de pouco soffrimento;

Podera, s'inda agora me calara,
Não danar outro estilo merecido,
De quem melhor nas armas te louvara.

Nas armas onde estava conhecido
Esforço em tenra idade, antecipado,
Nos campos africanos repartido.

Aquelle esforço teu dos teus herdado,
Que dos campos do Lima se estendeu
A vencer os que o Ganges tem regado.

Ah! quanto neste passo se moveu
O meu coração triste a suspirar!
Mas seja tão sómente pelo Ceo!

Pois que ninguem na terra limitar
Póde, quanto de nós mais determina;
Quem póde quanto quer determinar?

Enquanto esta alma nossa peregrina,
Com tão mal inclinada carne unida,
Que de mal em pior sempre se inclina;

Convém que se registe a breve vida
Pela morte por quem ella se mede,
Não respeitando ser desconhecida.

A quantos impedio matar a sede,
Que tinham de fartar crueis intentos
Que a lei justa de Deos tão pouco impede?

A quantos derribou os fundamentos
De seus vãos appetites derivados?
A quantos outros tantos pensamentos?

Quão ditosos, quão bem considerados
Os dias são daquelles, que fugindo
Pelos desertos vão despovoados!

Agora do coelho vão seguindo
Os passos que lhe mostra o cão ligeiro,
Que busca, corre, salta, e vai latindo.

Ora se vai trepar no sovereiro,
Donde, sem ser ferido, o porco fira,
Que por ferir escuma no terreiro.

Ora no campo raso onde se estira
O galgo após da lebre fugitiva,
No cansado rocim se ponha á mira.

Ora tome caçando a perdiz viva
Das mãos do seu açor, ou do seu laço,
Ficando a presa dum, doutro captiva.

E se de condição fôr mais escasso,
No rio vá pescar peixes á cana,
Que Marateca tem como bagaço.

Alli póde caçar toda a semana,
Onde não póde ver andar á caça
Contra divina lei malicia humana.

Nem deve parecer mal esta traça
A' rara, clara, e chara companheira
D'alma, que Deos conserve em sua graça,
Ou seja em Azeitão, ou na Landeira.

MARTYRIO, E VIDA DE SANTA CATHARINA.

Penas, tormentos, dôr, e fortaleza
Cantar quero de Santa Catharina,
Dotada de sciencia, e de pureza,
D'amor celestial, graça divina,
Cujo favor invoco nesta empresa,
D'outra mais branda voz, mais doce digna;
Porque danar não possa ao verso rudo,
De rodas de navalhas fio agudo.

No tempo que Maxencio Imperador
Exercitava sua tyrannia,
Imigo dos amigos do Senhor
Christo JESU, quem elle perseguia;
Procedendo de mal para pior,
Posto no tribunal de Alexandria
Mandou que a todo povo se escrevesse,
Que certo dia todo alli viesse.

Com somma de diversos animaes
Correm a sacrificar solemnemente
No templo de seus deoses immortaes,
Adonde elle queria estar presente
Com todos de seu reino principaes,
Por ser o sacrificio differente
De quantos tantas vezes feitos tinha;
Aparelha-se o mais como convinha.

Havia na cidade huma donzella
De rara perfeição, de bello rosto,
Mas na pureza d'alma inda mais bella,
Prudente Virgem, filha d'ElRei Costo,
Que vendo preparar-se para aquella
Festa vizinhos seus com tanto gosto,

O verdadeiro quis buscar á custa
Da vida com disputa clara, e justa.

E como muitas vezes desejara
Sacrificar a vida a quem lha dera,
E depois de lha dar inda a comprara,
Quando na Cruz por todos padecera;
Com tanto fervor d'alma se prepara
A dar-lhe cem mil outras se as tivera,
Que não póde encobrir naquelle instante
Quão leda dalli parte, e quão constante.

Da sua gente vai acompanhada,
Antes em companhia mais segura
D'amor, com quem se tinha desposada,
Que branda lhe fazia aquella dura
Mão do cruel Tyranno alevantada,
Para dar melhor córte á formosura:
Que tal não tinha vista noutro espelho,
Qual naquelle cutello assi vermelho.

Passa por animaes brutos atados,
Que pondo os olhos nella estão bramando
De verem com seu sangue venerados
Aquelles, que sem fim estão penando;
Adonde tendo já considerados
Quantos nos erros seus se estão culpando,
A Maxencio mandou dizer da porta
Do templo: que fallar-lhe logo importa.

Respondeu-lhe Maxencio que importava
Muito mais acabar o começado
Sacrificio dos deoses, em que estava
Degolando naquelle manso gado;
Mas pois a mesma causa a convidava
A festejar o dia festejado,
Que entrasse a pôr por obra o seu intento
Por não perder o seu merecimento.

A Virgem, que levava outro conceito
Differente do que elle presumio,
Entrou naquelle templo, açougue feito
Do sangue, em que o Tyranno se tingio;
E revolvendo dentro no seu peito,
O que seu doce Esposo lhe imprimio,
Com brando parecer, sereno, e grave
Começou levantar a voz suave.

« — Oh! barbaro, cruel, endurecido,
Fero, bruto, animal, cego tyranno,
Que não tens nos teus erros consentido,
Por deixar de entender o teu engano
Tão manifestamente conhecido,
Se não por te prezar de deshumano;
Pois quando nescio fôras na verdade,
Deras mostras se quer de piedade.

« Por onde podes mal dissimular
A tua natureza dura, e fera
Exercitada em tão sujo lugar,
Qual outro a piedade não movera;
O gosto que tu levas de matar,
Oh! que matando mais se embravecera!
Chamas-te Imperador, e não attentas
Que figura matando representas?

« Mas pois tua malicia assim te cega
Para não poder ver idolatrando,
Como quem seu juizo cego entrega
A cego, que seus passos vai guiando.
Manda vir á disputa quem te préga,
E verás como venço disputando,
Moça de tenros annos, sabedores;
Escolhe de teus reinos os maiores.

« Verás quão pouco basta para crer
Que não soffre razão serem honrados

Por deoses homens máos de máo viver,
Nem menos nos altares levantados
Os idolos, que tu mandas fazer
De pedra, de metal, ou páo lavrados.
Adora quem te fez, deixa o madeiro
Que tu mandas fazer ao carpinteiro.

« A gloria, o louvor, a adoração
A Deos Omnipotente só se deve,
Que por perfeiçoar a Redempção
Universal, na Cruz pregado esteve;
Sem cuja sempiterna permissão
Não se move na planta folha leve.
Põe nelle os olhos, tem da mão o ferro
Envolto em sangue, mais nesse teu erro. »

Perturbado, e confuso está no meio
O Tyranno daquelles argumentos,
Da dura reprensão que dar-lhe veio
A Virgem reprovando seus intentos;
Sem mais outro respeito nem receio
Delle, nem dos sagrados aposentos;
Não soube como della se livrasse,
Se não com lhe mandar que se calasse.

Recolhido já dentro do seu paço,
Depois da funeral festa acabada,
Mandou que a Virgem fôsse em breve espaço
Da sua imperial parte chamada;
A qual com rosto alegre, e grave passo
Honesta, e vergonhosa presentada,
Com muita confiança escuta, e cala
O nescio Imperador, que assi lhe falla:

« — Quero saber que letras aprendeste,
Teu nome, cuja filha és, como ousaste?
Se sabes ponderar o que fizeste
Quando tão soltamente reprendeste,

E dos immortaes deoses blasfemaste?
Que por elles te juro que não sei,
Como comtigo a mim me não matei »?

« — Sou filha d'ElRei Costo (Catharina
Respondeu) desn'o berço doutrinada;
Mas logo desprezei a tal doutrina,
Como me vi com Christo desposada;
Porque em comparação do que elle ensina
Todo o saber do mundo fica nada:
Elle criou o Ceo, criou a Terra;
E tudo quanto mais nelle s'encerra.

« As letras que aprendi d'homens humanos
Contradizer se podem disputando;
Mas não tão manifestos desenganos,
Como no templo estive declarando;
Devias desistir de teus enganos,
Falsas superstições abominando
Desses teus falsos deoses condemnados,
Das furias infernaes atormentados. »

Espantou-se o Tyranno da resposta,
Que da boca da Virgem tinha ouvida,
Avisada, subtil, e bem composta,
Com tanta liberdade repetida;
E como vê que a tudo estava posta
Até perder por Christo a propria vida,
Começou a dizer mil desvarios,
Que a Virgem reprovou como sandios.

E por não se atrever a mais contenda,
Vencido finalmente por razões;
« — Eu, disse, buscar quero quem te renda,
Que a mim me não convem tratar questões:
Antes privar da vida, e da fazenda
Quem sustentar quiser opiniões

Em desprezo dos deoses poderosos,
A quem chamaste falsos, mentirosos. »

Entretanto mandou que lha pusessem
No carcere até quando se juntassem
Os móres sabedores que pudessem,
Para que com a Virgem disputassem,
E que da sua parte lhe dissessem,
E dos immortaes deoses exhortassem,
Que nisto consistia seu Imperio,
Ganhar honra perpetua, ou vituperio.

Chegando já grão numero daquelles,
Que para disputar fôram buscados,
Maxencio começou tratar com elles
Aquillo para que foram chamados;
E que considerassem pender delles
Serem seus proprios deoses desprezados,
O seu Imperador posto em ventura
De mais alegre, ou triste creatura.

E como quem deseja de vencer
Na guerra, lhe parece duvidoso
Tudo quanto lhe póde succeder,
Imaginando mais industrioso
Aquillo de que mais se ha de prover
Para ficar em fim victorioso;
Assi quis o Tyranno assegurar-se,
Como quem não queria aventurar-se.

Dizendo a todos juntos, que teriam,
Vencendo, largos premios; mas vencidos
Com gravissimas penas pagariam
Ficarem os seus deoses abatidos,
E que por esta causa se deviam
Aparelhar com todos os sentidos;
Pois elle tambem nella se perdera,
Se o mandá-la calar lhe não valera.

Hum de todos aquelles que se tinha
Por mais avantejado na sciencia
Diz ao Imperador que muito asinha
Tomaria do caso experiencia;
Posto que disputar-lhe não convinha
Com quem tinha tão fraca resistencia;
Mas que elle proporia tão profunda
Questão, que não houvesse outra segunda.

Festejou o Tyranno tão immensa
Soberba do Filosofo, cuidando
Abastar este só para que vença
A Virgem ante o povo disputando.
E por isso mandou que sem detença
Se fôsse sua vinda abreviando
Desejoso de vê-la qual se vira,
Quando vencido della se partira.

Mas antes que chegassem á cadêa,
Aonde Catharina tinham presa,
De luz divina foi a casa cheia;
Ella de mais sciencia, mais firmeza,
A disputa dos sabios não recêa;
Que de vencê-los já tinha certeza
Por hum Anjo do Ceo, que lhe mandou
Aquelle, em cujas mãos se encommendou.

« — Oh! Catharina (disse) teu Esposo
Por mim, seu Anjo, manda visitar-te,
Para contra este numero odioso
De sabios, antes nescios, confortar-te,
E depois por martyrio glorioso
Com elles no seu reino aposentar-te;
Dando-te graças taes, tão eminentes,
Que de nescios fazer possas prudentes.

« Alegra-te, que tens a Deos propicio;
Alegra-te de seres tão ditosa,

Que fazendo da vida sacrificio
Farás ess'alma tua mais fermosa;
Alegre-te tamanho beneficio,
Oh! Virgem Catharina gloriosa;
Lá te vou esperar no Ceo Empírio,
Onde tens a coroa do martyrio. »

Esta visitação celestial,
Que assi deixou a Virgem transformada
Naquillo, que dizer se póde mal,
Não deu lugar Maxencio a ser lograda,
Que logo se subio no Tribunal,
Mandando que assi fôsse apresentada
Catharina antre aquelles escolhidos,
Que vinham a vencer, não ser vencidos.

Aquelle principal mais arrogante,
Que da victoria fez larga promessa,
Mostrando-se mais destro, e mais constante,
A disputar primeiro se arremeça,
Propondo, e concluindo num instante
Maravilhas dos deoses, que professa,
De Jupiter, Apollo, de Neptuno,
Venus, Minerva, Ceres, Thetis, Juno.

Catharina que estava sobre aviso,
Além do natural, outro divino,
Alegre de se ver posta em juizo
Daquelle Imperador cego, malino;
Tão claramente prova de improvizo
Hum Deos Eterno, só ser Uno, e Trino,
Que não sómente deixa convertido
O sabio, mas á morte offerecido.

Os outros, que na Virgem contemplaram
De raras perfeições, altos extremos,
Todos juntos por terra se lançaram
Dizendo: — « nós tambem nos convertemos

Dos erros, em que os nossos nos criaram;
Abasta o que com nossos olhos vemos;
Que só na lei de Christo verdadeira
Póde lobos vencer huma cordeira. »

O Tyranno que vio como perdera
Diante do seu povo a confiança;
E como disputando se atrevera
Huma moça fazer leve mudança;
Naquelles cincoenta, que escolhera,
Determinou fazer cruel vingança,
Mandando que queimassem todos quantos
Por hum só Deos quisessem perder tantos.

Os verdadeiros sabios, que então viram
Aparelhar-se o fogo, não s'esfriam,
Antes por padecer nelle suspiram.
Accrescentando mais outro, em que ardiam;
Alegres todos juntos se partiram
Da Virgem, que ficar alegre viam,
Dizendo: « Por nós roga ». Ella dizendo:
« Encomendai-me a quem vos encomendo. »

Depois que para o Ceo purificadas
Se partiram aquellas cincoenta
Almas, por Catharina encaminhadas,
O Tyranno de novo prova, e tenta
Com palavras de amor affeiçoadas,
(Que seu desejo vão lhe representa)
Se póde por qualquer via que seja
A Virgem converter, como deseja.

Ella que nada mais delle pretende,
Martyrio, que favor, morte, que vida;
Com tão duras palavras o reprende,
Que lhe faz vomitar a concebida
Furia de huma paixão, em que s'accende
Pela vêr cada vez mais atrevida,

Dizendo: « Quero ver se com tormentos
Abrandar posso teus atrevimentos.

Seja com duras vergas açoutada
Até que das blasfemias se desdiga,
Em que perseverou, como obstinada
Dos deoses immortaes cruel imiga.
Amostra-se da lei desobrigada?
Da piedade a lei me desobriga.
Não fique membro são, nem sangue nelle,
Nem sobre suas carnes fique pelle. »

Quaes lobos vigiando dos outeiros,
Que viram sem pastor a mansa ovelha,
Famintos, furiosos, e ligeiros
Da pelle branca vão fazer vermelha:
Taes fôram os algozes carniceiros,
Tanto que a voz soou na sua orelha
Da boca do Tyranno, que não cansa
De bradar contra aquella ovelha mansa.

Mas ella nos tormentos florecendo,
Como lirio nos valles regadios,
Tanto mais na firmeza vai crescendo,
Quanto de sangue mais crescem os rios.
Eis o Tyranno vai desfalecendo
Do furor, desfalecem os sandios
Ministros seus, cansados de ferir
Quem mais ferida os faz mais confundir.

Vendo Maxencio já forças, e manhas,
Desprezadas daquella, que lançava
Pela rotura fóra das entranhas
Aquelle resplendor, que dentro estava;
Obrando maravilhas tão estranhas,
Que todo aquelle povo se abalava,
Mandou que par' o carcere tornasse,
Até que algum martyrio se inventasse.

A fama que voava deste peito
Augusta Imperatriz moveu contrita
A visitar naquelle carcer' estreito
Catharina, que n'alma tinha escripta.
E para poder pôr isto em effeito
O capitão Porfirio solicita,
Que com duzentos seus secretamente
Augusta a Catharina s'apresente.

Entrando na prisão, antes soltura,
Adonde Catharina se recrea,
Contemplando naquella formosura,
De cuja saudade estava chea,
Tamanho resplendor, tanta doçura
Naquelles circumstantes se semea,
Que confessam a lei, cujos effeitos
São brandura de amor em duros peitos.

« Oh! dito a Senhora, quaes amores
Em tão duras prisões, taes asperezas,
Augusta disse, criam brandas flores
Crescendo, quanto mais no fogo accesas!
Quaes olhos podem ser merecedores
De vêr á sua luz cousas defesas,
Não vos tendo servida por Senhora,
Serva de outro Senhor que vos namora?

« De mim, e destes vossos, que comigo
A verdadeira lei seguir queremos,
Convertidos no nosso error antigo,
Que com suspiros d'alma lavaremos,
Vos alembrai, Senhora, que não digo
O gosto, com que todos morreremos;
Mas que outro mór Tyranno tomaria,
Se noutro póde haver mór tyrannia? »

« Augusta Imperatriz, e todos quantos
(Respondeu Catharina) t'acompanham,

Ditosos escolhidos entre os Santos,
Que por seu Deos no seu sangue se banham:
Os tyrannos crueis não podem tantos
Tormentos inventar, quantos se ganham
Eternos bens, morrendo, e desejando
Que cresçam penas, gloria accrescentando.

Antes de poucos dias lá naquellas
Celestiaes moradas vivireis,
Passeando por cima das estrellas,
Adonde mais fermosas vos vereis,
Que quanta formosura creou nellas
Aquelle, por quem vós padecereis
Com tanta fortaleza, esforço tanto,
Que seja gloria a Deos, ó mundo espanto. »

Firmes, e consolados se apartaram
Da Virgem, que no carcere onze dias
Sem mantimento as guardas encerraram;
Mas o Senhor mandou por outras vias,
Que por suas, humanas não serraram:
Huma pomba lhe traz taes iguarias,
Que quando foi levada ao tribunal
De quaes ellas seriam deu sinal.

O doce Esposo seu, que não se esquece
De quem nas suas mãos se sacrifica,
Tão claro, e tão fermoso lhe apparece,
Consola, esforça, anima, e fortifica;
Que não cárcer, mas gloria lhe parece
Aquelle, onde de amor mais presa fica,
Desejando de ver-se no tormento
Hum não, mas que d'hum só se façam cento.

Porfiando outra vêz, prova tentá-la
Com palavras Maxencio, com branduras,
Pois não podem tormentos abrandá-la.
« Que tentas, ou que intentas, que procuras.

Mover hum coração, que não se abala
Por amor ou temor das creaturas? »
(Respondeu Catharina) tão isenta,
Que elle só dar-lhe morte prova, e tenta.

Hum dos seus cubiçoso de privança,
Conforme a seu senhor na natureza,
Prometteu de fazer leve mudança
Naquella constantissima Princesa,
Assegurando sua confiança
Num tormento inventado da crueza,
Composto dumas rodas rodeadas
De navalhas espessas aguçadas.

Posta já no tormento que moveram
Os algozes, porque ella se movesse,
Em pedaços as rodas se fizeram,
Sem que tocar algum nella podesse;
Matando aquelles nescios, que quiseram,
Que no tormento a Virgem fenecesse;
O povo que esperava a prova disto
Confessa por seu Deos a Jesus Christo.

O Tyranno blasfema, grita, e brama
De ver ficar a Virgem tão serena,
Destruindo dos deoses honra, e fama,
E zombando de quanto elle lhe ordena.
A furia no seu rosto se derrama,
Encobrindo no peito quanta pena
Lhe dá vêr o seu povo alvoroçado,
A risco de perder o seu estado.

E querendo seguir a morte injusta
Na Virgem, que nas penas se deleita;
Eis Porfirio lhe clama, eis clama Augusta
Dizendo: « Imperador, que te aproveita
Atormentar a Santa pia, e justa
Nas obras, e palavras tão perfeita?

Pede-lhe, que te ensine, como possas
Saber o que ensinou ás almas nossas. »

O furioso então Maxencio volta
Contra sua mulher a furia sua,
E contra o capitão Porfirio solta
Palavras com pregão de morte crua.
Eis recrece no povo outra revolta,
Com que o triste Tyranno mais se encrua,
Por vêr duzentos inda no martyrio
Companheiros de Augusta, e de Porfirio.

A Virgem, que da terra para o Ceo
Tantas almas primeiro vio subir;
Da saudade dellas se venceu
De modo, que não soube resistir
(Ao bem, que dos bens dellas pretendeu,)
Ás queixas de mais tarde se partir;
Mas o seu doce Esposo, a quem se queixa,
Dilatar sua morte mais não deixa.

Permittindo que fóra da cidade
Logo fosse levada a degolar,
Achando nos algozes liberdade
Facilmente de tempo para orar;
Onde pede á divina Magestade,
Que seu corpo lhe mande sepultar
Naquelle santo monte, donde deu
A lei santa a Moisés, privado seu.

Depois que se acabou aquella breve,
E final oração da Virgem Santa,
O Ministro cruel não se deteve
Em sepultar o ferro na garganta,
Do qual correndo leite branco esteve;
Milagre de que o povo mais se espanta
Por vêr hum corpo morto, que criava
Com leite aquellas almas, que guardava.

Do seu fermoso corpo degolado
Aquella alma ditosa despedida
Nos braços repousou do seu Amado,
Em cujo amor se tinha derretida.
O corpo foi dos Anjos sepultado
Na parte, que lhe fôra concedida
Por Virgem, e por Martyr, e por Sabia,
No monte de Sinai, monte de Arabia.

Sobre o « Flevit amare ».

Aquelle bom Pastor, que conhecia
Na fraqueza do seu medroso gado,
Como dos crueis lobos fugiria
Quando ficar o visse preso, atado.
Seus olhos, quando já mais não podia,
Negar não quís áquelle, que negado
O tinha, porque nelles enxergasse
Qu'inda o receberia, se tornasse.

Ah! Pedro, quanto mais te magoou
Daquelles claros olhos a brandura,
Que chorar teu peccado te ensinou!
Ensinou-te a buscar a cova escura,
Que d'outra mais escura te livrou,
Onde tambem cahiras porventura
Assim como cahio teu companheiro,
Hum por cubiçar vida, outro dinheiro.

Que vida foi aquella que cuidavas
Que vivendo melhor conservarias?
Pois pelo mesmo caso que negavas
A verdadeira vida, te perdias.
Mal podias viver, pois te matavas,
E mal matar-te já, pois não vivias,
Dizia Pedro triste, arrependido,
Na cova donde estava já mettido.

Ah! triste velho, triste, inda mais triste
No triste fim de quantos ter poderas,
Que podestes deixar a quem seguiste,
Que podestes negar a cujo eras!
Que medo foi aquelle, em que te viste,
Para te não lembrar que prometteras,
Que inda que visses todos fugir delle,
A ti veria só morrer com elle?

Elle delle me vio tambem fugir,
Como delle fugio toda a manada;
Depois me vio tornar, mas a mentir,
Mentira com tres juras affirmada.
Mas se fugindo errei, tornando a vir
A fugida emendei com a tornada;
Que se por huma vez não fui fugindo,
Constante por tres vezes fui mentindo.

Jurei, menti, neguei summa verdade,
Erro grave, mortal, enorme, e feio,
Crime contra divina Magestade,
Culpa dum não sei qual leve receio,
Nascido já no fim da minha idade,
Que neste miseravel parar veio,
Por não dar por resposta áquelles perros,
Preso sou, disse, preso por meus erros.

Preso de seu amor, não seu captivo,
A morte que lhe dais, não ma tireis;
Escondei neste peito o ferro esquivo,
A matar por amor começareis.
Matai-me, que não quero ficar vivo;
Matai, cujo Senhor matar quereis:
Isto devera então de responder,
E deixar-me matar para viver.

Deixar o barco, e redes que prestou,
Daquella voz levado, que levara

O mar de Galiléa, onde me achou,
Cuja força se bem considerara,
Quando o Senhor primeiro me avisou
Que havia de negá-lo, não negara;
Mas dissera tres vezes: *Já pequei:*
Dai-me perdão de tres que vos neguei.

Que posto que por elle estava dito,
O que dito por elle estava feito;
Se, como agora, então me vira afflicto,
Algum remedio dera a meu defeito;
Criara em mim de novo hum novo esprito,
Com que fortalecera o fraco peito;
Porque se fraco fôra da primeira,
Não fôra da segunda, e da terceira.

Oh! lingua mentirosa, que disseste?
Desenfreada lingua, que causaste?
Quanto tempo passou que prometteste?
Quantas horas havia que affirmaste?
E porque causa assi te desdisseste
Com testimunho falso, que juraste,
Que tal Mestre, e Senhor não conhecias,
Pois a tal, e em tal tempo lhe fugias?

Fugio-mo coração que dantes tinha,
Quando meu Senhor nelle repousava,
Fugindo, me fugio a lingua minha,
Que minha covardia governava.
Bem claro se mostrou, com quanta vinha;
Pois bastaram perguntas de huma escrava,
Para negar alli sem mais tormento,
Além daquellas tres, tres vezes cento.

Que menos se esperava da fraqueza,
Que assi se foi de mim senhoreando,
Depois que vi levar atada, e presa
Por cima das calçadas arrastando

A huma Soberana fortaleza,
Que de longe segui, não me lembrando
Quanto mais refinada no presente
Se mostrava em mostrar-se paciente.

Mostrou-se tal por obra, qual dissera
Por palavra na Cea derradeira;
Ah! ditoso se nunca anoitecera
Nest'alma minha aquella Quinta feira!
Ditoso fôra então, se então morrera!
Que já não sinto morte, que me queira;
Pois daquella fugi tão desejada,
De quem morrer deseja morte honrada.

Que mór ventura minha, ou que maior
Honra podera ser naquelle instante,
Que vêr seguir o servo a seu Senhor,
Com o nome de fiel, firme, constante?
E não do que ganhei de sêr traidor,
Que nunca deixará de sêr bastante
Para me magoar além da magoa,
Que já lavar não podem rios d'agoa.

Que assi me aproveitei de huma doutrina,
Duma conversação tão amorosa
Tão branda, e tão suave, e tão benina,
Duma vista das vistas mais fermosa.
Ah! saudade minha, luz divina!
Ah! velhice mofina desditosa!
Qual te fôra melhor deixar de vê-la,
Ou ver que te perdeste com perdê-la!

A perda que meu mal me representa
Não tem conto, nem peso, nem medida;
Que tanto cada vêz mais se accrescenta,
Quanto mór culpa tenho comettida.
Não sei como esta cova me sustenta;
Posto que sua luz tem escondida,

Ou por m'aborrecer, como culpado,
Ou por se escurecer com meu peccado!

Aquelles crueis lobos, que chegaram
A prender o mansissimo Cordeiro,
De quanta piedade então usaram,
Se provaram seu ferro em mim primeiro?
Que com suas palavras me provaram
Para fazer-me dellas companheiro;
Ai! quão brando sentira o ferro duro
No peito antes de ser falso, perjuro!

Qual outro se vio nunca já nascido,
Ou por nascer está, que tal se veja,
Que depois de tão alto ter sobido,
Em tão baixo, e tão vil estado esteja?!
Nem basta haver tambem outro cahido,
Porque dambos a culpa a mesma seja;
Qu'elle não o vendeu mais duma vêz,
Mas eu antes do gallo o neguei tres.

Antes d'ouvir cantar o gallo, digo,
Que se não fôra termo limitado,
Que meu Senhor quis pôr a meu perigo,
Tantas vezes de mim fôra negado,
Quantas de qualquer seu mais fraco imigo
Este mais fraco fôra preguntado:
Enfim, que se tres vezes não ouvira
Cantar o gallo, mais de tres mentira.

De quem me queixarei em mal tamanho,
Pois queixar-me de mim pouco aproveita?
Pouco; se em tristes lagrimas me banho,
E pouco a pouco dôr, que a morte engeita:
Oh! culpa nunca vista, caso estranho!
Qual rustica nação, barbara seita,
Soffre quebrantar fé, por guardar vida,
Que guardada não fique mais perdida?

Como se póde vêr na que não vejo,
Se não para chorar tão triste sorte
De mal tão desestrado, tão sobejo,
Que fêa me pintou fermosa morte,
Sem dar satisfação a meu desejo
Para saber se fui fraco, se forte:
Que se fraco, devera emudecer;
E se forte, devera não temer.

Mas eu, que forte fui para negar,
E para confessar fraco, covarde,
Em qual outra prisão me posso achar
Por mais que espere já, por mais que aguarde?
Que como forte possa confessar,
E como fraco só de mim me guarde,
De mim, que se de mim só me guardara,
Nunca tão cego povo me cegara.

Ah! que me não cegou, quando tentei
Matá-lo todo junto, o meu cutello,
Que de seu sangue tinto embainhei;
Mas eu que forte fui em comettê-lo,
Tão fraco em responder-lhe então fiquei,
Que fiquei desculpado de offendê-lo,
Tanto que ninguem pode presumir,
Que eu pudesse arrancar, menos ferir.

Deste noutro successo differente
Dei na mór perdição que inda té gora
Nunca foi dar passado nem presente,
Nem dar outro se não só Pedro fôra;
Pedro que nesta cova já não sente,
Já não prantea, não suspira, e chora
Pelos bens que perdeu, mas pela offensa
Feita contra seu Deos, bondade immensa.

Esta, que neste estado me tem posto
Para nunca affrouxar hum só momento

D'em lagrimas banhar meu triste rosto,
Meu falso peito em novo sentimento;
Aqui desconsolado, e descomposto,
Onde vivo me deu enterramento,
Morto me deixará sem terra nova
Cobrir meu corpo dentro nesta cova.

Que veja quem por erro ou por acerto
(Erro qual foi o meu não digo tal)
Chegar a vêr meu corpo descoberto,
Que ficou para mais fraco sinal
De não querer a terra ter coberto
Quem para com seu Deos foi desleal;
Que se nisto mór pena me não dera,
Já se abrira comigo, e me sorvera.

Da pena me dá pouco, que padeça,
Da culpa nada basta a consolar-me,
Que não póde acabar donde começa,
Nem póde começar para acabar-me;
Nem menos póde sêr que culpa esqueça,
Culpa, em que por três vezes fui culpar-me,
Assim triste de mim num, noutro extremo,
Da pena me não dá, da culpa gemo.

Gemer, e suspirar em magoa, em pranto,
Manjar será dest'alma minha, ingrata,
Dest'alma, que da carne tratou tanto,
Para tratar de si quão pouco trata.
Disto se manterão ambas emquanto
Sua fraca prisão não se desata,
Atadas no seu erro ambas padeçam,
Ambas desconhecidas se conheçam.

Assáz desconhecido estou de mim
Para não desculpar meu desatino!
Que fugi, que tornei, que fui, que vim,
Que de velho me vim fazer minino:

Perdendo, ai! que perdi poder no fim
Trocar o ser humano por divino:
Se trocar não quisera huma verdade
Tamanha por tamanha falsidade.

Ora pois desta troca succedeu,
A quem seu proprio Deos foi em pessoa
Chamar do mar á terra para o Ceo,
Perder do mesmo Ceo huma coroa;
Que amor nas suas mãos lhe offereceu
Cousa, que assi lastima, assi magoa!
Não quero dilatar o fim que espero;
Por não desabafar, calar me quero.

MOTE.

Antre as cousas mais formosas
Busca a mais fermosa dellas;
Mais que o sol, lua, e estrellas,
Mais que lirios, e que rosas.

Busca a summa formosura,
Que tudo faz, tudo cria;
Só daquella te confia,
Que sempre dos sempres dura:
Se vires cousas formosas,
Como são sol, lua, e estrellas,
Passa tu por cima dellas,
Pisarás lirios, e rosas.

Não te envolva o pensamento
No gosto da vida humana;
Que a folha que o vento abana
Não se defende do vento.
Ha cousas muito fermosas,

Muito claras, muito bellas,
Huma só muito mais que ellas,
Mais que lirios, mais que rosas.

Quanto mais formosa fôr
A cousa que pódes vêr,
Verás que não póde sêr
Sem sêr mais o Creador:
Se vires lirios, e rosas,
O sol, a lua, as estrellas,
Busca no Creador dellas
Outras muito mais formosas.

Quem tudo fez para nós
Fazer-nos quis para si.
Põe os teus olhos em ti,
Verás quem os em ti pôs:
Que lirios vistes, que rosas,
Que sol, que lua, que estrellas,
Que não venhas a ver nellas
O Senhor das mais formosas?

MOTE.

Quem muito deseja amar,
Muito tem do que deseja,
Sem que sinta, sem que veja.

Amor por mais sêr amado
No peito, donde s' accende,
Docemente lhe defende
Saber se tem começado:
Porque assi mais esforçado
Muito mais amar deseja,
Sem que sinta, sem que veja.

Não se deixam comprehender
Effeitos de amor divino;
Mas desejar de contino
He claro sinal de arder:
Donde se póde esconder
Amor porque se não veja
Se não donde se deseja!

Não se queixe o coração,
Se sentir em si seccura,
Que a lenha que muito dura
No fogo, faz-se carvão:
Nem cuide que sopra em vão,
Posto que arder não se veja.
Que quem sopra arder deseja.

VOLTAS.

A Tra los Montes.

Por longe que vá
Donde quer que fôr,
Quem tiver amor,
Lá me buscará;
Pouco me dará
De me não buscar
Quem me não amar.

Se mal empreguei
O meu bem querer,
Lá posso saber
O que cá não sei;
Desenganarm'ei
De me não amar
Quem me não buscar.

Quem me quiser bem
Quando me não vir,
Não ha de sentir
Passar inda além
Dos montes; mas quem
Não quiser passar,
Não me vá buscar.

Se lá vir perdida
A minha esperança,
Não terei mudança,
Que fazer na vida.
Com esta partida
Me posso acabar
De desenganar.

Que perco perdendo
Cuidados humanos,
De cujos enganos
Me vou acolhendo?
Quanto me arrependo
De me descuidar
Do que devo amar!

REDONDILHAS.

A Nossa Senhora.

O' Maria
Doce porto, certa guia,
Gloriosa Virgem pura,
Qual Mãi sua vos faria,
Quem fez toda a formosura?

Não me atrevo
A louvar-vos quanto devo
Antre duras penedias;
Porque borro, quanto escrevo
Nas minhas entranhas frias.

De que rosas
Farei capellas formosas,
De que lirios, de que flores,
Com que versos, com que prosas,
Cantarei vossos louvores?

Sois Aquella,
Que do mar se chama estrella,
Dos tristes consolação,
Rosa que se criou nella
Toda a nossa Redempção.

Sois Rainha
Do Ceo; mas nossa vizinha,
Tão solicita de nós,
Que menos tarda a mézinha,
Do que chamemos por Vós.

Sois Senhora,
Que dum'alma peccadora,
Que vos tem por avogada,
Do mesmo Deos, que em Vós mora,
A quereis fazer morada.

ENDECHAS.

O meu nascimento
Que tal ser devia,
Nunca hum só momento
Tive de alegria.

A estrella minha
Qual devia sêr,
O bem que não tinha
Me póde tolher.

Fortuna que fere,
Que sente ferido,
Não soffre que espere
Cobrar o perdido.

Tudo me magôa,
Tudo me lastima,
Huma dôr em cima
Doutra que mais dôa.

He mui differente
A minha tristeza,
De quanto se sente
Noutra natureza.

Alma entristecida
Façamos concerto;
Vamos fazer vida,
Vida num deserto.

Antre penedias,
E valles medonhos,
Onde nem por sonhos
Lembrem alegrias.

Não haja mais vêr
Quem falle, quem veja;
Tudo, tudo seja
Chorar, e gemer.

Claros desenganos
Dão nestes extremos,

Quantos vistos temos
Em tão poucos annos!

Chorei saudades;
Criei pensamentos;
Fiz mil fundamentos
De mil vaidades.

Os dias não cansam;
Cansa a vida nelles:
Que será daquelles,
Que nella descansam?

Que busco, que quero?
Que choro, que rio?
Em que me confio?
Que tenho, que espero?

Que presta, que val
Quanto o mundo tem?
Como terá bem
Quem escolhe mal!

Se choro, se canto,
Se calo, se grito;
Falta-me o esprito
Para sentir tanto.

Que guerra tão crua,
Que esforço, que manhas,
As suas entranhas
Contra huma alma sua!

Que forças as minhas,
Com que armas pelejo
Contr' o meu desejo,
Coberto de espinhas?

Alma magoada,
Se tanto desejas
Viver descansada,
Não ouças, não vejas.

Fujamos, fujamos,
Donde restauremos,
Quanto mal choramos,
Quanto bem perdemos.

Vamos vêr da serra
Do monte deserto
O Ceo de mais perto,
De mais longe a terra.

Vamos acabar
Numa lapa escura ;
Sem mais alembrar
Viva creatura.

No monte, no valle
Tenho onde me esconda ;
Sem têr com quem falle,
Nem quem me responda.

O bruto animal,
A fera serpente,
Por bem não faz mal,
Como faz a gente.

Plantas, e penedos
Mostram o que tem,
Sem têr mais segredos
Do que os olhos vem.

AO NASCIMENTO DE NOSSO SENHOR.

Tanta formosura
Numa estrebaria
JESUS, e MARIA?

Chove, venta, e neva,
Congela-se o rio,
Meu Senhor ao frio
Com' os filhos d'Eva!
Pelo que releva
Numa estrebaria
JESUS, e MARIA?

Nasce a nova luz;
Nasce a flor das flores;
Amor dos amores,
No berço, e na cruz
MARIA, e JESUS.
Numa estrebaria
JESUS, e MARIA?

Deshumana gente,
Que não agasalha
A quem só na palha
Ficará contente.
Ai! quão pobremente
Numa estrebaria
JESUS, e MARIA?

Fermoso Menino,
Meu Senhor eterno,
Por tempo de inverno
Pobre peregrino;

O amor divino
Numa estrebaria
JESUS, e MARIA?

Por terras estranhas,
A vossa pousada
Tem o tempo armada
De têas de aranhas?
Nasce das entranhas
JESUS, e MARIA
Numa estrebaria?

SONETO I.

Que lugar, tempo, estado, ou esperança,
Me podem segurar do meu desejo,
Que me disfarça o mal, em que me vejo,
Com bens, que antes de vir, fazem mudança?

Sombras vans d'enganada confiança
Fazem que o bom desprézo e o mal elejo;
E vendo-me perdido, inda me pejo
De têr do que já foi, dôr, ou lembrança.

Desejo vencedor, razão vencida,
Poderoso querer, fraco sujeito,
Compridas esperanças, curta vida;

Mouro, como ordenaes, mas satisfeito;
E mais dissera, mas amor duvida,
Que caiba em lingua o que não cabe em peito.

II.

A uma absencia.

Posto que sofra amor apartamento,
Por não fazer offensa á confiança,
Desconfiando vou nesta mudança,
De poder enganar meu pensamento.

E pois negar não posso o sentimento,
Que mais me cansa a mim, por que vos cansa,
Lembre-vos que sem têr de vós lembrança,
Não posso respirar um só momento.

Tal me parti de vós, que não cuidava
Que, pois dentro nesta alma vos trazia,
Noutra nenhuma parte vos deixava.

Mas depois que cá vi que vos não via,
Entendi na partida qual estava
Quem dos olhos, não d'alma se partia.

III.

Ás lagrimas duma despedida.

Quando d'ambos os ceos cahindo estava
O rico orvalho, em perolas formado,
E sobre as frescas rosas derramado
Igual belleza recebia e dava;

Amor, que sempre presente ali estava
Como competidor de meu cuidado,
Num vaso de crystal, douro lavrado,
As gottas, uma e uma, enthesourava.

Eu cos olhos na luz, que aquelle dia
Entre as nuvens do novo sentimento
Escassamente os raios descobria,

Se me matar, dizia, o apartamento,
Ao menos não fará que esta alegria
Não seja paga igual de meu tormento.

IV.

Pús em tamanha altura o pensamento,
Que o perde já de vista a confiança,
Cansado de o seguir minha esperança
Parou em descobrir meu atrevimento.

Por elle mouro em aspero tormento,
Mas não cansará a fé, como não cansa,
Inda que o tempo faça outra mudança,
De que eu deva ter mór sentimento.

Bem pode amor cruel, se ha quem o mande,
Esta sombra da vida desfazer-me,
Seguindo seu costume deshumano.

Só nunca poderá, por mais que ande,
Fazer que me arrependa de perder-me
Com pena, espanto, dôr, força, ou engano.

V.

Que cousa seja amor, não se comprende,
Quão caro custa amar, minha alma o sente,
Um lhe chama affeição, outro accidente,
Mas quem mais o tratou, menos o entende.

Quando se não recea, então offende,
Entra dissimulado e facilmente,
Encobre no desejo frecha ardente,
Que o peito, que he mais frio, mais accende.

Gasta a vida, esperança e sofrimento,
A' sombra dum engano, a que sujeita
Qualquer baixo ou altivo pensamento.

Triste de quem provou sua mão direita,
E o pôs em tal estado seu tormento,
Que já de aborrecido a vida engeita!

VI.

Perdi-me dentro em mim, como em deserto,
Minha alma está metida em labyrintho,
Contino contradigo o que consinto,
Cem mil discursos faço, em nada acerto.

Vejo seguro o damno, o bem incerto;
Comigo porfiando me desminto,
O que mais atormenta, menos sinto,
O bem me foge, quando está mais certo.

E se as asas levanta o pensamento
Áquella parte, onde está escondida
A causa deste vario movimento,

Transforma-se por não sêr conhecida,
Porque quer a pesar do sofrimento
Pôr as armas da morte em mão da vida.

VII.

Acostumado tinha o sofrimento
A um mal, que ja de antigo não sentia,
E, posto que era grave, nelle via,
Que o uso diminue o sentimento.

Ordenaram-me os Ceos novo tormento
No tempo, que esperei nova alegria;
Dantes somente amor me perseguia,
Agora amor, fortuna e pensamento.

A lembrança dos bens, que noutro estado
Teve este peito meu, que em chamas arde,
Está levando sempre meu cuidado.

Chóro a noite, a manhã, a sésta e a tarde,
Mas não devo estar desesperado,
Pois não se escusa a morte, inda que tarde.

VIII.

A peregrinação dum pensamento,
Que dos males fez habito e costume,
Tanto da triste vida me consume,
Quanto cresce na causa do tormento.

Leva a dôr de vencida ao sofrimento,
Mas a alma está de entregue tão sem lume,
Que enlevada no bem, que haver presume,
Não faz caso do mal, que está de assento.

De longe receei, se me valêra
O perigo, que tanto á porta vejo,
Quando não acho em mim cousa segura;

Mas já conheço, e nunca conhecêra!
Que entendimentos prêsos do desejo
Não tem remedio mais que o da ventura.

IX.

Vai-me gastando amor num pensamento,
Que me inclina a seguir meus proprios damnos,
A força, a esperança, o sêr, os annos,
Que pera mim são mil cada momento.

Os suspiros que em vão entrego ao vento,
Paga-mos quem os causa em desenganos,
He seguro fingir novos enganos,
Não mo quer consentir o entendimento.

Se pretendo mostrar quanto padeço,
Falta-me a voz, o alento e o sentido,
E a triste vida não, porque a aborreço.

O peito em vivas chamas convertido
Enfim mostra meu mal, pois ja conheço,
Que nem dizer-se póde, nem sêr crido.

X.

Ao levantar da cama.

Graças vos dou, Senhor, que da escura
Noite e perigos della me livrastes,
Deste dia vêr a luz deixastes
A mim, humilde vossa creatura.

Fazei que esta alma seja nelle pura
E limpa de peccado, pois a amastes,
E pera ma salvar do Ceo baxastes,
Tomando a carne nossa e a figura.

Com todo coração, e de vontade,
Com a palavra, obra e pensamento,
Vos sirva, louve e ame neste dia.

Louvando vossa eterna magestade,
A meu obrar dareis merecimento,
Pera gozar no Ceo vossa alegria.

XI.

Á protestação da Fé.

Em um Deos creo só, da terra e Ceo
Omnipotente Padre creador,
Em Christo filho seu, nosso Senhor,
Que do Espirito Santo a Virgem concebeo.

Do ventre virginal della nasceo,
E em tempo de Pilatos regedor,
Em cruz morreo, porém foi com primor
Sepultado, ao inferno descendeo.

Resurgindo subio com gloria tanta
Ao Ceo, que com Deos Padre está assentado,
Virá julgar a toda alma nascida.

No Sp'rito Santo creo, Igreja Santa,
União dos Santos, venia do peccado,
Resurreição da carne, eterna vida.

XII.

Ao Padre Nosso.

Eterno Padre nosso creador,
Que lá nos Ceos estaes por divindade,
De vosso nome reine a santidade,
Venha a nós vosso reino, e vosso amor.

Feita seja neste orbe inferior,
Como se faz no Ceo, vossa vontade;
O grão, de que se tem necessidade,
Nos dai o dia de hoje com favor.

As dividas, que somos obrigados
A pagar, nos perdoai, e do modo
Que a nossos devedores perdoamos.

Não permittaes que sendo nós tentados,
Nos vença o inimigo, mas que em todo
Livrados do mal delle, vos sirvamos.

XIII.

Á Ave Maria.

Deos vos salve sagrada Virgem pia,
De graça toda cheia, o grão Senhor,
Do Ceo, do mar e terra creador,
Comvosco he em vossa companhia.

Bemdita entre as mulheres sois, Maria,
Bemdito Jesus, nosso Salvador,
Fruito do vosso ventre, que sem dôr
Nasceo em pobre lapa em noite fria.

O' Virgem mãi de Deos, intercessora
Dos miseros mortaes e advogada,
De quem a culpa segue a triste sorte.

Ouvi minha oração, pia Senhora,
Rogai por mim a Deos, de mim lembrada,
E por todos em nossa vida e morte.

XIV.

Á Confissão Geral.

Ao alto Deos confesso meus peccados,
E á Virgem sua mãi, santa Maria,
A são Miguel Archanjo em hierarchia,
Ao Baptista, auctor dos baptizados.

A Pedro, a Paulo, Apostolos sagrados,
E a Santos da celeste Monarchia,
Que em tudo o que cuidei, fiz e dizia,
Contra meu Deos pequei e seus mandados.

Por isso á mesma Virgem rógo e peço,
Como advogada que he dos peccadores,
E a todos, de que acima fiz memoria;

Pois meus erros accuso e os confesso,
Me sejam ante Deos intercessores,
Que mos perdôe, e dê a sua gloria.

XV.

Ao Anjo Custodio.

Anjo Custodio meo, a quem foi dado
Ter cargo de minha alma nesta vida,
Havei respeito a sêr por Deos remida,
Ainda que sujeita ao vil peccado.

Por vossa via seja eu perseverado
De modo, que não fique homicida
Em culpa contra elle commettida,
Mas antes de mim seja sempre amado.

Livrai-me da malicia e torpe engano
Do nosso inimigo, e alcancemos
Da carne, mundo e delle tal victoria,

Que sem temor de pena e mal de dano,
Com vosco a alma minha e eu gozemos
Na outra vida os bens da eterna gloria.

XVI.

A todos os Santos.

Angelicos espiritos creados
Pera louvar a Deos e engrandecer
Da magestade sua o immenso sêr,
Por quem em graça fôstes confirmados;

Collegio d'Apostolos sagrados,
Martyres gloriosos, que por crêr
Na fé de Christo e pola defender
No mundo, fôstes cá martyrizados;

Profetas, Patriarcas, Confessores,
Virgens, que lá de Deos estaes gozando,
Se o Ceo vos deixa ter de nós memoria,

Ouvi as orações dos peccadores,
Intercedei por nós, a Deos rogando
Nos dê cá seu amor, no Ceo a gloria.

XVII.

Ao sahir de casa.

Se déstes, meu Senhor, anjo a Tobias,
Que o caminho certo lhe ensinou,
E a casa de seu pai salvo o tornou,
De mercês vossas cheio e de alegrias;

Outro anjo me dai, que em vossas vias
Me guie e me acompanhe onde vou,
E endireite os passos, que agora dou,
E desta vida dér nos breves dias.

Sendo por anjo vosso encaminhado,
As passadas, que dér, serão bemditas,
Sendo-lhe do Ceo a graça influida.

Vosso nome será glorificado,
As gentes louvarão as infinitas
Misericordias vossas nesta vida.

XVIII.

Ao entrar na Igreja.

Entrarei em vossa casa, meu Senhor,
Em vosso templo santo adorarei
Vossa eterna magestade e louvarei
A vossa omnipotencia e vosso amor.

Com o coração humilde e com temor,
Meu spirito a vós levantarei,
De meus erros perdão vos pedirei,
Contrito d'haver sido peccador.

Não permitaes que aonde orar mandastes,
Seja vossa magestade offendida,
Mas devação ahi nos dae perfeita.

Se ao Padre eterno orar nos ensinastes,
A oração por vós instituida,
De vós querei que seja e d'elle acceita.

XIX.

Ao levantar da Hostia.

Adoro-vos, Senhor Deos escondido,
Nesta hostia divina encorporado,
Creio que estaes ahi substanciado,
Deos e homem verdadeiro, a Deos unido.

Sois Deos, filho do Padre, e concebido
Na Virgem, onde fôstes humanado,
Pelo Spirito Santo fôstes dado
Ao mundo pera sêr por vós remido.

P'ra termos de tão grande beneficio
Lembrança, vida usastes desta traça,
De maravilhas vossas breve historia.

Por nós vos dais ao Padre em sacrificio,
Alcançando-nos por esse meio graça,
Que por ella e por vós nos dê a gloria.

XX.

Ao levantar do Calix.

Divino sangue, que do corpo e lado
De Christo, Salvador nosso, emanastes,
E pera nosso bem vos esgotastes
Na Cruz, aonde foi crucificado.

Adoro-vos, e creio confiado
Com firme fé que a Deus por nós pagastes,
E a nossa penitencia habilitastes
Pera nos sêr por ella o perdão dado.

Da improvisa morte nos livrai,
Dando graça ao nosso entendimento,
Que sirva e louve a eterna magestade.

Por vosso grande merito nos dai
De nossas culpas arrependimento,
Pera lograr no Ceo a eternidade.

XXI.

Ao estar á Missa.

Omnipotente Padre, que deixastes
Sêr vosso filho Deos crucificado,
Pera remir a culpa e o peccado
De Adão, primeiro homem, que creastes.

Deste beneficio além passastes;
Quereis que em sacrificio renovado
Seja este bem, de nós continuado
Em vosso santo templo, que ordenastes.

De mysterio tão alto e tão profundo
Obre em nós a assistencia e a tenção
Tão admiravel, pio e santo effeito,

Que não tenha lugar em nós do mundo,
Da carne, do inimigo a tentação,
Mas seja vosso amor em nós perfeito.

XXII.

Á benção da mesa.

De lá do vosso eterno firmamento,
Omnipotente Deos, uno e trino,
Lançae a benção e favor divino
A nós, a esta mesa, ao mantimento.

Tudo de vossa mão nos seja bento,
A nossos corpos util e benino;
Não permittaes que seja algum indino,
De lhe dardes cada dia este alimento.

Se déstes de comer em campos ermos
A muitas gentes mil com pouco pão,
E sobejou mais d'outro tanto;

Virtude dai a quanto aqui comermos
Por nossa corporal sustentação,
E aqui nos dê sua graça o Spirito Santo.

XXIII.

Ás graças depois de mesa.

Graças, Senhor, vos damos, que quisestes
Dar-nos a refeição de cada dia,
E que com oração devota e pia,
Por nós pedir ao Padre pretendestes.

Por esta, e as mais mercês, que nos fizestes,
No Ceo vos louve toda a hierarchia,
E cá vos sirva toda a Monarchia,
E reconheçam rei o que lhe déstes.

A todos, que por vós bem nos fizeram,
E fazem, concedei, Senhor, por isso
Eternos bens e graça meritória.

Ás almas dos fieis, que já morreram,
Zelando vossa fé, vosso serviço,
Lhe dai eterna paz e vossa glória.

XXIV.

Ao tanger das Ave Marias.

A' Virgem deo o Anjo a embaixada,
Que no alto consistorio se ordenou
Pera sêr mãi de Deos, mas duvidou
Sendo Virgem, têr de mãi a nomeada.

Vendo-a Gabriel assi turbada,
« Maria, não temais », lhe replicou,
« Vossa pureza a graça em Deos achou,
Sereis do Espirito Santo amparada ».

Aquietando a Virgem o pensamento,
Diz com vontade humilde: — « o mandado
Se faça nesta serva do Senhor ».

Dizendo a Virgem *fiat*, no momento
O Verbo eterno foi nella encarnado,
E a creatura unida ao Creador.

XXV.

Ao recolher á noite para dormir.

Omnipotente Deos, que o sol creastes
Presidente da luz do claro dia,
E o governo da noite escura e fria
A' inconstante lua encarregastes!

Por refugio das gentes ordenastes
O repousado somno, que allivia
O diurno trabalho e agonia,
A que nossa natureza obrigastes.

Pois deste se aproveita o inimigo,
Representando em sonhos e abusões,
Com que a vossa magestade offendamos.

Livrai-nos do mal delle, e do perigo
De seus ardís e torpes invenções,
Por que dormindo ainda vos sirvamos.

XXVI.

Á Duquesa d'Aveiro.

Quando na verde planta, ou pedra dura,
Me mandava escrever minha tristeza,
Nunca me pareceo, alta Princesa,
Que podessem meus versos ter ventura

Pera cuidar que houvesse creatura,
A quem taes partes désse a natureza,
Que podesse mover minha dureza
A não lhes dar no fogo sepultura,

Como já fiz de quantos tinha feito
Na ribeira do Lima, em tenra idade,
Por dar algum remedio a meu defeito.

Mas pois Vossa Excellencia tem vontade
De lhos dar, eu me dou por satisfeito,
Que tudo póde enfim pura amizade.

XXVII.

Chora o vicioso emprego da sua vã mocidade.

Nasci junto do Lima saüdoso,
Donde nunca já mais falta verdura,
Levou-me sem saber minha ventura,
Que fôsse, ou que não fôsse venturoso.

Comecei a seguir o vicioso
Na vida, que buscava na brandura,
Sem vêr a falsidade da pintura,
Que certo quer juntar o duvidoso.

Mas em me encaminhar indo perdido,
Sentindo que já não me desculpava
A mocidade vã mal consumida,

Não vos lembrou, Senhor, sêr offendido,
E qu'inda d'offender-vos não cessava
Pera na vida d'alma me dar vida.

XXVIII.

A Immaculada Conceição de Nossa Senhora.

Lá nesse ethereo assento, Virgem pura,
Da trina e uma essencia coroada,
De thronos, cherubins sempre adorada,
Gozando estaes eterna formosura.

Lá, onde a luz jámais perde a figura,
Sois vós, porque quereis, Virgem sagrada,
Nosso guião de paz, nossa avogada,
Sois sol, que nos livrou da noite escura.

Sem macula espelho, poço d'agoa,
Sinada fonte, em quem da sêde humana
Os peccados de todos se lavaram!

Cerrado bosque, rosa soberana,
Lirio, que entre espinhos vos acharam,
Livrai-nos, por quem sois, da eterna mágoa!

XXIX.

Á mesma.

Virgem fermosa, que do sol vestida,
De luzentes estrellas coroada,
Do sol supremo fôstes tão presada,
Que em vós trouxe sua luz e nossa vida.

Virgem, do alto esposo recebida,
Tanto mais humil, quanto mais alçada,
Só vós pera o Creador fôstes creada,
Só vós entre as humanas escolhida.

Qual sahe a aurora, que trazendo o dia,
O ceo esmalta de purpura e d'ouro,
E as negras nuvens fogem d'improviso:

Tal vós, estrella clara e nossa guia,
Trazendo á terra vosso alto thesouro
Convertestes o pranto d'Eva em riso.

XXX.

Á Encarnação.

Do Ceo á terra Deos omnipotente
Vestir-se vem da nossa humanidade,
E dando-nos a sua divindade,
Em nós fica, e nós nelle eternamente!

Sarando a mordedura da serpente
Com fruito liberal da sua herdade,
Porque não tem limites a bondade
De quem tudo dispõe suavemente.

Com dizer e mandar, feito e mandado
Foi tudo quanto quís meu Deos fazer,
E fará quanto tem determinado.

Que se quís a si mesmo desfazer,
E fazendo-se em nós Deos humanado,
Nos deo divino sêr por nosso sêr.

XXXI.

Ás palhas do presepio de Belem.

Ó venturosas palhas de Belem,
Que hoje a Deos menino agasalharam,
Como em fogo d'amor não se abrazaram
Com as divinas chamas, que em si tem?

Pastores, que gozaram tanto bem,
Como d'estas palhinhas se apartaram?
Ou como a ellas logo não tornaram
Por gozar do que os Anjos sempre vem?

Deixai, pastores, já, deixai o gado,
Tornai a este cordeiro, que ficou
Nas palhas de Belem desamparado.

Que, pois que lá do Ceo por nós baixou,
Bem he que de vós seja acompanhado
Cá nestas palhas frias, que acceitou.

XXXII.

Ao nascimento, paixão e ascensão.

Estando o mundo todo em paz composto,
Nascendo á mea noite, longa e fria,
Das mãos de sua Mãi, Virgem Maria,
No presepio Jesus pobre foi pôsto.

Mas Herodes temendo sêr desposto
Do reino, por matar quem não podia,
Os meninos matou, quantos havia,
Ficando com seo reino descomposto.

E depois de fugido para o Egypto,
Tornou o Redemptor manifestado
A cumprir quanto delle estava escrito.

Enfim que morto foi resuscitado
A' gloria, como d'antes tinha dito,
Da nossa salvação assinalado.

XXXIII.

A Quinta feira da Cea do Senhor.

O' divino banquete, onde foi dada
Toda a gloria do Ceo por iguaria,
Nunca aparteis desta alma o santo dia
Da morte de meu Deos, por mim causada.

Pagando em cruz o amor sem dever nada,
Inda lhe pareceu que nos devia
No tempo, em que de nós se despedia,
Ir-se, e ficar numa hostia consagrada.

Finos toques d'amor, raros extremos,
Se os Anjos vos não podem entender,
Os que somos humanos, que faremos?

Contento-me, Senhor, basta-me crêr,
Que nessa hostia sagrada, onde vos temos,
Mais, nem menos, no Ceo não podeis sêr.

XXXIV.

Quae non rapui, tunc exsolvebam.
(Psalm. LXVIII. 5)

Com cordas á columna foi atado,
E com pregos pregado no madeiro
O nosso liberal, manso Cordeiro,
Que pagou o que não tinha furtado.

Assi da terra sendo alevantado,
Cativo levou nosso cativeiro,
E não sendo da culpa alhea herdeiro,
Morreo, como se fôra o mais culpado.

Não tinha outro remedio a salvação
Do mundo, que só Deos salvar podia,
Se não da sua sancta encarnação;

Porque Jesus nascendo de Maria
Podesse padecer morte e paixão,
Na qual nosso bem todo consistia.

XXXV.

A Christo prêso á columna.

Meu Deos, nessa columna estaes atado
Pera do nó da culpa desatar-me;
Pera de vossa gloria coroar-me,
Vos vejo estar de espinhos coroado.

Na cruz entre ladrões crucificado
Sofreis sêr deshonrado por honrar-me;
Por da terra convosco levantar-me,
Estaes de duros cravos trespassado.

A cruel lança do divino peito
Fez porta para a bemaventurança,
Pera que o amor se dê por satisfeito.

Elle faça nesta alma tal mudança,
Que sinta em si com amoroso effeito
Columna, espinhos, cruz, cravos e lança.

XXXVI.

Ao mesmo.

Se não posso pregar meu pensamento
Na Cruz, em que, meu Deos, fôstes pregado,
Da columna, a que fôstes atado,
Não sinta desatar meu pensamento.

Que se dentro desta alma represento
Pouco do que ellas tem representado,
Sendo de qualquer dellas sustentado,
Sinta que de ambas juntas me sustento.

Mas a fraqueza humana acostumada
A vaguear por partes perigosas,
A memoria me leva derramada

Sem me deixar gozar as mais fermosas
Da columna e da cruz ensanguentada,
Nos cravos, que sostem vermelhas rosas.

XXXVII.

A corôa d'espinhos.

A que vindes, Senhor, do Ceo á terra,
Terra, que sendo vossa, vos engeita,
E que tanto vos honra e respeita,
Que em vos não receber insiste, emperra?

Ah! quanta ingratidão nella s'encerra!
Quam mal da vinda vossa se aproveita!
Pois se põe a tomar-vos conta estreita,
Mais brava contra vós, quanto mais erra.

E vós de vosso amor puro forçado
As malditas espinhas lhe pisaes,
Das quaes ainda sendo coroado,

A maldição antiga lhe trocaes
Na benção, que lhe daes crucificado,
Quando morto d'amor, d'amor mataes.

XXXVIII.

A Christo na Cruz

Eterno sacerdote, que hoje alçado
Na grande ara da cruz, onde morrestes,
A Deos em sacrificio offerecestes
A vós mesmo, em amor todo abrazado.

Supremo Rei, não d'ouro coroado,
Mas de crueis espinhos, que escolhestes,
Que por senhor dos reinos, que vencestes,
No throno dessa cruz estaes jurado.

Guerreiro capitão, que assi ferido
Com a lança, que ao ombro alevantastes,
A morte, que morreis, tendes vencido.

Entrai, Senhor, nesta alma, que buscastes,
E nella pera sempre recolhido
Os titulos tomai, que hoje ganhastes.

XXXIX.

Ao mesmo.

Como estaes, luz sem luz, vida sem vida,
Sol sem curso, com sêde fonte pura,
Imagem do pai eterno sem figura
Do mesmo pai, palavra emudecida!

Vara santa de Arão, já não florida,
Bello espelho do ceo sem fermosura,
Doce favo de Sansão entre amargura,
Torre de David forte enfraquecida!

Mas sem vida dais vida, luz sem luz,
Vossa sêde farta ao mundo, e a imagem,
Que tendes, me faz vêr onde vos pús.

Calando ensinaes, immovel moveis
Mais duros corações, que a dura lagem,
Morto espelho mais bello pareceis.

XL.

Ao mesmo.

Assi como vos vejo nessa cruz
Nú, despido, de todo assi me veja,
E como vós estaes, meu Deos, esteja,
Sem haver em mim mais, que o meo Jesus,

Que pois eu fui aquelle, que vos pús
Despido nessa cruz, despido seja
De quanto me desvia, turba e peja,
Pera não contemplar a vossa luz.

Quisestes vós morrer na cruz despido,
Sendo vós senhor meu, eu servo vosso,
Não pago vossa morte com morrer.

Que, pois, por mim já tendes padecido,
Nem com morrer por vós pagar-vos posso,
Pois o morrer por vós é mais viver.

XLI.

A' Paixão.

Se queres, ó christão, gozar da gloria,
E fugir aos abismos do inferno,
A affligida paixão de Deos eterno
Traze sempre esculpida na memoria.

Nella tens de tormentos longa historia,
Um mar alto sem fim de amor interno,
Despreza o livro antigo e o moderno,
Que este lhes leva a palma e a victoria.

Verás o bom Jesus escarnecido,
Derramando do horto ao Calvario
Rios de sangue, dores de contino.

O' finezas de amor extraordinario!
Que um Rei da terra e Ceo por povo indino
Não descanse, senão na cruz subido!

XLII.

Ao mesmo.

Os passos, que de dores trespassado
Christo Jesus passou ajoelhando,
Vamos por seo amor todos passando,
Pois tanto o nosso e seo lhe tem custado.

Pelo rasto do sangue derramado
O seo caminho iremos acertando,
Pera o monte Calvario caminhando,
Onde delle foi tudo consumado.

O descanso do pêso, que levou,
Mudando nos seus membros o madeiro,
Dos ombros pera as costas se passou.

E ficando do seo seo companheiro,
Assi no seo pregado se ficou,
Morto por nós no seo nosso cordeiro.

XLIII.

Ao mesmo.

Se vós, meo Senhor, dais consentimento
Pera sêr dos imigos prêso, atado,
Não me negueis comvosco sêr levado,
Atado a vós, sequer do pensamento.

Que já que em mim não há merecimento
Pera serdes de mim acompanhado,
Pelo menos sêr muito desejado
Não deixe de crescer um só momento.

Não faltam, Senhor meo, cordas banhadas
No proprio sangue vosso pera atar
As entranhas dos vossos desatadas;

Nem faltam prégos vossos, que me dar,
Nos vossos pés e mãos, na cruz pregadas,
Pera comvosco nella me pregar.

XLIV.

Ao ferro da lança, que abrio o lado de Christo.

Duro ferro cruel, lança homicida,
Mais inda que homicida, pois ousaste
Tocar o sacro lado, onde passaste
O termo da crueldade além da vida.

Lança de fraca mão, mas atrevida,
Como de vêr tal Deos não te assombraste,
Como, quebrando as pedras, não quebraste,
Como de não quebrar não estás corrida?

Não é perversa mão a que se atreve
A abrir-nos na divina humanidade
O thesouro, que o mundo descativa?

Mas nunca melhor lança o mundo teve,
Pois quando estanca a humana crueldade,
Ella nos fez correr a fonte viva.

XLV.

A' firmeza do amor.

Quem me póde apartar de vosso amor,
Imprimido por vós neste meo peito,
Que além de sêr por vós, meu Senhor, feito,
Feito quisestes sêr meo Redemptor?

Em que tribulação, tormento, ou dôr,
Em que passo da morte tão estreito,
Me posso vêr em cinza e pó desfeito,
Que cada vêz amor não seja mór.

Das penas, meo Senhor, que padecestes
Do berço até sêr na cruz pregado,
A dureza em brandura convertestes.

O ferro, com que fôstes trespassado
Frio, por nós despois doce fizestes,
No sangue de amor vosso temperado.

XLVI.

A' Cruz.

Amor trouxe a Jesus da gloria á cruz,
Amor nos leva a nós da cruz á gloria,
Amor nos descobrio gloria na cruz,
Amor nos deo na cruz posse da gloria.

Amor me dê a gloria pela cruz,
Amor de cruz ensina amor de gloria,
Amor, que gloria quer, funda-se em cruz,
Amor fundado em cruz, pára na gloria.

Amor é pêso igual de gloria e cruz,
Amor nuve é de cruz, e sol de gloria,
Amor porto é de gloria em mar de cruz.

Amor ama na cruz, goza de gloria,
Amor une ceo, terra, gloria e cruz,
Amor, donde ha mór cruz, tira mór gloria.

XLVII.

A' Ascensão.

Lá vos tornaes, Senhor, onde subistes
Pera lá nos subir, donde descestes;
Nascestes para nós, por nós morrestes,
Morto por nos dar vida resurgistes.

A nossa humanidade, que vestistes,
Vestida pera o ceo levar quisestes;
E tudo quanto nella merecestes,
Comnosco livremente repartistes.

O nascer, o morrer, o resurgir,
O subirdes ao ceo por nos mostrar
O caminho, por onde havemos d'ir;

Tudo tem muito em si que contemplar;
Mais muito mais em mim vêr-vos partir,
Sem vos poder, Deos meo, acompanhar.

XLVIII.

A' Assumpção de Nossa Senhora.

A terra feita ceo, de sol vestida,
Sobe com nova gloria e magestade
A sêr unico espelho da Trindade,
De anjos rainha, de homens honra e vida.

A luz, que esteve cá nella escondida,
Por que iguale o triumpho a dignidade,
Vem receber a mãi, cuja saudade
Leva tudo após si nesta partida.

O resplendor da igreja militante
Abrindo, como aurora um novo dia,
Faz hoje mais fermosa a triunfante.

Já goza o que esperava, amava e cria,
Que logo mereceo no mesmo instante,
Que Deos a fez mãi sua, e nossa guia.

XLIX.

A Santo Antonio.

Se o sacro Evangelista mereceo
Que Deos lhe désse o peito, onde aprendesse,
E são Francisco tanto se enriquece
Das suas cinco chagas, que lhe deo;

Pois se o divino Antonio se escolheo
Pera que o mesmo Deos nas mãos trouxesse,
Parece sêr que muito mais merece
Que quem o peito, ou chagas recebeo.

Quando nas mãos de Antonio Deos estava,
E nellas se quis pôr, e se sostinha,
Nellas, por pagar tanto, se deteve,

Fiava-se Deos delle, e bem convinha
Que désse Antonio a Deos o mais, que teve,
Se Deos a Antonio deo o mais, que tinha.

L.

A' Degolação do Baptista.

Tendo o rei adultero e deshumano
Ao grão Baptista prêso, e não contente,
Como quem tal crime inda não sente,
Outro peor commette o máo tyranno;

E doura assi seo odio com engano,
Que com saber sêr santo, e luz da gente,
Por mais males fazer, matar consente
Um anjo tal de Deos com tanto dano.

Glorioso Baptista e pregoeiro
Com tanta fé, fervor, tal humildade,
Da terra pera o ceo caminho e norte.

Dos nascidos em tudo és o primeiro
Martyr, que por falares a verdade,
Te dá um rei cruel tão cruel morte.

LI.

A' ida de Magdalena ao sepulcro.

Magdalena de amor toda roubada,
Confusa, triste, só, sem luz, sem guia,
Busca fóra de si quem nella ia,
Com passos desiguaes, e alma abrazada.

Não teme a noite, as guardas, a jornada,
Porque não tinha vista, nem sentia,
Que o coração seu mestre o possuia,
E os olhos, sem o vêr, não viam nada.

Chorando chega enfim onde deseja,
Vasio acha o sepulcro, de anjos cheio,
Que o lugar de Jesus só elle o peja.

Mas como de o achar o melhor meio
São lagrimas de amor, quer Deos que veja
Nellas vivo, quem morto buscar veio.

LII.

A' sua morte.

A côrte dos celestes moradores
Da virtude da cruz hoje se espanta,
Que entra uma peccadora triunfante
A dar posse da gloria a peccadores.

Quem das lagrimas fez conquistadores,
Bandeiras de victoria no ceo plante;
E a gozar dos thesouros se levante,
De que os pés de Jesus foram penhores.

Delle tira o remedio efficaz,
Que o ceo, a terra, a vida, a morte, a culpa,
Abre, apura, reforma, vence, apaga.

Alquimia, que da offensa fez desculpa,
Diluvio, em que se salva quem se alaga,
São milagres de amor, que só Deos faz.

LIII.

Ás SS. Marta e Maria.

Aqueixava-se Marta de Maria,
Que servir seu Senhor não lhe ajudava;
Mas o Senhor Maria desculpava,
De quem, mais que de Marta, se servia.

Porque, quando ella mais se distrahia
No serviço de quem agasalhava,
Sem se bolir Maria donde estava,
Os pés do Redemptor mais merecia.

Do qual foi a queixosa respondida,
Que andava em muitas cousas occupada,
Sendo só necessaria uma na vida,

Que nunca poderia sêr tirada
A Maria, de quem fôra escolhida,
Escolhida de quem fôra ensinada.

LIV.

A S. Jacinto.

Jacinto, já vestido doutras côres
Differentes daquellas, que vestido
Tinhas no verde campo, onde colhido
Colheste do Senhor largos favores.

Em que passos de amor, em que amores
Teu brando coração foi derretido,
O teu suave nome convertido
Ora fôsse de pedra, ora de flôres?

De pedra preciosa rodeada
De brandas, alvas flôres na pureza,
Das estrellas do ceo encastoada,

Tal festejada cá nesta baixeza,
Tal na maior alteza festejada,
Tal na festa do Duque e da Duquesa.

LV.

A S. Francisco.

Serafico Francisco, sprito puro,
Profundo mar de amor e de humildade,
Exemplo de pobreza e caridade,
De faustos e honras vans imigo duro.

De santa fé columna e forte muro,
Espelho de limpeza e castidade,
Clara fonte de clara e sã bondade,
Sempre servo de Deos firme e seguro.

Como é proprio de amante desejar-se
Na cousa amada todo transformado,
E vós com tanto amor o desejastes,

Deos, de vosso ardor santo namorado,
Quís tambem nesse habito encerrar-se,
E vós no proprio Deos vos transformastes.

LVI.

A' entrada da Madre Soror Mecía na Madre de Deos.

Qual ave, que do laço vai fugindo,
Qual cerva, dos monteiros acossada,
Qual pedra, d'alto monte despenhada,
Qual vem o raio ardente a nuve abrindo;

Qual sae do arco a setta, o ar ferindo,
Qual imaginação desenfreada,
Qual do rio a corrente arrebatada,
Qual fogo a sua esphera vae subindo;

Tal corre a esposa, ouvindo a voz do amado,
De delicias a cruz, de honra a desprêso,
Do mundo a Deos, das pompas á pobreza.

Effeitos de Jesus crucificado,
Que faz suave o jugo, e leve o pêso,
E faz que a graça vença a natureza.

LVII.

A' mesma.

Pôs Deos da gloria o ceo na mór altura,
Pôs na mór humildade o ceo da graça,
E d'ambos deo amor (com nova traça)
Por meio do Creador, posse á creatura.

Com mortal veo a eterna formosura
Descendo dum a outro se disfarça,
E a cruz por nós com tal excesso abraça,
Que os que a buscam, já nella acham doçura.

Esta pedra evangelica preciosa
Buscou, achou, comprou por quanto tinha
A martyr de desejo valerosa.

Fez rica a pobre, a serva fez rainha,
A soberana sorte venturosa,
Devida a quem por cruz a Deos caminha.

LVIII.

Delitiæ meæ, esse cum filiis hominum.
Prov. 8. 31.

Se são vossas delicias, meo Senhor,
Estar com filhos de homens nesta vida,
Que será na que tendes escolhida
Pera mais refinar o vosso amor?

Por elle nú na cruz vos fôstes pôr,
Por elle nossa carne em vós vestida,
Por elle nossa morte destruida,
Por elle feito santo o peccador.

E se vossas delicias são estar
Com os filhos dos homens, quaes as suas,
Que consistem sómente em vos amar,

Contemplando nas vossas carnes nuas
Com que fogo d'amor quereis formar,
E fazer uma só cousa de duas.

LIX.

Quid enim mihi est in cœlo? et a te quid volui super terram? Psalm. 72. 25.

Que tenho mais no ceo, ou que na terra
Que vós, meo Deos, por quem foi tudo feito,
Ficando terra e ceo a vós sugeito
Com tudo quanto mais nelles se encerra?

Que quem por vós de tudo se desterra,
Trazendo-vos só dentro no seo peito,
Sem terra, e sem ceo fica satisfeito,
E nú, comvosco só, vivo se enterra.

Como se pode vêr nesta figura,
Em quem da carne nossa foi vestido,
Por vestir de si mesmo a creatura,

Por cujo amor morreo na cruz despido,
Vestindo-nos da sua fermosura,
Sem despir nosso e seo roto vestido.

LX.

A Nosso Senhor.

Mostrai-me, meo Senhor, em que deserto,
Em que ribeira, valle, monte, ou serra,
Em quanto me deixaes andar na terra,
Do ceo me deixareis andar mais perto.

Que pois, ora encoberto, ou descoberto,
Me faz cruel imigo cruel guerra,
De quanto dentro em mim mesmo se encerra
Lugar de defensão tenha mais certo.

Mas como, e donde posso defender-me,
Em quanto fôr de mim acompanhado,
Com tanta experiencia de perder-me,

Senão sendo metido em vosso lado
Pera todo de mim mesmo esquecer-me,
E só de vós, meo Deos, ser alembrado?

LXI.

Ao mesmo.

Quando será, Senhor, que desatado
Deste pêso mortal comvosco esteja,
E vendo esta alma em vós o que deseja,
Veja quanto de vós tem desejado?

Que inda que sêr não póde coroado
Quem valerosamente não peleja,
Basta, por muito mais fraco que seja,
Quererdes vós por mim ter pelejado.

Aqui se fortifica a confiança,
Aqui se certifica meu desejo,
Que quem muito deseja, muito alcança.

E se pena me dá, se me faz pejo
O sentimento grave da tardança,
Desejando acharei o que desejo.

XLII.

Ao mesmo.

Se desejo, meo Deos, de vos amar,
E sei que desejaes de sêr amado,
Como tendes amor tão limitado,
Que no desejo meo possa parar?

Que posso fazer mais que desejar,
Nem tanto, se de vós me não fôr dado?
E pois de mim não basta o desejado,
O que vós desejaes, me haveis de dar.

E se de lib'ralidade e brandura
Quereis mostrar d'amor maior affeito
Sem mal, nem bem da vossa creatura,

Creai coração limpo no meo peito,
Abrazado na vossa fermosura,
Onde todo de amor seja desfeito.

LXIII.

Ao mesmo.

Se vós quereis, Senhor, a quem vos quer,
Com vos querer alcanço o bem querido,
Mas porque melhor fique do partido,
Fique nas vossas mãos o bem querer.

Assi que nem falar, ouvir, nem vêr,
Nem desejar me seja permittido
Mais daquillo, que mais fôrdes servido,
Seja quanto penoso podér sêr.

Que não receio dôr, pena, ou tormento,
Buscando quanto em vós achar pretendo
Por obra, por palavra, ou pensamento.

Donde vem que de vós, Senhor, aprendo,
Que entre ambos não sofreis apartamento,
Pois só com vos querer me estaes querendo.

LXIV.

Ipse dixit, et facta sunt. Psalm. 148. 5.

Se bastou só dizer para sêr feito,
E mandar pera sêr tudo creado,
O que tambem a mim me está mandado,
Como não tem em mim o mesmo effeito?

E que seja maior este preceito
De sêr Deos sobre tudo mais amado,
E que em mim só não seja effeituado,
Que tal deve de sêr o meo defeito!

Dous estremos d'aqui fico notando,
Que me confunde meo entendimento
As causas dos effeitos discursando.

Num vejo quanto póde o mandamento,
Noutro quam pouco em mim só fica obrando,
E de ambos falta em mi o sentimento.

LXV.

Deus caritas est. Joan. Ep. I, IV, 8 e 16.

Habita n'alma Deos, se nella habita,
Como em sagrado templo a caridade;
Sem ella, qual sem Deos, a liberdade
D'alma em officio inutil se exercita.

Virtude, que a virtude informa e incita
Ao summo bem, nem sofre que a vontade
Ande em campo menor, que a eternidade,
Ou queira menos gloria, que infinita.

Generosa princesa, em quem receio,
Em quem pena não há, que lhe dê vida,
Da ardente hierarchia a melhor palma.

E' spirito divino, é suave meio,
Que ajunta uma alma a Deos, e lhe dá vida,
Antes é o mesmo Deos, que é vida d'alma.

LXVI.

Satiabor cum apparuerit gloria tua.
Ps. XVI, 15.

Quando verei, meo Deos, chegar-se a hora,
Que a desagasalhada alma deseja,
Pera que só comvosco em vós me veja,
E os mais cuidados vãos fiquem de fóra?

Pasma o juizo, o peito se afervora
No vosso amor, que todo outro despeja,
Rouba-me o sprito a saudade sobeja,
Mas nada satisfaz a quem cá mora.

Se buscar-vos faz n'alma estes affeitos,
Achar-vos que fará? perca-se o tino,
Tornem-se os olhos rios, fogo os peitos.

Mouramos todos deste amor divino,
Que só nelle consiste o sêr perfeitos,
E o atinar do mundo é desatino.

LXVII.

Præterit figura hujus mundi.
1 Corinth. VII, 31.

O' cegos, que buscaes na morte a vida,
Na terra quietação, no ar morada,
Se sois, se haveis de sêr, se fôstes nada,
Onde está o conto, o pêso e a medida?

Se alma em desejos vãos anda embaida;
Dizei-me, gente vil, desatinada,
Que cousa vos engana desejada,
Que vos não desengane possuida?

Quem não conhece a Deos, nem se conhece,
O que ha-de aborrecer, isso deseja,
E o que ha-de desejar, isso aborrece.

Meu Deos, dai-me outros olhos, com que veja,
Que o mundo em apparencia se esvanece,
E vós sejais meo fim, para que eu seja.

LXVIII.

Voto de ardente amor divino.

Quem me dera por lingua um raio ardente,
Que os corações abrira e abrazára,
E os derretêra, unira e transformára,
No amor, que arde e inflamma suavemente.

Amor, que tudo quer, nada consente,
Amor, que se não vê, sendo luz clara,
Amor, que do ceo vem, e no ceo pára,
Amor, que quem o sente, não se sente.

Amor que n'alma imprime um sêr divino,
Que alumiado abre, abrindo accende,
Derrete unindo, e une transformando.

Amor, que cá na terra é peregrino,
Amor, que attrahe o spirito e o suspende,
Amor, enfim, que só se aquire amando.

LXIX.

Da oração.

Assi como, meo Deos omnipotente,
Não costumaes negar petição justa,
Assi não concedeis qualquer injusta,
Concedendo e negando justamente.

A justiça guardando igualmente
Em tudo, quanto mais, ou menos custa
Na fraca natureza, ou na robusta
Com desejo, das forças differente.

Mas não haja quem perca a confiança
D'alcançar o que pede a tal Senhor,
Que quem nelle confia, tudo alcança.

Pois a tanto se extende o seu amor,
Que pera dar a bemaventurança
Em breve, justo faz do peccador.

LXX.

Ao mesmo.

Aquelle, que caminha, desejando
Chegar a vêr-se donde se deseja,
Ainda que chegado não se veja,
De cada vêz se vai mais achegando.

Então já de mais perto renovando
O desejo lhe dá fôrça sobeja
Tanto, que mais penoso inda lhe seja
Deixar de caminhar, que caminhando.

Não sofre amor divino haver tardança,
Por pequena que seja, em caminhar,
Pois o que mais caminha, menos cansa.

E pera finalmente descansar,
No caminho da bemaventurança,
Deixando de correr, ha de voar.

LXXI.

Omnia flumina intrant in mare, et mare non redundat. Eccles. I, 7.

Os rios, donde nascem, vão correndo,
Seu repouso no mar alto buscando,
Com suas doces agoas nelle entrando,
Que em salgadas se ficam convertendo.

Então seo claro engano conhecendo,
De novo a correr tornam, murmurando
Do mal com que lhes fica o mar pagando
As voltas, que por vê-lo vão fazendo.

Doces rios, deixai de murmurar,
Senão de vós, tão mal considerados,
Que correndo vos is lançar no mar.

De cima pera baixo ides errados;
De baixo pera cima sem errar,
Os caminhos do ceo vão acertados.

LXXII.

Gutta cavat lapidem. Ao effeito da perseverança.

A fonte, que de seu curso murmurava,
Cahindo do mais alto do rochedo,
Nos mostra que cavando no penedo
A dureza se vence com brandura.

Assi quem persevera, espera, atura,
Com seos olhos banhados, tarde, ou cedo
Achega a penetrar este segredo,
Como o figurado na figura.

Se contra toda a lei da natureza
A brandura com sêr continuada
Basta pera vencer toda a dureza,

Que não fará nesta alma renovada
A faisca d'amor divino accesa
Pera sêr nelle toda transformada?

LXXIII.

Quanto importa um bom desejo.

Um bosque, que de longe apparecia,
Quando mais claro o sol se nos mostrava,
Desejando de vêr, não acabava,
Arreceando quanto custaria.

Assi passando fui sem vêr um dia
O que vêr tantas vezes desejava,
Que muitas sêr devendo a carne escrava,
Usurpa d'alma sua a senhoria.

Enfim depois de bem considerado,
Rompendo pelo mais difficultoso,
Achei que em caminhar tinha acertado.

Que quem deseja vêr o mais fermoso,
Se não chegar a vêr o desejado,
A mais chega em se vêr mais desejoso.

LXXIV.

Finis cujusque mali principium est futuri.

Do fim de qualquer mal, que me persegue,
O principio de outro se me apega,
Porque quando um de mim se desapega,
Outro no mesmo instante se me apegue.

Assi do que se acaba, outro se segue,
E áquelle, que por vir está, me entrega,
E inda este não se vai, já outro chega,
Sem que para acabar-me, nenhum chegue.

E pois, quando um acaba, outro começa,
De um só (se d'ambos não) fico forçado
A que de novo sempre me entristeça.

Já que tão mal me tenho aproveitado,
Que não faltando males, que padeça,
Na paciencia minha haja faltado.

LXXV.

A temperança.

No fim da vida humana discursando,
Dos males e dos bens fiz conta certa,
Vendo como tem sempre a porta aberta
O tempo, que nos cansa, não cansando.

Que todo se consume desejando
Os fugitivos bens da vida incerta;
E se nos males seos se desconcerta,
Nos bens menos se fica concertando.

Temendo Salomão summa pobreza,
Das riquezas temeo summa abundança,
Confessando de si sua fraqueza.

Assi d'ambas pedio a temperança
De tão destemperada natureza,
Que nos males e bens a todos cansa.

LXXVI.

A' vaidade humana.

De que serve, que presta, que aproveita,
Tudo quanto se acaba em tempo breve,
Qual cêra ao fôgo, ou qual ao sol a neve,
Que não póde deixar de ser desfeita.

Tal o que só no mundo se deleita,
Querendo do pesado fazer leve,
Sem temer o castigo, que se deve
A quem por temporal eterno engeita.

As flôres, que nos campos apparecem,
Abatem sua mesma fermosura
Ant'os olhos, de quem desapparecem.

Amostra-nos o tempo que é pintura,
De quantas cousas dá, todas fenecem,
Senão o Creador da creatura.

LXXVII.

Á dignidade da alma e vaidade da vida.

Quem podesse mostrar o que tem n'alma
Pera desenganar em tudo a vida!
Mas não sinto ninguem, que trate d'alma,
E todos a esperança põe na vida.

O ceo é verdadeiro lugar d'alma,
E á terra baste dar-lhe o corpo e a vida,
Pois não podem têr fim os males d'alma,
E passam, como sombra, os bens da vida.

Se queremos saber o preço d'alma,
Vejamos que pôs Deos por ella a vida,
E viveremos nelle, elle em nossa alma.

O mundo é sonho vão, que enlêa a vida,
Quem nelle está melhor, tem peor alma,
E quem o desprezou, tem alma e vida.

LXXVIII.

A' Senhora da Memoria na ausencia de Fr. Diogo dos Innocentes.

Se vós me não deixaes, Senhora minha,
Seguro estou de nunca vos deixar,
Porque se em mim não ha que segurar,
Assegura-me ter-vos por vizinha.

Foi-se-me o companheiro, que aqui tinha,
Enfermo sem poder mais aturar;
E pois doença e morte hão-de chegar,
Fazei que a morte chegue mais asinha.

Segura-me, Senhora, a confiança
De vossa piedosa condição,
Tão liberal comigo aqui neste ermo,

Para não recear qualquer mudança,
Que quem de mim se serve, quando são,
Não me lançará fóra, quando enfermo.

LXXIX.

A' mesma e ao mesmo respeito.

A saüdade d'alma a vós devida,
De vós, Senhora minha, se sustenta,
Que todos quantos bens me representa,
Nascem de merecerdes sêr servida.

Servir-vos é viver suave vida,
Doce, quieta, branda, livre, isenta;
A paga do serviço se accrescenta
Aqui no vosso altar da vossa ermida.

Que graças dar-vos posso? que louvores?
Pois quanto posso mais, tanto mais devo,
E quanto devo mais, tanto mais rico.

E mais rico, mais devo das maiores;
Mas quando no que devo mais me enlevo,
Libertado do amor mais prêso fico.

LXXX.

A' mesma e ao mesmo respeito.

Daqui, minha Senhora, fui forçado
Da santa obediencia á cidade;
Mas mais forçado vim da saüdade
Vossa, que me tornou mais esforçado.

E se fui, e não vim acompanhado,
Como cuido que foi vossa vontade,
Não pode sêr que aparte a piedade
Quem nunca vi d'amor vosso apartado.

Eu não posso encobrir o sentimento
De tão suave e branda companhia,
Serviço vosso, meo contentamento.

Mas tudo sofrerei com alegria,
Com tanto que não haja apartamento
Do meo doce Jesus, Virgem Maria.

LXXXI.

Na Serra da Arrabida.

No meo desta Serra, onde se cria
Aquella saüdade d'alma pura,
Que no duro penedo acha brandura,
Ardente fogo dentro n'agoa fria,

Ouço no passarinho a melodia,
Vejo vestir o bosque de verdura,
Variar-se no ceo outra pintura,
Que em varios sentimentos me varia.

Pasmando de quam mal se gasta a vida
De quem da terra quer subir ao ceo,
Pois caminhar enfim ninguem duvida,

Menos da vida estreita, que escolheo,
Dos seos mais escolhidos, mais seguida,
Christo Jesus, que numa cruz morreo.

LXXXII.

Da contemplação na mesma.

Dos solitarios bosques a verdura,
Nas duras penedias sustentada,
Nesta Serra, do mar largo cercada,
Me move a contemplar mais fermosura.

Que tem quem tem na terra mór ventura,
Nos mais altos estados arriscada,
Se não tem a vontade registada
Nas mãos do Creador da creatura?

A folha, que no bosque verde estava,
Em breve espaço cahe, perdida a flor,
Que tantas esperanças sustentava.

Por isso considere o peccador,
Se quando na pintura se enlevava
Não se enlevava mais no seo pintor.

LXXXIII.

Da perseverança na penitencia, na mesma.

As cabras, que inda guardo nesta Serra,
São lagrimas chorar por meos peccados
Na lembrança dos tempos mal gastados,
Vendo quem mais acerta, ou quem mais erra.

Triste vida se vive sobre a terra,
E triste muito mais nos povoados,
Dos meos e dos alheos semeados,
Por cima d'hervas más da mesma terra.

Quão pouco dura a vida, bem se entende,
E bem o pera que foi concedida,
E quanto bem, ou mal no fim nos rende.

Ora seja mais breve, ou mais comprida,
A nenhum outro bem maior se estende,
Que a ganhar com mortal immortal vida.

LXXXIV.

Da experiencia.

Que me fica por vêr na mortal vida,
Dos meos immortaes bens tão alongada,
Que por mais que o seo tudo seja nada,
No mais do tudo seo vejo perdida!

Ah! quanto se dilata esta partida,
Com perigo desta alma dilatada,
Que antes de sêr nascida, foi culpada,
Culpada mais, depois de sêr nascida.

A taes termos chegou minha esperança,
Que do remedio estou desenganado
Tanto, que cuidar nelle inda me cansa.

Porque passou o tempo limitado,
Que não pode sofrer tanta tardança
Da morte, de que estou desconfiado.

LXXXV.

Ao mesmo.

Dos males, que por mim já tem passado,
Os que estão por passar tenho aprendido,
Vendo quanto mais val sêr perseguido
Sem causa, que com ella sêr louvado.

Na terra, que não sofre o curvo arado
Nas rasgadas entranhas revolvido,
Não pode o novo trigo sêr colhido,
Que pera se colher foi semeado.

A natureza humana mal sofrida,
De varios successos encontrada,
Mal poderá deixar de sêr ferida.

E que deixe de sêr, sendo louvada,
Sofrendo sêr sem causa perseguida,
Ainda a vigiar fica obrigada.

LXXXVI.

Da quietação.

Dentro na minha Lapa recolhido
Pera chorar um mal novo presente,
Soltando a rouca voz mais brandamente
Disse, depois de tudo concluido:

— Se sempre são hei-de ir, e vir ferido,
E se triste tornar, indo contente,
Nem por amor de amigo, ou de parente,
Sahirei fóra donde estou metido.

Nem vêr, nem visto sêr quero neste ermo,
Nem mal, nem bem tratar mais que de mim,
Pois já da vida tenho feito termo.

Deixem-me morrer donde morrer vim,
Não queiram que mais viva o velho enfermo,
Nem queiram mais matar, sem dar-lhe fim!

LXXXVII.

Ao mesmo.

Dos males, que passei no povoado,
Fugi pera esta Serra erma e deserta,
Vendo que quem servir seo Deos acerta,
Certo tem tudo o mais têr acertado.

E pera mais pureza sou forçado
Mostrar a paciencia descoberta,
Que quando o tentador se desconcerta,
O paciente fica concertado.

Passou a furiosa tempestade,
Ouve-se a voz da rola em nossa terra,
Soando com maior suavidade.

Cobrio-se d'alvas flôres toda a Serra,
A minha alma de doce saudade,
Em paz me fez amor divina guerra.

LXXXVIII.

Ao mesmo.

No silencio da noite, em que vigio,
Desterrado da terra o pensamento,
No que dentro nesta alma represento,
Ora me aquento mais, ora me esfrio.

E pera temperar fôgo com frio,
Em que me esfrio mais, ou mais me aquento,
Dos effeitos do puro sentimento,
Na minha saüdade choro e rio.

Depois destes contrarios temperados
Na mór quietação, na mór brandura,
Meus pensamentos ficam sepultados.

Temperada a frieza na quentura
Do meo divino amor tão apurados,
Que me deixam em paz na sepultura.

LXXXIX.

Ao peccado original.

Se sendo, meo Senhor, por vós formado
Adão, antes de sêr o mal nascido,
Peccou, que fará quem foi concebido
Nas entranhas, que já tinham peccado?

Comer de um fruito só lhe foi vedado,
Tudo mais a seo gosto concedido,
E por uma só vêz haver cahido,
Por muitas sêr não posso alevantado.

Tão fraca ficou minha natureza,
Que levantar não deixa o pensamento
Da terra, a que está atada e prêsa,

Tão imiga do meo merecimento,
Que se morder não póde na pureza,
Não deixa de ladrar um só momento.

XC.

Chora os desvarios da sua desaproveitada mocidade.

O' montes altos, valles abatidos,
Verdes ribeiras de correntes rios,
Ora por baixo de bosques sombrios,
Ora por largos campos estendidos;

Onde mais claros vejo repetidos
Meos mal considerados desvarios
De pensamentos vãos, baixos e frios,
Emendados tão mal, quam mal sentidos.

Passei a mocidade sem proveito,
Antes contra meo Deos accrescentando
Culpas a quantas culpas tenho feito;

Cuja pena a velhice está purgando
Pera passar da morte o passo estreito,
Se não se no seo sangue fôr nadando.

XCI.

Da emenda.

Concluido me tenho a mi comigo
De deixar o caminho, que levava,
Vendo com razões claras quanto errava
Em não me desviar do mais antigo.

Pois no trabalho seo, no mór perigo,
Meo amigo consigo a mi me achava;
E quando no meo mal algum buscava,
Achava-me comigo sem amigo.

Agora dei a volta por caminhos
De solitarios bosques enramados
De feras bravas, mansos passarinhos;

Que inda que entre os espinhos conversados,
Mais quero pés descalços entre espinhos,
Que dos homens humanos espinhados.

XCII.

A' sua inalteravel confiança em Deos.

Ancorou-me a velhice no remanso
Deste mar Oceano, largo e brando,
Onde não tenho já que andar remando,
Nem querer noutra parte melhor lanço.

Neste repouso meo, em que me lanço,
E me levanto sempre desejando,
As forças se me vão accrescentando
Pera alcançar um bem, que não alcanço.

E tendo já no mar ferro lançado,
A confiança minha não se altera,
Por mais que o bravo mar vejo alterado.

Antes mais firme e forte persevera,
Que quem só no seo Deos tem ancorado,
Do bem se logra já, que têr espera.

XCIII.

A' morte.

Os correos da morte são chegados
Por caminhos antigos, impedidos,
Mal com meos olhos, mal com meos ouvidos,
Mal com meos pés, do chão mal levantados.

E mal, por não chorar bem meos peccados,
Que sendo sete, e cinco meos sentidos,
Por serem tantas vêzes repetidos,
Impossivel será serem contados.

Se não viera a morte acompanhada
De conta, que dar devo tão estreita,
Não fôra tão penosa imaginada.

Mas a que vivo e morto tenho feita,
Tenho com meo Senhor na cruz pregada,
Onde o ladrão contrito não se engeita.

XCIV.

Soneto.

Aquelle, que na vinha do Senhor
Trabalha por cavar proveito alheo,
Tanto do proprio seo fica mais cheo,
Quanto mais do commum foi cavador.

Costuma a pagar divino amor
A quem buscar o quer por este meio
Primeiro, como a quem mais tarde veio,
E tanto como o mais madrugador.

Aqui nesta doutrina claramente
Se ensina por que via, como e quando,
Offerta faz a Deos mais excellente.

Todo o que dignamente communigando
Offerece a Deos Padre omnipotente
Seo Filho, sua gloria accrescentando.

XCV.

Soneto.

O' vós, que andaes de achar cá desejosos
Modos de honrar sem fim mais a Trindade,
O melhor se vos dá aqui com brevidade,
Nestes motivos santos amorosos.

Nelles tendes louvores copiosos
Se summo gráo, e grande dignidade
De quem trata e recebe a magestade,
Que temem olhar no ceo os gloriosos.

O alto sacrificio d'honras dino,
A nós tão proveitoso, a Deos acceito,
Com que é toda a Trindade engrandecida.

Sagrada Hostia, Viatico divino,
Que offerecida ao Padre em effeito,
Lhe dou gloria infinita e sem medida.

XCVI.

Soneto.

Lembranças de meu bem, doces lembranças,
Que tão vivas estaes nesta alma minha,
Que mais quereis de mim que os bens que tinha,
Vê-los em poder todos de mudanças?

Ai cego amor! ai falsas esperanças,
De que eu no meu bom tempo me mantinha!
Agora deixareis quem vos sostinha,
Acabaram co'a vida as esperanças.

Co'a vida acabaram, pois a ventura
Me roubou num momento aquella gloria,
Que mostra um grande bem quam pouco dura.

Se após o prazer fôra a memoria,
Ao menos estivéra a alma segura
De ganhar-se com ella mais victoria.

XCVII.

Soneto.

Contentamentos meus, que já passastes,
Trocando a vida alegre, que vivia,
Por este mal, que passo, que um só dia
Me não deixam, depois que me deixastes.

Acabar me convem, pois acabastes
De dar-me o desengano, qu'encobria
Uma esperança vã, que me trazia
Contente, a qual tambem me já tirastes.

Os olhos, que amor sempre guiava
Aonde eu tinha firme o pensamento,
Quando vossa presença os alegrava,

Agora choram vosso apartamento,
Que lhe tirou um bem, que os sustentava,
E só de vós ficou o sentimento.

OITAVAS.

Fortuna destruio minha esperança,
Desenganou-me amor, que a ventura
Que perdesse de tudo a confiança
Com mil claros sinaes da dôr futura.
O' quantos males fez uma só mudança
E quam incerta nelles fica a cura,
Depois que vós de mim vos apartastes,
Contentamentos meus, que já passastes!

O summo bem, que tinha, me avisava
Da pena, que padeço justamente,
Que em tão baixo valor mal se empregava
Um tão felice estado, e tão contente.
A causa, por que dantes triunfava
Do tempo, sem cuidar no mal presente,
Comvosco se me foi o contentamento,
E só de vós ficou o sentimento.

PROEMIO.

Tercetos em louvor da Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora.

Cantar pretendo aquelle alto mysterio,
Que Deos obrou na mais alta creatura,
A que entregou do ceo e terra o imperio.

A pura Conceição da Virgem pura,
Que pera mãi de Deos foi escolhida,
No eterno tribunal da empyria altura.

Mas falar cego em luz e morto em vida,
Em resplandor da gloria a escuridade,
Em fogo ardente a neve empedernida,

E' mór soberba, é mór temeridade,
Que emprender esgotar o grande Oceano,
E que medir dos ceos a immensidade.

Não é empresa enfim d'engenho humano,
Sem luz particular do sol divino,
Que se escondeo no ventre soberano.

Esta me alcança, ó Virgem, inda que indino,
Pois tudo te entregou quem pode tudo,
De teus merecimentos premio dino.

Illustra o entendimento deste rudo,
Alumia o esprito deste cego,
Desata e abraza a lingoa deste mudo.

Pois rudo, cego e mudo a ti me entrego,
Reforma tudo em mim pera louvar-te,
E não perder-me em tão profundo pégo.

Que o que dar pode a natureza e arte,
Não basta para tão alto sujeito,
Se de ti não recebo o que hei-de dar-te.

E pois só gloria tua é o respeito,
Que move esta alma do teo amor roubada,
Enche de teo favor voz, penna e peito,
Que sem elle não sou nem posso nada.

*

Antes que houvesse tempo, ceos e terra,
Antes que na suprema hierarchia
Se levantasse a horrenda e nova guerra,

Antes que a divisão da noite e dia
Das grandes luminarias se fiasse,
Por quem se rege o mundo e se alumia;

Antes que o mar da terra se apartasse,
Antes que em seo lugar cada elemento
O Autor da natureza colocasse;

Antes que do estrellado firmamento
O resplendor, o curso, a magestade,
Dessem do seo poder conhecimento;

Nas Ideas de sua eternidade,
Querendo o amor divino insaciavel
Unir ao Verbo nossa humanidade;

Predestinou uma Virgem admiravel,
Que sem perder à virginal pureza,
Fôsse mãi ó mysterio inexplicavel!

O' excesso das leis da natureza!
O' thesouro da eterna sapiencia,
Que tanto enriqueceo nossa pobreza!

Desta escolha se infere uma consequencia,
Tão infallivel, e tão bem provada,
Que haver não póde mais clara evidencia.

Que esta Virgem por Deos predestinada,
Pera mãi sua necessariamente,
Da culpa original foi preservada.

Que a casa pera Deos era decente,
Sêr santa em tudo sempre qual dissera,
O real Profeta della expressamente.

E noutra parte diz, que Deos pusera
No sol seo tabernaculo, figura
Da luz e resplendor, que á Virgem dera.

Na criação do mundo e na escritura,
Isto em varios lugares representa,
Isto nos significa e nos figura.

Esta fé autoriza, esta sustenta,
O filho divinissimo Cordeiro,
Que antre os lirios celestes se apascenta.

O grande, immenso, eterno e verdadeiro,
Omnipotente Deos maravilhoso,
De quem já mais ninguem foi conselheiro;

O ceo fez lucido, claro e fermoso,
Cuja influencia varia e deleitosa,
Nas creaturas o faz mais glorioso.

A terra creou fertil e amorosa,
Que sem humana industria e sem cuidado,
Nos dava fruito e flôres copiosa.

Já pôsto em feição tudo o creado,
A' sua imagem cria e semelhança,
Um summario do mundo abreviado.

Deo-lhe a posse de tudo e a governança,
Aos anjos quasi quís que se igualasse,
E assi coroa de gloria alcança.

Porque a justiça da alma conservasse,
Luz sobrenatural lhe concedeo,
Com que o servisse, conhecesse e amasse.

E de sciencia infusa o enriqueceo,
Que as cousas mais occultas penetrando,
Nada do natural se lhe escondeo.

Porque as mercês se vão multiplicando,
Companheira lhe deo com que se unisse,
Em paz na terra o ceo representando.

Pera que tanta gloria possuisse,
Seguro de mudança e de ruina,
E a mais altas contemplações subisse,

Por morada lhe escolhe e lhe destina
O paraiso terrestre, onde abrevia
As delicias do ceo a mão divina.

Tudo o que ali creara delles fia,
Só comêrem do fruito, que lhe aponta,
Da sciencia do bem e mal prohibia.

O' cega ingratidão, perpetua affronta,
Digna de sêr chorada eternamente,
Que sem Deos todo o mundo nada monta!

Quebraram o percepto incautamente,
Perdendo a Deos ficaram enganados,
Adão da esposa e Eva da serpente.

Da original justiça despojados,
Tudo se lhes rebela e os desconhece,
Ficando a morte e a dôres condemnados.

O' quanto a culpa acanha e empobrece,
Que na sua patria Adão fez peregrino,
E se não cava e sua já perece!

E não parou só nelle o desatino,
Que a todos comprendeo este peccado,
Por ordem do Juiz justo e divino;

Mas estando *ab eterno* decretado
Não sêr nesta geral lei comprendida
A custodia do Verbo desejado;

Representando-a na arvore da vida,
Porque Adão não podesse tocar nella,
Depois da mortal culpa commettida.

*

Tu és a oriental, cerrada porta,
Do rico e veneravel santuario,
Onde varão entrar não se supporta.

Sagrado tribunal, limpo sacrario,
Do Verbo que encarnou do Esprito Santo,
Feito qual pera Deos foi necessario.

Aqui a alma enlevada em novo espanto,
Das potencias não usa, acha-se indina,
Que em finito saber não cabe tanto.

Vacila o entendimento, e não atina,
A vontade não pode o que pretende,
A memoria confusa desatina.

Nenhum discurso humano te comprende,
Mas se elle para o amor a lingua move,
A publicar o ardor, que o peito accende,

O mesmo amor o esprito me renova,
Pera tal te cantar qual te contemplo,
E o que razões não provam, elle o prove.

Quís Deos que o sabio Rei fundasse um templo,
Que na forma, grandeza e artificio,
Não teve, nem terá no mundo exemplo.

O intento principal deste edificio
Tão rico, sumptuoso e admiravel
Foi fazer-se a Deos nelle sacrificio,

E traçar um sacrario inextimavel,
Onde esteja em lugar santo e decente,
A arca do testamento veneravel.

Se d'ouro puro, pedras do oriente,
Prata fina, riquissimos metaes,
E dos cedros do Libano eminente

Ornou Deos com mercês tantas e taes
O templo material, onde se faça
Sacrificio de brutos animaes,

Como ornaria o spiritual da graça,
Custodia da lei viva, santa e pura,
Em quem comnosco Deos se une e abraça?

Por quem já não em nuve, nem figura,
Mas em pessoa he Deos sacrificado,
Feito pão d'Anjos, luz da alma, e fartura.

Se na figura Deos, com tal cuidado
Pôs tanta perfeição, mal sofreria
Macula original no figurado.

Que grande agravo a si mesmo fazia,
E injuria aos Anjos, que em graça creára,
Dar-lhe Senhora em quem faltado havia.

Tambem no mesmo templo, expressa e clara
Figura foi da original limpeza
O que nas pedras delle Deos obrára;

Donde as tinha formado a natureza,
Cortadas pera a obra soberana,
Vinham justas no assento e na grandeza.

Ordem divina, donde tudo mana,
Foi virem tão iguais e compassadas,
Sem mais medida, ou nova traça humana.

Vinham todas tão limpas e acertadas,
Que, emquanto a obra durou, nunca soaram
D'instrumentos mecanicos pancadas.

As pessoas divinas te crearam
Tão pura e tão conforme á dignidade,
Que a ella a conceição proporcionaram.

Vieste lá da eterna magestade,
Tão limpa, tão perfeita e compassada,
Quanto convém do filho a humanidade.

Medida no ceo fôste lá traçada,
E ao conceber a graça te influiram,
Que declarou a Angelica embaixada.

Se Deos a Eva e a Adão, que o desserviram,
Original justiça lhes concede,
Com antevir a culpa em que cahiram,

Á Virgem que em serví-lo e amá-lo excede
A todos, e impeccavel sempre esteve,
Porque lha não daria o que lhe impede?

Dizer não quís he dar o que querer teve
Falta: dizer não pôde a omnipotencia
Quem num ou noutro pôr falta se atreve?

Tudo quís, tudo pôde a providencia
Divina dar á mãe por não mostrar-lhe
No menos dando o mais menor clemencia.

E o não cahir não tira aproveitar-lhe,
A redenção de Christo antes a honra,
Mais em a preservar, que em perdoar-lhe.

Falta fôra em um Rei, nota e deshonra,
Dar a seo filho herdeiro mais cativa,
Do mór imigo do seo estado e honra.

Deos ao filho por quem quer que reviva,
O mundo não dá mãi, que fosse escrava,
De quem dos bens da graça e gloria priva.

Saul quando David em campo entrava
Co bravo Filisteo, soberbo e horrendo,
Das reaes armas proprias o armava.

O rei celeste a mãi pura elegendo,
Pera que contra o imigo prevaleça,
De graça original a armou em sendo.

Em sendo quer que a tema e reconheça,
E se cumpra a palavra, que lhe déra,
Que ella quebrantaria sua cabeça.

Figura disto proprio o vélo era,
Que vira Gedeão d'orvalho cheo,
Sem se molhar a terra em que estivera.

Tendo todos ferrete escuro e feo
Das culpas paternaes hereditarias,
A graça original só á Virgem veo.

Joseph fazendo as terras tributarias
Todas do Egypto, lemos que eximira
Franca a sacerdotal de pagar párias.

Christo, mór Sacerdote, a Virgem tira
Da dura servidão, por não poder-se
Chamar mãi de Jesus e filha d'ira.

E por no effeito a causa conhecer-se,
A livrou de sentir no parto dôres,
E de seo corpo em terra converter-se.

Que em pena se deo isto aos successores
De Adão, e como a Virgem não peccasse
Não padece as paixões dos peccadores.

Mandou Deos a Israel que, quem tratasse
D'ouvir sua voz, o primeiro que a ouvisse
O sprito e coração santificasse.

Pois como se ha-de crêr que consentisse
Falta na Virgem pura e mãi bemdita,
Querendo que o gerasse e que o parisse?

Formou, antes da terra sêr maldita,
O Adão primeiro; doutra é bem que forme
O segundo, em que falta não se admitta.

A culpa d'Eva fez, que a Deos conforme
Presuma o homem sêr, por onde empenha
A alma, a quem de fermosa a fez disforme.

A graça de Maria faz que venha
Deos sêr conforme ao homem, e por ella
O tenhamos em nós, e em si nos tenha.

Semelhança de sêr gerada nella
Foi a sarça que, sem queimar-se, ardia
Quando Deos a Moysés quís falar della.

Entre as chamas mais verde se fazia
Contra o natural curso e propriedade,
Que o fogo prender nella não podia.

Só da parte usa aqui da claridade,
Que a outra do abrazar vencida fôra
Do ramo, em que Deos pôs sua divindade.

Assi com sêr a Virgem successora
De Adão, por privilegio milagroso,
Da culpa original foi vencedora.

Deste mysterio tão prodigioso
Ficou Moysés com tal temôr e espanto,
Que está do que vê claro, duvidoso.

Mas com acatamento e fé de santo
Intenta de mais perto assegurar-se,
Que não quer dos sentidos fiar tanto.

Caminha e pára, não ousa, e quer chegar-se,
Ora fica suspenso, ora se abala,
E sem de todo enfim determinar-se,

Vê que da mesma sarça Deos lhe fala,
Que antes de dar mais passo se descalce,
Que a terra ali por santa lhe assignala.

O Patriarcha por que mais realce
Sua humildade, e com mór affeito
De todo o coração a Deos exalce,

Pondo o sprito no Ceo, na terra o peito,
Obedece, ficando arrebatado,
Em amorosas lagrimas desfeito.

E assi quem presumir entrar calçado
De indevotas razões neste Ceo puro,
Da concepção na sarça figurado,

Merece achar este mysterio escuro,
Ás leis geraes a Virgem submettendo,
Signal de peito frio e animo duro.

Deos na sarça annuncia que entendendo
O clamor e afflição do cativeiro,
Que o povo está no Egypto padecendo,

Desce como Senhor e padroeiro,
A livrá-lo, e que a terra haja e possua
De promissão, e a logre como herdeiro.

Tambem na Conceição alegre tua,
Anunciou descer a libertar-nos,
E dar-nos posse em ti da gloria sua.

Esta grande mercê deve obrigar-nos
A com fé viva e animo incansavel
Gratos na defensão della mostrar-nos.

Christo, verdade eterna, indubitavel,
Canonizando o angelico Baptista,
Depois de o declarar por inculpavel,

Disse, como refere o Evangelista,
Que entre os nascidos não se levantara
Outro maior, que foi honra não vista.

E nisto expressamente nos declara,
Que a Virgem não cahio, que se cahira,
Ou menor que o Baptista, ou igual ficára.

Da culpa original a esposa a tira,
Nos Cantares, pois diz que a doce amiga
Toda fermosa e sem macula a vira.

A mesma opinião consta, que siga
O santo Job, da Virgem celestial,
E que do Verbo eterno e della diga:

Que a noite do peccado original
Não vira a luz, que é Christo, nem a aurora,
Que é a mãi clara, pura e virginal.

Isto confirma e testemunha agora
A Igreja universal e o Pastor della,
Vigario do Senhor, que o mundo adora.

Pois entre as festas, que celebra nella
Quis, que a da Conceição tivesse dia
Particular, e dedicado a Ella.

E a Igreja santa não consentiria
Festejar-se com duvida ou peccado,
Que, enfim, nunca peccar póde quem a guia.

E assi protesto aos teus pés prostado,
Que emquanto houver em mim vital alento,
Será este dia sempre festejado.

Mas quem terá favor, graça e talento,
Pera exercicio tão santo e sublime,
Não tendo o teu favor por fundamento?

Quando se há por indino e se reprime
O sprito de Moysés, e á vista treme
Da sarça, aonde achou Deos que o anime,

O meu, que entre o pesar e a culpa teme,
Cheo de confusão e de cegueira,
Qual náo em temporal, sem luz, nem leme,

Se tu, Senhora, mãi e padroeira,
Não fazes que a si mesmo e ao mundo negue,
Pera ter a paz da alma verdadeira,

Que centro póde achar, onde assossegue,
Quem me póde valer, quem amparar-me,
Pois tudo o que há na terra, me persegue?

Tu podes soccorrer-me e animar-me
Em todo lugar, tempo, estado e trance,
E com outro sêr novo reformar-me;

Abrir-me o coração pera que lance
De si todo o amôr vão, ou arrancar-mo,
Dando outro em seu lugar, que te ame e alcance.

E pois que da tua parte pera dar-mo
Nada falta, não sejam meos peccados
Bastante occasião pera negar-mo.

Erros tenho não vistos, nem cuidados,
Nenhuma emenda, muita confiança,
Bons propositos nunca executados.

Pondo os olhos em mim perco a esperança,
Pondo-os em ti, que a todos por costume
Soccorres sempre, em tudo, e sem tardança,

Cobrando alento o animo, presume
Ganhar por ti um amor, com que mereça
Sahir a alma de trevas com teo lume.

Não queiras que chamando-te pereça,
O fôro me sustenta de acudir-me,
Porque teu filho não me desconheça.

Obrigue-te, Senhora, pera ouvir-me,
Vêr quem és, os poderes e a valia,
Que tens pera num ponto a Deos unir-me.

Dos Patriarchas honra e alegria,
Dos Profetas saudade, objecto e zêlo,
Dos Apostolos sol, conselho e guia.

De Evangelistas mestra, penna, e sello,
Dos martyres valor, fôrça, e victoria,
Dos pontifices luz pera bem sê-lo.

Dos doutores favor, lingua, e memoria,
Dos confessores certo e doce amparo,
Das virgens palma, flôr, corôa e gloria.

Jesus, meu bom Senhor, teu filho charo,
Destas ordens de santos escolhidas
Exemplo cá te fez, lá lume claro.

Porque os dões e virtudes repartidas,
Em todos se conheça por ti virem,
Em quem Deos as quis, por juntas e unidas.

E por lugar condigno possuirem,
Sobre os choros angelicos te exalça,
Por anjos, como cá, lá te servirem.

Sobre todos tua graça e luz realça,
Qual o mostra a visão do Evangelista,
Que te veste do sol e da lua calça.

Por tal antes de sêr fôste prevista,
Por tal á Conceição isto se applica,
Por della o resplandor mostrar na vista.

E por Rainha gloriosa e rica,
Dos nove choros d'anjos se declára,
Que este numero tal se lhe dedica.

E pelos meses celebres que andara
Jesus no virginal ventre materno,
Mar de graça, onde mais ella inundara.

No nome de tua mãi e no paterno,
Mostrou bem de quam longe te honra e ama,
E por limpa te approva o Rei eterno.

Joaquim — preparação do Senhor chama,
Anna — graciosa diz pera que entenda,
Que tudo é graça em ti quem graça clama.

Tambem amor que trate me encomenda,
Do nome que escrever na alma desejo,
Porque a transforme, apure, arme, defenda.

Faz duvida e temôr o que em mim vejo,
Antes que o signifique e pronuncie,
Mas póde a razão menos que o desejo.

Elle me esforce a voz e a penna guie,
Pera que iguale o fim ao presuposto,
E tudo o al despreze e renuncie.

De cinco letras foi por Deos composto
O nome, que apregoa e profetiza
Neste numero estar nosso bem posto.

Ter cinco o de Jesus o mesmo avisa,
E as chagas o confirmam preciosas,
Da humana redempção fecho e devisa.

Prerogativas tem maravilhosas,
Mas sem que Deos suspenda o esprito e o roube,
Quem cousas tratará tão mysteriosas?

Milagre que só Deos conhecer soube,
Arca em que do diluvio nos salvamos,
Relicario divino em que Deos coube.

Imagem do Senhor, que nella achamos,
Arvore que por fruito a Jesus teve,
Por quem o Ceo da terra conquistamos.

O que Deos nos concede a ella se deve,
Que os thesouros do Ceo ella os possue,
Depois que o Senhor delles nella esteve.

Tudo o bem que elle dá nella se inclue,
Mostra-o lá seu lugar, cá toda a cousa,
Qual o seo nome o diz e o que elle influe.

Maria quer dizer (ah! que não ousa
A lingua indigna e ruda ir por diante!)
Mas declare-o o Senhor, que em ti repousa.

Maria é nome grande, triunfante,
Nome, em que tudo cabe, tudo se acha,
Nome, que a terra e o ceo quer Deos que cante.

Maria é luz sem nevoa, sombra ou tacha,
Consolação, favor, remedio, ajuda,
Que com Jesus nos val e nos despacha.

Maria é firme fé, que se não muda,
Certa esperança, caridade immensa,
Que faz que Deos nos ouça, e nos acuda.

Maria é salvação, couto e defensa
Nossa, por cuja mão franca e suave,
Dos bens da graça e gloria Deos dispensa.

Maria é de David gloriosa chave,
Fonte, mas antes mar, de mar sem fundo,
Piscina, onde Deos quer, que a alma se lave.

Maria é verão florido e jocundo,
Que em nós flôres sem fim cria e descobre,
E faz fermoso o ceo, alegre o mundo.

Maria é veo que a Deos mostra e o cobre,
E de toda a Trindade incompreensivel
Recolhimento e leito puro e nobre.

Maria é um retrato intelligivel
Do que o Padre em nós pode, e sabe o Filho,
E ama o Spirito d'ambos impassivel.

De quanto alcanço em ti me maravilho,
O menos alcançando e assi confuso
Em vêz de te louvar, me rendo e humilho.

Do pouco que te dou, Virgem, me accuso,
Não me esquecendo o muito, que te devo,
Mas desta tal lembrança bem mal uso.

Quanto imagino mais, menos me atrevo,
Vendo Anselmo, Matheos, Lucas, Bernardo,
O que de ti escreveram, e o que escrevo.

Pois como calo, ou pera quando guardo,
O que Dionisio diz chegando a vêr-te
Tão cheia d'humildade e de resguardo?

Diz quasi um sêr divino conhecer-te,
Que se a fé e doutrina não repugnaram,
Cuidára de, por mais que humana, haver-te.

Se os membros todos linguas se tornaram,
De quantos Deos creou os elementos,
As plantas, animaes, e aves falaram.

Igual louvor a teos merecimentos
Dar não podiam, inda que excederam,
Na copia, estylo e arte, aos pensamentos.

Como logo meos versos se atreveram,
Formados em tal peito e tal sentido?
Salvo se o sêr de meos em ti perderam.

E já que no louvar fui atrevido,
Não quero no pedir sêr acanhado,
Pois Deos de lhe pedir se há por servido.

Que espero quanto mais haja alcançado,
Mais digno de servir te cá me faça,
Com alma, coração, vida e cuidado.

Pera que ao meu intento satisfaça,
Peço a immensa liberalidade
Da eterna e rica mina da sua graça.

De Pedro a fé, de Paulo a caridade,
Do bom ladrão o lume, a esperança,
De Francisco a pobreza e humildade.

Do Centurio fiel a confiança,
As lagrimas, o amor, e a penitencia,
Com que a paz da alma Magdalena alcança.

Do santo Abrahão a prompta obediencia,
De Isaac a mansidão e sofrimento,
De Joseph a pureza e paciencia.

E se parecer novo atrevimento
O pedir tanto a quem contino offendo,
Quem tira a culpa, dá o merecimento.

E todas as virtudes que pretendo,
São pera te louvar mais dignamente,
Com luz divina as tuas conhecendo.

E vendo a gloria então clara e patente
Da tua Conceição immaculada,
Que a culpa conhecer nem vêr consente,

Dentro na alma por elle alumiada
Comporei outros versos mais acceitos
Fazendo (pera sêr melhor louvada)
Do amor lingua e das lagrimas conceitos!

OITAVAS.

Vida e Morte de S. Eustachio, mulher e filhos.

1

Se dos pais e dos filhos me fôr dado
Favor, pera cantar o que se escreve,
Conforme a tudo quanto se lhes deve,
No verso ficarei aventajado.
O trabalho será suave e leve,
E nos seus quatro santos Deos louvado,
Eustachio e Theopiste dando a Christo
Dous filhos seus Agapio e Theopisto.

2

Foi no tempo dos dous Imperadores
Tito e Vespasiano um tal varão,
Que por sêr estremado capitão,
Mereceo alcançar muitos favores.
De branda, natural inclinação,
E dotado de muitos mais primores,
Que alem dos mais officios que servia,
Capitão foi da mais cavallaria.

3

Segundo Metaphrastes concordando
Com Joseph, escritor da antiguidade,
Foi Placido na vã gentilidade,
Gentio com gentios conversando.
Mas depois que alcançou luz da verdade,
Neste que tem d'Eustachio trocando,
Trocou a lei gentia, falsa, errada,
Naquella que de Deos lhe foi mostrada.

4

O tempo que das guerras lhe ficava,
Costumava gastar andando á caça
A' caça delles andou divina graça,
Que nos desertos seus amor caçava.
Com ditosa invenção, divina traça,
Ferindo almas ditosas que sarava,
Dos que seguindo a caça perseguindo,
Assi mesmo persegue Deos seguindo.

5

Succedeu na montanha alevantar-se
Um cervo de grandeza differente,
Que Placido seguio ligeiramente,
Sem doutro nenhum seo acompanhar-se.
E depois de alongado da mais gente,
O cervo que fugio anteparar-se,
E mostra-se-lhe, estando anteparado,
Antre os cornos Jesus crucificado.

6

O qual com sua voz penetrativa
— « Porque, Placido (diz) me persegues?
Essa lei dos gentios, que tu segues,
A mim de ti, a ti de mim me priva.
Não me negues essa alma que me deves
Comprada a sangue meo sendo cativa,
Eu sou Christo Jesus, que te appareço
Mercê doutras maiores, que começo ».

7.

Do seu cavallo abaixo se lançou
Placido, perturbado e esmorecido,
E tal qual outro Paulo offerecido.
— « Que mandaes, meo Senhor? lhe perguntou.
Eu servo como teo servo convertido
Prestes pera servir-te em tudo estou,

Manda que farei quanto tu quiseres,
Se quanto me mandares tu me deres ».

8

— « Mando, disse o Senhor, que na cidade,
Com mulher e com filhos vás buscar
Sacerdote christão que conformar
Na minha lei te possa da verdade,
E depois todos quatro baptizar
No nome da Santissima Trindade,
Então correndo aqui buscar-me vem
Para te declarar o que convem ».

9

Os nomes dos gentios já deixados
No bautismo de novo outros tomaram
Eustachio e Theopiste se chamaram
De Placido e de Trajano despresados.
Os filhos seus seus nomes não mudaram
Posto que com seus pais já baptizados
Eustachio se tornou donde deixára
Seu Deos, que alli tornar já lhe mandara.

10

Ali seu coração posto no Ceo
Em profunda oração seu Deos espera,
Que cumprindo a palavra que lhe dera
Muito mais claro então lhe appareceo.
E dando-lhe louvor do que fizera
Lhe disse o que depois lhe aconteceo,
Que o tentaria aquelle antigo imigo,
Como fizera a Job no tempo antigo.

11

Mas que estivesse forte e confiado
Porque nunca já mais lhe faltaria,
Fôsse quam cruel fôsse a bataria,
Do poder infernal soberbo inchado.

Porque com sua ajuda venceria,
E vencendo seria coroado,
Alcançando no Ceo a sua gloria,
Devida a quem na terra tem victoria.

12

Dali se foi o novo cavalleiro
Dos pés de seo Senhor, armado e forte,
Havendo por ditosa sua sorte,
D'ouvir e vêr a seu Deos verdadeiro.
Não teme nenhum genero de morte
A troco de se vêr dos Ceos herdeiro,
A Theopiste dá conta de tùdo,
Tomando a paciencia por escudo.

13

O diabo que já andava álerta
Pera tentar aquella alma ditosa,
Com peste começòu contagiosa
A dar-lhe a bataria descoberta.
E depois de deixar a lastimosa
Casa de quanto tinha erma e deserta,
Dos escravos do gado e da fazenda,
A deixou despejada e da mais renda.

14

E não se contentando o duro imigo
Com lhe tirar das mãos toda a riqueza,
Mas inda dos imigos da pobreza,
Tão bem lhe não deixou nenhum amigo.
Enfim que acompanhado de tristeza
O rico capitão no tempo antigo,
Com filhos e mulher pobre se parte,
A buscar seu remedio noutra parte.

15

Os pais levando dous filhos meninos
Partindo pera Egypto como Abrahão,

Com sua mulher assi se vão
A sêr, como elles fôram, peregrinos.
Mas d'Eustachio foi mór a tentação
Forjada dos espiritos malinos,
Que lhe tem uma náo aparelhada
Pera sua mulher lhe sêr roubada.

16

O patrão desta náo, tanto que vio
De Theopiste a rara fermosura,
Honesta, casta, humilde compostura,
Tomá-la a seu marido presumio.
E com armada mão por fôrça pura,
Com seus filhos Eustachio despedio,
Que não lhe aproveitando a resistencia
Se quís aproveitar da paciencia.

17

Mas Deos que em casos taes não desempara
A fraca castidade que resiste,
Como com Sara usou, com Theopiste
Contra o duro patrão tambem usára;
Que do seu máo proposito desiste
E da vida que a morte aparelhava,
Enfim que ella ficou limpa e constante,
Como relataremos ao diante.

18

O paciente Eustachio qual iria
Com dous filhos sem mãe, que alma lhe arranca,
Cuidando como aquella ovelha branca
Por fôrça já trocára a companhia,
A fonte dos seus olhos não se estanca
Soando o nome seu que repetia:
« O' minha Theopiste, Theopiste,
Que tal ficar te vi qual tu me viste! »

19

Assi com seus dous filhos que levava,
Discursando dum noutro desvario,
Acertou de se achar junto dum rio,
Que por aquella parte atravessava.
Pasmado ali ficou suspenso e frio,
Receando o perigo que esperava,
Por vêr nos tenros filhos fraca idade,
Pera supprir a tal necessidade;

20

Dos quaes um delles só passou dalém,
E vindo pelo que daquém deixára,
Um lobo lhe levou o que levára,
Um leão fez o mesmo no d'aquém.
Enfim que sem nenhum delles ficára,
Enquanto pelo rio vae e vem,
Vendo dous filhos seus em doces agoas,
Nas salgadas da mãi renovar mágoas.

21

Tal fica o pobre pae, triste marido,
Sem fazenda, sem filhos, sem mulher,
E sem mais outra cousa que perder,
Pois tinha quanto tinha já perdido.
E depois de chorar e de gemer,
Se lembra como fôra prevenido
Dos males e dos bens, por derradeiro,
Promettidos a quem soffre primeiro.

22

« Ora (disse), pois já tenho sofridos
Os males, dos bens tenho confiança,
Que, posto que em chegar haja tardança,
Não ha que duvidar pois promettidos.
Firme posso já têr minha esperança,
Que males a bens fôram preferidos

Enfim que em bens por vir ou males vindos
A Deos darei louvores sempre infindos ».

23

E caminhando só por terra alhea,
Deo comsigo na aldea de Radiso,
Onde, como varão de muito aviso,
A fome com trabalho remedea.
E com muita humildade e bom juizo
Um lavrador buscou naquella aldea,
Com o qual se alugou, viveo quinze annos,
Até que Deos quis dar fim a seus danos.

24

Entretanto Trajano imperador
Desconfiado já de defender-se,
Discursando mil modos de valer-se
Concluio-se de todos no melhor:
Que foi se por ventura achar pudesse
Placido, ficaria vencedor;
Assi com grandes premios foi buscado
De quem mais brevemente fôsse achado.

25

Dos premios a cobiça póde tanto,
Posto que o rosto já perdera o cheiro,
Que Placido se achou por derradeiro
Com arado na mão com pobre manto.
Assi de lavrador em cavalleiro
Trazido foi com gosto e mór espanto.
Trajano não se farta d'abraçá-lo
Antes que elle se desça do cavallo.

26

Depois dando-lhe conta por miudo
Do passado na guerra, e do presente,
O campo lhe entregou com toda a gente
E finalmente o sêr senhor de tudo.

Por têr satisfação sufficiente,
De forte, d'esforçado e de sisudo,
O valeroso Placido se anima,
Sentindo já favores lá de cima.

27

E posto no seu Deos seu pensamento,
Os imigos comete, fere, e mata,
Vence, queima, destrue, e desbarata,
Com louvor seu, geral contentamento;
Custando-lhe a victoria tão barata,
Que não sómente foi sem detrimento,
Mas todos de despojos carregados,
Com Placido se vão ricos, honrados.

28

Fôram-se descansar numa pequena
Aldea, que do campo estava perto,
E contando mil contos por acerto,
Ou mais certo, porque Deos tudo ordena,
Um daquelles soldados mais experto
Alevantando a voz clara e serena,
Do pai, da mãi, de si, dum irmão,
Contou vida, successo e perdição.

29

Do pai que Capitão fôra famoso,
Da mãi que lhe ficára em um navio,
De seu irmão menor, que álem dum rio
Vivo o levára um lobo furioso.
E tornando por elle o pai vazio,
Vazio o pai tornou e piedoso,
Que um leão me levou tambem nos dentes:
Assi se derramaram os parentes.

30

Mas entendo que foi traça divina,
A quem dou e darei sempre louvores,

Porque o leão bradando-lhe uns pastores,
Sem damno meu largou sua rapina;
Os quaes além de usar outros primores,
Me deram panno, e pão, e mais doutrina,
De meu irmão o caso foi igual,
Mas não sei que ventura fôsse tal.

31

Eis d'antre todos um correndo grita:
« Irmão meu, charo irmão, dá me um abraço,
Antes que se me acabe, em breve espaço,
A vida, sem lograr tamanha dita;
Que como a ti tambem no mesmo passo
Um lobo, sem romper a carne afflicta,
Largou a sua presa aos lavradores,
Como o fez o leão aos teus pastores. »

32

E porque de Deos fôsse maior gloria,
E elle mesmo ordenou que assi se achasse,
A mãi que seus dous filhos abraçasse,
Contando-lhes da vida a sua historia,
Na qual de sêr mãi sua confirmasse,
Dos seus pequenos filhos a memoria,
Despois a mãi e filhos ordenaram,
Tornar-se á sua terra, que deixaram.

33

A mãi ao Capitão se vai vestida,
Como naquella aldea andou servindo,
E com os olhos no chão lhe está pedindo
Licença, e provisão pera a partida.
Suas necessidades referindo,
E dando relação de toda a vida,
E levantando os olhos postos nelle,
Conhecido foi della, ella foi delle.

34

« Graças te dou, meu Deos, que me mostraste.
(Eustachio disse), quanto me disseste,
E que no fim de tudo concedeste
Vêr a mulher e filhos, que guardaste,
E por quantas mercês mais me fizeste,
E de quantos perigos me livraste,
Do patrão, e das feras, e da fome,
Bento seja, meu Deos, teu bento nome.

35

« Da terra já não tenho que querer,
Do Ceo só a meu Deos eterno quero,
Nelle confio só, só nelle espero,
Que como fez, fará o por fazer.
Pois só por amor seu, só, puro e mero,
E só por querer mais o bem que quer,
Quís destes quatro seus fazer christãos,
Que ninguem tirará das suas mãos. »

36

E depois de três dias descansado,
O campo pera Roma foi marchando,
Donde victorioso já chegando,
Eustachio foi de todos festejado.
Posto que o tempo já fôra mudando,
O mando do que fôra já mandado,
Porque sendo mandado de Trajano,
Quando veo achou, que era Adriano.

37

O qual querendo dar aos immortaes,
Antes seus falsos deoses, os louvores
Da guerra, em que não fôram vencedores,
Os que padecem penas infernaes;
Notou Eustachio sêr dos professores
Da lei dos baptizados capitaes

Por não querer entrar nos profanados
Templos, a falsos deoses dedicados.

38

E querendo vingar este desprezo,
O cego Imperador, cruel, tyranno,
Arreceando mais seu proprio dano,
Mandou levar Eustachio dali preso;
E pera se mostrar mais deshumano,
Em furor infernal seu peito acceso,
Tambem mulher e filhos prender manda,
Que a furia em cruel peito não se abranda.

39

E pera abreviar as dilações,
Mandou levar os quatro maniatados,
Que fossem a leões bravos lançados,
Lançados a seus pés bravos leões;
De leões em cordeiros já tornados,
Pera abrandar os duros corações
Daquelles infieis, que claro viam,
Cujos pés os leões mansos lambiam.

40

Manda inda este cruel, bruto animal,
Barbaro sem temor, e sem respeito,
Mandou que de metal fôsse um boi feito,
Pera se derreterem no metal.
Da furia que se accende no seu peito,
Seus abrazados olhos dão signal,
Que manda aquella mansa companhia
Entrar naquelle boi, que em fogo ardia.

41

Os martyres que noutro estão ardendo,
Do seu divino amor aconselhados,
Com seus olhos ao Ceo alevantados,
Oração a seu Deos estão fazendo;

Que delles e dos seus encommendados
Geral perdão lhes fique emendado,
De todos seus peccados concedendo,
E de graça divina prevenidos.

42

Ouviram uma voz suave e clara,
Da sua petição sêr concedida,
A palma do martyrio merecida
No fogo, que o tyranno lhe prepara.
A vontade dos quatro numa unida,
Ao som daquella voz, que Deos mandara,
Cantando pais e filhos repousaram
No boi, em que três dias os fecharam.

43

Depois que aberto foi o boi fechado,
Os corpos destes quatro gloriosos
Vistos fôram, mais claros, mais fermosos,
Do que dentro no boi tinham entrado;
Que pera si não só fôram ditosos,
Mas pera a conversão do povo errado,
Que de perto e de longe vem a vê-los,
Sem lhe faltar um só de seus cabellos.

44

Ditoso fim de tão ditosa vida,
Apurada no boi do fogo ardente,
Donde filhos e pais vão juntamente,
A possuir a gloria merecida!
E posto que por via differente
Caminha esta alma minha enfraquecida,
Santos, rogai por mim aparelhado,
A sêr no vosso boi de fogo assado.

Visão de Santa Brigida.

I

Visão que a Santa Brigida foi feita,
Estando em Belem, já como lhe fôra
Em Roma promettido da Senhora,
Despois de já quinze annos mais perfeita,
Mostrando-lhe o successo daquella hora,
A Deos e todo mundo tão acceita,
Do parto virginal, puro, divino,
No qual Deos, sendo Deos, se fez menino.

2

Estando no presépio do Senhor,
Em Belem, o logar donde nasceo,
Vi uma Virgem prenhe em branco véo,
Com vestidos subtis da mesma côr;
Por cima dos quaes vêr me concedeo
A fermosa Senhora o resplandor
Do seu virginal ventre alevantado,
Com seu filho e seu Deos nelle encarnado.

3

Esta fermosa Virgem acompanhava
Um velho de admiravel perfeição,
Que no presépio atou com sua mão
Um asno e mais um boi, que ali estava;
E sahido da pobre habitação,
Acendeo a candea que levava,
E pregada no muro tornou fóra
Por não estar ao parto da Senhora.

4

A Virgem, que se vio na desejada
Hora do parto seu, aparelhou-se,

E com muita prudencia accomodou-se,
Sem sapatas, sem manto, destoucada,
A dourada madexa derramou-se
Por cima de alva neve desatada.
Que luz amanheceo, que lirio, ou rosa,
Pera comparar Virgem tão fermosa?!

5

Trazia esta Senhora concertados
Seis pannos para seu filho embrulhar,
Quatro de linho e lam pera faixar
Aquelles membros tenros delicados,
E de linho outros dois pera toucar,
Que pôs com suas mãos assi pegados,
Estando tudo a ponto prevenido
Pera se usar a seu tempo devido.

6

Então depois que tudo preparou,
Em joelhos se pôs contra o Oriente,
Deixando o presépio ao Occidente,
Os olhos e mãos ao Ceo alevantou;
E transportada assi tão docemente,
Vi mover no seu ventre o que ficou,
No mesmo instante fôra escurecendo
A luz, que na parede estava ardendo.

7

E pouco de tal luz dizer me atrevo,
Inda que muito mais dizer pudéra,
Porque a do sol mais claro escurecêra,
Sem saber escrever della o que escrevo,
Além da brevidade, que tal era,
Que encarecer não sei quanto mais devo,
Sem vêr, nem saber qual membro primeiro
Nascido foi, nem qual o derradeiro.

8

Mas vi jazer no chão o glorioso
Infante, em carne limpa, branca e nua,
Mais branca, muito mais que a branca lua,
Mais fermoso que o sol, que fez fermoso;
E vi na secundina pelle sua,
Em volta um resplandor maravilhoso,
E neste breve espaço, que isto via,
Ouvi dos anjos doce melodia.

9

A Virgem com seu ventre despejado,
Ficou na sua antiga compostura,
E sentindo que já na terra dura
Seu Deos e filho seu tinha lançado,
Inclinada com graça e com brandura
Lhe disse, des que foi della adorado,
— « Bemvindo seja aquelle que me deu
Sêr meu Deos, meu Senhor, e filho meu! »

10

O menino Jesus então chorando,
E tremendo de frio, em terra fria,
Na qual em branda carne nú jazia
Refrigerio da mãi andou buscando,
A qual já neste tempo o recolhia
E cos braços seus brandos abraçando,
De dous amores foi um só composto,
Fazendo de dous rostos um só rosto.

11

A qual na terra fria se assentou,
Pondo no seu regaço o tenro infante,
E com seus subtis dedos num instante,
O seu embigo brando lhe cortou,
No qual como no mais de semilhante
Nem sangue, nem licôr outro manou,

E logo começou suavemente
A pensar filho e Deos omnipotente.

12

E dos seus pannos dous de linho escolhe,
Pera seu filho tenro embrulhar nelles,
E nos de branda lã, por cima delles,
Seus brandos pés e mãos colhe e recolhe.
E depois de enfaixar as brandas pelles,
Os outros dois de linho desencolhe,
E com elles toucados na cabeça,
E' justo que Joseph justo pareça.

13

Entrando o velho justo onde aquelle
Senhor teve por bem de sêr nascido
No cólo da Senhora já vestido
Chorando se lançou diante delle,
Com lagrimas d'amor offerecido,
Alegre com vêr quanto via nelle,
E d'ambos ao presépio foi levado,
E d'ambos de joelhos adorado.

Beati qui lungent.

I

Se amor do Ceo se cria e acha em lagrimas,
Quem não se venderá por comprar lagrimas?
Que o thesouro escondido está nas lagrimas
E a paz divina acquire-se com lagrimas;
Mas convém para vêr fructo de lagrimas,
Fogo no coração que accenda as lagrimas,
As asas da alma são saudade e lagrimas
Com que vôa a quem é preço de lagrimas.

2

Magdalena tornada um mar de lagrimas,
As culpas affogou vencendo em lagrimas,
Quem antes a venceo fóra das lagrimas,
Que o que tudo não póde, pódem lagrimas.
Pedro, que o mór milagre foi das lagrimas,
Nos diz, depois de estar cego de lagrimas,
Que não há luz sem Deos, nem Deos sem lagrimas,
E que do mesmo Deos triunfam lagrimas.

3

David perdido em si, banhado em lagrimas,
Semente d'alegria chama as lagrimas;
Jacob chega a render anjos com lagrimas,
D'esteril Samuel nasceo por lagrimas.
A Ezechias, ao cego, ao ladrão, lagrimas,
Alcançam vida, vista, gloria: lagrimas,
A Monica dão filho, ao filho lagrimas,
O transformaram em Deos ditosas lagrimas.

4

Nas lagrimas se alcança, que são lagrimas,
Piscina milagrosa dalma; lagrimas,
Do naufragio da culpa táboa; lagrimas,
São as aguas que estão sobre os ceos; lagrimas
Nascem da pedra, viva Jesus; lagrimas
Só nelle como em centro param; lagrimas
São raios seus, que as nevoas tiram; lagrimas
São escadas do Ceo, que é fim das lagrimas.

5

As lagrimas são vozes da alma, lagrimas
Fim das trevas, da luz principio, lagrimas
Pregoeiras do amor divino, lagrimas
Settas que o peito a Deos penetram, lagrimas
Tiros que batem o Ceo e o rendem, lagrimas
Chaves da celestial cidade, lagrimas

Vigarias da Paixão de Christo, lagrimas
Não se póde louvar senão com lagrimas.

6

Virgem nuvem do Ceo que com taes lagrimas,
No presépio adorastes nossas lagrimas,
Que teve Deos na Cruz sêde de lagrimas,
E seu peito sacrario fez de lagrimas.
Pois é terra sem agoa, alma sem lagrimas,
E o Verbo a vós desceo, porque houve lagrimas,
Ponde os olhos em mim pera ter lagrimas,
Que alcancem a promessa feita lagrimas!

ODE.

Aos desenganos.

1

A vista derramada
Por cima da verdura
Dos saudosos bosques desta Serra,
Do largo mar cercada,
Batendo a rocha dura,
A que de novo faz antiga guerra,
Deixando mar e terra,
No Ceo fica suspensa,
Naquella antiga e nova fermosura,
Que para sempre dura,
Da summa perfeição, bondade immensa,
Perdendo a natureza
Em quanto foi d'amor divino prêsa.

2

E quando se desata,
Tornando differente

Daquella, que da Serra se partira,
Por que mais não se abata,
Suave e docemente,
Esquecida de si geme e suspira,
Ah! quem livre se vira
De carga tão penosa
Pera poder passar
O que fica da vida perigosa,
Pois que sem resistir
Não se livra do mal, que está por vir!

3

A pretensão humana,
Que na terra semea,
Que espera colher do fruito della,
Entende que se engana,
Mas não se remedea,
Por quanto gosto tem de viver nella;
Por isso se desvela,
Como se não tivera
Conta, que dar de seus merecimentos.
Breves contentamentos
Seguindo vai, de que fugir devêra,
Gemidos e chorados,
Quando pódem ser mal remediados!

4

A cega mocidade
Passa pelo perigo
Sem saber que vai mal encaminhada,
Guiada de vontade,
Que não sente castigo
Se não depois da culpa.
Então alumiada
Daquella luz divina,
Que nunca a bons desejos desempara,
Por via plana e clara
Caminhar mais direito determina,

Forte, firme, e constante,
Sem olhar pera trás, passar avante!

5

Campos, valles, ribeiras,
Cheos de varias flores,
Nas ervas e nas plantas derramadas
Seccaram-se as primeiras,
Vossas fermosas côres,
Que nossas vistas tinham recreadas.
Mas aquellas plantadas,
Que no ceo aparecem,
Dando de si mais claro desengano,
Não se secam cada anno,
Mas taes quaes sempre fôram permanecem,
Amostrando na terra
A quem não busca o Ceo quanto mais erra!

6

Dos successos humanos
Presentes e passados,
Que vemos, que sentimos, que choramos?
Os claros desenganos
Dos tempos mal gastados,
Por seguir gostos nossos, engeitamos.
Mas os couces que damos
São contra o aguilhão,
Que não fere sem sêr acouceado,
Dos couces magoado.
Meus mesmos pés em mim couces se dão
De quantos mais atiro,
De tantos contra a mim me firo.

Canção a Nossa Senhora.

I

Virgem pura, escolhida, honesta, santa,
Humilde serva, mãe, esposa, filha
Do autor da luz, do Rei da eternidade,
Sacrario da mais alta maravilha,
Por quem a humanidade se levanta
Unida no teu ventre á divindade.
Que estylo ou suavidade
De prosa, ou verso humano,
Sem favor soberano,
Te quererá louvar, que não te offenda?
O raio de tua luz minha alma accenda,
O esprito se levante a contemplar-te
Com tal fervor, que entenda
Como te hei-de servir, como louvar-te.

2

Virgem da providencia soberana,
(P'ra throno seu) da culpa preservada,
Que a tal Senhor convinha tal pureza,
De tantos, tantos annos esperada,
Por vêr aberto o Ceo com chave humana,
E a graça triunfar da natureza,
A spiritual riqueza,
Por Eva já perdida,
Por ti restituida,
Se communica agora, eternamente.
Ah! quem dizer soubera o que a alma sente!
Mas se não falar, baste-me que amo,
E mais efficazmente,
Com amor, que com vozes, por ti chamo!

3

Virgem benigna, sabia, gloriosa,
Por quem o mundo ingrato é sustentado,
Por quem livre se vio do reino escuro,
Depois de tanto tempo mal gastado,
Em vida tão incerta e perigosa,
Em ti só me confio e asseguro,
Tu és porto seguro,
De casos da fortuna;
Tu és firme coluna
De nossas esperanças, Virgem pia,
Tu és raio do sol do eterno dia,
Que as trevas rompe e os montes nos descobre,
Que o Rei profeta via,
Donde ao cego vem luz, soccorro ao pobre!

4

Virgem chea de graça, admiravel,
Que o Verbo eterno, amando, concebeste
No ventre virginal, templo divino,
Quem não cabe nos Ceos, nelle escondeste
Por sobrenatural modo ineffavel,
Mysterio só de Deos e de ti dino,
Orvalho crystallino,
Do Verbo milagroso,
Pão vivo precioso,
Que a dar-nos vida eterna, do Ceo veio,
Milagre dos milagres, que do seio
Do Padre vio o estremo da humildade,
E delle tira um meio,
Que fez preço do Ceo, nossa vontade.

5

Virgem, visão de paz, arca segura,
Do diluvio geral, por Deos traçada,
Pera que habite a gloria em nossa terra,
Custodia da lei, santa, immaculada,
Que em mais perfeito gráo mosta a doçura

Dos divinos preceitos que ella encerra,
Aurora que desterra
A noite d'alma cega,
Nuvem que os justos rega
Com agoa viva do divino sprito,
Livro em que foi por elle o nome escrito,
Que enche o Ceo, salva o mundo, o inferno rende,
Cujo preço infinito,
Mostrou, posto na Cruz, quem só o entende!

6

Virgem do eterno Rei, santa cidade,
Rica, nobre, fermosa, e triunfante,
Fim de toda a celeste architectura;
Teu muro é de fortissimo diamante,
Espelho da catholica verdade,
Por quem luz do Creador teve a creatura.
As torres, cuja altura
Só medem mãos divinas,
São d'esmeraldas finas,
Donde tua esperança a Deos namóra;
Teus passos de rubis, em que elle mora.
A tua caridade mostram nelle,
Por quem o Ceo te adora,
E a terra veio a sêr mais alta qu'elle.

7

Virgem resplandecente, que subsiste
D'anjos acompanhada, triunfando,
Ao thalamo em que estás sobre as estrellas,
Com resplandor eterno, sempre dando
Louvores ao Senhor, que cá pariste,
A elles alegria, e luz a ellas,
Numero achar dellas,
Meter numa gotta o mar,
Pesar o fogo e o ar,
E' menos que o meu pobre engenho e rudo,
Sendo nada tratar de quem é tudo,

Só digo dentro n'alma, que te devo,
Por têr-me o espanto mudo,
Que és mais que santa, e deosa não me atrevo.

8

Virgem, guarda fiel do mór thesouro,
Nova revelação do Esprito Santo,
Em quem, de quem, por quem Deos nos foi dado,
O Rei que a ti desceu te sobio tanto,
Que á mão direita, em pé, vestida d'ouro,
Te pôs, da qual David tinha cantado.
Já tens a honra alcançado,
Por ti profetizada,
Que bemaventurada,
Todas as gerações te chamariam,
Cá de servir-te os homens se gloriam,
E os santos, que nos Ceos com brancas vestes
O cordeiro seguiam,
Te cantam, sem cessar, hymnos celestes.

9

Virgem de gloria, e honra coroada,
Novo sol dos celestes horisontes,
A quem os Serafins servem d'estrado
Nas cinco perennaes divinas fontes,
Abertas na tua alma transformada,
Em teu filho e Senhor crucificada;
Estava represado
O mar de teus prazeres,
Em que de seus poderes
Soltou a prêsa, a eterna omnipotencia,
Porque houvesse nos premios respondencia,
Das bemaventuranças que louvou,
Com tam alta eloquencia,
A mulher que o Evangelho celebrou.

10

Virgem, por quem há tanto que porfia,
Teu filho com esta alma ingrata e morta,

Que no Ceo bata, o busque, o peça, o queira;
Se elle me houver d'abrir, tu és a porta;
Se quer que o possa achar, tu és a guia;
Se dar-me bens, tu és a dispenseira,
Tu foste medianeira
Do despacho fermoso,
Do ladrão venturoso.
Magdalena, por ti, a graça achou;
Paulo se converteu, Pedro chorou.
Enfim, Deos pera nós te fez mãi sua,
Confiado a ti, vou,
Pois o que é meu remedio, é gloria tua.

ODE.

Hymno á Cruz.

Insignia triunfal, honrosa e santa,
Chave do Ceo, penhor da eterna gloria,
Que com Iesu da terra nos levanta.

Sacrario em que ficou viva a memoria
Do immenso amor divino, onde se alcança
Dos imigos domesticos, victoria.

Signal que, após diluvio, traz bonança,
Por quem o mundo novo é reformado,
E se converte o espanto em esperança.

O' Cruz, minha saudade, e meu cuidado,
Que sustentar pudeste o doce pêso
De nossa redempção, tão desejado!

O' Cruz onde Iesu sofre estar prêso,
Pera soltar-me já da culpa antiga,
Porque o passo do Ceo me era defêso!

O' Cruz, pregão da paz, amor, e liga,
Entre a divina e humana natureza,
Arvore victoriosa, alegre, amiga!

O' Cruz onde se humilha a mór grandeza,
O mór poder, mais alta magestade,
E onde se engrandece a mór baixeza!

O' Cruz onde offerece a humildade
Do meu Iesu, seu sangue precioso,
Por nós ao Padre, ó summa bondade!

O' bom Iesu, quam manso e amoroso,
Sofrido, brando, humilde, e obediente,
Vos mostraes nessa Cruz, e quam piedoso!

Se vos quero imitar, não mo consente
A vaidade, ambição, soberba, e ira,
Que tem prêso o juizo, e cega a mente.

Mas abraçando a Cruz, logo se tira
O temor de perder-vos, e perder me,
Quem fugira de si e á Cruz se unira!

Conhecer-vos pudera, e conhecer-me,
Vós prégando amar, eu sêr ingrato,
Vós perdoar, eu nunca arrepender-me.

Se alguma hora comigo me retrato,
Temo de vêr quam caro me comprastes,
Porque cousas vos vendo tão barato.

Mas pera emenda disto me alcançastes
Tanta graça na Cruz, que num momento
Me entrega a vós, que a mim vos entregastes.

Nella alcançou de vós o claro assento,
O bom ladrão, vencendo a errada vida,
Num breve, mas fiel conhecimento.

Que alma haverá tão dura e tão perdida,
Que da Cruz de Iesu, vendo-se perto,
Não seja a graça e amor restituida?

Soccorro universal, remedio certo,
De quem te busca, achado em toda a parte,
Na cidade, no campo, e no deserto.

Quem levar sabe a Cruz, seguro parte,
Pera todo lugar, estado, e sorte,
Mas quem se disporá, ó Cruz, a levar-te?

Serpente milagrosa, vital, forte,
Que só pondo-lhe os olhos, dá saude
Na venenosa chaga, e vence a morte.

Dos máos é confusão, dos bons virtude,
Com que se fortifica o esprito enfermo,
Seguro de mudança haver que o mude.

Tu levaste o Baptista ao Ceo do ermo,
Paulo do cego horror, Pedro da rêde,
Magdalena da culpa, a amar sem termo.

Ah! quem de ti, Cruz santa, houvera sêde,
Correndo ao lado aberto, sacra fonte,
Correi todos, amai, esperai, crede!

O' glorioso calvario, monte santo,
Que em breve espaço ajuntas Ceo e terra
Pera dar luz a um e outro horisonte.

O' soberana Cruz, onde se encerra
O mais alto mysterio, ó Cruz divina,
Principio da mór paz, fim da mór guerra.

Columna dos apostolos, doctrina
D'Evangelistas, santa e verdadeira,
Que alma guia, arrebata, accende, afina.

Dos gloriosos Martyres bandeira,
E justificação dos Confessores;
Das Virgens guarda, luz, firmeza inteira.

Ah! honra e salvação de peccadores,
Leva-me, após meu Deos, todo influido,
Nas chagas de Iesu e nas suas dores.

Renove-se outro sêr no meu sentido,
Outro amor e affeição, que me transforme,
E eu seja ao mundo e elle a mim perdido.

Triste de quem descansa, espera, e dorme
Nos prazeres da terra, emascarados,
Cujo fructo é pesar e fim disforme.

Eu só da Cruz me fio, onde os cuidados
Param todos em Deos, que faz suaves
O jugo, pena, dôr dos mais tentados.

Peço-te, minha Cruz, que esta alma encraves,
Com esse Redemptor, verbo divino,
E na sacramental piscina a laves.

Mas quem de tanta gloria será dino,
Que voe do mais baixo á mór altura,
Quem se inclinar á Cruz, que me inclino?

As aves quando voam na figura
Da Cruz, se alçam da terra, e o Ceo alcançam,
Que esta só faz voar toda a creatura.

O' veneràvel Cruz, com que se lançam
Os demonios confusos e vencidos,
E as tempestades d'alma se abonançam.

Em ti prendo as potencias e os sentidos,
Cos olhos em Jesus, que por levar-me,
Espera tanto, ah! c'os pés detidos,
Que só Iesu e a Cruz podem salvar-me!

ELEGIA.

A' Quinta-feira da Cea do Senhor.

Que lingua, que saber, que estylo ou arte,
Comprenderá, Senhor, vossa grandeza,
Pois nunca foi capaz de toda a parte?

O' incessavel mina de riqueza,
Spiritual, eterna, sem medida,
Abysmo, onde não vai nossa rudeza!

Pois vós verdade sois, caminho, e vida,
Dai luz, guia, fervor, e esprito vosso,
A esta, com que em vós fique influida.

Que quando offerecer tudo o que posso,
Partindo só de mim, sem peito, entregue
De todo ao vosso amor, livre do nosso!

Mudo parecerei, por mais que prégue,
Que saber-vos louvar, de vós se aprende,
E sempre alcança mais, quem mais vos segue.

E pois, só quem vos ama vos entende,
E não há amar sem sêr de vós amado;
Amai, a quem só dar-se-vos pretende.

Lembro-vos, meu Senhor, que é já chegado
O tempo de render a omnipotencia,
Ao peccador mais pobre e desprezado.

Estai por graça, em mim, dai-me vehemencia
De caridade, com que hoje vos cante,
Pois sois principio e fim da mór sciencia.

Já todo humano sprito se levante,
Pois tanto, meu Jesus, vos abaixastes,
Pondo a vingança atrás, o amor diante.

Hoje trouxestes Deos, homens levastes,
A divida pagaes, que outrem devia,
Mas tudo padecei, pois tudo amastes.

Grande, maravilhoso, alegre dia,
Dos thesouros do Ceo mór pregoeiro,
Em que dos homens Deos mais trata e fia!

Dia que o celestial, manso cordeiro,
Seu corpo e sangue deu por mantimento,
Descanso e lume d'alma verdadeiro!

O' ineffavel, santo sacramento,
Onde o juizo pára e perde o tino,
E a fé triunfa em nós, do entendimento!

Mysterio incomprensivel e só dino.
Da sapiencia do Padre, que elle encerra,
Diluvio universal do amor divino!

Amor que fez prostrar Iesu por terra,
A pés de mortaes, fracos peccadores,
Por fazer cum desprezo, ao outro guerra.

Ah! Rei dos reis, Senhor sobre os senhores,
Que até a Iudas cego, ingrato, imigo,
Dás de perdão e amor tantos penhores!

Porque se o coração leva comsigo,
Ao menos os pés fiquem damor prêsos,
Mas cobiça não quer Deos por amigo.

E vendo a ingratidão e o odio accesos,
Pondes justiça e amor logo em balança,
Mas a do amor levou todos os pêsos.

Ah! quem pusesse os olhos na lembrança
De tam raro triunfo de humildade,
Pera pôr só em Deos toda a esperança!

Aqui venceo o amor, a magestade
Divina em desafio, e por memoria
Lhe deu trajo servil de humanidade;

No qual promette, em pago da victoria,
Neste exemplo tam santo e necessario,
Dar por alhea culpa a propria gloria.

Inexoravel, perfido, falsario,
Pois teu mestre e senhor a ti se entrega,
Que esperas noite e sitio solitario?

Por prata dás um Deos, que os pés te rega
Com lagrimas ardentes e amorosas;
Ah! troca desigual, horrenda e cega!

Se te move interesse nas piedosas
Mãos de Jesu, tens mais do que aceitaste
Das impias, farizaicas, rigorosas.

Mal te lembrou o emquanto avaliaste
O unguento de Maria, há poucos dias,
Quando em tão pouco a Christo arremataste.

Em trezentos dinheiros inda havias
O licôr dado a Deos, por mal vendido,
E em trinta hás que a Jesu mui bem vendias.

O' coração de tigre, endurecido,
Que a quem mais te honra e ama, mais offendes,
Do teu Deos e de ti tão esquecido!

Porque o conheces mal, por isso o vendes,
Deixas de o conhecer, porque o desamas,
E porque amor não tens, não te arrependes.

Quanto o peito de Christo arde em mais chamas
De amor, por reduzir-te ao gremio santo,
Tanto obstinado o teu mais d'ira inflammas.

De sofrer-te Jesu nada me espanto,
Mas tremo de cuidar na recompensa
Que dás a este Senhor, que te dá tanto.

Elle beija teus pés com dôr immensa,
Tu com beijo de paz, á morte o levas,
Nova misericordia e nova offensa.

Cuida bem na traição em que te enlevas,
Olha que sem Jesu tudo é inferno,
Mas como verá a luz quem vive em trevas?

A todos deu remedio o Verbo eterno,
A ti, por membro alheo, já te engeita,
E te risca do seu vital caderno.

A doctrina, milagres, vida estreita,
Que ao choro e luto, seu divulgar manda,
Confirma aos onze, em ti nada aproveita.

Por lavar igualmente a todos anda,
Mas tu ficas mais torpe, elles mais puros,
Qual sol que o barro secca, e a cera abranda.

Claro annuncio de teus males futuros,
Passar Jesu por ti, e os pensamentos
No desejo do mal ficar seguros.

A Pedro os passos move e movimentos
D'espanto, nelle faz ver tal, quem antes
Lhe entregou sua Igreja e Sacramentos.

Pasma das mãos divinas, triunfantes,
Pedir-lhe os pés, duvída, cuida e teme,
E busca de os negar rezões bastantes.

Sem poder formar vóz, suspira e geme
Vendo-se peccador, e que os peccados
Põem a seus pés um Deos, de que o Ceo treme.

E cos olhos em lagrimas banhados,
Tornando em si, lhe diz: — « como é possivel,
Que hajam de sêr meus pés de vós lavados?

« Eu fraco peccador, vós Deos terrivel,
Eu sombra vã, vós sol divino e puro,
Eu limitado, vós incomprensivel.

« O servir-vos é meu, isso procuro,
Vosso o crear, o remir, o dar-me graça,
Mas lavar Christo a Pedro, é caso duro! »

— « Isto que faço agora te embaraça,
Lhe responde Jesu, e não no alcanças,
Mas vê-lo-has alcançar depois que o faça. »

O discipulo entregue inda ás mudanças,
Que o peito combatiam, não consente,
E resoluto, diz, sem mais tardanças:

— « Meus pés não lavareis eternamente;
Perdoai-me, Senhor, pois vos conheço,
Sêr nisto mais cortez, que obediente.

« No al, como a meu Deos vos obedeço,
Por tal vos confessei, por tal vos tinha,
Por tal vos nego, os pés e alma offereço. »

— « Refusas o que tanto te convinha,
Repete o Redemptor, não te lavando,
Não terás parte em mim, nem cousa minha. »

O Apostolo, tremendo e desmaiando
De ouvir tal ameaça, antes que creça
Mais a culpa, as palavras apressando,

Responde: — « Senhor, pés, mãos e cabeça,
Lavai, fazei de mi quanto quiserdes,
Não me aparteis de vós em que o mereça.

« Se no centro da terra me puserdes
Na região do ar, no fogo e na agoa,
Alegre estarei lá, se em mim estiverdes.

« Sem vós, a vida é morte, o prazer mágoa,
O descanso trabalho, a gloria pena,
O ar, de que respiro, ardente frágoa.

« Creatura sou vil, baixa e pequena,
Mas vossa e pera vós, e isto mais monta.
Que os erros que a ignorancia minha ordena.

« E pois, fazeis de mim, ao lavar, conta,
Levai-me á Cruz tambem, que não é justo,
Que achando-me ás mercês, falte na affronta.

« Lembrai-vos, meu Creador, quanto vos custo,
Não me fieis de mim, convosco acabe,
Pois de vós me há-de vir não sêr injusto. »

Mas Jesu, como todo o porvir sabe,
E vê chegar-se tanto a hora sua,
Testemunha do amor, que nelle cabe,

A Pedro atalha e quer que se conclua
O lavatorio já, por ir-se ao monte
Donde, dando-se a nós, o imigo exclua.

E pondo-se aos discipulos defronte,
Os avisa e doutrina e nelles fica
Do seu immenso amor, abrindo a fonte.

O' fonte perennal, divina e rica,
Que alimpa, sara, salva. alegra, farta,
Consola, nutre, anima e fortifica!

Depois de ensinar todos, tres aparta,
E com elles se vai trás o desejo,
Que sem deter-se um ponto faz que parta.

Quam desagasalhados ficar vejo
Os discipulos orfãos e saudosos,
Que tem asas no amor, nos passos pejo.

Presos da obediencia, os chorosos
Olhos e corações a Jesu seguem,
De o não seguir co mais bem pesarosos.

E depois de o não vêr onde assosseguem,
Os spiritos não acham, co a dor bramam,
Até que á mesma dôr a vida entreguem.

Buscam o seu Jesu, por elle chamam,
Todos o acham; menos nenhum ousa
Persuadir-se, que é ido, porque o amam.

O' bom Jesu, em quem a alma repousa,
Em quem só se aquieta e se recrea,
Esquecendo por vós toda outra cousa.

A que mais se vos dá, menos recêa
Os laços, tantações, sombras, vaidades,
Que sendo imagem vossa, a fazem fêa.

A minha de amor chêa e de saudades
Vos entrego, Senhor, inda que indina,
Com vosco ma levai, ou não vos vades.

Com vosco ma levai, pois determina
De mim tanto alhear-se, até que veja
O fructo em si, que dá vossa doutrina.

Com vosco ma levai pera que seja
Na gloriosa paixão habilitada,
E alcance a parte della que deseja.

Com vosco ma levai á Cruz pesada,
A' columna, á cadea aspera e grossa,
Aos espinhos, ao fel, não fique nada.

Com vosco ma levai, porque não possa
Haver cousa no mundo que a detenha,
Tendo-a, meu bom Jesu, toda por vossa,
Pera que ella, por seu todo, vos tenha.

ELEGIA.

Na ribeira do Lima fui nascido,
Na do Mondego e Tejo fui creado,
E na serra, em que vivo envelhecido,

Onde esperando estou o desejado
Fim dos meus longos annos mais vizinho,
Quanto de cada vêz mais alongado.

Assi vou, pouco e pouco, meu caminho,
Não sem queixas da dura natureza,
Em cuja companhia ainda me espinho.

Que mais custa abrandar sua dureza
Importuna, cruel, que padecer,
Quanto sofrer se pode de aspereza.

Pois tantas quantas vezes commetter,
Não basta sêr de todas resistida,
Se não que em todas sempre hei-de vencer.

Que te posso fazer, alma ferida,
Que em tanto se dilata tua cura,
Emquanto te sentir endurecida.

Olha, de cujo Deos és creatura,
Olha, em cujo sangue resgatada;
Ah! não se perca em ti sua feitura!

Ainda que no cabo da jornada,
Com poucas forças vamos caminhando,
A porta do Ceo nunca está serrada.

Do pouco que podemos trabalhando,
Não deixamos do pouco que podemos
De accrescentar no muito desejando.

Enfim, que em não poder, não reparemos
Da fraqueza da carne aconselhados,
Pois não pode tolher, que desejemos.

Que desejos d'amor continuados,
De novo criam forças, reverdecem,
Com sangue do Senhor na Cruz regados.

Os cravos, que nas rosas apparecem,
Daquelles pés e mãos atravessados,
Esforçam, dão vigor, e fortalecem.

As carnes á columna dura atadas,
Açoutadas, pisadas e moidas,
Nunca das minhas sejam desatadas.

Pois por querer sarar nossas feridas,
Nellas não ficou parte por ferir,
Nem dor de que não fossem consummidas.

Mas não que se podesse consumir
No Senhor a clemencia do perdão,
Que pera os malfeitores quís pedir.

Ouvindo, que em lugar de galardão,
Não deixaram ali de blasfemar,
Do que morre por sua salvação.

Que nem bastou na Cruz pregado estar,
Coroado d'espinhos, o Senhor,
Pera sua crueza se fartar.

No meio dos ladrões o fôram pôr,
Que buscando lugar mais affrontoso,
Não puderam achar outro peor;

Onde seu brando peito piedoso,
Depois de morto, abrio o povo imigo,
Por não ficar da morte duvidoso.

Não me deixe ficar amor comigo,
Sem á columna atar meu pensamento,
Ou na arvore da Cruz pregar comsigo.

Pode sêr que alguma hora o sentimento,
Dentro desta alma minha suba tanto,
Que faça de mim doce apartamento.

E quando não puder chegar a quanto
Se deve, a tal Senhor, tal amor seu,
Comigo ficarei fazendo pranto.

Que quero aqui neste ermo mais de meu,
De quanto esta alma minha mais deseja,
Que dar-me a quem por mim todo se deu?

Que se saber não posso qual esteja
No meo, de todo seu, lhe sêr acceito,
O seu não pode sêr, que alheio seja.

As maravilhas vejo que tem feito,
Sarando d'alma e corpo peccadores,
Dos quaes um leva ás costas o seu leito.

Chamou do mar os pobres pescadores,
Pera fazerem de homens pescaria,
Nos fins da terra toda prégadores.

Elle diz que é verdade, vida e via,
Que tomou, por salvar-nos, carne humana,
Da rainha dos Ceos, Virgem Maria,
De cujo bem dos bens todo bem mana.

Elegia da Arrabida.

Comvosco e dentro em vós, Serra batida
Mais das ondas humanas, que marinhas,
Cantarei, como cisne, a despedida.

Testemunha sois vós das queixas minhas,
E porque quero, mais antes que gente,
As feras e serpentes por vizinhas.

Tanto, que nem d'amigo, nem parente,
Inda agora não faço differença,
Se seu amor do meu fôr differente.

A nenhum delles nisto faço offensa,
Se algum seu interesse só pretende,
Pois nelle só consiste a desavença.

Experiencia tenho do que rende
A palavra sem obra confirmada,
Que em vão pera comigo se despende.

Resposta, que mil vezes tenho dada
A quem já sei que nada dar-me quer,
Que pois nada quer dar, não quero nada.

Nem elle de mim deve de querer
Levar-me sem nenhum merecimento,
O que me doe a mi, sem lhe doer.

O descanso do doce pensamento,
O repouso do livre coração,
Não se deve perder um só momento.

Qual deve sêr a minha pretensão
Antre os bosques desertos, velho e enfermo,
Se não não vêr em mi um só senão?

Os juizos rasteiros dos do termo,
Que todos, o qual mais me perseguia,
Já por mercê de Deos, fizeram termo.

Que quem dos seus ardis me defendia,
Ordenou redundar em meu proveito,
Quanto mais encontrá-lo parecia.

Finalmente, que nunca fôra feito,
O menos do que a mi mais me importava,
Se entortar não quiseram o direito.

Tanto na paixão sua se cegava
O que mais trabalhou por me lançar,
Que não vio que de muro me cercava.

Ora já que me deixam descansar,
Trabalharei de novo, descansado,
Por nada já da terra me cansar.

De todo em todo tão desapegado,
Que não me lembre viva creatura,
Nem queira de nenhuma sêr lembrado.

Passando os olhos meus pela verdura
Das plantas, que plantou a natureza,
Me mostraram no Ceo nova pintura.

Onde a minha alma em puro fogo accesa,
Não sinta, nem consinta, outro desejo,
Se não ficar d'amor divino prêsa.

Em cuja clara luz mais claro vejo
Por onde caminhar posso seguro,
Emquanto agora a terra não despejo.

Não vejo Job lançado no monturo,
Queixoso de amigos carregosos,
E como assi dos meus mais me asseguro.

Não vejo o de que são mais cobiçosos,
Que pretendo do mundo falso e cego,
Por passos de caminhos perigosos?

Mas porque brado em vão, ou a quem prégo,
Se não a mim, de mim tão esquecido,
Que do meu proprio bem me desapégo?

Quanto em menos tempo tem colhido
O fruito que se colhe trabalhando,
Que, por não trabalhar, tenho perdido?

O que daqui me fica magoando,
Determino emendar pelo mais certo
E mais breve caminho, caminhando.

Sem me desviar, já, neste deserto,
Por atalho nenhum, nenhum rodeo,
Senão pelo que fôr do Ceo mais perto.

Não me venha turbar o gosto alheo,
Que menos penitencia diz que basta,
Porque a virtude, diz, consiste em meo.

Em vão pera comigo o tempo gasta,
Quem mais quer alongar meus longos dias,
Que a morte, inda que tarda, não se afasta.

Venha quando quiser, por quaesquer vias,
Que por nenhuma já póde vir cedo
Despir as enrugadas carnes frias.

Deixe-me o coração arder um Credo
Naquelle amor divino a quem me dei,
Enquanto vivo aqui neste degredo.

No meo Deos, em quem só me confiei,
Porque por mi pregado foi na Cruz,
Confiado só nelle acabarei,
Chamando por Maria e por Jesus.

ELEGIA.

Quantas vezes cuidei, que me apartava
Pera mais não vos vêr, Serra deserta,
E conforme a razão, não me enganava.

Mas inda a sepultura tenho aberta,
Que quanto a morte vem mais devagar,
Tanto de tardar pouco está mais certa.

Entretanto, mais quero conversar
Com brutos animaes, que não com gente,
Que descansar não quer, sem me cansar.

De que fera cruel, brava serpente,
Se vio no bemfeitor a mordedura,
O cabello enriçar, bater o dente?

E se do que padece mais se apura
Na paciencia seu merecimento,
A perdê-la mais vezes se aventura.

Por isso eu, como fraco, me contento,
Com fugir, donde vim, tambem mordido,
Que não se estende a mais o meu talento.

Só na minha choupana, recolhido,
No silencio da Serra me suspendo,
Dos humanos agravos esquecido.

Que busco, porque espero, que pretendo,
Tanto monta no mar, como na terra,
Onde com suspirar olhos estendo?

Vestida de verdura vejo a Serra,
O mar, por muitas vezes, de mil côres;
Umas horas de paz, outras de guerra.

Assim nem sempre podem pescadores
As redes estender na agoa salgada,
Nem lavrar sempre a terra os lavradores.

Que nem sempre sêr pode cultivada,
Nem sempre recolher a sementeira,
Sem sêr da mão divina temperada.

Tal herança deixou a mãi primeira
Aos tristes filhos seus, de tal herança
Convinha a alma tambem ficar foreira.

Assi que se faltar a temperança,
No povo do Senhor não deixaremos
De vêr, na terra e mar, destemperança.

Por tanto nos convem que trabalhemos,
Caminhando por onde caminhou
Aquelle a quem conta dar devemos.

Alembrados de quanto lhe custou
Sêr prêso dos Judeos, como ladrão,
No horto, que de seu sangue regou.

Onde por Judas foi dado á prisão,
E por imigos seus prêso e levado
A padecer por nós morte e paixão.

De açoutes na columna carregado,
Com sua Cruz ás costas caminhando,
Pera nú padecer nella pregado.

De rogar a seu Padre não cessando,
Por aquelles ingratos, cobiçoso
De dar a vida a quem lha está tirando.

Escuréce-se o sol claro e fermoso,
Choram seu Creador os elementos,
O feito foi cruel, mas proveitoso.

Confiado nos seus merecimentos,
Acabarei o pouco que me resta
Em levantar da terra os pensamentos.

De que me serve a mi, ou que me presta,
Tudo quanto têr posso em toda a vida,
Senão pera pagar a quem ma empresta?

Qual branda cera ao fogo derretida,
No fogo do meu Deos minha alma seja,
Quer sarada por elle, quer ferida.

Onde quer que estiver com elle esteja,
Esteja com seu Deos, sua cativa,
Sem elle só um momento se não veja,
Com elle morra, só com elle viva.

ELEGIA.

Deixei de cantar já, como sohia,
Por vêr se poderia, não cantando,
Seguir o summo bem de que fugia.

Que pouco val cantar suave e brando,
Nos ouvidos de quem não tem brandura,
Perdendo quanto mais sinto calando.

O bosque que se veste de verdura,
Vestem os meus desejos d'esperança,
Obra do Creador na creatura.

O mar tambem me faz sua lembrança
Com suas proprias ondas variadas,
Quando mais se enbravece ou se amansa.

Finalmente que dou por escusadas,
Palavras das humanas creaturas,
Pois estas fallam mais sempre caladas,
Doces versos envoltos em branduras.

De contemplar procede o sentimento,
Que deixo de lograr mais docemente,
Quanto menos quieto, o pensamento.

Mal se pode escrever o que se sente,
No meio do silencio sepultado,
Consumido de amor em fogo ardente.

Não quer ouvir o mal acostumado
A quem curar deseja seu defeito,
Mais quer não se curar, que sêr curado.

O mal que agasalhou dentro no peito,
Inclinou a fazer sua vontade,
Sem medo, sem vergonha, e sem respeito.

O que mais claro vir esta verdade,
Não tem pera que mais se desvelar
Em versos da divina saüdade.

Sem syllabas medir, e sem trovar,
Se logre dos conceitos, que de cima
Pelo de cima, fazem suspirar.

Escuse de limar em prosa ou rima,
Porque sem se limar a rima ou prosa,
Nem por isso no Ceo menos se estima.

Não deixa de cheirar melhor a rosa,
Por se colher nascida das espinhas,
Sem desfolhar-se, fica mais fermosa.

Das prosas que limei, das rimas minhas,
Que proveito colhi, senão vergonha,
Nas estranhas nações e nas vizinhas?

Não falta quem me diga, que componha
Versos pera accender os frios peitos,
E que pelos compor me descomponha.

Bem posso descubrir novos conceitos,
Bem posso repetir os descobertos,
Mas mal posso crear brandos sugeitos.

Os caminhos do Ceo estão abertos
Pera quem mais quiser correr a posta,
Que eu já me aposentei nestes desertos.

A quem me pede aquillo de que gosta,
Ou quer do temporal o que deseja,
Que sou mór peccador, dou por resposta.

Quero-lhes dar, enfim, que poder seja,
E mais que seja tudo á custa minha,
Será quando de Deos mais perto esteja.

A Senhora que tenho por vizinha,
E' rica, liberal, e não se enfada,
Pois é branda em ouvir, em dar rainha.

O que geme e suspira, grita e brada,
Por despacho da sua petição,
Não perde por lhe sêr mais dilatada,
Pois assegura mais a salvação.

Elegia penitencial.

Aqui neste deserto, sêcco e pobre,
Só de medonhos monstros habitado,
Que a morte com sua sombra cobre,

Nesta imagem de bruto transformado,
Por mão da consciencia vingadora,
Sou todos os momentos castigado.

E se alevanto os olhos alguma hora
Ao Ceo, que não cansa de chamar-me
Por vêr se minha sorte se melhora;

Ainda bem não tento levantar-me,
Quando outra vêz me abaixa a gravidade,
De que eu tão sem razão quís carregar-me.

E foi tal minha prodigalidade,
Com que desbaratei tanta riqueza,
Nos jardins encantados de vaidade,

Que quando agora a força da pobreza
Me offerece, entre brutos, mantimento,
Sei que meto em affronta a natureza.

Lembra-me aquelle ingrato pensamento,
Que como Jeroboão se levantou
Contra o throno real do entendimento.

E tanto que por Rei se coroou
Como idolos, em alto levantados,
Os seus proprios conceitos adorou.

Lembra-me aquelles barbaros cuidados,
Que com profanos fogos abrazaram
Os edificios pera o Ceo lavrados.

E depois que ao juizo a luz tiraram,
Como Nabuzardão, com sua gente,
Os propositos santos profanaram.

Lembra-me o aviso vão, que ousadamente
Os segredos do Ceo saber queria,
Tambem como Saul desobediente.

Até que em tantos dias veo um dia,
Que lhe pôs a cabeça pendurada,
Onde sua soberba merecia.

Lembra-me a affeição, mal empregada,
Que entre apetites máos ficou por terra,
Qual outra Iesabel despedaçada.

Mas é tal o veneno que se encerra
Nestes pedaços que ficáram della,
Que assi despedaçada me faz guerra.

Lembra-me, sobre tudo, a nobre estrella,
Que com o Divino lume resplandece
Nesta alma que algum tempo foi tão bella.

E se por mercê sua o Ceo quisesse,
Que este lume de lá favorecido
Noutro lume d'amor se convertesse,

Quão prestes fôra nelle consumido,
Este profano altar onde amor cego
Com tantos sacrificios, foi servido!

E postos meus desejos em sossego,
O rebelde estandarte recolheram,
Que eu tantas vezes com o Ceo desprégo.

Bem sei que ao contrario merecêram
Minhas desordens, que com tal soltura,
No caminho da morte se perderam.

Mas vós, Senhor do Ceo, que a fermosura
Do vosso rico amor communicastes
Tão largamente a toda a creatura,

Obrai agora em mim o que já obrastes,
Quando entre gente tão desconhecida
Tantos raios de amor manifestastes;

Que sou aquelle Lazaro sem vida,
Que a graça, que por graça esta alma tinha,
Com tanto damno meu tenho perdida.

E posto que faltei quando convinha,
Vossa misericordia é tão immensa,
Que não pode encurtá-la a falta minha.

Sou aquelle leproso, onde a detença
De tantas culpas tão contagiosas,
Só com o exemplo seu faz tanta offensa.

Culpas de cada vêz mais perigosas,
Pois o mesmo uso máo que mas sustenta,
Só pelas não deixar mas faz fermosas.

Sou o mudo a que o Ceo se representa,
Rico de preço, pera libertar-me
Deste Senhor cruel, que me atormenta.

Mas o sprito que houvera d'ajudar-me,
De sorte neste carcere emmudece,
Que não sabe pedir-lho e resgatar-me.

Sou aquelle doente que parece
Paralytico, já desconfiado,
De quem o mundo seu tambem se esquece.

É se por vós não fôra remediado,
Esta fé que assi sêcca está comigo,
Iria tambem por prêsa do peccado.

Sou o cego, que traz um mal que sigo,
Os mal guiados passos, tão mal rejo,
Que dum perigo, vou noutro perigo.

E pôs-me tantas nevoas o desejo
Na luz, com que a alma ennobrecestes,
Que a mim mesmo me busco e não me vejo.

Vós que os remedios todos nos pusestes
Nessa Cruz onde a gloria se conquista,
Dar-me della podeis, como já destes,
Vida, limpeza, fala, força e vista.

ELEGIA.

A Dona Marianna, filha do Duque de Aveiro, incitando-a e animando-a a ser religiosa.

Daquella que cantei felices annos,
A que sendo de poucos promettia,
Sabendo desprezar gostos humanos.

Se verdadeira foi a profecia,
Agora se vê nella já mais clara
Do que se pode vêr a luz do dia.

Pois nesta tenra idade inda não pára
De subir para o Ceo, firme e segura,
A' vontade de quem tal a plantára.

Cultivada com tanta fermosura,
Com tanta gravidade tão estranha,
Que as flôres apparecem na verdura.

As lagrimas d'amor em que se banha,
Que lá de cima estão nella chovendo,
Com suaves suspiros acompanha.

Ditosa quem na terra está colhendo
As rosas, que do Ceo estão cahindo
No fogo, que com ellas vai crescendo!

E quanto cresce mais, mais vai subindo,
Levando lá comigo o sentimento,
Que das brandas entranhas vai fugindo.

Daqui não passa avante o pensamento,
Mas se não vem de dentro o coração,
De fóra póde vir o fundamento.

Na sua branda e doce inclinação,
Na sua bem composta natureza,
Que Deos governa e tem da sua mão;

Mostrando-lhe o caminho da pureza,
Por onde o mesmo Deos quís caminhar,
Fazendo aos caminhantes a despesa.

Não haja quem te possa desviar
Do caminho que levas acertado,
Que muitos não quiseram acertar.

Aquelle que lançou mão ao arado,
Olhando pera trás se fez indino
Do bem, que já bem tinha começado.

Sem caminhar não chega o peregrino
A se vêr no lugar que desejava,
Quanto mais quem deseja amor divino.

Achou a Magdalena o que buscava,
Porque perseverando amor buscou,
E com buscar achou a quem tanto amava.

Na sua petição perseverou
A Cananea firme e confiada,
E com perseverar tudo alcançou.

A justa petição perseverada,
Deante do Senhor é concedida,
Posto que por bem nosso dilatada.

Entende que sem sêr favorecida,
Do Senhor que desejas de servir,
Não poderás deixar de sêr vencida.

Mas pois te não fizeram desistir
Os imigos do bem que determinas,
Armas não terão já com que ferir.

Armada forte, tu, d'armas divinas,
Da progenie real de que nasceste,
Que são do Redemptor as cinco quinas.

E com estas, enfim, enfraqueceste
O poder infernal em tenra idade,
No primeiro combate que venceste.

Ora pois te falece liberdade
Pera se concluir no que desejas,
Repousa na divina saüdade.

Que posto que de mim absente estejas,
Daqui te levarei por esta Serra
Por parte donde o Ceo mais perto vejas.

Verás ondas marinhas fazer guerra,
Combatendo penedias encurvadas,
Que defendendo estão a fraca Serra.

Verás no mar Oceano alevantados
Os golfinhos dar saltos pera o Ceo,
Da fermosura delle convidados.

Verás mais claro o sol donde nasceo,
As nuvens variar de cem mil côres,
E doutras tantas donde se escondeo.

Verás por toda a parte donde fôres,
As entranhas das duras penedias
Abertas e cobertas d'alvas flôres.

Verás tanto abraçar plantas sombrias,
Que façam proprios seus braços alheios,
Mostrando o sêr reaes, celestes vias.

Verás d'animaes brutos montes cheos,
Dos homens racionaes arreceosos,
E da brutal prêsa tem receos.

Verás dos baixos valles saüdosos
Alevantar, cantando os passarinhos,
Do Ceo mais que da Serra cobiçosos.

Verás dos verdes bosques mais vizinhos,
Donde foram nascidos sahir fóra,
E vir a vizitar-me os meus bichinhos.

Verás junto da casa da Senhora,
Por cima dos rochedos retorcidos,
Os passos da Paixão pintar agora.

Contados, meditados, e medidos
Do Senhor desta Serra, renovando
Aquelles com que nós fomos remidos,
Nos quaes te deixo agora contemplando.

ELEGIA.

A Jesu na Cruz.

A ti, bom Jesu, que tanto offendi,
A ti repouso dos atribulados,
Firme esperança de quem espera em ti;

A ti peço perdão de meus peccados,
Tão dinos de temer e de chorar,
Pouco de mim temidos e chorados.

Por elles, ó meu Deos, te vejo estar
Crucificado nesse duro lenho,
Por elles tardei tanto em te buscar.

Não me engeites, Senhor, se tarde venho,
A culpa de temor me está cercando,
Segura-me a esperança que em ti tenho.

Se te viram, Senhor, estar rogando
A teu Eterno Padre por perdão,
Daquelles que te estão crucificando;

Se dizes com voz doce ao bom ladrão
« *Hodie mecum eris in paradiso* »
Que querem medos, como se não vão?

Mercês tamanhas feitas d'improviso
Me fazem ter mui certa confiança,
Que não entrarás commigo em juizo.

Se te meus erros movem a vingança,
Lembra-te que por mim puzeste a vida,
Abranda teu furor nesta lembrança.

Alma a tão grande amor endurecida,
Que não sentes minha alma o grande amor,
Com que por quem te fez, fôste remida?

Sente o que por ti sente com mais dôr,
Olha que por dar vida á creatura,
Tão pouco estima a sua o Creador.

E tu, coração meu de pedra dura,
Se vês quebrar as pedras com tristeza,
Como não quebras de tristeza pura?

Como encerras em ti tão grão dureza,
Sendo tão brando de teu natural,
E ellas tão duras de sua natureza?

Entranhas de ferro! ah! camanho mal!
Em tantas magoas sentimento duro,
De mui pequeno amor dá grão sinal.

Ai que sem ti, Senhor, tudo é escuro,
Tudo são nuvens vans, tudo é um sonho,
E cego entendimento é o mais seguro.

Quando meus olhos nessas chagas ponho,
E me vejo de frieza rodeado,
D'ellas, de mim, e do mundo me envergonho.

O' chagas suaves, ó suave lado,
Este meu peito frio em vosso amor,
Quem o visse, ah! quem o visse abrazado!

Spirito novo cria em mim, Senhor,
Pera que a ti só tema, a ti só ame,
A ti só, que a ti só devo louvor.

Por si suspire sempre, por ti chame,
Por ti me negue a mim, e tudo negue,
Por ti saudosas lagrimas derrame.

A ti busque, a ti ache, a ti me entregue,
Com limpo coração, pura vontade,
Nunca de ti minha alma desapegue.

Um desejo vivo, viva saudade,
Tenha sempre de ti, isto te peço,
Que sem ti, tudo enfim é vaïdade.

Muito peço, Senhor, pouco mereço,
E tão pouco que não mereço nada,
Se o teu muito ao meu nada não dá preço.

Esta alma tantas vezes enganada,
No verdadeiro caminho encaminha,
Que se por ti não vai, vai muito errada,
Doce Jesu, doce esperança minha!

ELEGIA.

Ao divino amor.

Como o cervo cansado e ferido
Busca as fontes de agua deleitosa,
Remedio a seu animo affligido;

Assi a minha alma saüdosa,
Dessa vossa divina fermosura,
Toda ardendo em sede amorosa;

Busca a vós, ó fonte de doçura,
Fonte viva, aonde achará
Remedio e toda sua fartura.

O' Deos! quando apparecerá
Diante de vosso rosto divino?
Este ditoso dia quando virá?

Estas lagrimas minhas de contino,
São o meu pão de que eu me sustento,
A' tarde e no tempo matutino.

As lagrimas são meu contentamento,
As lagrimas mitigam minha dôr,
E fazem mais sofrivel meu tormento.

Já me consumira de tanto amor,
Quando todos me dizeis cada dia
— Aonde está teu Deos e teu Senhor?

Tendo isto sempre na fantasia,
Derrama minha alma de pura vontade
Ante vós, Senhor, a quem tanto queria.

Quando passarei desta saüdade
Ao tabernaculo maravilhoso,
Morada de vossa eternidade?

Onde tudo é suave e deleitoso,
O' vozes d'alegria e
O' banquete eterno e glorioso!

Pois alma minha, porque rezão
Andas triste e descontente,
Porque assi entregue á paixão?

Ainda que o teu mal seja presente,
Viva sempre a dôr e a lembrança,
E o teu somno seja mui ausente.

Espera em Deos, tem nelle confiança,
Põe nelle teu desejo e teu amor,
E não será em vão tua esperança.

Porque ainda confessarei ao Senhor,
Que é elle minha gloria desejada,
O meu ultimo fim, meu Salvador.

Minha alma de mim mesmo cansada,
Chora sua misevavel condição
Vendo-se de vós longe, desterrada.

Mas desta terra do rio Jordão,
E deste Hermonio monte pequeno,
Levantarei a vós a coração.

Ainda que seja vil e terreno,
Todo cheio de baixas affeições,
Espera de se vêr no Ceo sereno.

O' abysmo de minhas afflições,
Chamo o abysmo de vossa piedade,
Que vence as ondas das tentações.

Aqui em muito grande cantidade
Me cercam, como mar embravecido,
Mas sobre tudo é vossa bondade.

Não sois vós, Senhor, de mim esquecido,
Não tem esquecimento quem tem amor,
Ah! Deos! e sois de mim tão mal servido!

A misericordia mandaes, Senhor,
De dia e noite em contemplação,
Cantar vossas maravilhas e louvor.

Assi a vós será minha oração,
A vós, a vós, ó Deos de minha vida,
Meu Redemptor, e minha salvação.

Pois, Senhor, porque será tão esquecida
A minha alma de vós, que está chorando
Vêr-se de seus imigos perseguida?

Olhai, meu Jesu, que se vão gastando
Meus ossos e se consumem com dôr,
E meus imigos estam triunfando.

Dizendo: — onde está o teu Senhor,
E o teu Deos por que suspiras,
A quem amas com tão firme amor?

O' alma, porque me dás tu tormento,
Espera e terá o teu mal cura,
Espera e verás teu contentamento.

Espera e verás sua fermosura,
Verás sua eterna magestade,
Verás a sua divindade pura,
E assim fartarás tua vontade.

Ao Sepulcro da Esperança.

Ao pé deste carvalho aspero e duro,
Contra quem quanto o vento mais se cansa,
Tanto mais firme o deixa e mais seguro;

No meo da floresta, da mudança,
Onde tem mil jardins a fermosura,
Por amor o sepulcro da esperança,

Um aspide a matou na espessura,
Que entre espessos murtaes tinha escondida,
D'inveja de meu bem, minha ventura.

Eu por ella mil vezes dera a vida,
Se com vida tão mal afortunada,
Pudera a sua sêr restituida.

Mas pois tambem do Ceo me foi negada
Essa pequena parte de alegria,
Só porque era de mim tão desejada;

Na banda deste bosque mais sombria,
Defronte do sepulcro venturoso,
Que encerra todo o bem que eu pretendia,

Sempre alheo de mim, sempre queixoso,
Contarei meus queixumes aos penedos,
Algum delles quiçaes será piedoso.

E pelos troncos destes arvoredos,
Que tantas vezes já são costumados
A saberem de mim os meus segredos;

Em grandes letras deixarei cortados
Poderosos signaes de meu tormento,
Que das Nynfas serão sempre guardados.

E tu, ó mal nascido pensamento,
Que nas asas d'amor alevantaste
O teu tão temerario atrevimento,

Agora que por pena me ficaste,
Entre as ruinas de teus vãos castellos,
Que sobre as nuvens vans tão mal fundaste,

Se ainda ousares vêr os olhos bellos,
Em cujo doce fogo anda abrazado,
O mesmo amor, que te ensinava a vê-los,

Dar-lhe-has da minha parte este recado,
— Que ainda que a esperança aqui está morta,
Que não morreo por isso meu cuidado.

Fortuosa no que é seu dispensa e corta,
E como dá os favores brutamente,
Brutamente tambem lhe cerra a porta.

Mas a fé que amor fez tão excellente,
Como nunca á fortuna está sujeita,
Qual foi, tal ha-de sêr perpetuamente.

E se nunca chegar a sêr-lhe acceita,
Quanto menos tiver de interessada,
Tanto mais terá d'alta e de perfeita.

E tu, minha esperança, em flôr cortada,
Se nessas agoas lá do esquecimento,
Fôres do que te quís inda lembrada,

Põe os olhos de lá neste tormento,
Que em lagrimas de fogo convertido,
Sobre o sepulcro teu eu te presento.

E se de ti tambem não fôr ouvido
Este meu desatino tão sisudo,
Este ganho terei d'estar perdido,
Que não tem que perder, quem perde tudo.

A' morte dum contentamento.

Despojos tristes dum contentamento,
Que amor, como tyranno, sepultou
Nas entranhas crueis de meu tormento;

Agora que o desejo vos deixou
Na melhor parte d'alma levantados,
Em signal da victoria que alcançou;

Assi tintos em sangue, assi banhados,
De piedoso orvalho, noite e dia,
Sempre tristes sereis, sempre acatados.

Tempo foi que a ventura concedia,
Com mão tão larga tudo a meu cuidado,
Que prodiga comigo parecia.

Um bem noutro mór bem continuado,
Gloria á doce gloria do presente,
Mil suaves lembranças do passado.

O sol mais bello e mais resplandecente,
A novas alegrias me chamava,
Quando dourava as portas do Occidente.

E quando d'esmeraldas se toucava
A terra alegre e de diversas côres,
O natural toucado ataviava.

Na verdura dos campos e das flores,
Como em signal de gloria e d'esperança,
Incitava o desejo a bens maiores.

Mas o desejo imigo que não cansa
D'espedaçar o bem que n'alma nasce,
Entre apressadas rodas da mudança;

Se consentio que o tempo levantasse
A tanta gloria meu contentamento,
Foi porque de mais alto o derrubasse.

Bem vejo que lhe devia acatamento,
Por sêr d'aquelles olhos procedido,
Onde o poder d'amor tem rico assento.

Mas o que por alli lhe era devido,
Perdeu só por sêr meu em espaço breve,
Das rodas da mudança foi ferido.

Ali, sobre elle, a morte a mão deteve,
Ali tingio seu sangue a terra dura,
Que de vê-lo acabar magoa não teve.

Só vós, fermosas Nynfas da espessura,
Que adornadas de lirios e de rosas
Fazeis mais poderosa a fermosura;

Só vós, por entre as arvores saudosas,
Que já alguma hora attentas me escutaram,
A males tão crueis fôstes piedosas.

As flôres que tambem vos imitaram,
As lagrimas que então ali chorastes,
Em perolas tornadas as guardaram.

E vós lembranças tristes que ficastes
Por retrato do bem que esta alma chora,
E que em vós tanto ao vivo debuxastes;

Duro allivio me sois que tanto outr'hora
O bem vivo presente me alegrava,
Quanto em lastima vê trocado agora.

Este é o galardão que me esperava,
Esta a illustre pompa da victoria,
Que á fé victorioso amor guardava.

Sei que é morta de todo minha gloria,
Mas assi morta pera mais matar-me
Tem vivos os effeitos na memoria.

Se de tamanho mal ouso queixar-me,
Os queixumes dos ventos engeitados
Se tornam contra mim atormentar-me.

E se da causa delles espantados
Em defeito da lingua que emmudece,
Sem lingua a amor se queixam meus cuidados.

Só amor como cruel os aborrece,
Sendo elles de meu mal rico tributo,
Que a alma em tanto aperto lhe offerece,
Ha dias entendi que são sem fruto.

Carta que o Autor escreveo á Duqueza d'Aveiro antes de se ir para o Ermo.

Desejando escrever-lhe, nunca pude,
Taes correram os meses, taes os dias,
Que ha muitos que não tive um de saude.

Umas horas ardentes, outras frias,
Devieis de acabar, pois acabei
De vêr ondas do mar, plantas sombrias,

Cuja vista se doze annos logrei,
Deviam de não sêr horas tamanhas,
Como de um triste só que cá passei.

Quantas vezes revolvo nas entranhas
O mal que me forçou deixar a terra,
Suave e natural pelas estranhas!

Deixei (que mais não pude) a branda Serra,
Que pera brandos peitos se criou,
Quem com duros a dana, inda mais erra.

Mas quem culpou o nescio que chamou
Aquella Serra branda, Serra dura,
Se tal como elle foi quem o julgou?

O bosque não se veste de verdura,
Pera rusticos olhos que se vem,
Não penetra seu peito a fermosura,

Aquella saüdade que me vem
Dos louros e da fonte sofro mal,
Mas a dos paes e filhos, mal nem bem.

E porque já não posso fazer al,
Testemunha me seja o sentimento
A quem curar Galeno pouco val.

Não foi mal desculpado meu intento,
Que tal me succedeo qual o pintei,
Num mal me aventurei, fugi de cento.

Nestes campos do Tejo onde cheguei,
Achei graça, bom rosto, e gasalhado,
Que noutros meus amigos não achei.

E tanto me senti mais obrigado,
Quanto mais fraco e enfermo me senti,
Sem nunca me sentir desamparado.

Desta pura amizade me venci,
Que mais me obriga quem comigo chora,
Do que me obriga quem comigo ri.

Mas se Deos permittir inda alguma hora,
Espero de morrer como desejo,
Que « *un bel morir tuta la vita honora* ».

Já para mim não são campos do Tejo,
De tantos lavradores cultivados,
Onde planta sombria nunca vejo.

E se não me impedirem meus peccados,
A parte buscarei mais apartada
Dos campos e dos valles povoados.

Alli, quando vier menos pesada
A morte, me será mais leve a vida,
Ambas, uma por outra, registada.

Enquanto se dilata esta partida,
A graça do Senhor dos reaes peitos,
Dos pais seja nos filhos repartida,
Com quem já repartio altos conceitos.

Carta que compôs á Duqueza de Aveiro
á absencia da Madre Soror Mariana sua filha.

Primeiro que partisseis, filha minha,
Os males, que da absencia receava,
(Que não pude vedar) chorado tinha.

Já meu coração triste adevinhava
Que tudo quanto foi sêr poderia,
Pois meu poder tão pouco aproveitava.

Chorar e suspirar não me valia,
Nem têr da minha parte a razão clara
Que, enfim, prevaleceo quem mais podia.

Comtudo, filha minha, se cuidára
Quam longe e quanto tempo desterrada
Estarieis de mim, já me enterrára.

Mas cuido que me tem inda guardada
Pera algum grande mal, fortuna imiga,
Se me vir de vos vêr desesperada.

Alembre-vos de mim, que não me obriga
Desejar de vos vêr outro interesse,
Senão em vos amar sêr mais antiga.

Que, se tanto comvosco amor pudesse,
Quanto triste de mim póde comigo,
Não duvido que já vos não rendesse.

Muitas vezes me vi posta a perigo,
Ou de vos ir buscar, ou de perder-me,
(Se tenho que perder, pois vos não sigo.)

Em tanta dilação não sei valer-me,
Menos sofrer tamanhas saüdades,
De que não sei, nem posso defender-me.

Imagino cem mil difficuldades,
Que todas contrà mim terão vigor
Em tempos de tamanhas novidades.

Que, se como foi tudo, tudo fôr,
Que tenho que esperar ou que querer,
Senão chorar de novo a minha dôr?

Se da vontade alhea hei-de pender,
Bem posso e bem podeis estar segura,
Eu de vos vêr a vós, vós de me vêr.

Bem se póde abrandar a pedra dura,
Bem se póde abrandar a brava fera,
Mal se póde abrandar minha ventura.

Tudo já, finalmente, lhe sofrêra,
Como tudo lhe tenho já sofrido;
Uma cousa não mais me concedêra;

Que nos deixe entre nós fazer partido,
Pois rezão e justiça me sobeja
Pera me sêr meu bem restituido.

Que, ou me mandeis viver onde vos veja,
Ou vós venhaes viver onde vejaes,
Quem sem vos vêr nenhum gosto deseja.

Ambas, adonde vós quiserdes mais,
Havemos de viver, ou nas estranhas
Terras, ou nestas nossas naturaes.

Que não podem sofrer brandas entranhas
De mãi tão deshumano apartamento,
Tendo sofrido já magoas tamanhas.

Sabe Deos, filha minha, meu intento,
Deixo nas suas mãos a conclusão:
Que, ou me tire da absencia o sentimento,
Ou vos abrande vosso coração.

EGLOGA.

Almilão, e Galapo.

Almilão.

Alegre venho a vêr-te no teu ermo,
Onde, depois de sete annos passados,
Tuas perseguições fizeram termo.

Dizem que os estrangeiros vão pasmados
De vêr quam nesciamente os naturaes
Em perseguir-te fôram obstinados.

Digo, dos irmãos teus os principaes,
Com seus familiares cobiçosos
De serem no governo officiaes.

E' muito natural dos preguiçosos,
Que querem merecer, não trabalhando,
O sêr dos diligentes invejosos.

Assi, da diligencia murmurando,
Acostumam dizer que, por ventura,
Merecem muito mais não trabalhando.

Não póde sêr maior desaventura,
Que não querer louvar o que trabalha,
E quer sêr louvado o que murmura.

Enfim, que com buscar de que se valha,
Accusado de seu remordimento,
Cuidando rodear o nescio atalha.

A virtude tem firme fundamento,
E muito firme mais sendo encontrada,
E quanto mais maior merecimento.

Tanto que, se não fôr contrariada,
E dos móres imigos perseguida,
Não póde sêr de todo refinada.

E pois que já ficaste de vencida,
Dá-me conta de quanto o teu geral
Pastor passou comtigo nessa ermida.

Galapo.

Nosso geral pastor he pastor qual
O Senhor escolheo no seu rebanho
Antre todos, mais dignos, outro tal.

A mudança foi breve, o caso estranho,
Que se por nosso bem não succedera,
Succeder não pudera um bem tamanho.

Nasceo de novo aqui a primavera,
Ouvio-se a voz da rola em nossa terra,
O ferro converteo-se em branda cera.

Depois que com seus pés subio a serra,
Entrando nesta lapa e nesta cella,
A paz prevaleceo, cessou a guerra.

Mas eu que, velho e calvo, escapei della,
Não deixo de entender que a vida humana
Acha sempre cabellos que arrepella.

O tempo que passei me desengana
No que passando vou, vou qual a folha
Leve que, em tronco sêcco, o vento abana.

E posto que, quieto, me recolha,
Convem o vigiar-me como grou,
Que a morte descuidada me não colha.

Aquelle que viver mais desejou,
Pintando seus cabellos d'outra côr,
Os seus annos mais breves não pintou.

Por tanto, amigo meu, seja o que fôr,
Determinado estou de me esquecer
De quem tomar-me quer por valedor.

Os mais de todos quantos me vem vêr,
Todos cuidam que vem fazer fazenda,
Despachando primeiro seu querer.

No mando, na demanda, na mais renda,
Nos ricos mais honrados casamentos,
E no breve despacho da Commenda.

Nos gostos seus, nos seus contentamentos,
Nas suas vaïdades esquecidos,
Fazendo em cousas vans, vãos fundamentos.

Querendo, dos meus dias consumidos
Na velhice, por calma, fome e frio,
Roubar-me, se alguns tenho merecidos.

Eu, coitado de mim, não fio
De meus graves peccados o perdão,
Que, por meio da Virgem, haver confio.

E querem que despache a petição
Conforme o gosto seu, inda que seja
Com perigo da sua salvação.

E posto que mais livre agora esteja
Pera lhe responder, segundo entendo,
O seu mesmo desgosto inda me peja.

E pois que ninguem quer o que pretendo
No caminho do Ceo, que mais importa,
Valha-lhes Deos, a quem os recommendo.

Almilão.

Os que querem entrar por outra porta
Mais larga e mais seguida dos mundanos,
Pouco lhes dá que vão por via torta.

Embrulham gostos seus com seus enganos,
De bens nem males fazem differença,
Nem dos proveitos seus, nem dos seus danos.

Não se querem curar desta doença,
Porque da penitencia a purga amarga,
Posto que revocar faça a sentença.

Com quanto menos pejo e menos carga
Pela via do Ceo se vai subindo,
Que na terra descendo pela larga!

Galapo.

Ah! quanta saüdade está sentindo
Aquella alma ditosa no deserto,
De quem seu proprio Deos se está servindo.

Contemplando no Ceo caminho aberto,
A força dos suspiros que lhe ensina
O desejo de vê-lo de mais perto.

Ah! doce saüdade, alta, divina,
Da visão de seu Deos, em que se accende,
E quanto accesa mais, mais se refina.

Almilão.

O som desses teus versos me suspende
O silencio, me pede teu esprito,
Que de meu baixo esprito me reprende.

Affrontado do mal que tenho escrito,
Calando esperarei até que venha
A morte levantar seu interdito
Que, presto, pega o fogo em sêcca lenha.

EGLOGA.

Laurino, e Fontano.

Fontano.

Que novas me darás de nosso amigo,
De tres seus companheiros engeitado,
Como se remedea só consigo?

Laurino.

O primeiro se foi necessitado,
O segundo e terceiro constrangidos
Da santa obediencia do prelado.

Outros amigos seus, offerecidos
Se tinham a fazer-lhe companhia,
Mas cuido que estam já arrependidos.

As novas que do velho te daria,
São conselhos maduros de viver,
Que me deu pera vêr o que não via.

Nos quaes todos se vem a resolver,
Que por muitas razões e perfeição
Humana, só consiste em padecer.

Com muita paciencia e mansidão,
Como nos ensinou o Redemptor,
Na Cruz posto por nossa salvação;

Cujo suave, brando e doce amor,
Tão valeroso faz um fraco peito
Que seja, padecendo, vencedor.

Não ficando já passo tão estreito
No caminho do Ceo por alargar,
Que quem quiser não possa ir lá direito.

Os ermos se sohiam povoar
Com rara penitencia, toda a vida,
Dos que nelles queriam contemplar.

Cuja imitação foi mal sofrida
E dos mais ociosos murmurada,
E doutros contrastada e perseguida.

A qual, se fôra menos encontrada,
Menos merecimento lhe rendera,
Que no fogo se estilla agoa rosada.

Fontano.

Certo, amigo Laurino, que me dera
Muita consolação vêr Limabeo,
Se desculpar meu erro me atrevera.

Que, sendo pontual amigo meu,
O achei amigo sempre no meu mal,
Não me achando comsigo no mal seo.

Assi, que sendo amigo pontual,
Faltei na pontual sua amizade
Com me afastar no tempo principal.

Amigos tem quem tem prosperidade,
Mas amigos não tem quem na não tem
Não ha que duvidar nesta verdade.

Limabeo não se queixa de ninguem,
Alheo do passado e do presente,
Sem lhe dar do que vai, nem do que vem.

Quieto, vive só, livre e contente,
Com plantas e com feras conversando,
Não conversando amigo, nem parente.

Assi, noites e dias vão passando,
Tendo posta no Ceo sua esperança,
E da terra a si mesmo desterrando.

Enfim, que não repousa nem descansa,
Senão no summo bem que só deseja,
Enlevado na bemaventurança.

Ainda que tão longe agora esteja
Do que vi, do que ouvi, do que notei,
O velho não me faz pequena inveja.

Por muitas vêzes já determinei
Ir vêr o velho calvo no seu ermo,
Mas na vergonha minha reparei.

Nem menos quís usar dum justo termo,
Offerecendo-se obra piedosa
Pera sêr visitado, estando enfermo.

Dilatou-se-lhe a morte vagarosa,
Escapou dos imigos encubertos,
Escapou da tormenta furiosa.

Escapou doutros muitos desconcertos,
Que consumindo foi o tempo largo
Da larga penitencia dos desertos.

De mim não posso dar outro descargo,
Por sêr contrario ó Ceo e contumaz,
Cuja contradição agora amargo.

Porque de tanto bem não fui capaz,
Perda que assi me turba, assi lastima,
Por não participar da sua paz.

Enfim, Laurino, tudo vem de cima,
No mal como no bem, nosso ou alheo,
Onde o mal se reprova o bem se lima.

O máo quer do fermoso fazer fêo,
O bom quer do fêo fazer fermoso,
Um vazio do mal, o outro cheio,
Um desditoso, enfim, outro ditoso.

EGLOGA.

Almilão, e Galapo.

Almilão.

Pois que nos ajuntamos nesta praia,
Cantemos a que vimos, nesta tarde,
Antes que lá da Serra a sombra caia.

Galapo.

Quem quereis, Almilão, que mais aguarde,
Inda que as redes fiquem por lançar,
Nem que pera melhor lanço se guarde?

Quem devemos com versos celebrar,
Senão principes, nossos pescadores,
Que juntos, peixes juntos vem fisgar?

Estes dous excellentes amadores
Do fruito, que de Deos tem já colhido,
Embarcarão comsigo a flôr das flôres.

Almilão.

Dentro na minha Lapa recolhido,
O barco vi passar das agoas claras,
Naquelle breve curso obedecido.

Ditosa embarcação, se frequentáras
O teu mar Oceano, a tua renda
Com muito peixe nosso acrescentáras.

Mas, pois, aqui não vens fazer fazenda,
Como vem constrangido o pescador
Buscar com que da fome se defenda:

Ouçam cantar e dar a Deos louvor,
Porque do mar e terra quís fazer
Uma Senhora tal um tal Senhor;

Que partiram depois de amanhecer,
E feita de vagar a pescaria,
Se tornaram com sol a recolher.

Nunca de peixe a praia está vazia,
A Serra de perdizes e veados,
E doutra muita caça em demasia.

Os bosques, nos penedos sustentados,
Dão pasto ás bravas feras na verdura,
E nos pés de seus troncos gasalhados.

Cercada a Serra está de rocha dura,
E das agoas salgadas, desta parte
E doutra a maior já se cerca e mura.

De todos quantos doens o Ceo reparte,
Com estes excellentes escolhidos,
Um só te contarei, para alegrar-te:

Que nunca entre estes de amor unidos
Se viu em cousa alguma differença,
Senão que um rompe mais menos vestidos.

Daquella liberal bondade immensa,
Doutras mores mercês tenho esperança,
Que só pera calar-me dá licença.

A fonte perennal nunca descansa,
Nem cansa quando mais agoa derrama,
Antes quando mais lança menos cansa.

Tanto subindo vai a verde rama,
Quanto esse mesmo tronco vai subindo,
E tanto o coração, quanto mais ama.

As minhas altas vozes repetindo,
O cavernoso valle me reprende,
Que com calar não ficarei ouvindo.

Aquelle que no mar a rêde estende,
Por manha quer pescar ou com engano,
Não quem com tanta fisga o peixe fende.

Com muito pouco custo e pouco dano,
Os senhores do mar vem pescar nelle,
Quando muito, três vêzes d'anno em anno.

Mas se bem não parece ella sem elle,
Tambem bem não parece elle sem ella,
Venha elle com ella e ella com elle;

Que não os ajuntou divina estrella
Pera sêr apartados um momento,
Quer ambos vão a remos, quer a vela.

Ambos logrem um só contentamento,
Ambos um só querer, uma vontade,
Nem quero dispensar no pensamento.

Se havemos de cantar, da saüdade
Deixemos nestas agoas ancorada,
Dos dous a perennal conformidade,
Com favores divinos confirmada.

O' quam ligeiramente vai fugindo,
Pera nunca tornar, a propria vida,
Tão mal considerada e mal sentida
De mi, que dum mal noutro vou cahindo!
Entendo que estou perto da partida,
Mas folgo d'ouvir quem me está mentindo,
Não querendo acceitar os desenganos,
Querendo-me enganar cos meus enganos.

O' como vai fugindo a mocidade,
Do que não mais que seu gosto pretende,
Fazendo pouco caso do que entende,
E trocando a rezão pola vontade!
E quando desta troca se arrepende,
Perdida tem de todo a liberdade
Pera se restaurar como pudera,
Se mais do coração se arrependêra.

Galapo.

O' quanto tempo passa tão ligeiro,
Sem respeito de grande, nem pequeno,
E como desordêna quanto ordeno,
Do que quero fazer por derradeiro!
E com quanta mais magoa me condeno
Por querer sêr no bem aventureiro,
Da temporal cobiça aconselhado,
Por me deixar em vão mais magoado.

Epigramma á Paixão.

A quem desceo do Ceo, por nos dar vida,
Pagamos com lhe dar a morte crua,
Dada por nós, por elle padecida
Por nós na Cruz, despida a carne nua,
Que por salvação nossa fôi vestida,
Por tudo padecer á custa sua:
Enfim, que nosso Deos o fez de sorte,
Que nos deu sua vida e sua morte.

Epigramma.

Nasci e renasci na casa em dia
De Santa-Cruz, da Cruz o nome tenho;
Tenho quem nella foi morto por guia,
Nas entranhas abertas me sustenho,
Que não póde cerrar quem as abria:
E quando neste passo me detenho
Gemendo e suspirando, não duvido,
Que me sare quem foi por mim ferido.

Epigramma.

Aqui, Deos da minha alma, onde cheguei,
O como vós sabeis, dar fim á vida,
Outra de novo aqui começarei
Nesta despovoada, antiga ermida
Da Virgem vossa mãi; não deixarei
De servir-vos, com ella sêr servida,
Que qual amor d'esposo, filho e pai,
Tal o mesmo d'esposa, filha e mãi.

Acerca do tempo.

A desigual balança
Da vil fortuna cega,
Fiada d'infieis repartidores
Com violenta mudança,
Desordenada, entrega
Aos máos sempre o governo dos melhores:
Faz servos dos senhores,
Aos mais baixos levanta
Sem mais aucção, nem custa,
Que uma eleição injusta,
Que o Ceo escandaliza e a terra espanta:
Por onde o venturoso
Tyranniza o lugar do valeroso.

A dura tyrannia,
Dos grandes empossada,
Triunfa da justiça e da verdade.
O interesse guia,
A rezão desterrada
Chora o direito seu dar-se á maldade.
O amor e a lealdade
Da patria perseguida,
Já desagasalhados
Dos principaes estados,
No vulgo baixo e pobre acham guarida;
E tal se tornou tudo,
Que quem falou verdade, agora é mudo.

O zelo desprezado
He desfavorecido,
Queixar-se, nem buscar remedio ousa.
Ai bom tempo passado,
De poucos entendido,

Quem cuida mais em vós, menos repousa!
Cerca-nos tanta cousa,
Que já o entendimento,
Apezar do receio,
Não achando outro meio,
Rebenta com soltar vozes ao vento,
Mas se Deos não soccorre,
Pouco monta dar vozes a quem morre.

VILANCETE.

A' desculpa de pescar, e fazer bordões.

Em que parte, ou em que terra
Me deixarão repousar,
Pois que não pude escapar
Entre os penedos da Serra?

Que vai peçonha fazer
A cega malicia humana
De pescar peixes á cana
Pera lhe dar a comer.

Em que parte de que Serra
Se pudera imaginar,
Que aparelhos de pescar
Fossem munições de guerra?

Se cortando pela rama
Dos zimbros muito cortei,
Cuido que menos pequei,
Que cortando pela fama.

Em que parte, ou em que terra
Não fôra peor cortar
Homens, que Deos manda amar,
Que páos, que nascem na Serra?

Não sinto que culpa tenha,
Se lhe negam sêr louvado,
Tão longe do povoado
Pescar peixes, cortar lenha.

Em que parte, em que terra
Se pode vituperar
Quem pesca peixes no mar,
Ou corta lenha na Serra?

Disse Deos: não matarás
Homens, mas não disse peixes;
Nem tão pouco disse: feixes
De zimbros não cortarás.

Julgue-se agora quem erra,
Se quem quer homens matar,
Se quem peixes vai pescar,
Ou corta zimbros na Serra.

Se direitos, ou pensões
Devia do mar, ou mata,
O' Duque, paguei « pro rata »
Peixes, cruzes e bordões.

Paguei ó Senhor da terra,
Paguei ó Senhor do mar,
O' do Ceo ha-de pagar
Quem sem causa me faz guerra.

Eu se corto, ou se pesco
Peixes, ou bordões no mato,

Homens não corto, nem mato,
Senão páos e peixe fresco.

Que não pecca, que não erra,
Acabai já de provar,
Que pescar não é peccar,
Menos cortar páos na Serra.

MOTE.

Enganos da vida humana,
Mal vos pode penetrar
Quem folga de se enganar,
Pois quando se desengana,
O tempo não dá lugar.

GLOSA.

Do que vi e do que vejo,
No que o mundo representa,
Mais me canso e mais me pejo
Por vêr, que venta e não venta
Conforme ao meu desejo.
Assi busco o meu querer,
Querendo o que mais me ingana
Pera me poder perder,
Pois me não basta entender
Enganos da vida humana.

O tempo, que vai fugindo,
Gasto no gosto da vida,
Ambos se vão consumindo
Mal, que quando estou sentindo,
E' já no fim da partida.
Então dos gostos passados

Começo a me queixar,
Dizendo: quem se enganar
Comvosco, gostos passados,
Mal vos pode penetrar.

O caminho leva errado
Quem por seu gosto se guia,
Trabalha, sua, e porfia
Em querer por outra via
Sêr melhor encaminhado.
Que grande desaventura
E' não querer acertar
Por sua vontade pura,
Pois que não pode ter cura
Quem folga de se enganar.

Camanho mal me tem feito
O meu gosto, que sustento
A torto e a direito,
Sem razão, nem fundamento,
Nos enganos, que apontei.
Se disser que não se engana
Quem de enganado notei,
Então lhe perguntarei:
Pois quando se desengana?

Donde fui, andei e vim,
Fui e vim e andei comigo,
Comigo, de mim imigo,
A mim sigo, a mim persigo,
Por sêr imigo de mim.
Pelo que posso affirmar
Que quem anda grangeando
O mal, com que quer folgar,
Que se desengana, quando
O tempo não dá lugar.

MOTE.

Que forte fortuna sigo,
A que grande estremo vim,
Que já não vejo o perigo,
Pera mim maior que a mim.

GLOSA.

Enganos dum pensamento
Me trazem senhoreado
De tal maneira, que é vento
Discursos do entendimento
Em tão perigoso estado,
Porque quanto mais entendo,
Tanto menos me arrependo
De me entregar ao perigo,
Que minha alma chora, vendo
Que forte fortuna sigo.

Força d'estrella imiga,
Contra quem sizo não val,
Deve sêr a que me obriga
A que eu mesmo me persiga,
Buscando o que me faz mal.
De tudo me arreceei,
E de nada me guardei;
Tremo de cuidar em mim
A quanto me aventurei,
A que grande estremo vim.

Se alguma hora me desejo
Livre deste desatino,
Tem tal força o meu desejo,
Que me esconde o mal, que vejo,

Por querer o bem que imagino.
A razão bem me avisou
Dos perigos, em que estou;
Mas o cuidado, que sigo,
Tão depressa me cegou,
Que já não vejo o perigo.

Fujo do que me convem,
Corro após o que me dana;
E se me aconselha alguem
O que sei que me está bem,
Inda cuido que me engana.
Enfim, que desta mudança
Ficarei sem esperança
De terem meus males fim,
Pois a ninguem vi esquivança
Pera mim maior que a mim.

MOTE.

Que queira quem me não quer,
Não queira de mim ninguem,
Que não posso querer bem
A quem bem me não quiser.

GLOSA.

Não posso ter por amigo
Quem de mim senão doêr,
Nem sei como possa sêr
Poder acabar comigo
Que queira quem me não quer.

Por sêr mal afortunado,
Não duvido haver alguem,

Que queira vêr-me enganado;
Mas amar sem sêr amado
Não queira de mim ninguem.

Quem me vir desconfiar,
Entenderá que me vem
De não têr já que esperar,
Pelo que póde affirmar
Que não posso querer bem.

Não é justo que me empregue
Em quem me não merecer,
Muito menos que me cegue
De maneira, que me entregue
A quem bem me não quiser.

MOTE.

Se Agostinho fôra Paulo,
O corvo quando viéra,
Não levára, mas trouxéra.

GLOSA.

Os figos, que no telhado
Tinha postos a passar,
Todos levou sem deixar
Nem por passar, nem passado,
Foi pena de meu peccado,
Que se eu guardar não quisera,
O corvo mos não comêra.

Mas no deserto, onde estou,
Se tudo logo comêr,

Não me poderei manter
No comêr, que se acabou.
Mas mais do que me levou,
O corvo negro trouxera,
Se por Paulo me tivera.

Mas pois que por culpa minha
Sou de Paulo differente,
Ficarei mais penitente,
Sem têr os figos, que tinha.
O corvo, que a Paulo vinha
Trazer, tambem me trouxêra,
Se em Paulo me convertêra.

Do que este corvo me faz
Não deixo de presumir,
Que no que devo servir
Inda fico muito atrás.
O corvo leva, e não traz:
Se não levára, o trouxera,
Com Paulo me parecêra.

Não fôra contra razão
Entre os corvos daninhos
Matar antes passarinhos
No tempo da arribação?
O corvo negro ladrão,
Se por Paulo me tivera,
Não levára, mas trouxera.

Não deveras de ajudar
Os que tão mal me trataram,
Baste que já me raparam,
Não me venhas tu rapar.
Que se eu podera estar
Tão longe, como quisera,
De rapazes não temêra.

Menos mal foi rapar figos,
Que rapar as barbas minhas.
Peor do que tu vizinhas,
Vezinharam meus amigos.
Se quiseram os antigos
Comigo estar á vara,
Nenhum rapaz me rapára.

Reposta a Soror Mariana, filha do Duque de Aveiro

MOTE.

Não passou meu pensamento
De desejar de servir,
Sem vo-lo dar a sentir.

GLOSA.

O muito, que em vós havia,
O pouco, que em mim achava,
Meu desejo limitava,
Meu pensamento abatia.
Nunca cuidei que podia
Chegar a mais que servir,
Sem vo-lo dar a sentir.

Desesperei com razão
Do que sem ella esperei;
Porque nunca imaginei
Qual fôsse vossa tenção.
Nunca esperei galardão
De desejar de servir,
Nem tal pude presumir.

Se quereis fazer estremos,
Os que deveis de fazer,
Só por Deos devem de sêr,
A quem só servir devemos.
Quereis que nos conformemos?
Seja em amar e servir
Quem morreo por nos remir.

Que vos fale, que vos veja,
E' por demais, não canseis,
Que por mais que trabalheis,
Já não póde sêr que seja.
O que minha alma deseja
E' poder-vos concluir
Que só Deos deveis servir.

Se sois firme, branda e pura,
Em tudo mais venturosa,
Fidalga, rica, fermosa,
Tudo sei quam pouco dura.
Escolhei vida segura,
Que não vos possa fugir,
Servi a quem vim servir.

MOTE.

Rodeado nesta Serra
De firmeza e confiança
Sustento a esperança.

GLOSA.

Destas rochas a dureza,
Destes bosques a verdura,
Qual esperança figura,
Qual me figura firmeza.

As obras da natureza
Me fazem dôce lembrança
De suster a confiança.

A rocha sem se abalar
Aqui vejo no deserto,
Da verde fôlha cuberto
O bosque sem se seccar.
Enquanto me rodear
De firmeza e de esperança
Não perderei confiança.

Mas de que me serve vêr
Rochas firmes, verdes plantas,
Vendo em mim faltar quantas
Cousas eu desejo têr
Pera mais me entristecer,
De firmeza e de esperança
A Serra me faz lembrança.

As feras vejo pascendo,
As aves ouço cantando,
As ondas do mar quebrando
Nas rochas, que estão batendo,
Quanto mais ouvindo e vendo
Se renova a confiança
No silencio da lembrança!

MOTE.

Tanto é o bem, que espero,
Que nas penas me deleito.

GLOSA.

Desejo de padecer
Por amor do que mais quero

Todo o mal cruel e fero,
E mais, se mais póde sêr
Nos estremos do querer,
Tanto é o bem, que espero.

Daqui nasce a confiança
Firme dentro no meu peito,
Que só em penar descansa,
Sem outro nenhum respeito,
Com tão suave esperança,
Que nas penas me deleito.

MOTE.

Neste meu remanso
Manso, doce e brando,
Ando amor buscando,
Quanto mais descanso,
Canso descansando.

MOTE.

Do mundo desapegado,
Dos homens desempedido,
Do tempo desenganado,
Da terra mais esquecido,
Quando do Ceo mais lembrado.

ECOS.

Que mal não queres sentir? Ouvir.
E que virtude escolher? Sofrer.
E que bem folgas guardar? Calar.

Logo te podes gabar
Vencer o maior perigo,
Quando acabares comtigo
Ouvir, sofrer, e calar.

*

Qual dos bens mór bem te faz? Paz.
E na paz qual é melhor? Amor.
E tem Amor igualdade? Charidade.

Logo a communidade
Está de brigas segura,
Quando se nella procura
Paz, Amor, e Charidade.

*

Qual é de tudo mais forte? A morte.
E della que mal ouviste? Sêr triste.
E tem mais que sêr penosa? Espantosa

Escusado é têr mimosa
Vida que tão pouco dura,
Pois o tempo lhe procura
A morte triste e espantosa.

*

Quem de todo o bem te tira? Ira.
Quem póde mais que a razão? Paixão.
Quem do que deve se esquece? Interesse.

Logo com razão merece,
Que não seja conhecido
Quem traz no peito escondido
Ira, paixão, e interesse.

Redondilhas a Nossa Senhora.

Nesta Serra,
Onde me não falta guerra,
Servindo na vossa ermida
Gastarei, Senhora, a vida,
Até me cobrir a terra.

Confiado,
Que serei sempre amparado
De quem sempre me emparou,
Que menos medroso estou,
Pois o mais forte é passado.

A baixeza,
A que minha alma está prêsa,
Espero que desateis,
E que servindo me deis,
Pera servir mais firmeza.

Quem pudéra
Servir-vos quanto devêra
Sem cessar um só momento,
Levantando o pensamento
Tanto, que nunca descêra.

E' verdade,
Que tanta suavidade
Consiste em vosso serviço,
Que servir-vos só por isso
E' summa felicidade.

Quem mais quer,
Ou que mais deseja têr,
Antes de se vêr nos Ceos,
Que servir a Mãi de Deos
Sem nunca desfalecer?

Chansonetas ao Nascimento de Nosso Senhor.

1

Pasmem d'alegria
na terra e nos Ceos,
vendo a noite — dia,
vendo o homem — Deos.

2

Commercio admiravel,
que o amor descubrio;
mysterio inefavel,
que o Ceo nos abrio!

3

Como em um supposto
caiba esta união,
não é presupposto
de humana rezão.

4

Senão obedece
o juizo á fé,
nada se conhece
daquelle, que é.

5

Pelos ares vôa
Celeste armonia;
e o que nella sôa,
só d'Anjos se fia.

6

Feitos esquadrões
O seu rei seguindo,
vam dando pregões,
que a salvar é vindo.

7

O' ditosa culpa,
caso nunca ouvido,
que busque a desculpa
quem é offendido!

8

Toma o que em nós há,
dá-nos o que é seu:
que lingua dirá
que toma, e que deu?

9

Toma pena e morte,
dá-nos gloria e vida:
a causa mais forte
foi d'amor vencida!

10

Fermosa victoria,
que a terra Ceo faz,
de que a Deos vem gloria,
e aos homens paz.

11

Acaba a mór guerra,
entra a-mor, concordia,
tem Deos chea a terra
de misericordia.

12

Os cegos já viram,
os mudos falaram,
os surdos ouviram,
os coxos andaram.

13

Os mortos tem vida,
os vivos não morrem,
os bens á medida
do desejo correm.

14

A summa bondade
nos manda por guia
a luz e a verdade,
que David pedia. *Salm.* 42.

15

A justiça sua
hoje nos revela,
nasce o sol da lua,
sendo maior qu'ella.

16

Sem abrir-se a fonte,
sahe della o mar;
vão de monte a monte,
tudo ha-de alagar.

17

Milagre inventado
do divino esp'rito,
que do limitado
saia o infinito.

18

Na Virgem caber
quem nos Ceos não cabe,
como pode sêr?
quem o fez o sabe.

19

Nova maravilha
do divino amor,
mãi, esposa e filha
dum mesmo Senhor.

20

Deu a flôr suave
o fructo esperado,
já vimos a chave
do jardim cerrado. *Cant.* 4. 12.

21

Ó divina Aurora,
só em vós se vio
dar mais luz na hora,
em que o sol sahio.

22

Sol, que apparecendo
almas rouba e inflamma;
sol, que em se escondendo
levanta mór chama.

23

E' lume do lume,
que elle só faz vêr,
no qual se resume
tudo o que tem sêr.

24

Fez a vóz humana
Outro sol deter. *Josué,* 10. 12.
fez a soberana
este a nós descêr.

25

Lá figurou isto
Deos por Isaias, *Is.* 38. 8.
no relogio visto
delRei Ezechias.

26

Pera o segurar
da mercê, que fêz,
o sol fêz tornar
dez linhas atrás.

27

Quando o mundo alcança
o de que era indino,
a mesma mudança
fêz o sol divino.

28

Deixa Anjos no Ceo,
seus córos passou,
ao homem desceo,
e nelle parou.

29

Aqui a humildade
de Deos triunfou,
forma a divindade
de servo tomou.

30

Se o não conhecêra
por Deos e Senhor,
isto parecêra,
doudice d'amor.

31

Por Deos seu thesouro
todo em nossa mão:
este é o altar d'ouro,
que vio São João. *Apocal.* 8. 3.

32

Leão de Judá,
que o Ceo nos conquista,
Cordeiro, que o dá,
e honra o Baptista.

33

Triunfo e lucerna *Apocal.* 21. 23.
da Cidade santa,
que com gloria eterna
se adora e se canta.

34

Grão do Ceo cahido,
que o fructo, que deu,
só nelle é sabido,
que é celeiro seu.

35

Na terra cahio,
de Deos mui amada,
que foi na que vio
Moysés figurada.

36

Virgem soberana,
se a fé me deixára,
sêrdes mais que humana
de vós affirmára.

37

Custodia segura
da sabedoria,
que os Anjos mais pura,
que os santos mais pia.

38

Do Ceo desejada,
porque vos conhece,
da terra engeitada,
que vos não merece.

39

Querendo-lhe dar
Rei, vida, luz, graça,
chega a lhe negar
lugar, em que nasça.

40

Do mundo é senhor,
não tem lugar nelle,
tudo póde amor,
pois o trouxe a elle.

41

Se o não abrasára
saudade da cruz,
quiçaes nos deixára
com nosco e sem luz.

42

De homens racionaes
é Deos engeitado,
só entre animaes
achou gasalhado.

43

Senhor dos senhores,
vós entre os animaes,
e reis peccadores
em paços reaes!

44

E' Deos tal amigo,
tão bom de servir,
que em nada comigo
se quer desavir.

45

Sofre companhia
tão impropria nelle,
por que neste dia
ninguem fuja delle.

46

Por mais semilhança
que cos brutos tenha,
não perca a esperança,
venha, venha, venha!

47

Lapa gloriosa,
dos Ceos invejada,
que elles mais fermosa,
mais alumiada.

48

Mil Anjos a ornaram,
nenhum apparece,
que a luz, que adoravam,
a sua escurece.

49

Nella os serafins
são mais abrasados,
nella os cherubins
mais arrebatados.

50

Nella nasce Deos,
nella hoje se encerra
o melhor dos Ceos,
o melhor da terra.

51

Hoje os homens vem
o Verbo encarnado,
por quem, pera quem
tudo foi creado.

52

Quando a Virgem vio
da gloria o penhor,
tudo se cubrio
do seu resplendor.

53

Em tal claridade
a sua alma ardia,
que toda a Trindade
nella se revia.

54

Lá lhe mostra agora
Quem nella morou
e quem nesta hora
cá lhe revelou.

55

Meu Jesu, que é isto!
em presepio vós,
e que a causa disto
sejamos nós, nós!

56

Dizei-me Anjos seos,
pastores e reis,
se tal está Deos,
em que o conheceis?

57

Em que no amor tem
a gloria escondida,
só por que a dar vem
pelos seus a vida.

58

E na adoração
da mãi e do esposo,
que ambos raios são
deste Sol fermoso.

59

A mão soberana
seu poder mostrou
na Trindade humana,
que aqui ajuntou.

60

No esposo santo
da Virgem sem magoa
se enche alma d'espanto,
e os olhos d'agua.

61

Vendo o que deseja,
do Anjo avisado
o presepio beja,
nelle transformado.

62

Do mais ser indino
cuida o Patriarcha,
que inda que é menino,
terra e Ceos abarca.

63

Anjos, reis, pastores
por divina traça
são annunciadores
do auctor da graça.

64

Pera nos mostrar
que neste senhor
ha três que adorar,
Deos, rei e pastor.

65

Palhas tem por leito
quem Anjos deixou,
porque accenda o peito,
que o mundo apagou.

66

Choraes, meu Jesu,
de frio tremeis.
Quem vio a Deos nu,
pobre o Rei dos Reis!

67

Ó rica pobreza!
ó falta abundante!
ó alta baixeza!
ó divino amante!

68

São tudo mysterios,
que nos apregoam,
que honras, pompa, imperios
não são o que soam,

69

O' cega ambição,
mais cega vaidade,
que da opinião
fêz necessidade.

70

Pelo Deos visivel,
que já conhecemos,
no amor do invisivel
nos arrebatemos.

71

Alma, que hoje teve
tão nova mercê,
pois toda se deve,
toda se lhe dê.

72

Lembrai-lhe senhora,
porque a não exclua,
que o sêr peccadora
não tira sêr sua.

MOTE A NOSSA SENHORA

Antes de parir,
Parindo e parida
Virgem escolhida.

GLOSA.

Quem vos escolheo
Rainha dos Ceos,
foi o mesmo Deos,
que de vós nasceo.
de vós procedeo
vossa eterna vida,
Virgem escolhida.

Muito alcançastes,
muito merecestes,
porque muito amastes,
muito padecestes.
Virgem, que nos destes
o Autor da vida,
Virgem escolhida.

Os vossos louvores
não podem sêr ditos,
que são infinitos,
cada vêz maiores;
déstes fructo e flôres,
déstes-nos a vida,
Virgem escolhida.

O Sol, as estrellas,
os lirios, as rosas,
sendo mais fermosas,
vós o sois mais qu'ellas.
Das cousas mais bellas
fôstes escolhida
pera nos dar vida.

Toda sois fermosa,
Virgem, minha amiga,
em amor antiga,
do amor mimosa;
doce, saüdosa,
parindo e parida
de Deos escolhida.

MOTE.

Saüdade minha,
quando vos veria?

GLOSA.

Este dôce quando
vós o sabeis certo,
se longe, se perto,
se duro, se brando.

vivo contemplando
no bem, que seria,
quando vos veria.

Desejo de vêr
um bem que desejo,
cousa em mim não vejo
pera poder sêr.
sem vos merecer,
saüdade minha,
quando vos veria?

Quem fazer pudera
comvosco um partido,
que inda que perdido,
nunca vos perdêra.
que allivio me déra
saber que vos tinha,
saüdade minha.

Esta piedade
(ah! não ma negueis)
que não me priveis
da vossa amizade.
minha saüdade,
saüdade minha,
quando vos veria?

ENDECHAS.

I

Fiz conta comigo,
achei-me enganado,
porque tenho achado,
que não tenho amigo.

2

Não foi culpa minha,
Foi minha ventura
esperar brandura
de quem a não tinha.

3

Peitos deshumanos,
ingratos, esquivos,
senti-vos nocivos
no fim de os meus annos.

4

Tenra mocidade,
quando te partiste,
então descobriste
tua vaïdade.

5

Desertas montanhas,
se em vós me criára,
nunca me queixára
de magoas tamanhas.

6

Campos povoados,
povoados valles,
em vós nascem males,
sem sêr semeados.

7

Quem nunca vos vira,
nunca em vós pascêra,
nunca se vendêra,
nunca se sentira!

8
Quam tarde se sente,
quam tarde se entende
quanto bem depende
de fugir da gente!

9
Solitaria vida,
suave, ditosa,
vida saüdosa,
vida só vivida!

OUTRAS.

1
Já não digo um dia,
nem menos uma hora;
um momento fôra
sequer d'alegria.

2
Em que respirára
de mágoas tamanhas,
tantas, tão estranhas,
antes que acabára.

3
Se cada anno perde
sua folha a planta,
cada anno outra tanta
lhe nasce mais verde.

4
O rio, que corre,
vai pera tornar;
entra e sahe do mar,
assi nunca morre.

5

Mas onde se vio
que tornasse a vida,
depois de partida,
donde se partio?

MOTE

A Nuestra Señora.

Para bien os sea el parto,
Virgen hermosa y pura!
Para bien sea! para bien!

GLOSA.

Bendita seais, señora,
pues creyendo concebistes!
y bendita ansi la hora
en la qual, Virgen, paristes
al que el cielo y tierra adora.
Aca os alaben harto
como en el Empireo cielo,
de los quales no me aparto,
mas diziendo en baxo buelo:
para bien os sea el parto!

Como de Dios sois criada
sin mancilla original,
ansi quedastes sellada
en vuestro parto y qual
del Angel annunciada.
Tal madre en la blancura
a tal hijo convenia,
quedando-vos criatura
pariendo le luz del dia,
Virgen hermosa y pura!

Quedastes mas sin lesion
quel cristal del sol herido,
puerta abierta de perdon,
del yerro de Eva nacido
y velo de Gedeon.
Pues de todos no aya quien
vuestro parto no alabe,
ya que estais como en Bellen,
aca diga y en esto acabe:
para bien sea! para bien!

II.

Grandes nuevas; Dios nacido,
por amor;
a él! a él, pecador.

GLOSA.

Ya la tierra está hecha cielo,
Maria donzella y madre,
baxando angeles al suelo,
el hombre subido de un buelo
a la derecha del padre.

Ya las culpas se perdonan,
ya se cobra el perdido,
los Archangeles entonan
dulce musica y pregonan:
grandes nuevas: Dios nacido!

Grandes nuevas: Dios nacido!
diluvios de amor derrama;
la madre de mar ha salido,
muestra el verbo al hombre remido
quanto puede, sabe, y ama.
Pudo en un niño esconder-se,
supo unir suervo y señor,
tanto amó que vino hazer-se
hombre para deshazer-se
Por amor!

Triunpha con nueva gloria
la criatura del criador:
el vencido es vencedor,
y ambos quedan con vitoria.
Por una oveja perdida
el soberano pastor
de las noventa se olvida;
y pues viene a dar-te vida,
a él! a él, pecador!

III.

A la circuncezion.

Oy sangran a nuestro Dios
y segun la sangre está,
sin duda que morerá.

GLOSA.

Dime, amor, sabes que heziste
en hazeres a Dios hombre?
A mi a ser Dios subiste,
y Dios tener por renombre
mi forma que tu le diste.
Hoy verás en uno, dos;
criatura, el criador;
por el no, solo por nos
y solo por su amor:
oi sangran a nuestro Dios.

Entre brutos nel invierno,
embuelto en viles paños,
mas Dios trino y uno eterno
nacio aer por nuestros daños,
y oi se sangra tan tierno.
Quien iàmas pues dudara
si el viene, morir de hecho
y que mas por nos hará
estando oi en tal estrecho,
y segun la sangre está.

Mas ia tenia ordenado
su eterno y summo padre,
quel niño fuesse humanado
quedando Virgen la madre.
. . . .
Mas aquel bien pagará,
que hizo Adàn y Eva,
y ansi nos salvará
y como Matheo lo prueva:
sin duda que morirá.

OITAVAS I.

A Christo no Horto.

Divino sol, en cuya imagen pura
le desean ver los angeles del cielo,
y en cuyo nombre toda criatura
humilde se arrodilla por el suelo,
nuestra culpa eclipsó vuestra hermosura
dessas gotas de sangre con el velo,
que amor vos ha humanado por tal arte,
que seendo Dios temeis por vuestra parte.

Este es un acto raro y sobrehumano,
en que mas vuestro amor aveis mostrado,
pues sin entrevenir agena mano
fue cuchillo el temor, mano el cuidado.
Vuestro mesmo dolor Dios soberano
os tiene por mis culpas desagotado:
vos por me libertar sangre sudáis,
yo vivo del sudor que derramais.

II.

A Christo azoutado.

De la planta del pio a lo mas alto
de la cabeça, que el oido serena,
ni un pequeño lugar le quedó falto
de los vestigios de la injusta pena.

Dió al poder divino amor assalto
y quedó del amor la mano llena
de triunfos, y el Dios del alto cielo
lleno de golpes del cruel flagelo.

Prodigio enamorado Christo mio,
que por enriquecer la esposa ingrata
desnudo estais al rigoroso frio,
roto el vestido de la humana plata.
Quanto baxastes el divino brio,
mas es al amor la imagen grata:
y aun si al padre os mostrais en esse estado,
pregonará que sois su hijo amado.

III.

A Christo coroado.

Salid, hijas dichosas de Sion,
con passo presto, com veloz corrida!
mirad de vuestro amado Salamon
la cabeça sagrada enriquecida.
Que esta es de su imortal coronacion
la fiesta a que *ab eterno* se combida,
como dulce y real preparatorio
del nuevo inseparable desposorio.

Pero, mi buen Jesus, Salamon nuevo,
aunque tanto os preciais dessa corona,
quando los ojos a miraros muevo
con llanto su dolor mi alma abona.
Aunque llorar no puedo quanto devo,
que es mejor la razon que me apassiona
mas, amado Jesus, mis culpas siento,
que son las que an dade esse tormento.

IV.

A Christo com a cruz nas costas.

Adonde, mi dulce Dios, cargado
de Adan com los vilissimos despojos,
que podreis de Michol ser despreciado,
segun humilde os miran nuestros ojos.
El choro celestial todo admirado
pasma de tanto amor en los antojos,
viendo que al peso de la cruz se humilla
aquel a quien el cielo se arrodilla.

Santo Isaac, que a los ombros inocentes
la leña ansi llevais del sacrificio,
porque para el remedio de las gentes.
iguala amor las fuerças al servicio
Pues por modos hazeis tan excellentes
vuestra la pena, mio el beneficio,
una parte me dad de vuestra cruz,
porque pueda seguiros, buen Jesus!

V.

A Christo crucificado.

Serpiente de metal, que en el desierto
a los ojos del mundo levantada
al hombre vida dais, que estava muerto,
con el veneno de la sierpe airada.

Felice, buen Jesus, ha sido cierto
la culpa en vuestros ombros descargada:
que en esse mar de sangre pura
muere el tirano que matar procura.

Corred pues, ovejuellas desgarradas,
a la voz del pastor que tanto os ama,
que dexando sus penas olvidadas
por la vida os dar muriendo os llama.
Reved de las corrientes regaladas,
que por todas sus venas ais derrama;
llegá-os, fatígado pueblo humano,
al pecho del divino pelicano.

MOTE.

¿Como es possible, mi Dios,
que hecho niño esteis llorando,
estando angeles cantando
paz al hombre, y gloria a vos?

VOLTAS.

Van cantando que en Belen
hecho niño sois nacido,
y que de una virgen parido
sois oi para nuestro bien.
Si es aquesto assi, mi Dios,
¿como naceis oi llorando
estando angeles cantando
paz al hombre, y gloria a vós?

Si a vuestro padre of'receis
mi Dios, aquesta venida,
y aun el alma y la vida
y la sangre que teneis,
¿como es possible, mi Dios,
que nazcais niño, llorando,
estando angeles cantando
paz al hombre, y gloria a vós?

DIALOGO ENTRE PECADOR E XRISTO.

Si, que más puede el amor.

P. ¿Que azeis, niño y señor,
nel suelo tan pobrezito?
X. Crio-me para pastor.
P. ¿Tu pastor, Dios infinito?
X. *Si, que más puede el amor.*

P. No eres tu del cielo señor
quen ansi te ha mudado?
X. Deseos de ser pastor.
P. ¿Dios ha de guardar ganado?
X. *Si, que más puede el amor.*

P. Pues dime, niño e señor,
si es pastor ¿como es tu nombre?
X. Jesu, nuestro Redemptor.
P. ¿Dios eterno ha de ser hombre?
Si, que más puede el amor.

ROMANCE.

Ao Serafico Padre São Francisco.

¿ Quien será aquel cavallero,
entre todos estremado,
que trae el Rei de la gloria
de sus armas señalado ?
el cuerpo lleva herido,
el coraçon trespassado.
Dizen que en el monte Alverne
un Seraphin lo ha llagado,
en cinco partes del cuerpo
que son pies, manos y lado.
Vino volando del cielo
hazia aquel monte sagrado
do estava el santo padre,
en oracion enlevado;
con lagrimas de sus ojos
el campo tiene regado,
viendo como el Rei del cielo
quiso ser crucificado,
por re[de]mir a los hombres
que contra el avian peccado
el criador por la criatura,
el señor por su vasallo,
Dios eterno por el hombre
mal herido y mal tratado.
El alma se le salia
de compassion de su amado
pensando como en la cruz
fue en todo atormentado
sin tener quien lo consuele
de todos desamparado.
Qual lo peensa, tal lo vido
en los aires levantado
con alas de serafin
en fuego todo abrasado
con um semblante amoroso
qual nadie, basta contarlo,
se abaxo ado el estava
y en sus braços lo ha llevado,
y tanto lo apretó consigo
que en el ficó afigurado.
Tan tierna y tan dulcemente,
entre si se an abraçado
que ni el puede dexar a Christo
ni Christo queere dexarlo.
Tal es el laço de amor
Con que los dos se an atado
con el sello de Dios vivo,
su cuerpo ficó sellado,

Las señales de su passion
por las renovar en el mundo,
imprimio-las Christo en el
Quien viere bien la pintura,
pues tal debuxo como este
sino fuera en San Francisco

en el las ha renovado:
que las tenia olvidado
como en siervo más privado.
bien verá quien la ha pintado
ya mas se vio debuxado
por ser de Dios tam amado.

MOTE

A' Cruz.

Cruz, remedio de mis males,
ancha sois, pues cupe en vos
el gran pontifice Dios
con cinco mil cardenales!

GLOSA.

Dulcissima cruz sagrada,
consvelo en la conversion,
cruz en quien hasta un ladron
halló, quando no esperada,
vida eterna y salvacion.
Cruz a quien Dios concedió
sus poderes celestiales,
cruz, que puedes quanto vales,
cruz, con quien Dios se medió
cruz, remedio de mis males.

El ¡que no tiene medida
medió el cuerpo humanado
con vos por nuestro peccado;
quedastes por dar-nos vida
maior que el cuerpo sagrado.
Infalible conclusion
es, si os medis con Dios,
quedando iguales los dos,
que sois ancha, y con razon
ancha sois, pues cupe en vos.

Quien durará, cruz divina,
vuestra grandeza excellente,
que no vea claramente
que el mismo Dios se os inclina
y baxa a la cruz la frente.
Es notable maravilla
mediros solos los dos,
y que os haja sola a vos
nel Calvario ara y silla
el gran pontifice Dios.

No quedo Dios satisfecho,
quando con vos se medió,
ser solo pero llevó
el amor dentro en el pecho,
que en vos le crucificó.
Y por quedardes maior
demás de quedar[des] iguales
y dar vida a los mortales,
tuvistes Dios y el amor
con cinco mil cardenales.

ECOS.

I

¿ Quien me tiene sin honor ?
Amor !
¿ Quien me tiene sin sentido ?
Olvido !
¿ Quien acaba mi esperança ?
Mudança !
Pues mi passion nó alcança
remedio por ningun modo,
oi me destruen de todo
Amor, olvido y mudança.

2

¿ Quien me tiene sin alento ?
Tormento !
¿ Quien me tiene en cadena ?
La pena.
¿ Quien me tiene sin vigor ?
Dolor.
Pues me falta el favor
de quien pensava aiudar-me,
por fuerça aurá de acabar-me
Tormento, pena y dolor.

3

¿ Quien me quita el passatiempo ?
El tiempo !
¿ Quien me procura estorvar ?
El lugar !
¿ Quien me dá molestia alguna ?
Fortuna.
Si el resplandor de la luna
basta un nublado quitar,
mal puedo yo conquistar
Tiempo, lugar y fortuna.

4

¿ Quien me derruba al profundo ?
El mundo !
¿ Quien me oprime como Antonio ?
El demonio !
¿ Quien ay que nel alma me encarne ?
La carne.
Acertado es que descarne
del coraçon y del pecho,
como gente sin provecho
al mundo, demonio y carne.

5

¿ Quien se saca de peccar ?
Penar !
¿ Quien de dar-se al malbiver ?
Gemer !
¿ Quien de seguir al plazer ?
Arder !
Si en tal trance se á de ver
quien pretende cosa injusta,
malgusto tiene el que gusta
de penar, gemer y arder.

6

¿ Que causa ha mundano gusto ?
Desgusto !
¿ Que ay debaxo de su manto ?
Llanto !
¿ Que dá pera descansar ?
Pesar !
Luego no ay que confiar,
ni que tenerse esperança
de quien tan solo se alcança
desgusto, llanto y pesar.

7

¿ Quien me bolverá a mi ser ?
No ver !
¿ Quien me podrá revivir ?
No oir !
¿ Quien me vendrá a remediar ?
Callar !
Si con esso he de cobrar
lo que he venido a perder,
forçoso me avrá de ser
no ver, no oir, y callar.

8

¿ Quien podrá dar-me solaz?
La paz!
¿ Quien podrá dar-me consuelo?
El cielo!
¿ Quien alegrar mi memoria?
La gloria!
Si salgo con la vitoria,
que he pretendido alcançar,
por devisa he de sacar
la paz, el cielo y la gloria.

9

¿ Quien dá descanso sin guerra?
La tierra!
¿ Quien dá segura posada?
El azada!
¿ Quien los peligros taja?
La mortaja!
En vano luego trabaja
quien más procura acquerir *[sic]*
de lo que puede cobrar:
la tierra, azada, y mortaja.

10

¿ Quien da lo que no se vê?
La fee!
¿ Quien lo más dudoso alcança
La esperança!
¿ Quien lleva a la eternidad?
La caridad!
Aquessa es llana verdad,
y ansi de oi mas quiero hazer
que esten siempre en mi poder
fee, esperança y caridad.

MOTE.

En sola la mìseria de mi vida
negó fortuna su comun mudança!
¿Adonde podré huir que sacudida
un rato sea de mi la grave carga?
Por mil razones pienso que es cordura
renovar tanto el mal que me atormenta,
que a morir venga de tristeza pura.

GLOSA.

Triunpha el tiempo, y con mudable rueda
la fortuna se buelve en un instante;
el que estava delante atrás se queda,
quando el que tropeló puso delante.
Ningun estado ay triste, que no pueda
esperar un efeto semejante,
y veo esta esperança estar perdida
en sola la miseria de mi vida.

Qualquiera, triste, espera la ventura,
que sabe ser mudable y lisonjera,
que aora con los bienes se apressura
y con los daños luego firme espera.
Mas esperança en mi fuera locura
pues claramente el alma considera,
que en mi desdicha y mi desconfiança
negó fortuna su comun mudança

No ay lugar que no ocupe el desengaño,
y aunque quisiera huir, fuera impossible,
porque no me dexara el proprio daño

ni a la suerte cruel fuera invesible,
que sacudida esta pera mi daño,
¿ que dura ? ¿ que tirana ? ¿ y que terrible ?
¿ que peligrosa y fiera que ha salida ?
? adonde podré huir que sacudida ?

Ni tiempo ay, ni fortuna, ni mudança,
ni remedio a mi daño que es forçado,
ni me curan engaños de esperança
ni a sus ojos conozco mi cuidado ;
desengañada está mi confiança,
que un dia no avrá tambien llegado,
que devertida en pena que es tan larga
un rato sea de mi la grave carga.

En aspereza y mal tan duro y fuerte
no sé como la vida se detiene,
que ningun lançe tiene ya la suerte,
que otro remedio [de] a mi desdicha.
Necedad es no dar-me propria muerte,
porque biviendo más no muera y pene,
pero si mi querer ansi se apura
por mil razones pienso que es cordura.

Si crece el merecer en sufrimiento
quando contra la suerte se pelea,
no vea io en mi mal ningun contento,
ni la causa se obligue ni me vea.
En sacrificio a amor doy mi tormento,
y para que más noble y puro sea
me satisfaze y agrada y contenta
renovar tanto el mal que me atormenta.

No muera yo de estar desengañado,
ni de ver que mudanças se han perdido,
ni de estar de mi bien desesperado
y mi tan firme amor puesto en olvido.

Biva triste, penoso y desgraciado,
más triste que los tristes que lo an sido
hasta que tanto canse la ventura,
que a morir venga de tristeza pura.

CANCION A LA MUERTE.

1

Rompe los lazos de la prision fuerte,
anima venturosa, en la partida
con que saldrás de amargas confusiones
para la eternidad e imortal vida,
por la estrada comun que llaman muerte
y es termino de enojos y passiones!
Dexarás de seguir las ilusiones
de los sentidos debiles, que engañan;
y mientras te acompañan,
aunque baxos, grosseros, se inclina
tu parte más divina,
que va pedir socorro al aposento
de los fantasmas del entendimiento.

2

Desnuda quedarás de la librea,
que de color mortal humores varios
para hazer-te a su mano, te componen,
ni de elementos entre si contrarios
ofenderá tus fuerças la pelea,
con que lo que an compuesto discomponen;
¿No miras que peligros se te oponen?
¿mientras cubierta desta vil corteza
escondes la nobleza,
que a tu criador te buelve semejante?
Camina, y en un instante

te hallarás libre, en la gran patria, fuera
de adonde el tiempo sigue su carrera!

3

Quando veas del cuerpo desasirte
no temas el morir, que tu no mueres:
sola la tierra en tierra se deshaze!
Como de mortal mano hechura no eres
espirito desnudo has de partir-te:
assi al movedor primero aplaze;
las obras son señal del que las haze.
Mientras te tiene el cuerpo en sus cadenas,
cosas de cuerpo agenas
entendiendo y amando, tal te paras,
que entre tus obras declaras
poder estar sin cuerpo, y si esto puedes,
¿quien podrá hazer-te que imortal no quedes?

4

No la triste vejez, no enfermedades,
no riesgos de la mar y de la tierra,
no batalla sangrienta y peligrosa;
solo al cuerpo estas cosas hazen guerra.
Tu que traes con él contrariedades,
mal puedes ser con el la misma cosa.
Manda la voluntad imperiosa,
han de servir los miembros obedientes;
son cosas diferentes,
uno que manda, el otro que obedece;
lo mismo es que acontece
entre el entendimiento y los sentidos
de parte a parte en votos divididos.

5

La continua ambicion, la mortal hambre
de hacer eterno el curso de la fama,
que con cien lenguas y cien alas vuela,
de esperanças urdir perpetua trama,

pensando que las parcas con su estambre
podran hacer incorrutible tela
bivir como soldado en sentinela,
lo porvenir buscando en las estrellas,
¿ que son sino centellas
de la inmortalidade ? con cuya lumbre
por natural costumbre
colunas, letras, arcos, mausoleos,
contra los años dexas por trofeos.

6

Ni con esto se quieta el movimiento
de un deseo que corre a rienda suelta
tras cosas que de un soplo desvanecen,
aun no las halla bien quando dá vuelta
sin parar hasta el mas sublime assiento,
do las vidas sin muertes permanecen.
Otros más anchos campos se le ofrecen,
do sin trocar verano o invierno
se goza un prado eterno;
otras montañas, selvas, rios, fuentes,
cuyas limpias corrientes
hazen con que de todo allá se enfria
la ardiente sed de nuestra hidropesia.

7

Dexa este vaso que es de vil escoria,
todo de llanto, y de dolor compuesto,
hediondo, quebradizo, y corrutible,
quando buelvas despues al mismo puesto
redundará de ti en el tal gloria,
que lo haga agil, sotil, claro, impassible:
espectaculo aora tan horrible,
verásse en tu presencia todo hermoso,
un cuerpo glorioso,
libre del yugo de mortal estado,
tanto mejor ornado

quanto eterna beldad es más perfecta,
que estobra que a la muerte está sujeta.

8

En este dia, que piensas que es postrero,
será con más razon tu nacimiento!
Mira los passos bien por do veniste:
nueve vezes con proprio movimiento
renovado ha la luna su luzero;
y en el maternal ventre te estuviste;
desta prision a ver la luz saliste,
mas no clara del todo, que ha quedado
enbuelta en un nublado,
y aun assi no puedes bien gozalla,
que son para miralla
dos ventanas tus ojos, cuyas puertas
aora estan cerradas, aora abiertas.

9

Es todo quanto miras fragil cosa,
debil este aire, y su luz reparte
descansando uña noche a cada dia.
¿Que es lo que te acobarda a no passar-te
para la otra region mas clara y hermosa
do habita eternamente el alegria?
Oh quien allá se viera! y que seria
a una alma ver que en todo lo passado
a escuras ha andado,
quando juzgue por burla y por mentira
quanto aora la admira,
ni tema escuridad, ni sienta pena,
toda de luz divina y gloria llena.

10

Renacerás aora, y este segundo
nacimiento te lleva a mejor vida;
tambien en el primero atada estavas

desata-te otra vez; que entretenida
en la carcel estás del cuerpo inmundo
con el oficio vil de tus esclavas.
Verás que sin respeto te quexavas
de las oras que buelan con presteza;
dio-te naturaleza
esta vida, ella misma te procura
otra con gran usura.
Agravias la en llorar, hombre siente
como hiziste al nacer, niño inocente.

11

Vé-te a tu patria, que no será qualquiera
de los estrechos limites del suelo,
esta o aquella region, cindad, o villa;
mas será todo el estrellado cielo
sobre los fuertes axes de la esfera,
donde el supremo juez tiene su silla.
Oh siempre nueva y antiga maravilla!
montes eternos cuyo gran deseo
por las sombras que veo
me llevará seguro entre esquadrones
de barbaras naceones,
aunque vea procurar al duro Geta
en mi desnudo pecho su saeta.

12

Conviene reposar en breve sueño,
han sido trabajosas las jornadas
tras quien se halla descanso sin medida.
Adiós, mis prendas; fuestes-me prestadas
por poco tiempo; pide-vos el dueño;
no me importa saber por quien vos pida,
o vos venga a buscar mano homicida
o traicion, o dolencia, o duro caso.
Basta, que llega el plazo;
muchos caminos van a este camino,
Ya ya, me determino:

lo mismo es ir sorviendo gota y gota,
que de un trago, pues todo al fin se agota.

13

Tocan a recoger: en paz se vaya
la alma a eterno reposo.
¿Quien hay que en un naufragio temeroso
no quiera ir-se a la playa?
Si esto es nuevo bivir, ¿que más pretendo?
En tus manos, oh muerte, me encomiendo.

MOTE.

Las tristes lagrimas mias
en piedra hazen señal,
y en vos nunca, por mi mal.

GLOSA.

Los rios naturalmente
corren derecho a la mar,
y su ligera corriente
en saliendo de la fuente
se inclina siempre a baxar.
Al contrario van corriendo
de alla siempre subindo
a vos por estrañas vias,
y en bivas llamas ardiendo
las tristes lagrimas mias.

Y como el agua subir
no puede sin otra fuerça,
el alma triste al salir

le representa do á de ir
y con esto la esfuerça.
Mas no tanto que se atrevan
a fiar de si que os muevan,
aunque su poder es tal,
que del impetu que llevan
en piedras hazen señal.

Y no deve de espantar
tal estremo a quien provó,
que fuerça tiene el llorar;
mas solo no os ablanda
lo que a ellas ablandó.
Son lagrimas sin ventura
a quien razon assegura
duelo de ancia tan mortal
hasta en una peña dura,
y en vos nunca, por mi mal.

MOTE.

Lagrimas que no pudieron
vuestra dureza ablandar,
yo las bolveré a la mar,
pues de la mar salieron.

GLOSA.

Des que el pecho abrasó
el rayo de vuestros ojos,
el amor que lo encendió
de tus cenizas salió
con más fuerça y más despojos.

Y sus intentos crueles
el alma abrasar quisieron,
mas dos fontes se corrieron
con tantas y tan fieles
lagrimas que no pudieron.

Aunque el alma socorrida
pudo contrastar la llama,
siendo de amor encendida
no podrá escapar la vida,
que enfin no bive quien ama!
Y ansi de vuestro sosiego
ya no vengo a no me espantar,
que assi ame y nos haze amar
¿como podran agua y fuego
vuestra dureza ablandar?

Ondas mis lagrimas son,
que de la mar se levantan,
y anegando el coraçon
luego en vuestra condicion,
como en rocha le quebrantan.
Ya que la vista de mi fee
aguas me hazen acabar,
do pensé de me salvar,
pues de la mar las saqué,
yo las bolveré a la mar.

Siendo cosa natural,
que quien muere restituya
viendosse en un trance tal
buelvo al sofrimiento el mal,
la vida al amor que es suya.
Mis gutos a las mudanças,
que siempre los persiguieron,
mis ancias ado naçieron,
a la mar las esperanças
puesque de la mar salieron!

MOTE.

A El Rei Phelippe o Segundo.

¿ Di, contento, adonde estás ?
que no [te] tiene ninguno :
quien piensa tener alguno
no sabe por donde vas !

GLOSA.

Lo que se deve entender,
fortuna, de tu caudal,
es que siendo temporal,
no puedes satisfazer
al alma que es inmortal.
Tu me diste y me vas dando
honra, estado, reino y mando;
y es tan poco quanto das,
que digo de quando en quando;
¿ di, contento, adonde estás ?

No estás entre los favores
deste mundo y sus flores,
ni en el fin de sus deseos,
ni en riquezas y amores,
ni en vitorias y trofeos.
En fin, no te halla alguno,
que todos dizen de no.
Y entienda el mundo importuno,
que pues no te tengo yo,
que no te te tiene ninguno.

Buscar contento en la tierra
es buscar pena en el cielo,
y en el abismo consuelo,
tranquilidad en la guerra
y calor dentro en yelo.
Dentro ni fuera de Hespaña
no le ay, porque acompaña
en su trono al trino y uno;
y fuera de aqui se engaña
quien piensa tener alguno.

Quien te busca antre contentos,
contento, tenga entendido,
que te perde y va perdido,
porque entre los descontentos
sueles estar escondido;
Y si Dios, fuera de ti,
padecio penas por mi,
para entrar onde estas,
el que no va por aqui
no sabe por donde vas.

MOTE.

En ningun medio puedo sustentar[me],
estando los estremos tan llegados,
que me ayais de valer ó aborrecer.

GLOSA.

El destino cruel que me detiene
en dura servidumbre tantos años,
por do viene a olvidar lo que conviene
al alma que escogió bivir de engaños

Porqne menos me entienda y más no pene,
te escondi a ti mi fee y a ti mis daños
de suerte que se llegó a entender-me
en ningun medio puedo sustentar-me.

Voyme tras mi cuidado a rienda suelta
sin ver de ado parti, ni ado camino;
el cielo da una buelta y otra buelta
y siempre me alla en quexa de contino.
La razon y el querer trago en rebuelta
lo que no puede ser, esso imagino,
¿que alivio me dareis, mis fieros hados
estando los estremos tan llegados?

Mostra-me un solo bien en tal estado
si tristes pueden ver lo que desean,
que sepan quien me lleva el deseado
fin daquella prision que otros grangean.
Quiçá vendré moriendo a ser llorado
de los ojos que hazeis que no me vean
yescusaré de a vos ofrecer-me
que me ayais de valer o aborrecer.

MOTE.

Este mi mal tan estraño,
si os viesse, aunque mayor,
nunca seria dolor
por mucho que fuesse el dano.

GLOSA.

Pudieron medios injustos
quitar su sol a mis ojos,

dando-me estraños enojos,
como naturales gustos,
llueven rayos de disgustos.
A su centro llega el daño
y aun no me desengaño
si el bien puede hazer-me mal,
que ha quedado natural
este mi mal tan estraño.

Si mejorara mi suerte
aun de perdidas passadas
como en llagas apretadas
se hiziera el dolor más fuerte
acercarasse mi muerte.
Pero todo templa amor,
y si creciera el dolor
de haver dejado de os ver,
menor fuera el parecer
si os viesse, aunque mayor.

Pudiera cobrar tal brio
el alma en vuestra presencia
que quitara la potencia
del dolor al alvedrio
un licito desvario.
Do razon fuera peor
hallaria tal sabor
en el mal de que muriera
que por mucho que doliera
nunca seria dolor.

Ay mis locos pensamientos!
que de bienes invisibles
hazer provechos possibles,
son vanos atrevimientos,
vayan, pero, mis intentos.

Ado los lleva este engaño
si llegasse un bien tamaño,
de mil dificiles hechos
seria mucho el provecho
por mucho que fuesse el daño!

MOTE.

¡Pluguiera a vos, mi Dios, que no nasciera,
o ya que nasci, nunca al mundo amara,
o ya que amé, solo en vos me empleara,
Señor, que mi amor me agradeciera!

GLOSA.

Estoy de lepra fea tan llagado,
que hasta lo interior tengo podrido,
que ya no siento aver a Dios dexado,
ni menos el porque le he ofendido.
Sin amor mi coraçon tengo yelado,
la alma sin luz, el pecho endurecido;
y pues fuy para vos quien no debiera,
¡pluguiera a vos, mi Dios, que no nasciera!

Quien me robó, señor, la libertad
la qual en me formando me dotaste?
¿que es de mi entendimiento y voluntad
y mi memoria con que mi alma ornaste?
¡Dexé-os, via y luz, vida y verdad,
con que dexar al mundo me enseñaste!
Ah! quien no nasciera! o ya acabara!
¡o ya que nasci nunca al mundo amara!

Dexé-me engañar de mil engaños,
(que como cego cegué) y vanidades
sin nunca echar de ver los desengaños
del mundo y sus mentiras y falsidades,
y despues que gasté mis largos años
en gustos vanos, plazeres, novedades
disse: ¡ah quien, mi Dios, solo en vos, los gastara
o ya que amé, solo en vos me empleara!

Si vos para servir-me todo hizistes
y todo a mi para vos solo amaros
para que ame al mundo permitistes
o no me acabastes antes que dexaros,
que [no] nos da o haze el mundo sino tristes
y que bienes no nos dais solo en daros.
¡Ah quien, mi Dios, con vos ya allá se viera
Señor, que mi amor me agradeciera!

MOTE.

Passo la vida solo en contemplar-te,
y en la contemplaçion me desespero,
no podiendo hazer más que desearte.

GLOSA.

El coraçon más preso, el pensamiento
más suelto buela a la region suprema
y sin interromper-se de su intento
en la esphera de amor sus alas quema.
Ansi queda más firme y su aposento
haze en ti, mi señora, hasta la estrema
hora, y pues en ninguno ay olvidar-se,
passo la vida solo en contemplar-te.

Contemplo en la ocasion de mis enojos,
y como porfiados permanecen
el contrario en el bien, que a un voltar de ojos
sus glorias van huyendo y desvanecen.
Todo son fantasias, todo antojos,
y si apretallos quiero, no parecen:
contemplo que son algo y temo y espero,
y en la contemplacion me desespero.

Perdida la esperança y quasi muerto
en alto mar me quedo en soledad;
si a salir pruevo el camino incierto
si las ondas contrasto, es vanidad.
Impedido del todo veo el puerto
y vencida ya mas la tempestad
de lexos con el faro oso mirarte,
no pudiendo hazer mas que desearte.

MOTE.

No pudieron más subir
mis pensamientos, mi Dios;
y ansi solo estan en vos.

GLOSA.

Quando, mi Dios y señor,
veo que tanto me amais,
que aun despues de muerto echais
del pecho rios de amor
con que mis erros lavais,
No hay razones ni desculpas
con que mi verguença huir,
pues que por [los] redemir

tanto os baxaron mis culpas
no pudieron más subir.

Y ya que conozco que soy
quien os ha crucificado
doy-me a vos por el pecado,
aunque muy poco os doy,
pues doy lo que me haveis dado.
Mas si del precio las sobras
muriendo pagais por nos,
crucificar quiero en vos
mis palabras y mis obras,
mis pensamientos, mi Dios.

Justo es que aqui me dessangre
en los clavos que os rompieron,
que si en vos sangre vertieron
dar [debo] del alma la sangre
a quien ellos vida dieron.
Todo el rigor se asserena
viendo-os mis ojos, mi Dios,
que en mi ven la pena atroz
y en vos ya paga la pena
y ansi solo estan en vos.

OUTRA GLOSA AO MESMO MOTE.

En aquella eterna luz,
que dende la empiria cumbre
a todo el hombre da lumbre
y haze occidente en la cruz,
porque hasta el infierno alumbre,
Mi viejas alas ardieron
para de otras me vestir,
con que solo al cielo he de ir,
mas si Dios en la cruz vieron,
non pudieron más subir.

Fueron de Icaro mis alas
al sol del divino amor,
y en el mar de mi dolor
se anegaron plumas malas
porque volaste mejor
Que como en si llevan dentro
el fuego de aquella voz,
que al bien llama a todos nos,
solo en vos allan su centro,
mis pensamientos, mi Dios.

Corre el fuego a su region,
y el aire a la sua en buelo,
la agua al mar, la piedra al suelo,
y a Dios las almas, pues son
partes del todo del cielo.
Gloria inmensa allan alli
con vosco estando, mi Dios,
dexaros es caso atroz,
pues sin vos no estan en si,
y ansi solo estan en vos.

SONETO I.

A' Assunção de Nossa Senhora.

En turquesadas nubes y celajes
estan en los alcazares empirios,
con blancas achas y [con] blancos cirios,
del sacro Dios los soberanos pajes.

Humean de mil suertes y linajes
entre amaranto y plateados lirios
inciensos indios y pevetes sirios
sobre alhombras de lazos y follajes.

Por manto el sol, la luna por chapines
llegó la virgen a la empirea sala:
visita que esperava el cielo tanto.

Echaronse a sus pies los seraphines,
cantaronle los Angeles la gala,
y asentóla a su lado el verbo santo.

II.

Ao Advento de Christo.

¿ De do venis, Dios alto ? — del altura.
¿ Que motivo traeis ? — de enamorado.
¿ Y que librea es essa ? — de encarnado.
¿ Y quien os la vestió ? — la Virgen pura.

¿ Porque venis criador ? — por la criatura.
¿ Y que quereis por esso ? — ser amado.
¿ De quien reçebis fuerça ? — de mi grado.
¿ Por quê ? — por dar reparo a mi echura.

¿ Que tal hallais el alma ? — endurecida.
¿ Pues porque le hazeis bien ? — porque es mi officio.
¿ Que tanto es vuestro amor ? — es sin medida.

¿ Con que os lo pagaran ? — con buen servicio.
¿ Que más haran por vós ? — dar-me la vida,
Pues yo le di la mia en sacrificio.

III.

A Christo no Horto.

« Dezid, señor, si no teniades animo
para bever el calix que dixistes :
¿ por que causa a beverlo os offrecistes
con pecho fuerte y coraçon magnanimo ?

Y si entonces mostrastes viril animo,
¿porque tan presto os enflaquecistes?
Acabad la hazanha que emprendistes,
que no es de Dios mostrar-se pusilanimo. »

« — Pecador, mi flaqueza no te assombre,
que quando prometi la vida dar-te,
como era solo Dios, nada temia.

Mas como soy agora Dios y hombre,
teme la carne que es de vuestra parte,
el spirito no, que es de la mia ».

IV.

A Christo crucificado.

Este largo martirio de la vida,
la fee sin ella, y la esperança muerta,
el alma recordada y tan despierta,
al daño y al remedio tan dormida;

La voluntad al gusto tan rendida,
entrar el mal, cerrar tras si la puerta
con diligencia y gana descubierta,
que el bien no halle entrada, ni saida.

Ser los alivios mas sangrientos laços,
y riendas livres de los desconciertos,
efectos son, Señor, de mis pecados.

¿De que me an de livrar esses tus braços,
que para recibir-me estan abiertos,
y por no castigar-me estan clavados?

V.

Ao Menino no presepio.

Si sois del cielo gloria y alegria
dezi-me, niño ¿ porque estais llorando ?
Si dais luz al sol que está alumbrando,
¿ porque naceis en noche escura y fria ?

Si sois del Padre la sabiduria
¿ porque ansi chiquito estais callando ?
Si Angeles de vos estan temblando
¿ porque temblais, dezid vos, gloria mia ?

Si sin principio sois, ¿ como nacido ?
si criador, ¿ como [sois] criatura ?
si quedais en el cielo, ¿ aqui como venido ?

Estremos son de amor, que a mas altura
ha os llevado Dios, porque ha querido
nacer de una madre virgen y pura.

VI.

Ao mesmo.

Si sois tan grande Dios, imenso, eterno,
que apenas en el cielo aveis cabido
¿ como naceis chiquito, assi despido,
llorando al frio en medio del invierno ?

Del Padre aquel amor immenso y tierno
ansi lo ha procurado y ansi querido
para que pague (sin lo aver devido)
de Adan la culpa y pena del infierno.

Como leon se estava allá en el cielo,
mas amor del hombre le ha forçado,
que nazca hècho cordero oi en el suelo.

Porque del suelo el hombre llevantado
con las alas de amor, llegue de un buelo
al cielo donde ha oi por el baxado.

VII.

A São Francisco.

Si acaso, gran Francisco, yo os allara
sin habito y cordon, desnudo os viera,
por Dios crucificado os conociera,
y como al mismo Dios os adorara.

Y si apar de vos Dios se aiuntara
desnudo como vos, me detuviera,
ni a vos, mirando a Dios, por Dios tuviera,
ni a Dios luego por Dios le declarara!

Viera qual Dios Francisco esclarecido:
llagas, gloria, humildad, un Dios sincero,
que, al pareçer, con Dios no ai differencia.

Pero si os viera luego con vestido,
llamara-le a Dios, Dios verdadero,
Y a vos Francisco, Dios en aparencia.

VIII.

Ao mesmo.

De vos a Dios, Francisco, el pensamiento
no pone mas de aquella differencia,
que en Dios la magestad y la potencia,
y en vos obedecer es mandamiento.

Las llagas tuvo Dios, mas fue un momento,
y vos tuvistes, santo, tal paciencia,
que lo que mató al Christo sin clemencia,
os da a vos la vida sin tormento.

Que cosa es ser [de] Dios vuestra herida,
y las de Dios de hombre? y fue de suerte,
que estais con las de Dios mui mas ufano,

Pues quedais con vitoria y con la vida,
y Dios, aunque en vitoria, fue con muerte
con ser Dios y vos, Dios, Francisco humano.

IX.

A' ordem de São Francisco.

Ochenta y seis provincias y conventos,
dos mil e siete cientos computados,
cinco en Hierusalem, siete fundados
entre Turcos y Tartaros sangrientos.

Martires veinte y seis y quatrocientos,
y santos veinte y tres canonizados;
de quinientos que estan beatificados
duran eternamente los assientos.

Quatro papas, quarenta cardenales,
quinientas mitras, y seiscientas plumas,
Reis veinte y cinco con stirpe honrosa.

Estos tiene por ramos inmortales
con diez hijos de reis y otros Numas
de Francisco la Orden milagrosa.

X.

A Santa Maria Magdalena.

Perdido el nombre, del peccado *esclava,*
esclava de Dios se hizo de *limp[i]eza,*
limpieza abraça y dexa la *torpeza,*
torpeza juzga al mundo y lo que *amava.*

Amava al mundo que la *despeñava,*
despeñava el sentido en su *bruteza,*
bruteza le ofuscava la *nobleza,*
nobleza oi le declara quanto *errava.*

Errava Magdalena, el blanco *errando,*
errando acierta y bive de amor *llena,*
llena de un fuego, en otro se *resuelve;*

Resuelvesse en amar, y ama *llorando,*
llorando lava, y mata culpa y *pena;*
pena por ella el cielo, a quien se buelve.

XI.

Aos Moradores de Arrabida.

Alta sierra [de] riscos encumbrados,
rudos arboles, valles cavernosos,
desiertos solitarios y espantosos,
mar [de] donde salis, densos nublados;

Spiritos que habitais tan apartados
y daquel bien tan deseosos,
dexando atrás los casos engañosos,
seguros alevantais vuestros cuidados.

Aunque fueran mui largos vuestros años
y los bienes del mundo mui seguros,
más valen por aqui los desengaños.

Dichosos que temiendo los futuros
y con discursos livres camiñando
viven contentos en peñascos duros.

XII.

El canto de las aves en la sierra
alegra el pensamiento y el oido;
el olor de las flores desparcido
muestra el hermoso cielo aca en la tierra;

Las fieras que el salvaje bosque encierra
causan plazer al animo afligido;
la fuente despeñada con ruido
el estivo calor templa y destierra;

La yerva que la verde selva cria
y el arco es a las ninfas agradable,
dulce el fermoso Tajo en el estio.

A mi solo el morir me agradaria,
pues sufro un mal que nunca hizo mudable
ave, flor, fiera, fuente, yerva, arco o rio.

XIII.

No me persigas más, vana esperança,
que apesar del deseo y sus engaños
me an llegado a terminos mis daños,
que ni temo, ni espero otra mudança.

Ya bivo sin temor ni confiança,
fruto de mis tan mal gastados años,
y ansi tengo los bienes por estraños,
que aun me aflige dellos la lembrança.

En este miserable estado puesto,
¿que mal puede venir que el alma estrañe
estando el pecho a males tan dispuesto?

Tiempo, fortuna, amor se desengañe,
que contra ellos tome por presupuesto,
que quien no espera bien, no ay mal que dañe.

XIV.

A honrra do mundo.

¡Que ciega y general idolatria!
¡que voluntaria muerte y mortal vida!
¡que reina tan tirana y tan servida!
¡que aspide dulce y ponzoñosa arpia!

¡Que fiero encanto y loca frenesia!
¡que senda tan estrecha y sin salida!
¡que lei tan dura y tan obedecida!
¡que injusta y mal fundada monarquia!

¡Que bellicosa paz! ¡que civil guerra!
¡que nave sin timon lexos del puerto!
¡que infernal furia contrapuesta al cielo!

¡Que berdugo del alma ado se encierra!
que sepulcro de bivos siempre abierto
es la que llaman honra acá en el suelo.

XV.

Em vituperio da pobreza.

Hambrienta, rota, inquieta, disgustada,
palida, debil, triste, congoxosa,
cortês, humilde, inutil, temerosa,
mansa, cruel y mal ocasionada.

De todo el mundo con razon odiada,
de quantas cosas mira deseosa,
en sujetos honrados vergonçosa,
y en los que no lo son desvergonçada.

Sin voto, sin razon, sola, afligida,
noche de la virtud y entendimiento,
ruina del valor y de la nobleza.

Riguroso verdugo de la vida,
y de las almas infernal tormento,
eres, infame y misera pobreza.

XVI.

Es la esperança un mal bien reputado,
que promete los biénes de que priva;
es un ansia mortal o muerte biva,
augmento del deseo y del cuidado.

Es un desesperar tan reboçado,
que quiere que por gloria se reciba;
es prision de que el gusto se captiva
por venir de se ver desengañado.

Es mortal enemiga a sus efectos;
bive de no complir lo prometido;
muere en los estados mas perfectos.

Es hechizo eficaz para el sentido,
pues, compreendendo en si tantos defectos,
no bive el que está della dividido.

XVII.

Si al curso mas veloz tan solo atenden
essas ruedas fatales de las vidas,
si se suelen levantar tras sus caidas
con igualdad los grados que compreenden.

Sin duda son las almas que suspenden
por dañoso milagro detenidas
e nel profundo mar, do siempre asidas
mientras más sacrifican, más te offenden.

Y si indica essa mano oras dudosas
muestra en su variedad distintamente,
que es de reloj comun a toda altura,

Y que ay clima en que se oyen las dichosas
y como en esta region perpetuamente
las perezosas, de mi desventura.

XVIII.

Essas ruedas de amor que no suspenden
varias tormentas que causando ignoras,
si tiempo indican con la mano y oras,
oras fatales de tu mano penden.

De cuya voluntad no se defenden,
las penas que renovas y mejoras,
atenta solo al tiempo que empeoras
a las que más rendidas mas te offenden.

Inexorable parca de las vidas
con beneficio sin los hilos cortas,
que estan en lo profundo de tus ruedas

Y con piedosas manos homicidas
oras, vidas y tormento junto cortas,
si con ultimo mal vingada quedas.

EGLOGA.

Mincio, e Limabeu.

D. S. A. G. D. †
Do Senhor Agostinho da Cruz.

Mincio.

Soias de cantar onde pastavas,
pastar onde teus versos escrevias,
escrever onde mais plantas achavas.

Da serra pera o campo, se descias,
se sobias, do campo pera a serra,
as saudades de ambos repetias.

Por mais que te fizesse cruel guerra
não te pode tirar fortuna imiga
cantar, tanger, folgar em qualquer terra.

Não sei que de ti cuide nem que diga,
que tu não folgas já, tanges, nem cantas,
cousas com que qualquer a dor mitiga..

Limabeu.

Assaz pouco tu sentes, pois te espantas
de não me ver folgar, cantar, tanger,
nem versos escrever nas verdes plantas.

Acabou de secar, de emmudecer
agora a pena; já não determino
senão de suspirar e de gemer.

Se foi ou se não foi meu canto dino
dos ouvidos de quem melhor sentia
não sei; mas o que sei, que foi mofino.

Saber quão pouco vale a poesia
por falta de haver quem docemente
sinta a sua suave melodia.

Entre muitos e muitas ¿qual prudente?
¿qual avisado, brando e qual saudoso?
¿e qual julga melhor e melhor sente?

O campo que parece mais fermoso
nos olhos de um pastor, fica mais feio
nos daquelle que foi mais cobiçoso.

Uns quando de boninas o vem cheio
lhes parece melhor, e outros quando
de cevada, de milho, ou de centeio.

Assi se vão desejos variando
sem poder concordar a natureza
de qual duro nasceu, qual nasce brando.

Tempo foi que causava em mi tristeza
poder imaginar de um peito humano,
que pagasse brandura com dureza.

Agora, inda que seja com meu dano
alegro-me com ver que me aproveito
deste tão lastimoso desengano,

Seja quão duro for um cruel peito,
ingrato, falso e fero, já não temo,
que me faça mais mal do que tem feito.

Porque, depois que dei num doce estremo,
se não vejo gemer o meu amigo
do meu proprio mal, do seu não gemo;

Logra-se do seu gosto só comsigo
e quando lhe sucede algum desgosto
então vem consolar-se só comigo.

Se no seu mal me quer achar disposto
para me entristecer ¿por que rezão
não quer que no seu bem tenha algum gosto?

Mincio.

Não vos ouçam tratar esta questão
baixa entre pastores apostados
a buscar a divina perfeição,

Que quando suceder ser afrontados
dos amigos que mais temos servido,
então devemos ser mais consolados.

Foi nosso Deos por nós oferecido
á cruz, e por seus mesmos matadores
os principaes, de seu povo escolhido.

A nós, que da cruz sua professores
somos, não nos convem queixar de nada,
mas sofrer como seus imitadores.

Pouco pode durar esta jornada:
amar nossos imigos nos ensina
a correr pera o ceo por limpa estrada,

Que nunca nos mandara a lei divina
cousa tão trabalhosa, se não fora
quanto no seu amor mais se refina.

Dar-te-hei outra rezão ainda, afora
esta, com que confesso ser verdade
de quem na sorte sua se melhora,

Pois quem guardou pureza na amizade
não pode padecer remordimento,
como qualquer que trata falsidade.

Limabeu.

Não quero tratar mais deste argumento,
que porfiar bem sei que desconcerta
quem concertado traz seu pensamento.

Mincio.

¿ Pudeste nunca achar cousa mais certa
pera se concertar que pena e lira,
na terra povoada ou na deserta?

Limabeu.

Digo que já comtigo consentira
em cantar e tanger ca desta banda,
se Laura ou se Liana o permitira,

Que nunca pena ou lira senti branda,
que dirigir deixasse a seus ouvidos
como seu puro amor me obriga e manda;

Que versos bem cantados, bem tangidos,
brandos, de grave estilo, altos conceitos,
estimados não são, se não sentidos.

Pois não penetram versos outros peitos,
cantemos destes dois cuja ventura
num so quis converter taes dois sujeitos.

Convida-nos a fonte que murmura,
o sol que ja no mar se vai metendo,
variando no ceo nova pintura.

O gado que no campo anda pascendo
tambem se alegra com o nosso canto
se não se for comigo, entristecendo,
que, emfim, ou cantarás, ou farei pranto.

*

Mincio.

O bosque que se veste de verdura,
o campo que se cobre de mil cores,
de boninas, de rosas, de outras flores,
variando na côr a fermosura,
a musica de dois competidores
suaves rouxinoes entre a espessura
nunca nos olhos meus, nos meus ouvidos
serão dois corações num convertidos.

Limabeu.

O bosque acompanhado de verdura,
o campo variado de mil cores,
coberto de mil rosas, de mil flores,
acrescentando graça á fermosura,
suaves rouxinoes competidores
tardes, noites, manhãs entre a espessura,
nunca a meus olhos, nunca a meus ouvidos
poderão alegrar entristecidos.

Mincio.

Do nosso claro Lima, saudoso
o curso quando vi mais encontrado

por cima de penedos apressado
por baixo de arvoredos vagaroso,
donde vinha a beber o manso gado,
nos olhos do pastor mais gracioso
nunca me pareceu como parece
amor que de dois peitos num florece.

Limabeu.

Do nosso Lima claro e saudoso
quando seu curso vi mais encontrado,
por cima de alvos seixos apressado,
por baixo dos carvalhos vagaroso,
donde saltando vinha o manso gado
á vista do pastor mais gracioso
não me pareceu nunca o que parece
quando meu coração mais se entristece.

Mincio.

Aqueles corações que desejava
de ver em puro amor mais conformados,
vi com taes excessos confirmados,
quaes nunca poder ver imaginava
seus justos pensamentos, seus cuidados,
seus desejos, que o ceo encaminhava,
vejo gozar a mor conformidade
que amor nesta criou, ou noutra idade.

Limabou.

Os tristes corações que desejava
de ver na mor tristeza conformados,
nunca cuidei de ver tão confirmados
quanto deste meu triste imaginava;
meus tristes pensamentos, mal cuidados
que pera maior mal encaminhava
a tristeza, sem tal conformidade
qual nesta, se não viu, nem noutra idade.

Mincio.

Tudo quanto na serra ver podia
de quanto criar pode a natureza,
ou no duro rochedo de firmeza
ou nas aguas da fonte que corria,
em tudo imaginei sempre certeza
de nunca se mudar tanta alegria
suave, doce, branda, clara e pura
pera da terra ao ceo voar segura.

Limabeu.

Quanto no monte ou serra ver podia,
tudo quanto ali criou a natureza,
ora fosse rochedo com firmeza,
[ora fosse agua clara que corria],
tudo me confirmou na mor certeza
de nunca já poder ter alegria
tão cativo me tem tristeza pura,
que de me libertar está segura.

Mincio.

Deixemos de cantar, pois que não deixas
de te queixar de Lauro nem de Liana!
Um só te desterrou, d'ambos te queixas!
Faltará noutra serra outra choupana?
Falta donde pescar peixes á cana?
donde possas cantar como naquela?
....

Limabeu.

Falta! pois falta foi de minha estrela
não me poder queixar sem ela deles
e pois não pode ser dele sem ela
muitos anos viva ela e viva ele!

FIM

NOTAS E ESCLARECIMENTOS

1

Pg. 4-5. O son. VI « A S. João Baptista » encontra-se a fl. 139 do *Cod Portuense*, noutro logar descrito pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis, sem variantes dignas de nota. O último v. do 2.º terceto, aspado, é tradução daquele conhecido passo do Ev. de S. Mateus XI, 11: « *Amen dico vobis, non surrexit inter natos mulierum major Joanne Baptista...* ». Impregnado da leitura da Biblia sam freqùentes os passos em que Fr. Agostinho da Cruz se inspirou já aproveitando uma ou outra passagem quase literalmente e já, e é naturalmente o maior número, procurando apenas o seu significado místico. Em qualquer dos casos é do próprio coração que tudo mana, instintivamente, sem o mínimo esforço ou o vislumbre de preocupação erudita ou literária.

2

Pg. 4. Êste soneto de arrependimento dedicado « A Nossa Senhora da Arrabida » é interessante. O Poeta reconhece a sua fraqueza. Volta *outra vez*, agora mais resoluto, mais decidido. Vai prosseguir de novo a sua via espiritual cheio dos desenganos colhidos no mundo. O *Cod. Portuense* apresenta uma variante notavel no último terceto :

> Porque quanto mais longe dos humanos
> Tanto, Virgem, sereis melhor servida
> E servida, louvada em verso e prosa.

O *Cod. Conimbricense,* n.º 400, dá a versão impressa, que nos parece por todas as razõis preferivel.

3

Pg. 6, son. VIII. O último v. do 2.º terceto alude à passagem do Ev. de S. João, XIX, 26: « *Cum vidisset ergo Jesus matrem, et discipulum stantem quem diligebat, dicit matri suæ : Mulier, ecce filius tuus* ».

4

Pg. 10. O 2.º v. da 2.ª quadra trá-lo o *Cod. Conimbricense* n.º 400 nesta variante :

Inda assim de culpas carregado.

O verso tecnicamente não fica melhor, e a modificação não me parece exegida pelo sentido.

5

Pg. 11. Talvez o último v. do son. XVI ficasse melhor

Que amasse muito mais quem tanto amava !

não obstante a lição impressa seguida é a do *Cod. Conimbricense,* n.º 400, conteste.

6

Pg. 12. O son. XVIII correspondente ao de fl. 134 do *Cod. Portuense* tambêm se encontra na *Cr. da Piedade* [Vide *Bibliografia*] pg. 934 com algumas pequenas variantes sendo no 3.º v. do 1.º quarteto a falta de *inda,* que é essencial, aliás, e no 4.º v. do mesmo, que traz *vãos* em vez de *mil.* O que nos alegra porque tratando-se de códices ou fontes diversas indica de certo modo a fixidez do texto desejavel.

7

Pg. 15. O son. XXII, a fl. 85, sem variantes, do *Cod. Portuense,* merece destacar-se pela indicação autobiográfica que traduz, visto deduzir-se dele que *tres* fôram as tentativas do grande Isolado para renunciar ao mundo. Que lutas tremendas naquele amoravel

espírito! Todo o soneto é cheio de doçura e de resignação. Raras vezes se deparam termos ou fórmas antiquados no nosso Poeta. Mas note-se o *arça* no 2.º v. do 2.º terceto em vez de *arda*, aliás empregado em Sá de Miranda e outros Quinhentistas e várias vezes por êle mesmo [cfr. por ex., 2 vezes, pg. 118, últimos versos]. Já atrás, no son. XII, apareceu a fórma *estê* que é, como se sabe, a fórma sincopada de *esteja*, tambêm freqùente nos Quinhentistas.

8

Pg. 16. Eis variantes do *Cod. Conimbricense*, n.º 400, 1.º quarteto, 3.º v.:

Amor, quanto por si te trasladava

1.º terceto, 3.º v.:

Unindo na vencida carne tua

2.º terceto, 1.º v.:

Vencida e tam conforme a teu esprito,

unica que me parece aproveitavel.

9

Pg. 17. O 4.º v. da 1.ª quadra aparece tanto no *Cod. Portuense*, como no de *Coimbra*, n.º 400, assim:

Conforme o vario vento vai soprando,

que é preferivel à lição do texto.

10

Pg. 18. Êste lindo soneto dedicado ao querido irmão anda impresso como *Introdução* do *Lyma*, desde a ed. de 1596, e não vem nem no *Cod. Portuense*, nem no *Conimbricense* n.º 400. Diogo Bernardes ouvia e acatava a opinião do humilde Capucho e muito se satisfez em vê-lo engrandecer o nome daquele a quem dirigia as suas líricas — D. Alvaro D'Allemcastro, Duque de Aveiro, « Principe real, claro, excelente ».

11

Pg. 22. Toda esta Egloga « *No anno do Noviciado* » é notabilíssima como sugestão auto-biográfica e dela se aproveitará o necessário noutro logar. Para que não restassem dúvidas nos disfarces dêstes pastores lá vem bem claro no último v. de pg. 25 :

O bom do Limabeu he Capuchinho.

12

Pg. 30. Há nesta Egloga um sentido enigmático, que escapa a toda a concretização. O emprego de certos termos não é menos de notar. No 7.º v. *esquerdeia* no sentido de pôr ou criar estorvo ou embaraço e no 7.º terceto

Na requia esteja a alma de Bieito

requia será equivalente a *requiem*, adulterado nas cópias, que serviram para a impressão ? Infelizmente a Egloga falta nos *Cods. Portuense* e *Conimbricense*.

13

Pg. 35. O 4.º v. deve emendar-se como tráz o *Cod. Conimbricense* n.º 400 :

Mas comtudo não deixo de cuidar,

o que torna o sentido perfeitamente inteligivel. E o 8.º

Que máos olhos te tem atravessado,

que no texto impresso de Mesquita, reproduzido, pouco menos é que enigmático.

14

Pg. 36. O último terceto desta página, assim como o imediato, pertence a *Mincio*, o que não foi indicado por não vir no texto de 1771. Mas o *Cod. Conimbricense* n.º 400 assim o indica nitidamente e é o que deve sêr.

15

Pg. 36, 8.º terceto. *Naboc*, em vez de *Naboth*, personagem bíblico mencionado no *3 Reg., XXI, 2,* e segs.

que negou ao rei Achab uma vinha e que foi por isso lapidado. «...*eduxerunt eum extra civitatem et lapidibus interfecerunt*», como diz o v. 13.º, e vem apropositadamente citado por Fr. Agostinho.

16

Pg. 40. A epígrafe desta *Egloga V* não é bem explicita. O *Cod. Conimbricense* n.º 400, diz melhor: *Egloga V em a qual dá conta como reduzio hum a Religião.* Aparte pequenas divergências é notavel a omissão dum terceto, que seria o 8.º na pg. 43 e que copiamos daquelle Mss.

Dam-me na face minha o falso beijo
De Judas, que vendeo a Jesus Christo,
Rapam-me a minha lã, o leite e o queijo.

17

Pg. 48. Esta Égloga é muito interessante pelo ar de rusticidade que a envolve. Enquanto vigia o seu *gado alfeiro*, ou entretido a pastar livremente [segundo A. Coelho, *Dicc.*, o termo proveio do arabe], o triste pastor conhece todas as inocentes distraçõis do isolamento. Por isso lembra nos últimos tercetos a caça aos passarinhos por meio do *costelo* ou da *vara*, recorda o fugitivo e timido coelho, faz menção das flôres que ajuntava e dos frutos que colhia. Tudo, porêm, para dar!

...não colhi, nem cacei cousa
Que para dar não fôsse...

18

Pg. 53, v. 7.º *Perder o uso* melhor será lêr com o *Mss. Conimbricense* n.º 400: *Perder o curso.*

19

Pg. 60. O 1.º terceto desta pág. falta no *Mss. Conimbricense.* Descuido? Propósito?

20

Pg 67, v. 6. O *Mss. Conimbricense* n.º 400 traz: *Com cabra ou sarda ruivo.* Talvez melhor. Um pouco adiante, pg. 59, v. 22 diz: *Eu costumo pescar com singeleira.*

Á pesca de *cana* para que se servia, como isca, da *cabra* ou *sarda*, preferia a pequena rede daquele nome, usada para a pesca do peixe miudo, diferente do *tresmalho*, tambem muito usada na pesca do peixe dos rios. *Veira, ibid.*, em vez de beira? O *Mss. Conimbricense* n.º 400 termina esta Égloga com uma pequena variante preferivel ao texto: *Pois no dia nascia*... etc.

21

Pg. 70. Esta Égloga, dirigida à comemoração do nascimento do Duque D. Jorge de Lencastre, aparece no *Mss. Conimbricense* n.º 400 com variantes, a mais importante das quais é pg. 71, 1.º terceto:

O primeiro de abril ali se ouvio
Cantar e tanger tam docemente,
Que as vozes ao Oceano transferio

Na pg. 72, 2.º terceto:

Eu tenho para mim que ouço tanger...
Deve de ser aquele que lá vem.
Como se vem recreando de prazer!

E nesta mesma pg., v. 25:

Amor tempere, a fragoa acenda e forge

que dá, positivamente, melhor sentido que o que se seguiu no texto em obediência à ed. de 1771.

Ainda na pg. 75, o v. 25 é substituido por est'outro:

Seu nome seja imortal.

22

Pg. 77. Logo o 1.º terceto desta Égloga aparece mais correcto no *Mss. Conimbricense* n.º 400:

Apartam-se de vós, desaparecem
Agoas do mar azul e sol dourado
E com meu triste pranto se escurecem.

Já é discutivel a variante de pg. 78, v. 17:

Avisar, repreender a quem converso

23

Pg. 89. Esta Elegia não escapou em nenhuma das fontes conhecidas — no *Cod. Portuense*, fl. 54 v., no *Canc. de F. Tomás*, fl. 77 v., e lá está impresso na *Chr. de Arrabida*, pg. 936. Emendemos o erro do v. 10: *Aqui sobre o mar* e registemos, como preferivel, a lição do *Mss. Conimbricense* n.º 400 no v. 9 de pg. 90:

Que de outras que ensinar querem falando.

É o que deve sêr. O impresso não se entende. Na mesma pág., v. 16 leia-se: *Alli me acho*, etc. E no v. 19: *O monte vão de meus suspiros cheio*, variante que torna perfeitamente correcto o verso anterior casando-se ambos harmonicamente no sentido. Suprimo outras variântes para citar as dos dous versos, que terminam a Elegia:

Ardeo o fogo posto no madeiro
Ardam postos no fogo os corações.

Acho assim a frase mais incisiva e mais bela.

24

Pg. 95. Esta Elegia trá-la o *Cod. Portuense*. O *Mss. Conimbricense* n.º 400, tambem a insere como variantes aproveitaveis. Destaquemos no v. 23: *A Vós pera livrar...* lição, decerto, melhor que a exarada no texto.

25

Pg. 101. Esta Elegia figura no *Cod. Portuense*, pg. 56 e no *Conimbricense* n.º 400 e corre impressa na *Chronica*, pg 934. Tambem há algumas variantes que aclaram notavelmente o sentido. Por ex., pg. 103, v. 3.º «*Sem nunca descansar qual vento leve.*

26

Pg. 104. Nesta *Elegia VII* deve emendar-se em harmonia com os dois *Codices do Porto e de Coimbra* o v. 8.º: «*Convertida em velhice a mocidade*». O *Conimbricense* melhora o v. 9º de pg. 105 exarando: *Por ver que todos são de entranhas frias.* Na pg. 105, o v. 9.º ficaria melhor como o traz o *Mss. Conimbricense*: «*Por vêr que todos são de entranhas frias*.

27

Pg. 107. O *Cod Portuense* epigrafa esta Égloga: « De hũa molher á absencia de seu marido sendo partido pera a guerra ». Variantes preferíveis ao texto no *Mss. Conimbricense* n.º 400, pg. 108, v. 9.º: « *Escurecer daquem o razo monte* ». O *Cod. Portuense* diz: ...*o alto monte*. No v. 15.º o *Cod. Portuense*: *Verão quam pouco temo a cruel guerra*; mas o *Conimbricense* mantém a lição impressa. Creio que há razão para a manter, como noutro logar provarei. Na pg. 109, o v. 25.º deve modificar-se: *Querer-me*... O 2.º v. do último terceto, pg 110 é preferivel assim: *Ou que estejas*... E o último: *Não quero*...

28

Pg. 111. A Elegia à morte de seu irmão anda impressa na ed. das *Flores do Lima* de 1770. Esta Elegia está incompleta no texto, faltando-lhe nada menos que 14 tercetos, que aqui seguem extraídos da ed. impressa das *Flores do Lima*, com as variantes do *Cod. Portuense*, onde vem a fl. 98. O que é extranho é a mesma omissão existir no *Cod. Conimbricense* n.º 400. As fontes dos dous textos impressos fôram de certo diversas, como as dos *Mss.*, pois em todos se notam divergências. O *Conimbricense* melhora algumas passagens, como pg. 112, v. 23.º–24.º: *Nem sempre cá do Tejo só comigo — Nem tudo poesia o que tratavas.*

29

Pg. 113, v. 14.º: *Da solitaria Serra, em que habito.*
Segue o texto que é o complemento natural da Egloga:

Mas nella se abalou mais meu esprito
acrecentando mais o sentimento
de um brando coração num peito aflito,

Que mal resistir pode o pensamento,
onde se estendem mais as saudades
a quem nunca neguei consentimento.

Ha nos bosques cem mil diversidades
no fructo, folha e flor e nos rochedos
rotos das oceanas tempestades.

Por cima de uns nos outros arvoredos
voar vejo cantando uns passarinhos,
outros ouço cantar, estando quedos.

Vejo nos montes rasos mais vezinhos
as fugitivas feras ir torcendo
os passos por passar entre os espinhos.

Triste! com que remedios vou detendo,
na vista dos meus olhos, magoas minhas,
que nas aves e feras vão crescendo.

Nestas me lembra a doce voz que tinhas [1],
naquellas quantos passos retorcidos
por colher brandas flores entr'espinhas.

Quam tristes penetrar vão [2] meus gemidos
as entranhas das duas penedias
tão tristes tornar [3] dellas repetidas.

Que ainda que das ardentes dem nas frias
inda que destas brandas dem nas duras
pera me responder estão vazias.

Abrandão-se as durezas em branduras,
podem magoas mudar as naturezas
quando mudar não podem as venturas.

Os claros desenganos, as certezas
da vida, que já vai de foz em fora,
não soffrem mais estremos de tristezas.

Tratar de como irá convem agora
e da [4] que já se foi mais não tratar,
como se derradeira desta fora.

Vida que tarde ou cedo ha de acabar,
morte que por fugir mais não dilato,
de ambas [5] devo temer, ambas chorar,

Que com o temor e choro de que trato [6]
assi me posso haver nesta primeira,
que a segunda me custe mais barato.

[1] 1770. Nestas me lembra o som da voz que tinha. — [2] Penetravão. [3] tornão dellas repartidas. — [4] C. P. e *do* — 1770 — E da que já se foi, mais não tratar. — [5] 1770. Ambas. — [6] Que com temor e choros.

Mas quem só naquella hora derradeira
espera descansar por ter cansado
(se cansa quem faz conta derradeira).

Nem o temor o traz inquietado,
nem o choro lhe da pena tamanha,
que chorando não fique consolado
nas lagrimas de amor [1] em que se banha.

30

Pg. 117. Esta *Ode* repete-se nos *Mss.* do *Porto* e *Coimbra*. Verso 13.º no *Conimbricense: Flores que secam levam leves ventos.* Versos 21.º–22.º *Magoas minhas — Me não deixam mover.* Pg. 118, v. 21.º: *Se quero mais querer...* E os últimos desta pág.: *Por vós ardam, Deos nosso — Ardam no puro fogo de amor vosso.*

31

Pg. 116. O epíteto *teso* no 5.º v. da *Ode II* poderia hoje merecer reparo, como já o apontou Costa e Silva (*Ensaio biogr. critico*, II, 261), mas « *agoa tesa* quer dizer agoa que corre com força ou agoa alta, dahi vem as expressões maritimas *vento teso, mar teso,* e o chamar-se *teso* a um outeiro, ou elevações de terreno. Tembem se chama *teso* a um homem, que tem firmesa de caracter e que não cede facilmente ». Fr. Agostinho empregou o vocábulo pelo menos outra vez — Cfr. pg. 61, v. 12.º

32

Pg. 128. Esta *Carta* é, como diz o título, resposta à de seu irmão Diogo Bernardes, e que póde lêr-se em *O Lyma, Carta VIII.* Um terno sentimento de doce e amarga saudade envolve de encanto especial toda esta linda poesia, até à recordação do elogio da pobreza (pg. 130, terceto 9.º) feita pelo irmão — alusão à Égloga III — *Liarda* — inserta em *O Lyma.*

33

Pg. 134. Esta *Carta,* cujo final é duma côr regional interessantíssima, apresenta algumas variantes no *Cod.*

[1] Nas lagrimas da morte.

Conimbricense, que melhoram a contextura e o sentido. Assim no 9.º verso *podres* contrastando com *sãos.* e não *pobres* O 1.º v do 5.º terceto : *A causa pode sêr que a mesma seja.* Na pág. imediata o 3.º v. do penúltimo terceto ficará mais correcto assim : *Não respeitando ser descomedida.* Pg. 136 o v. 21 º *Que Marateca tem como bagaço,* precisa duma aclaração para alguns leitores. *Marateca* é uma pequena povoação na comarca e concelho de Setubal, proxima do rio do mesmo nome, que é um afluente do Sado com 35 quil. de curso. A alusão de Fr. Agostinho torna-se assim evidente se supusermos êsse rio abundante em peixe. [Pinho Leal, *Portugal ant. e mod.,* v, s. v.] O *Mss. Conimbricense* menciona *Lameira* em vez de *Landeira* no último verso. A qualquer delas podia referir-se o Poeta. mas esta última está abonada tambem pelo *Cod. Portuense.*

34

Pg. 138. O *Cod. Conimbricense* ajuda a repor muita deturpação do texto infeliz de Mesquita. Em regra as variantes dadas por êsse Mss. sam de receber. Não é possivel apontar tudo, que ficará, querendo Deos, para uma 2.ª ed Mas ressalvemos o essencial. Antes de mais a deturpadíssima oitava final de pg. 140 com falta dum verso inteiro ! Deverá ficar assim :

Quero saber que letras aprendestes,
Teu nome, cuja filha e como ousaste !
Se sabes ponderar o que fizestes
Quando tam soltamente reprovaste.
O sacrificio a mim repreendeste
E dos imortaes deuses blasfemaste,
Que por êles te juro que não sei
Como comtigo a mim me não matei.

Na pg. 147, a 3.ª oitava deve principiar : *Oh ! ditosa,* A estância imediata está tambem incompreensivel. devendo sêr :

De mim...
A verdadeira. .
Convertidos de nosso erro antigo
Que com suspiros da alma lavaremos
Nossas culpas, Senhora, que não digo
O gosto...

35

Pg. 156. O 2.° v. da 3.ª estância está totalmente deturpado, devendo corrigir-se : *Metê-lo todo junto ao meu cutelo*, no que sam concordes os *Mss. Portuense* e *Conimbricense*.

36 (1)

A Tra los Montes — pg. 160. Essa epígrafe quer dizer que as *Voltas* de Frei Agostinho parafraseiam o *Vilancete* ou *Cantar velho* :

Tra-los montes
me irei morar!
Quem me bem quiser
lá me irá buscar!

já tratado por Francisco de Sá de Miranda (n.° 51. Cfr pg. 746 da ed. de C. M. de Vasconcellos). Jorge Ferreira de Vasconcellos citou-o na *Ulysippo*.

Ambos dizem todavia *Naquela serra irei morar*. (Var. *Naquela alta serra*).

O *Cod. Conimbricense* traz o *Mote* com a epígrafe *Atrás dos Montes* :

Atrás dos montes
Me irei morar.
Quem bem me quiser
Lá me irá buscar.

37

As Endechas — pg. 162 e 365 e 367 — lembram as de Camões : « Vai o bem fugindo », as de Caminha : « Vai-se a vida e foge » e as de Diogo Bernardes : « En mis esperanzas ».

38

Que lugar, tempo, estado, ou esperança — pg. 168. Êste soneto, contido em ambos os codices, é atribuido a *Martim de Castro*, ou *Castro do Rio*, no *Canc. de A. F. Thomas* fl. 4. Isto é a um Quinhentista e Camonista de talento que figura com versos (Sonetos) em todas as Miscelaneas poeticas do seu tempo (sobretudo nas

(1) Á excepção das notas 45, 46, 47, 48 e 55 todas as demais, daqui por deante, sam devidas à pena autorizadíssima da Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Eborenses) e escreveu, segundo Faria e Sousa, muitos versos, dignos de que Luis de Camões os estimasse.

Vid. C. M. de Vasconcellos, *Sonetos e Sonetistas*, pg. 41, 43, 85 e 87.

39

Posto que sofra amor apartamento — pg. 169. Êste soneto (que figura no *Cod. Portuense* duas vezes, a fl. 77 e 86) é atribuido no *Canc. de A. F. Thomas* (fl. 11 v.) a Fernão Rodrigues Lobo *Soropita.*

40

Quando de ambos os ceos caindo estava — pg. 169. Êste soneto, de amor profano, *Ás lagrimas de uma despedida*, foi impresso por Camilo Castelo Branco (em lição defeituosa), nas *Poesias e Prosas* do *Soropita* (pg. 43).

E como obra deste poeta está tambem no *Canc. de A. F Thomas* fl. 84.

Num *Canc.* (inedito) coleccionado por Faria e Sousa para o Conde de Haro, ha (salvo erro) uma redacção castelhana, que principia

Cuando de entrambos cielos el rocio

Como desconheço todo o resto, não posso avaliar qual seria o texto original, e qual mera traducção

41

Perdi me dentro em mim como em deserto — pg. 171. Com variantes está no *Canc. de A. F. Thomas* fl. 2. Com atribuição a Fernão Correa de Lacerda

No *Canc. de Evora* CXIV–2–2, explorado com pouco criterio por A. F. Barata, anda sem nome de autor (pg. 147).

De autor incerto, portanto.

42

A peregrinação de um pensamento — pg. 173. Foi atribuido a *Luis de Camões* pelo fantasioso Faria e Sousa (*Rimas*, vol. II, 355), embora no manuscrito em que o encontrou, estivesse com autoria de *Martim de Crasto*.

Por isso foi traduzido por Storck (n.º 293) e por Tommaso Cannizzaro (pg. 268).

Em redacção castelhana figura num *Canc.* particular do *Conde de Villamediana* (Paris, 605 fl. 48 v).

Em português aparece com o nome de *Martim de Crasto* no *Canc de A. F. Thomas* fl 10.

Vid. C. M. de V., *Sonetos e Sonetistas,* pg. 43.

43

Vai-me gastando amor e um pensamento — pg 173.

Atribuido a *Luis de Camões* no *Canc. de A. F. Thomas* fl. 150; publicado como obra dele por T. Braga no seu *Camões: obra epica e lyrica* 1911 (pg. 226); e traduzido por T. Cannizzaro (n.º 392).

Certo é que esse soneto mal pode ser obra de um rapaz que aos vinte se fez capucho.

Vid. C. M. de V., *Sonetos e Sonetistas,* pg. 43.

44

Como estaes, luz, sem luz? vida sem vida? — pg. 193.

Amor trouxe a Jesus da gloria á cruz — pg 198.

Quem me dera por lingua um raio ardente — pg. 213.

São, a meu ver, obras legítimas de Frei Agostinho, propagadas em copias por serem belíssimas, infelizmente sem nome de autor.

O primeiro foi metido por Miguel Leitão de Andrade na sua *Miscelanea* (1629), onde sai da boca de Maria Magdalena, abraçada ao pé da cruz, com os olhos cheios de agua e olhando para o Cristo Crucificado, pg 84

Os outros dois estão no *Cod. Eborense*, CXIV-2-2, sem autoria. E foram publicados por A F. Barata, no *Canc. Geral*, pg. 160 e 138 — Brito Rebelo reconheceu, que a poesia *Amor gloria e cruz* era obra de Frei Agostinho.

Vid. *Arquivo Historico,* I, 138-148. Cfr. *El canto de las aves.*

45

Pg. 193. O soneto XXXIX esplendido na fórma, riquíssimo no conceito, foi publicado por Miguel Leitão de Andrade na sua *Miscelanea,* pg. 84, como anónimo, apresentando algumas variantes menos felizes.

46

Pg 195. Êste primeiro son. *Á Paixão,* entranhado de cândido misticismo, pode parecer ousado na afirmação do v 7.º — *Despreza o livro antigo e o moderno.* É como diz o texto do *Cod. Conimbricense* e o do *Portuense.* Já no *Mss. Portuense* uma sigla marginal antiga indica a extranheza dalgum leitor curioso. Como compreen-

der-se que espirito tam bem equilibrado nas suas expressõis religiosas mandasse desprezar o livro antigo e o moderno? Que mais diria um heresiarca desprezador dos Livros Santos? Mas tudo se explica com uma leve emenda. Se supusermos o verso assim saído da pena de Fr. Agostinho:

Despreza o livro antigo pelo moderno

poderá ainda afigurar-se ousado aquele verbo *desprezar*, mas a passagem mantem todo o seu vigor pondo em relevo, numa frase que, explicada, se encerra em perfeita ortodoxia, a excellência do Novo sôbre o Antigo Testamento. Ainda nesta pág. son. *Ao Mesmo*. Frei Rodrigo de Deos (+ 1622), que foi Guardião do Convento de Nossa Senhora da Arrabida tinha em muita estimação as poesias de Fr. Agostinho da Cruz. As duas obras que deixou, ambas vêem enriquecidas com sonetos dêle. No *Tratado dos Passos que se andam na Quaresma*... (1.ª ed. 1681) vem como *Proemio* êste — *Os passos que de dôr trespassado*... e o Epigrama: *A quem deceo do Ceo para nos dar vida*, publicado a pg. 335 desta nossa ed. Tambem nos *Motivos Espirituais* [Lisboa, 1620], que não pude vêr, vêem segundo o testemunho de Inoc [*Dic. Bibl*, VII, 169], no princípio, dous sonetos em louvor da obra, que não andam incluidos na colecção impressa.

47

Pg. 208 O mesmo tema foi cantado pelo irmão Diogo Bernardes nas *Varias Rimas*, pg. 93, no soneto paralelo *O Jacinto entre pedras preciosas*. Pelo soneto anterior do mesmo Bernardes se vê que o Santo fôra «agora novamente canonizado», [«agora» — 15 de abril de 1594 segundo o *Agiol* Dominicano de Frei Manoel de Lima, III, 441] daí os versos e as prosas, a que alude. Quem quiser confrontar o talento dos dois irmãos veja especialmente os temas que ambos cantaram O verso final do soneto claramente indica que o Santo tambem contava como seus devotos os Duques de Aveiro, tam notáveis, de resto, pela sua piedade.

48

Pg. 219-221. O soneto *Á Senhora da Memoria* chora a ausência do pobre monge Fr. Diogo dos Inocentos que, quasi octogenário e enfermo, se vio obrigado a

recolher-se ao Convento de Alcobaça. Ao mesmo propósito sam consagrados os imediatos. A *Chr. da Arrabida* transcreve os dous primeiros [§ 1189].

49

Lembranças de meu bem, doces lembranças — pg. 231. Foi atribuido por Faria e Sousa a *Luis de Camões* (*Rimas*, II, pg 354, n.º 358 = 291 de T. Braga) — e traduzido como tal por Storck (269) e Cannizzaro (291).

O polihistor confessa todavia que andava em nome de *Martim de Crasto* no manuscrito que explorou.

Já então (1645) tinha sido impresso em Florença entre as *Rimas* do Dr. *Estevam Rodriguez de Castro* (1623).

E no *Canc. de A. F. Thomas* aparece igualmente em nome desse poeta (fl. 259).

De autor incerto, portanto.

Vid. *Sonetos e Sonetistas*, pg 85. Aí disse eu que os dois versos iniciaes do soneto foram glosados modernamente.

50

Contentamentos meus que já passastes — pg. 232. Este soneto profano ocorre duas vezes no *Canc. de A. F. Thomas* a fl. 5 como obra de *Francisco de Andrada*; a fl 16 com atribuição a *Luis de Camões*.

Como obra dele foi publicado por T. Braga em *Camões, Obra epica e lyrica*, 1911, (pg 221); e por isso traduzido para italiano por T. Cannizzaro (1913, *I Sonetti*).

Frei Agostinho glosou o verso *inicial*, e o *ultimo* em duas oitavas. E seria por ventura somente como *Mote* que ele colocara o texto alheio à testa da sua parafrase.

Vid. *Sonetos e Sonetistas*, pg. 114.

51

Aqui neste deserto, seco e pobre — pg. 301. Esta *Elegia Penitencial* que está tanto no *Cod. Conimbricense* como no *Portuense* com um lapso, (salto de tres versos) é atribuida a *Soropita*, no *Canc de A. F. Thomas*, fl 66.

E em nome dele, com a epígrafe *Elegia da minha penitencia*, está nas *Poesias e Prosas ineditas* tiradas por C. C. Branco de um ms. vindo do Mosteiro de Tibaes. (Vid. pg. 147 e cfr. pg XXVIII, assim como T. Braga, *Quinhentistas*, pg. 319–320).

52

A ti bom Jesu que tanto ofendia — pg. 308. Esta Elegia a Jesu na Cruz é de Diogo Bernardes, *Rimas Varias ao bom Jesus*, pg. 8.

Tambem se encontra no *Canc. Juromenha* a fl. 51, com importantes divergencias.

Vid. *Zeitschrift*, VIII, pg. 443 e IX, 364.

53

Despojos tristes dum contentamento — pg. 316. Esta Elegia *Á Morte de um Contentamento* (— epígrafe exarada em ambos os manuscritos) — obra profana cheia de reminiscencias tristes de um passado feliz, representado talvez por um retrato da amada, figura no *Canc. de A. F. Thomas* a fl. 53 v. como Capitulo do *Soropita*.

E estava tambem no Ms. de Tibaes das obras dele.

Vid *Prosas e Poesias* pg. 29.

54

Que forte fortuna sigo — pg. 341. O *Mote* é de *Cristovam Falcão*, ou de *Bernardim Ribeiro*. Quero dizer que pertence ao grupo de pequenas poesias que na edi ão de 1559 da *Menina e Moça* e das *Trovas de Crisfal* (Colonia) ocupam as folhas 153-171 e foram reimpressas por Epifanio Diaz, na *Revista Lusitana*, IV, pg. 146. Cfr. Ed. Delfim Guimarães, pg. 55.

55

Pg 343. A *Chr. da Arrabida*, pg. 940 traz esta poesia com falta das duas últimas estâncias. As variantes publicadas sam insignificantes.

56

Saudade minha ¿ quando vos veria? — pg. 364 *Mote* antigo em estilo popular — ou Cantar velho parafraseado por Sá de Miranda (n.º 59 Cfr. pg. 681 e 746), por Camões, e diversos outros Quinhentistas e Seiscentistas

Vid C. M. de Vasconcelloa, *A Saudade Portuguesa*, 1914, (pg. 9 e 90–98).

57

Cruz, remedio de mis males — pg. 380. *Cod. Portuense*, fl 53 O *Mote* é uma Quadra, cujo último verso não compreendo, a não ser que, sendo satírico, queira dizer que cinco mil Cardeaes teriam cabido na cruz = teriam merecido a cruz ! ?

Foi no ano de 1627 que um joven fidalgo castelhano, repetindo boatos que corriam em Espanha, atribuiu a Quadra a Felipe II.

Vid. *Panegírico de la Poesia de D. Fernando de Vera*, que possuo na reimpressão de 1889.

De lá passou a um opúsculo de T. Braga, intitulado *Camões e Philippe II* — 1889.

A *Glosa* de Frei Agostinho, publiquei-a eu no meu estudo sôbre *Sonetos e Sonetistas*, pg. 102–106.

58

Ecos, port. e cast. — pg. 381. São imitação, boa e bela, daqueles que Cervantes meteu no seu *D. Quixote*, I, Cap. 27 :

Quien menoscaba mis bienes ?
Desdenes.

59

Rompe los lazos de la prision fuerte — pg. 387. *Cod. Portuense*, fl. 69. Esta *Cancion á la Muerte* — ou antes *à Alma*, cuja imortalidade é o assunto principal — nem é inedita, nem é de Frei Agostinho.

Foi impressa em 1623 em Florença como composição de Estevam Rodriguez de Castro ; e nas *Rimas* dele, publicadas pelo filho, Francisco de Castro — faz parte de uma obra narrativa de vulto, a *Fabula*, clássica, *de Arion* (fl. 66–77).

Como obra dêsse médico filosofante foi elogiada e citada :

a) por Faria e Sousa, nas *Rimas de Camões*, (III, pg. 1) ;

b) por Gallardo no *Ensayo*, na descrição do volume florentino (vol. IV, pg. 229, n.º 3670) ;

c) pelo mesmo, na descrição do *Canc. do Conde de Haro*, coligido por Faria e Sousa (vol II, cap. 994, n.º 268) ;

d) por Garcia Perez, que o reimprimiu no seu *Catalogo* (pg. 485).

Compreende-se que Frei Agostinho gostasse da Canção e a copiasse, para seu uso particular.

Embora Francisco de Castro metesse no volumito das *Rimas* alguns poemas de diversos, como de boa fé declara (por ex. de Sá de Miranda, Correia de Lacerda, Francisco Rodriguez Lobo o Soropita, Bernardo Rodrigues, o Fradinho da Rainha, a Fabula com a Canção pertence, a meu ver, ao número dos originaes que, quasi violentando-o, arrancou das mãos do pai.

Vid. *Sonetos e Sonetistas*, pg. 102, nota 3.

60

Las tristes lágrimas mias — pg. 392. *Cod. Portuense*, pg. 73o. Êste *Mote* é um Vilhancico antigo, muito glossado. Entre Voltas e Glosas, port. e cast., conheço pelo menos umas 20 parafrases posteriores a 1550, algumas superiores à de Frei Agostinho.

61

Lagrimas que no pudieron — pg. 393. *Cod. Portuense*, fl. 74. Êste Mote tambem é antigo. Foi citado por Gracian na sua *Agudeza y Arte de Ingenio*, no *Discurso* 33 por causa da ambigüidade que há no último verso em que *de la mar* significa *del amar*.

62

Di, contento, adonde estás? — pg. 395. *Cod. Portuense*, fl. 62. Esta quadra, profana e humana, mas moralizadora que, segundo o *Cod. Portuense* foi, com a correspondente Glosa, dedicada por Frei Agostinho a el Rei Phelipe II, é atribuída ao proprio Monarca pelo mesmo D. Fernando de la Vera que lhe atribue a Quadra à cruz — boato êsse que foi propagado tambem por Faria e Sousa no *Cancioneiro* que colecionou para o Conde de Haro (Gallardo, *Ensayo*, I, c. 1000, n.º 2168). Vid. *Sonetos e Sonetistas*, pg. 102–106, onde publiquei a Glosa de Frei Agostinho — e mais outra, com diversas considerações.

Se esta foi dedicada a Felipe II, iria em troca da Quadra relativa à cruz, mandada pelo rei para o Poeta a parafrasear??? Mas quando? e como? e por intervenção de quem?

63

Este mi mal tan estraño — pg. 397. *Cod. Portuense*, fl. 80. Tudo é alheio. Nada de Frei Agostinho. O Mote é de Sá de Miranda e pertence à Égloga de *Alexo*, (v. 879 e seg.).

A Glosa é de Estevam Rodriguez de Castro, que evidentemente era um dos autores predilectos de Frei Agostinho. Encontra-se nas *Rimas*, dêle (a fl. 51). E foi reimpressa por Garcia Perez no *Catálogo*, pg 489.

Gallardo cita-a como fazendo parte do *Canc. do Conde de Haro*, coleccionado por Faria e Sousa (*Ensayo*, n.° 2168).

64

Pluguiera a vos, mi Dios, que no naciera — pg 399. *Cod. Portuense*, fl. 80. O *Mote* é de Gregorio Silvestre. E talvez tambem a *Glosa* seja dele. Não o posso dizer com certeza porque tenho a desgraça de não possuir as obras dele. Vid. *Sonetos e Sonetistas*, pg. 39.

65

Passo la vida solo en contemplarte — pg. 400. *Cod. Portuense*, fl. 76. No *Ensayo* de Gallardo, na descrição das *Rimas* de Estevam Rodriguez de Castro (Vol. IV a. 229 n.° 3670) aprendi que o *Terceto-Mote* é obra desse autor.

E como a *Glosa* dele, infelizmente não reimpressa, conste de tres Oitavas, como a que se lê no *Cod Portuense*, é provavel que essas tambem sejam mera copia.

Embora a edição de Florença se publicasse depois da morte de Frei Agostinho, as obras que contêm, são provavelmente anteriores à ida do Cristão Novo (n. em 1559) para fora do reino. O proprio filho diz que *sairam de Portugal*.

66

En turquesadas nubes y celajes — pg. 404. Este son. é de Pedro Espinosa e foi publicado em 1605 nas *Flores de Poetas ilustres*.

É o n.° 244, pg. 287 da admiravel ed. moderna de D. Francisco Rodriguez Marin.

Entrou, elogiado por causa da felicidade da metáfora e pola propriedade, viveza e formosura das imagens, no *Parnaso* (tomo V) de Sedano e no *Cancionero y Romancero* (tomo 35 da *Bibl. de Ant. Esp*).

67

El canto de las aves de la sierra — pg. 411. *Cod. Portuense*, fl. 65. Êste lindo Soneto foi metido por Faria e Sousa no *Cancioneiro* que colecionou para o Conde de Haro, sem nome de autor.

E Gallardo achou-o digno de reimpressão (n.º 2168).

68

No me persigas más, vana esperanza — pg 412. *Cod. Portuense*, fl 67. Esse Soneto figura tambem no *Canc. do Conde de Haro*, col. por F. S; *aparentemente* num ramalhete de Sonetos dedicados a Felipe II por ocasião da Morte da Rainha de Espanha em Badajoz (D. Ana Maria de Austria † a 26 de Out. de 1580). Sem nome de autor.

Gallardo não o reimprimiu (*Ensayo*, n.º 2168).

69

Hambrienta, rota, inquieta, disgustada — pg. 413. *Cod. Portuense*, fl. 78 v. Este Soneto afamado *A Pobreza* ou *Em vituperio da Pobreza* é atribuido no *Canc.* coleccionado por Faria e Sousa a D. Juan de Silva, Conde de Portalegre.

Foi publicado por Gallardo, no *Ensayo* II an. 996. Cfr. 992.

Mas já fôra acolhido em 1629 por Miguel Leitão de Andrade, na sua *Miscelanea*, Dial. XVII, pg. 399 na ed. de 1876

Vid. *Sonetos e Sonetistas*, pg. 76.

BIBLIOGRAFIA [1]

Abreu (João Gomes de) — Diogo Bernardes (A sua naturalidade), Ponte do Lima, 1907, 1 folh., 19 págs.

Arantes (Hemeterio) — *Frei Agostinho da Cruz. Notas á margem duma « Historia dos Quinhentistas »*, Lisboa, 1909. 1 folh.

Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. I, (1901) pg. 17, onde, começando a publica ção do *Códice*, que tornamos conhecido nessa *Revista*, emitimos pela primeira vêz o propósito, que só hoje levamos a efeito. Cfr. nesta *Bibliografia* — Remedios (Mendes dos) — *Almanach*, etc.

Arrabida — Numero unico. Setubal, 1 de Julho de 1899, 8 págs. Colaborado por diversos, a principiar por D. Anna de Castro Osorio, A J. Marques da Costa, Arronches Junqueiro, Adolpho Portela, Julio Augusto de Oliveira, Oliveira Parreira, etc. O artigo dêste último « *Os amadores de Arrabida* » com interesse pelas referências a um passeio com Oliveira Martins e ao encontro que tiveram com o último eremita Fr. José de N. Senhora, que apareceu, um dia, morto na ermida de Santa Catarina em 11 de Novembro de 1870.

Arrabida — Publicação commemorativa da festividade celebrada pelo antigo Cirio de Setubal. Ano de 1896, 55 págs. A pg. 50 e 51 transcreve como de Fr. Agostinho da Cruz dois sonetos, cuja autenticidade é lícito

---

(1) Como se verá, lembramos na nossa resenha os artigos ou publicaçóis consagradas á *Arrábida*, porque é raro falar-se da famosa Serra sem aludir ao seu exímio Cantor. Algumas delas transcrevem até poesias de Fr. Agostinho, como por ex., a de Bulhão Pato, A. Portela, etc., adiante citados.

pôr em dúvida. Dizem-se inéditos, mas não se declara a fonte ou proveniência. Um principia:

« Adeus, ingrata, adeus, que a tirania »

E o outro:

« Quando do amor fiei minha vontade ».

O artigo é assinado por M. (Manoel) M. (Maria) P. (Portella).

Artes e Letras, I, 1892, artigo de Bulhão Pato, pgs. 81 e 97, sob o título: « O Palacio de Calhariz — Diogo Bernardes — Frei Agostinho da Cruz — A Serra da Arrabida ».

Barata (Antonio Francisco) — *Miscelanea historico-romantica*, pg. 63.

Bernardes (Diogo) — *Carta ao P. Fr. Agostinho da Cruz*. E a VIII, pg. 152 de « *O Lyma* », ed. de 1761.

Braga (Th.) — *Revista contemporanea*, v, 1864-1865, artigos seus a propósito de Fr. Agostinho e Fr. Antonio das Chagas, considerados como poétas místicos.

— Id. *Estudos da Edade Media*, 1870, pgs. 168-182; *Historia dos Quinhentistas*, 1871, c. v, pgs. 311-321; *Historia da Litteratura Portuguêsa*, II, Renascença, Pôrto, 1914, pgs. 357-362. Etc.

Branco e Negro, 1896, 1.º ano, número de 7 de junho, pgs. 14-15. Gravura do Convento e Serra da Arrabida com artigo de Fialho de Almeida.

Cardoso (Jeronymo) — *Agiologio Luzitano*, 2.º, pg. 146 e Comentario de 12 de Março, letra F.

Cardoso (P. Luiz) — *Diccionario Geographico*, artigo « Arrabida ».

Castro (João Baptista de) — *Mapa de Portugal*.

Discrição da Serra da Arrabida — Mss. n.º 399 da Biblioteca da Universidade de Coimbra compreendendo 134 oitavas. Principia: *Canto da Europa a terra venturosa* — e termina: *Não nos sucedeu cousa na jornada*. Anónimo. Letra do séc. XVIII. Pág moderna de pgs. 101 a 134. Faz parte duma grossa Miscelanea, que se póde vêr descrita no *Catálogo dos Mss.*, in *Arch. Bibl. da Bibl. da Univ. de Coimbra*, vol. VI (1906), pg. 10.

Gonçalves (J. C. de Sousa) — *Uma excursão á Serra da Arrabida*, 1902.

Illustração Portugueza n.º 152 de 18 de Janeiro de 1909
— Id., n.º 209 de 21 de Fevereiro de 1910.

Longfelow (Henry W.) — *Poems of Places edited by*..., Boston, 1877. A pg. 67 do vol. 2.º figura a poesia de Fr. Agostinho « *Arrabida* » traduzida para inglês por J. Adamson.

Pg. 68 outra de Robert Southey intitulada « *Written after visiting the Convent of Arrabida, near Setubal* ».

Pg. 70, outra de Francisco Manoel traduzida para inglês por Robert Southey — « *The Arrabida Convent* ».

Vid. Southey (Robert).

Machado (Barbosa) — *Bibliotheca Lusitana*, I, s. v., biografia em que fala do *Cod. de Verberena*, a que na *Introdução* fazemos referência. No vol. II, pg. 617 no artigo sôbre João de Brito e Melo (+ 1682) diz que êle compôs a *Chr. da Província de Santa Maria da Arrabida dividida em 5 livros*, que ficou Mss. e naturalmente se perdeu. Cfr. Piedade, *Chr. da Arrabida*, adiante cit.

Mesquita e Quadros (José Caetano de) [1726–1799], o Metatesio Cilenio da Arcadia de Lisboa — *Vida do N. P. Fr. Agostinho da Cruz Religioso da Provincia da Arrabida*, Lisboa, na Reg. Ofic. Typ., 1793, 8.º de 57 págs. Cito segundo Inoc. *Dic. Bibl*, IV, 283. É a impressa à frente do vol. *Poesias de Fr. Agostinho da Cruz*, de que em 1771 foi editor o mesmo Mesquita.

Monteiro (P. Ignacio) — *Descripção da Arrabida*. Mss. da Bibl. Nac. de Lisboa. Principia:

> Desvanecido o sol que procurava
> Lograr da bella sarça a bizarria

e termina na estança 133:

> Em Lisboa me vejo finalmente
> Com que venho dar fim a minha historia.

O autor é o mesmo de que fala Inoc., *Dic. Bibl*, III, pg. 212, dando-o aí como natural de Lamas, no bispado de Viseu, mas neste Mss. diz-se « Descripção ... feita pelo R. P...., natural da Ilha da Madeira ».

Occidente — n.º 776 — Julho de 1900.

Pato (Bulhão) — Vid. *Artes e Letras.*

Paulo (José Agostinho) — artigo publicado no n.º 5175 de 14 de Junho de 1896 do jornal *O Seculo* — « *A Serra da Arrabida* » com várias gravuras.

Piedade (Fr. Antonio da) — *Espelho de Penitentes e Chr. da Provincia de Santa Maria da Arrabida, da regular e mais estreita observancia da Ordem do Seraphico Patriarcha S. Francisco no Instituto Capucho,* Lisboa, MDCCXXVIII, part. I, liv. V, caps. 18 e 20, pgs. 940 e 941, § 1170.

Pimentel (Alberto) — *Memoria sobre a historia e administração do Municipio de Setubal.* Lisboa, 1877, 1 vol, pg. 221 e segs.

Portela (M. M.) — *Ecos do Ermo, versos de...,* Setubal, 1872. pgs. 127, 169 e 176.

Purificação (Fr. Antonio da) *Cronica dos Eremitas de Santo Agostinho,* 2.ª Parte (1650), pg. 174.

Rasteiro (J.) — artigo intitulado « Os frades menores da Arrabida » em *O Recreio,* Lisboa, 1896, 21.ª série, pg. 67.

— Id. « *Notas historicas sobre a Peninsula da Arrabida* » no *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa,* 8.ª série, pg. 527; Noticias archeologicas da Península da Arrabida in — *O Archeologo Portuguez,* III, pgs. 1-48.

Rebelo (Brito) — *Carta de Diogo Bernardes a Antonio de Castilho* (1574) in — *Arch. Hist.,* I.

Remedios (Mendes dos) — *Almanach ilustrado « O Comercio do Lima »,* coordenado por Antonio de Magalhães, 1910, (4.º de publicação) pgs. 185-188 « Fr. Agostinho da Cruz ».

Revista Universal Lisbonense, vol. 4.º, pg. 408, artigo de R. Gusmão, sem valor.

Silva (Inoc. Francisco da) — *Dicc. Bibl.,* I, 15-16, fala do *Cod. Marreca,* a que na Introdução faço a devida referência.

Silva (José Maria da Costa e) — *Ensaio biografico-critico sobre os melhores poetas portugueses,* vol. II, pgs. 229-269.

Soriano (J. da Luz) — *Revelaçõis da minha vida,* na 1.ª ed a pg. 23.

Southey (Robert) — *Lettres written during a short residence in Spain and Portugal,* Bristol, 1797. Traz: Musings after visiting the Convent of Arrabida, pgs. 476

e 484 — A Letter XXV termina transcrevendo a poesia de Francisco Manuel:

No baxes temeroso o peregrino...

Torresão (Guiomar D. de Noronha) — Folhetim do « *Diario de Noticias* » assinado « 30 de setembro de 1867 », com o título « Digressão á Arrabida. — Ascensão. — Altar problematico. — Gruta com privilegio de album. — Paguei o tributo. — Salto á Lapa. — Encontro com a *brisida*. — A proposito da dita que transige admiravelmente com o Sado. — Boileau ».
Trata dum passeio ao famoso local. Fecha com uns medíocres versos feitos pela autora na ocasião dêsse passeio, que se realizou a 24 de setembro de 1867.

Vidal Junior (G. A.) — « *Uma excursão á Serra da Arrabida* » nos — *Annais da Academia dos Estudos livres*, Lisboa, 1902.

INDICES

I

INDICE DAS POESIAS POR ORDEM ALFABÉTICA

II

INDICE DAS POESIAS POR ORDEM DA PUBLICAÇÃO NESTE VOLUME

PARTE I

POESIAS DA ED. DE MESQUITA, 1771
[Pag. 1-167]

PARTE II

POESIAS DO "COD. CONIMBRICENSE"
[Pag. 168-368]

PARTE III

POESIAS DO "COD. PORTUENSE"
[Pag 369-416]

PARTE IV

POESIA DO CANCIONEIRO DE EVORA $\frac{CXIV}{22}$

LISTA DAS PRINCIPAIS ERRATAS

				Erro	Emenda
Pág.	3	verso	7	satisfeito	satisfeita
»	7	»	8	si	ti
»	7	»	20	resgatada	resgatado
»	9	»	12	serviços	servir-vos
»	11	»	23	mais, que	mais quem
»	46	»	24	futis	sutis
»	63	»	23	carga	larga
»	71	»	23	sesta	festa
»	122	»	30	sofre	sobre
»	133	»	24	desejo	deserto
»	176	»	3	grão	pão
»	200	»	19	estava	esteve
»	215	»	15	murmurava	murmura
»	220	»	22	das	dar
»	238	»	25	renova	renove
»	259	»	20	rosto	rasto
»	268	Epígrafe		lungent	lugent
»	274	verso	33	mosta	mostra
»	275	»	20	passos	paços
»	281	»	16	de toda	do todo
»	306	»	25	forte	foste
»	314	»	13	por	pôs
»	324	»	15	quer	querer
»	328	»	14	e	a
»	344	»	18	o	e
»	355	»	14	fez	faz
»	357	»	9	pôr	pôs
»	381	»	8	haya	haga
»	382	»	9	aurá	avrá
»	394	»	31	gutos	gustos

MENDES DOS REMEDIOS

História da Literatura Portuguêsa desde as origens até á actualidade, 4.ª ed., 1 vol. brochado, 1$500. Cartonado... 1$600
Introdução á História da Literatura Portuguêsa, 3.ª edição, muito melhorada 900
Subsidios para o estudo da História da Literatura Portuguêsa:
I. — Fidalgo Aprendiz, de D. Francisco Manuel de Mello, 2.ª edição.................................. 300
II. — Poesias inéditas de D. Thomás de Noronha, poeta satyrico do seculo XVII........................... 300
III. — Lusíadas (3.ª ed. anotada, para as escolas), brochado, 500. Cartonado....................... 600
IV. — Foguetario (poema heroi-comico), de Pedro de Azevedo Tojal.................................. 300
V. — Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança (opera jocosa), de Antonio José da Silva 300
VI. — Guerras do Alecrim e Mangerona (opera joco-seria), de Antonio José da Silva 200
VII. — Sentenças de D. Francisco de Portugal, 1.º Conde de Vimioso, seguidas das suas poesias, publicadas no «Cancioneiro de Garcia de Rezende»........ 300
VIII a X. — Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel, por Samuel Usque, 3 vols................ 800
XI, XV e XVII. — Obras de Gil Vicente, (completas), 3 vols. 1$500
XII. — Memorias de José da Cunha Brochado 250
XIII. — Chronica do Infante Santo D. Fernando......... 400
XIV. — Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira........................... 500
XVI. — Escritoras doutros tempos 400
XVIII. — A Castro, de António Ferreira 400
XIX. — Miscellanea, de Garcia de Resende.............. 500
XX. — A Castro, de Domingos dos Reis Quita 400
XXI. — Obras de Fr. Agostinho da Cruz.
Filosofia elementar, 2.ª edição refundida, 1916, 1 vol. broch. 1$700
Os Judeus em Portugal, 1 vol. broch.................. 1$000
Os Judeus Portugueses em Amsterdam, 1 vol. broch. 700
Sousa Martins e a Serra da Estrella, (Exgotado).
Cartas inéditas de El-Rei D. Pedro V, (Exgotado).
Uma Biblia hebraica da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, 1 folh. (Exgotado).
Moedas romanas da Bibliotheca da Universidade de Coimbra (ensaio de catalogo) 200
As Horas de Nossa Senhora da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, 1 folh. (Exgotado).
Philomena de S. Boaventura 200
Carta exhortatoria aos Padres da Companhia de Jesus 200